





Destino Siciliano

Por: Vitor Alves Felismino

Sempre houve aqueles que trabalhavam e aqueles que mandavam. Eu só escolhi ser um dos que mandavam.

— Renzo Pegorino

Prefácio

Destino Siciliano
Vitor Alves Felismino

A história de *Destino Siciliano* nasceu do fascínio pela ascensão e queda dos impérios da máfia, pelo peso das escolhas e pelo destino implacável que acompanha aqueles que tentam escapar de suas origens. Ambientado na Nova York de 1900, o romance acompanha Renzo Bellini, um jovem imigrante italiano que luta contra a pobreza, a violência e os laços inevitáveis do submundo do crime.

Renzo não quer ser apenas mais um filho de um açougueiro humilde. Ele sonha com poder, respeito e riqueza — mas descobrirá que o caminho para o topo cobra um preço alto. Inspirado em histórias reais de imigrantes italianos, na brutalidade das gangues da época e na eterna questão do destino versus livre-arbítrio, este livro busca transportar o leitor para uma época de promessas quebradas e lealdades testadas.

Aqui começa a história de um homem que queria mudar seu futuro — mas que talvez estivesse condenado a seguir os passos daqueles que vieram antes dele.

Seja bem-vindo a *Destino Siciliano*.

Prólogo

Diário de Renzo Pegorino - 1930

Enquanto caminhava pelas ruas de Little Italy, o cheiro de cigarro e óleo quente se misturava ao ar pesado da noite. A fumaça pairava sobre os homens reunidos em silêncio, sempre atentos, sempre à espera. Não falavam mais do que o necessário, porque sabiam que as palavras, quando ditas sem propósito, podiam custar caro. Homens assim não faziam perguntas. Não porque fossem tolos, mas porque entenderam, cedo na vida, que o silêncio era a melhor resposta para certas verdades.

O sussurro do meu nome — *Don* — chegava até mim com o peso de algo inevitável. Era um chamado de respeito, mas também de cobrança. Eles me viam como mais do que um homem, como algo que não podia falhar, que não podia vacilar. Mas eu sou um homem, de carne e osso, como qualquer outro. A diferença é que eu compreendo os homens. Sei o que os torna fortes e o que os faz dobrar os joelhos. Sei que a coragem e o medo são dois lados da mesma moeda.

A América, em 1930, era um país que gostava de se enganar. Falavam em progresso, em oportunidades, mas os que realmente mandavam não apareciam nos jornais, não discursavam em palanques. O poder de verdade não vinha dos políticos, e sim daqueles que sabiam usá-los como peões. Quem controlava o dinheiro e as almas, esses sim, governavam.

O silêncio sempre foi meu melhor professor. Ele me ensinou a ouvir o que os outros não diziam, a enxergar intenções antes que se tornassem ações. Um homem que fala pouco vê mais, entende mais. E eu entendo. Sei os segredos que os outros escondem, sei o que se passa no coração de cada um que cruza meu caminho. Só há uma coisa que nunca compreendi: por que um homem que tem tudo ainda pode se sentir tão sozinho?

Os outros aceitariam seu destino, fariam o que lhes fosse mandado sem hesitação. Eu, no entanto, sabia que certas coisas não podiam ser evitadas. Um homem tem deveres. Um homem faz o que precisa ser feito. Mesmo que isso custe sua própria alma.

I

Bellini Famiglia

Nova York, 1900. Os primeiros raios de sol filtravam-se por entre as janelas estreitas da pequena casa de dois cômodos no bairro de Five Points. O cheiro acre de carne crua e serragem úmida impregnava o ar, mesmo antes de Renzo Bellini abrir os olhos. Seu pai, Giuseppe Bellini, já estava de pé há horas, arrumando o avental de couro manchado enquanto preparava as ferramentas de corte para mais um dia no açougue.

Renzo detestava aquele lugar. O frio do inverno cortava a pele, e o cheiro de sangue parecia grudar em sua roupa, sua pele, até em seus sonhos. Ele tinha apenas 13 anos, mas já sabia que aquilo não era vida. Não para ele. Não para alguém com ambições como as dele.

— Renzo, levanta logo! — a voz rouca de Giuseppe ecoou pelo quarto. — Temos muito trabalho hoje.

Renzo resmungou, mas obedeceu. Não havia escolha. Ele colocou a camisa de algodão áspero e as calças que estavam ficando curtas. A pobreza era um fardo visível em cada remendo das roupas e nas solas gastas dos sapatos.

Na rua, os gritos dos vendedores ambulantes e o som de carroças passando pelas vielas de paralelepípedos enchiam o ar. Five Points era um lugar miserável, onde imigrantes italianos, irlandeses e judeus lutavam para sobreviver. O açougue Bellini era apenas mais um entre os pequenos comércios que se amontoavam ali, vendendo carne de segunda para uma clientela que mal podia pagar por ela.

Ao chegar ao açougue, Renzo começou sua rotina: limpar as facas, jogar serragem nova no chão para absorver o sangue e organizar os cortes de carne. O trabalho era pesado, e o cheiro de carne velha fazia seu estômago revirar. Ele olhava pela janela do pequeno estabelecimento, observando os homens que passavam na rua. Homens de terno, chapéus elegantes e sapatos brilhantes. Homens que pareciam donos do mundo. Renzo imaginava-se no lugar deles, caminhando com a cabeça erguida, com respeito estampado nos olhares alheios. Mas aquele sonho parecia tão distante quanto os oceanos que sua família atravessara para chegar à América.

Pouco antes do meio-dia, a porta do açougue se abriu com um rangido. Dois homens entraram, vestidos de preto, com chapéus de feltro e bigodes bem aparados. Havia algo de intimidador neles. Renzo parou de limpar a bancada e observou de canto de olho enquanto os homens se aproximavam de Giuseppe.

— Bellini — disse um deles, com uma voz suave, mas carregada de autoridade. — Precisamos de um pequeno favor.

Giuseppe largou a faca que segurava e enxugou as mãos no avental, tentando parecer mais calmo do que realmente estava.

— Que tipo de favor? — perguntou ele, hesitante.

— Precisamos de um lugar para guardar uma coisa... algo que não pode ser visto por olhos curiosos.

O homem inclinou-se levemente, seu rosto ficando mais próximo de Giuseppe. Sua expressão era um misto de ameaça e cordialidade.

– Você nos deve, Bellini. Esqueceu do que fizemos por você quando chegou aqui?

Renzo, fingindo estar ocupado, observava a cena com atenção. Não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas sentia um nó no estômago ao ver o desconforto do pai.

– Não quero me meter em problemas – disse Giuseppe, nervoso.

– Não estamos pedindo. Estamos dizendo.

O segundo homem, que ainda não havia dito uma palavra, abriu o paletó, revelando a coronha de um revólver preso ao cinto. Giuseppe engoliu seco e assentiu.

– Está bem... está bem. Mas só desta vez.

Os homens sorriram, satisfeitos.

– Boa escolha, Bellini. Voltaremos em breve.

Quando saíram, Giuseppe respirou fundo e apoiou as mãos no balcão. Renzo, que não conseguia mais esconder sua curiosidade, aproximou-se.

– Papà, quem eram eles?

– Ninguém com quem você deva se preocupar.

– Pareciam importantes. E perigosos.

Giuseppe olhou para o filho e suspirou.

– O mundo é assim, Renzo. Alguns têm o poder, outros seguem ordens.

Renzo ficou em silêncio, mas aquelas palavras não o convenceram. Ele não queria seguir ordens a vida inteira. Não queria ser como o pai, dobrando-se a homens que usavam o medo como moeda.

Mais tarde, enquanto Giuseppe atendia os clientes, Renzo saiu para despejar um balde de restos no beco atrás do açougue.

Ele olhou para os prédios altos de Manhattan ao longe e sentiu o coração bater mais rápido.

Ele sabia que a vida que levava não era a única possível. Dentro dele, algo queimava — uma ambição feroz, um desejo de ser mais do que o filho de um açougueiro pobre. Ele queria respeito. Queria riqueza. Queria ser o homem que os outros obedeciam, não aquele que obedecia.

Enquanto voltava para o açougue, Renzo passou por uma poça de água suja e viu seu reflexo. Por um momento, imaginou-se vestido com um terno sob medida, com um relógio de bolso de ouro e sapatos que brilhavam como espelhos.

Ele apertou os punhos. Um dia, pensou, seria como aqueles homens de terno que andavam pela rua. Um dia, o nome Bellini seria conhecido em toda Nova York.

Enquanto Renzo jogava os restos de carne no barril atrás do açougue, ouviu uma voz familiar chamá-lo:

— Renzo! Ei, Renzo!

Era Nico Conti, seu amigo de infância. Um garoto magro e de cabelos desgrenhados, Nico estava sempre com um sorriso no rosto, mesmo vivendo na mesma miséria que Renzo. Ele segurava uma bola de pano improvisada e acenava animadamente.

— Vamos jogar na praça? Só por meia hora! — pediu Nico, com a voz cheia de entusiasmo.

Renzo hesitou. Olhou para o barril, depois para o amigo. Queria correr até a praça, esquecer o cheiro de sangue e serragem, sentir o vento frio no rosto enquanto chutava a bola. Mas o peso das contas, das preocupações do pai, e das facas que ele ainda precisava limpar o puxavam de volta para a realidade.

— Não posso, Nico. Tenho que ajudar meu pai. As coisas não estão fáceis.

— Mas você nunca tem tempo! — protestou Nico, com um tom quase acusador. — Um jogo rápido não vai te matar.

Renzo suspirou, sentindo o peso de sua escolha.

— Eu sei, Nico, mas as contas estão apertando em casa. Meu pai precisa de mim. Não tem o que eu possa fazer.

Nico balançou a cabeça, frustrado, mas não insistiu.

— Tudo bem, mas um dia você vai se cansar disso, Renzo. E quando cansar, eu estarei na praça.

Nico correu rua abaixo, deixando Renzo sozinho no beco. Ele voltou ao açougue, o coração pesado.

Quando entrou, encontrou Giuseppe sentado em um caixote atrás do balcão, apertando as têmporas com os dedos. Por um momento, o pai parecia mais velho do que realmente era, os ombros caídos sob o peso das responsabilidades.

— Papà, tudo bem? — perguntou Renzo, aproximando-se.

Giuseppe levantou a cabeça rapidamente, recompondo-se.

— Estou bem, figlio. Só pensando.

— Pensando no quê?

Giuseppe hesitou. Não queria sobrecarregar o filho com os problemas financeiros, mas sabia que Renzo não era bobo.

— No que sempre penso: nas contas, no futuro. — Ele tentou sorrir, mas o sorriso não chegou aos olhos. — Não se preocupe com isso. É coisa de adulto.

Renzo assentiu, mas sabia que o pai estava mentindo. Podia ver isso nos olhos dele, no jeito como esfregava as mãos com nervosismo.

— Vamos, volte ao trabalho. Ainda temos muito o que fazer.

O resto do dia foi uma rotina exaustiva. Clientes iam e vinham, comprando pequenos pedaços de carne. Alguns reclamavam dos preços, outros pagavam em moedas sujas e escassas. Renzo ficava no balcão, observando os homens que passavam na rua, sempre de olho nos clientes que pareciam perigosos.

A tarde trouxe mais visitas inesperadas. Um grupo de operários italianos entrou no açougue para comprar carne para a janta. Suas roupas estavam sujas de fuligem, e suas vozes eram altas e animadas. Renzo gostava desses momentos; eram quase uma distração da tensão que pairava sobre o lugar.

— Bellini, o que tem de bom hoje? — perguntou um deles, com um sorriso amigável.

— Só o que vocês podem pagar — respondeu Giuseppe, com um tom seco, mas não sem humor.

Os homens riram, e Renzo os ajudou a pesar a carne, sentindo-se momentaneamente parte de algo mais leve, quase normal. Quando a noite caiu, Renzo e Giuseppe fecharam o açougue. A rua estava mais quieta agora, exceto pelos gritos distantes de uma briga em algum beco e pelo som de um piano tocando em um salão próximo.

Renzo carregava uma sacola com os restos de carne que haviam separado para o jantar. As ruas de Five Points eram escuras e perigosas, mas ele estava acostumado. Caminhava ao lado do pai, que mantinha uma expressão sombria, perdido em pensamentos.

— Papà, você acha que vai melhorar? — perguntou Renzo, quebrando o silêncio.

Giuseppe demorou a responder.

— Espero que sim, figlio. Temos que acreditar nisso.

Renzo não disse mais nada. Quando chegaram à pequena casa, a mãe de Renzo os recebeu com um sorriso cansado, mas caloroso. O cheiro de sopa rala preenchia o ambiente, e o estômago de Renzo roncava.

Eles jantaram em silêncio, como sempre, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Para Renzo, o jantar não era apenas uma refeição; era um lembrete da pobreza que ele queria superar.

Depois, deitado em sua cama estreita, ele olhou para o teto escuro e prometeu a si mesmo, mais uma vez, que um dia tudo seria diferente. Ele não sabia como, mas sabia que aquele futuro estava à sua espera, em algum lugar além das ruas apertadas de Five Points.

A casa estava escura, exceto pela luz trêmula de uma lamparina na cozinha. Renzo já havia se deitado, mas o sono parecia impossível naquela noite. Ele estava exausto, o corpo pesado do dia de trabalho no açougue, mas sua mente continuava alerta, revivendo cada momento, cada detalhe das conversas que ouvira, cada olhar de preocupação de seu pai. Do quarto ao lado, ele ouviu o som abafado das vozes de seus pais. No início, era apenas um murmúrio, como tantas outras vezes, mas, em poucos minutos, as vozes aumentaram. Primeiro sua mãe, com aquele tom que ele conhecia bem: indignado, impaciente, cheio de frustração.

— Giuseppe! Eu te avisei que não era pra trazer isso pra cá! — A voz dela era alta, carregada de raiva e medo.

— Maria, baixa a voz! O menino vai ouvir! — respondeu Giuseppe, tentando conter a tensão.

Renzo ficou paralisado na cama. Ele sabia que não deveria escutar, mas a curiosidade o impediu de cobrir os ouvidos.

— Que se dane o menino ouvir! — retrucou Maria, furiosa. — Que exemplo você está dando pra ele? Armas, Giuseppe! E drogas! Dentro da nossa casa? Isso é uma loucura!

Houve um som de algo sendo arrastado, talvez uma cadeira, seguido pela voz mais baixa, mas firme, de Giuseppe:

— Não tinha outro lugar, Maria. Você acha que eu queria isso? Você acha que eu trouxe porque quis?

— Então por que não disse não? — Maria desafiou. — Por que você sempre baixa a cabeça pra esses homens?

— Porque eles não pedem, Maria, eles mandam! — Giuseppe finalmente ergueu a voz, algo raro para ele. — Você sabe o

que eles podem fazer se eu me recusar. Eles quebram o açougue, quebram a nossa vida.

— E você prefere arriscar a vida do nosso filho? A nossa? — A voz de Maria estava tremendo, mas não de medo, e sim de raiva.

O silêncio que se seguiu foi insuportável. Renzo podia ouvir a respiração pesada de ambos. Ele apertou os olhos, tentando entender o que estava acontecendo. "Armas? Drogas?" As palavras pareciam estranhas, perigosas. Ele sabia que o pai estava envolvido em algo que não entendia completamente, mas aquilo era diferente.

Finalmente, Giuseppe falou novamente, sua voz cansada, quase derrotada:

— Só por alguns dias, Maria. Eles disseram que viriam buscar logo. E depois disso... depois disso, eu dou um jeito.

— Um jeito? — Maria riu amargamente. — Você acha que isso vai acabar? Eles não vão parar, Giuseppe. Agora que sabem que você aceita, vão voltar. Sempre.

Outro silêncio. Renzo ouviu passos apressados pela casa, provavelmente de sua mãe.

— Eu não quero isso na minha casa, Giuseppe. Não vou dormir com essas coisas aqui. Se você não levar isso embora, eu levo!

Giuseppe não respondeu, e Renzo podia imaginar o pai esfregando o rosto com as mãos, algo que ele fazia quando estava encurralado.

— Eu dou um jeito, Maria. Amanhã cedo, eu dou um jeito.

— Melhor dar mesmo — respondeu Maria, antes de bater uma porta com força.

Renzo permaneceu imóvel, sua respiração superficial. Nunca tinha ouvido os pais discutirem assim antes. Ele sabia que as coisas não estavam fáceis, que as contas mal fechavam e que o açougue dependia de favores e concessões para se manter

de pé. Mas aquilo... armas e drogas? Ele mal sabia o que isso significava, mas entendia o suficiente para sentir medo.

Seu pai sempre fora um homem simples, trabalhador, alguém que ele admirava apesar de tudo. Agora, pela primeira vez, Renzo sentiu algo diferente: um desconforto, uma dúvida que o fazia questionar tudo o que pensava sobre o homem que comandava o açougue.

Enquanto o silêncio voltava à casa, ele olhou para o teto escuro e fez mais uma promessa a si mesmo. Não deixaria que sua vida fosse definida por medo ou submissão. Um dia, ele seria grande. Não do tipo que abaixava a cabeça para os outros, mas do tipo que fazia os outros respeitarem e temerem seu nome.

E naquela noite, com a briga ainda ecoando em sua mente, Renzo Bellini adormeceu, sonhando com um futuro em que ele ditaria as regras.

A discussão entre Maria e Giuseppe crescia em intensidade, como uma tempestade. Os gritos ecoavam pela pequena casa, atravessando as paredes finas e alcançando os vizinhos.

— *Giuseppe, eu não vou viver assim! Não vou!* — Maria gritava, seu rosto vermelho de indignação.

— *Maria, você acha que eu quero isso? Eu fiz isso pra proteger a gente!*

— *Proteger? Você trouxe perigo pra dentro de casa! Pro nosso filho!*

Renzo, agora sentado na beira de sua cama, ouvia cada palavra. A tensão no peito era insuportável, o nó na garganta apertava mais a cada segundo. Ele queria correr até a cozinha e gritar para que parassem, mas o medo o mantinha imóvel.

De repente, ouviram batidas firmes na porta. Um silêncio curto se seguiu, quebrado pela voz do vizinho, seu tom irritado e carregado de sono.

— *Giuseppe! Dá pra ficar quieto aí? Tem gente tentando dormir! O que tá acontecendo, hein?*

Maria e Giuseppe pararam por um momento, trocando olhares tensos. Giuseppe começou a andar até a porta, mas Maria agarrou seu braço.

— *Você não vai abrir. Não enquanto essas coisas estiverem aqui.*

Giuseppe hesitou, então voltou a falar baixo com Maria, mas a discussão rapidamente reacendeu.

— *Eu vou resolver isso, Maria! Deixa comigo!*

— *Resolver? Você não consegue resolver nada! Você só piora as coisas!*

Lá fora, o vizinho, irritado, murmurou algo inaudível antes de voltar para seu apartamento, mas o som da briga continuava.

Pouco tempo depois, novas batidas na porta, mais fortes e com autoridade.

— *Aqui é a polícia! Abram a porta!* — a voz grave de um dos policiais ecoou pela casa.

Renzo sentiu o coração disparar. Ele pulou da cama, correndo até a entrada do corredor para ver o que estava acontecendo. Giuseppe ficou estático, sua expressão pálida e assustada.

— *Giuseppe, o que você vai fazer agora?* — sussurrou Maria, desesperada.

— *Eu não vou abrir. Não posso!*

O policial do lado de fora insistiu, agora com mais urgência.

— *Atenção! Vamos entrar se vocês não abrirem!*

Antes que pudessem decidir, a porta foi arrombada. Dois policiais entraram com armas em punho. Um deles gritou:

— *Mãos onde eu possa ver!*

Maria soltou um grito agudo, enquanto Giuseppe levantava as mãos lentamente. Na confusão, uma das caixas onde estavam as armas e drogas caiu no chão, espalhando o conteúdo. Renzo, que observava tudo de perto, viu os objetos e sentiu um frio intenso percorrer seu corpo.

— *O que é isso?* — perguntou o policial, agora apontando a arma diretamente para Giuseppe. — *Você tá lidando com contrabando?*

— *Não é o que parece!* — Giuseppe exclamou, suando frio. Ele olhou para Renzo, que estava paralisado, os olhos arregalados. — *Eu achei isso, senhor! Ia levar pra polícia amanhã de manhã, eu juro!*

O policial olhou para Giuseppe, depois para o menino, e balançou a cabeça, cético.

— *Achou? E por que tá aqui, na sua casa?*

Giuseppe abaixou as mãos devagar e deu um passo à frente, tentando explicar, sua voz trêmula.

— *Eu... eu não sabia o que fazer. Eles pediram pra guardar, mas eu ia devolver. Não sou criminoso, senhor. Só sou um açougueiro tentando sobreviver.*

O segundo policial, mais calmo, pôs a mão no ombro do colega e murmurou algo. Finalmente, o primeiro policial abaixou a arma, embora sua expressão permanecesse desconfiada.

— *Olha, Giuseppe, eu conheço você há anos. Não vou te levar preso porque sei que você não é desse tipo. Mas isso aqui... isso não é coisa de homem honesto.*

— *Eu sei, senhor. Só queria proteger minha família.*

— *Tá bom.* — O policial respirou fundo e se abaixou para pegar as armas e a droga. — *Vou levar isso pro batalhão e esquecer o que vi aqui. Mas da próxima vez, você não vai ter tanta sorte.*

Giuseppe apenas assentiu, a cabeça baixa. Os policiais saíram, deixando a porta aberta, como uma ferida exposta.

Renzo ainda estava parado, as pernas trêmulas. Ele olhou para o pai, que evitava seu olhar. Maria foi até a porta e a fechou com força, antes de encarar Giuseppe.

— *Tá vendo? É isso que você trouxe pra nossa casa! Humilhação!*

Giuseppe tentou falar, mas desistiu. Ele se sentou à mesa, esfregando as mãos no rosto. Renzo, ainda sem palavras, voltou para o quarto. Ele não conseguiu dormir naquela noite. Pela primeira vez, o menino sentiu vergonha de seu pai. Uma sensação amarga e pesada que ele nunca esqueceria.

Maria fechou a porta com um estrondo, o som ecoando pela pequena sala silenciosa. Giuseppe ainda estava sentado à mesa, imóvel, a cabeça baixa e as mãos pressionando o rosto. Maria, no entanto, não estava disposta a deixar o silêncio tomar conta.

Ela cruzou os braços e o encarou por alguns instantes, o olhar carregado de raiva e dor.

— *Giuseppe... olha pra mim.*

Ele não respondeu, não levantou a cabeça. Ela deu um passo à frente, agora com a voz firme, mas carregada de um tom que misturava mágoa e decepção.

— *Olha pra mim, homem!*

Finalmente, Giuseppe ergueu os olhos. Seus ombros estavam caídos, como se todo o peso do mundo tivesse sido colocado sobre eles. Maria, com um gesto rápido e discreto, apontou para o corredor, onde Renzo havia desaparecido minutos antes.

— *Ó a humilhação que você fez ele passar.* — Sua voz vacilava, mas não de fraqueza, e sim pela intensidade das emoções. — *Um menino de treze anos, Giuseppe! Treze! E ele viu tudo! Viu a polícia invadindo nossa casa. Viu arma e droga no chão. Viu o pai dele ser tratado como um criminoso.*

Giuseppe tentou responder, mas ela levantou a mão para interrompê-lo.

— *Não fala nada! Não fala nada porque, sabe de uma coisa? Não tem desculpa, Giuseppe. Não tem.*

Ela passou a mão pelos cabelos, tentando controlar a respiração acelerada. Seus olhos, agora brilhando com lágrimas não derramadas, voltaram a encontrar os dele.

— *Você acha que foi só ele que sentiu vergonha? Que foi só ele que ficou com medo? Eu também, Giuseppe. Eu fiquei ali, impotente, vendo aqueles homens entrando na nossa casa, apontando arma pra você. E sabe o que é pior? Eu não podia dizer nada porque... porque você trouxe isso pra cá.*

Giuseppe abriu a boca, mas a voz saiu fraca.

— *Maria, eu só... eu só queria proteger vocês.*

Ela soltou uma risada amarga, balançando a cabeça.

— *Proteger? Isso pra você é proteção? Trazer perigo pra dentro de casa? Fazer nosso filho ver o pai dele com aquelas coisas? Isso não é proteção, Giuseppe. Isso é humilhação. Isso é colocar uma cruz nas costas dele e minha.*

Ele abaixou a cabeça de novo, os dedos entrelaçados se apertando até os nós ficarem brancos. Maria se aproximou, mas sua postura não era de conforto; era de confronto.

— *Eu não vou deixar isso acontecer de novo. Não vou. Se esses homens vierem de novo pedir favores, você vai dizer não. Nem que a gente passe fome. Nem que a gente perca tudo. Porque eu prefiro isso a perder nossa dignidade.*

Giuseppe ergueu os olhos, a expressão derrotada, mas ainda cheia de resistência.

— *Maria, não é tão simples assim...*

— *Não é simples porque você faz parecer complicado! — Ela interrompeu, a voz subindo de tom. — Eles vêm aqui porque sabem que você é fraco, Giuseppe. Sabem que você não sabe dizer não.*

Houve um silêncio tenso entre eles, quebrado apenas pelo som de passos leves no corredor. Ambos se viraram para ver Renzo parado ali, hesitante, com os olhos arregalados. Ele tinha ouvido tudo.

Maria suspirou, a raiva dando lugar a uma tristeza profunda. Ela olhou para o marido mais uma vez, mas agora sua voz saiu baixa, quase um sussurro.

— *Ó o que você fez, Giuseppe. Olha nos olhos dele. Ele não é mais só um menino. Você tirou isso dele hoje.*

Giuseppe tentou falar algo, mas nenhuma palavra veio. Ele simplesmente ficou ali, olhando para o filho, enquanto Maria passava a mão pelo rosto e caminhava para o quarto, fechando a porta atrás de si.

Renzo permaneceu no corredor, imóvel, o peso da noite esmagando seus ombros ainda juvenis.

Renzo voltou para o colchão no canto do quarto, mas a escuridão ao seu redor parecia mais pesada do que nunca. Ele se deitou de lado, tentando encontrar uma posição confortável, mas o que quer que fosse que normalmente o embalava para o sono havia desaparecido.

As palavras de sua mãe ainda ecoavam na cabeça dele: "*Olha o que você fez, Giuseppe. Ele não é mais só um menino.*"

Ele virou de um lado para o outro, o som abafado da conversa de seus pais no quarto ao lado já havia cessado. Agora, o silêncio da noite era quebrado apenas pelo barulho distante de carruagens passando pelas ruas e pelo som abafado do vento que balançava as janelas.

Mas dentro dele, havia um barulho que não parava. Um medo crescente e inquieto que apertava seu peito e acelerava sua respiração.

Renzo fechou os olhos com força, mas, assim que o fazia, sua mente o transportava de volta à cena de horas atrás. Ele via o policial batendo à porta, os gritos do pai e da mãe, o brilho da arma na mão do homem fardado. Via seu pai parado no meio da sala, as mãos tremendo, enquanto a ponta do revólver parecia apontar direto para o coração dele.

Ele se sentou na cama de repente, o suor frio escorrendo pela testa.

"E se o policial tivesse puxado o gatilho?"

Essa pergunta ecoava como uma sentença em sua mente. Ele imaginava o pai caído no chão, o sangue escorrendo pelo piso de madeira desgastado da sala. Imaginava os gritos da mãe e sentia o vazio que aquilo deixaria.

A ideia de acordar e não ter o pai por perto o aterrorizava. Apesar das falhas de Giuseppe, apesar da humilhação daquela noite, Renzo ainda o via como o homem que sustentava a casa. O homem que carregava caixas de carne até tarde da noite. O homem que, mesmo exausto, ainda lhe explicava como cortar um osso ou o levava para o açougue na madrugada fria.

Sem ele, o que seria deles? Como pagariam o aluguel? Como ele e sua mãe sobreviveriam naquela cidade cheia de perigos? Renzo abraçou os próprios joelhos, puxando o cobertor fino até os ombros. O coração batia acelerado. Ele sabia que não deveria pensar nessas coisas, que deveria tentar dormir, mas não conseguia afastar o medo.

Por horas, ele ficou assim, sentado na cama, os olhos abertos encarando a escuridão. A noite parecia interminável, cada segundo um lembrete do que poderia ter acontecido.

Quando os primeiros raios de sol começaram a surgir pelas frestas da janela, Renzo ainda estava acordado. Seus olhos estavam vermelhos e ardiam, mas sua mente, apesar do cansaço, ainda corria.

Naquele momento, ele fez um juramento silencioso a si mesmo: um dia, ele seria grande. Forte o suficiente para proteger sua mãe e seu pai, poderoso o bastante para que ninguém ousasse apontar uma arma para a sua família. Ele se tornaria alguém que a cidade inteira respeitaria.

Mas, por enquanto, ele era apenas um menino sentado no colchão, com medo do futuro e de tudo o que ele poderia trazer.

II

As Armas, Cadê?

O sol já havia se erguido alto no céu, lançando sua luz pálida sobre as ruas agitadas de Nova York. O açougue estava repleto do cheiro de carne fresca e serragem espalhada pelo chão para absorver o sangue. Renzo estava atrás do balcão, reorganizando os cortes de carne que seu pai havia separado naquela manhã. Giuseppe, com o avental manchado e o rosto cansado, trabalhava no fundo, cortando um enorme pedaço de costela com movimentos firmes.

O lugar estava silencioso, exceto pelo som do serrote e dos cascos de cavalos passando lá fora. Era mais um dia comum — ou pelo menos parecia ser.

Giuseppe levantou os olhos rapidamente quando ouviu o som de rodas se aproximando. Ele se virou para a janela, limpando as mãos no avental. Um carro preto parou na frente do açougue, sua pintura brilhando sob o sol. Giuseppe ficou imóvel por um momento, sua expressão se transformando num misto de tensão e desespero.

— *Renzo*, — ele chamou, a voz mais grave que o normal. O menino parou o que estava fazendo e olhou para o pai, estranhando o tom.

— *Vai lá pra trás. Agora.*

— *Mas, papà, eu tô...*

— *Vai!* — Giuseppe não gritou, mas o tom imperativo foi suficiente para fazer Renzo largar a faca com a qual cortava pequenos pedaços de carne.

Ele obedeceu, contrariado, caminhando para os fundos. No entanto, sua curiosidade não o deixou ir muito longe. Assim que chegou ao depósito, ele se escondeu atrás de um monte de caixas empilhadas, de onde conseguia observar o que acontecia na sala principal sem ser visto.

Do carro preto saíram dois homens que Renzo reconheceu imediatamente. Eram os mesmos da noite anterior. Porém, desta vez, havia mais alguém com eles. Um homem baixo, mas de postura rígida, com cabelos bem penteados e uma barba bem aparada. Ele usava um terno cinza impecável e carregava um chapéu na mão. Seus olhos pequenos, por trás de óculos redondos, vasculharam o ambiente como se estivesse inspecionando um território inimigo.

O trio entrou no açougue. O som da sineta da porta soou como um aviso de algo sombrio. Giuseppe, com as mãos trêmulas, se apressou em limpar a garganta e se aproximar do balcão.

— *Senhores, bom dia. Eu estava esperando por vocês.*

O homem de terno não respondeu de imediato. Ele tirou uma moeda do bolso e começou a girá-la entre os dedos enquanto andava lentamente pelo local, observando tudo.

— *Giuseppe,* — ele começou, com uma voz calma, quase gentil, mas carregada de algo ameaçador. — *Onde estão as minhas coisas?*

Giuseppe hesitou por um momento, limpando as mãos no avental novamente.

— *Estão... estão guardadas. Eu ia... eu ia entregar hoje mesmo.*

O homem parou de andar e virou-se para Giuseppe, inclinando ligeiramente a cabeça.

— *Guardadas, é?*

— *Sim, senhor. Guardadas.*

O homem soltou uma risada curta, mas sem humor. Ele tirou os óculos, limpando as lentes com um lenço branco.

— *Você acha que eu sou burro, Giuseppe? Hein? Você acha que eu não sei que a polícia esteve aqui ontem à noite?*

Giuseppe empalideceu.

— *Senhor, eu...*

— *Cala a boca!* — O homem interrompeu, sua voz cortando o ar como uma faca. Ele deu um passo à frente, agora cara a cara com Giuseppe. — *Você perdeu minhas coisas, seu merda. Perdeu pra polícia. E agora quer me dizer que elas estão guardadas? Você tá me chamando de idiota?*

Giuseppe tentou falar algo, mas o homem não deu tempo. Ele ergueu a mão e deu um tapa forte no rosto de Giuseppe, o som ecoando pelo açougue.

Renzo, escondido, sentiu o coração disparar. Ele mordeu os lábios para não fazer barulho. Ver o pai sendo tratado daquela maneira era algo que ele nunca imaginou.

O homem não parou. Ele empurrou Giuseppe contra o balcão, segurando-o pela gola do avental.

— *Você sabe quanto valiam aquelas armas? Aquela mercadoria?* —

Ele puxou Giuseppe mais perto. — *Mais do que sua vida inteira, Giuseppe. Muito mais.*

Os outros dois homens observavam em silêncio, com sorrisos maliciosos nos rostos.

Giuseppe, com a voz fraca, tentou se defender.

— *Senhor, eu vou... eu vou compensar. Eu dou um jeito.*

O homem deu uma risada fria e o soltou, empurrando-o para longe.

— *Compensar? Com o quê, Giuseppe? Com essas carnes velhas que você vende aqui? Você acha que eu preciso disso?*

Giuseppe caiu de joelhos, o olhar desesperado.

— *Por favor... eu só preciso de um pouco de tempo.*

O homem ajustou o terno e olhou para os dois comparsas.

— *Vocês estão ouvindo isso? Ele precisa de tempo.*

Os dois riram baixo.

Renzo, escondido, sentia o estômago revirar. Cada golpe, cada insulto, parecia atingir a ele também. Ele queria sair de onde estava, gritar, fazer algo... mas não conseguia. Ele só podia observar enquanto o pai dele era humilhado diante de seus olhos.

O homem pegou o chapéu e começou a andar em direção à porta.

— *Você tem uma semana, Giuseppe. Uma semana. Se não aparecer com o meu dinheiro... ou algo que valha mais do que minha paciência... eu volto. E da próxima vez, eu não vou bater só na sua cara.*

Ele deu um último olhar para Giuseppe, que ainda estava no chão, e saiu, seguido pelos dois comparsas. A sineta da porta tocou novamente, e o silêncio voltou ao açougue.

Renzo saiu do esconderijo assim que teve certeza de que eles haviam ido embora. Ele correu até o pai, que ainda estava no chão, e o ajudou a se levantar.

Giuseppe olhou para o filho, os olhos cheios de vergonha, mas não disse nada. Renzo, por outro lado, tinha algo em mente: ele nunca mais esqueceria aquela cena.

O restante do dia no açougue passou como uma névoa pesada, carregada pelo silêncio entre pai e filho. Giuseppe voltou ao trabalho com movimentos automáticos, cortando carne e atendendo os poucos clientes que apareceram, mas Renzo percebia que os olhos do pai estavam distantes, quase como se ele não estivesse ali. Renzo tentou se concentrar em sua própria tarefa, reorganizando os ganchos e limpando o balcão, mas a cena daquela manhã continuava a martelar sua mente.

Finalmente, quando o sol começou a mergulhar atrás dos edifícios e a luz dourada deu lugar às sombras azuladas da noite, Giuseppe lavou as mãos e limpou o avental. Ele fechou a loja em silêncio, trancando a porta com um suspiro pesado.

— *Vamos pra casa, filho,* — disse ele, com um tom mais baixo que o usual.

Os dois caminharam lado a lado pelas ruas movimentadas de Nova York, onde as vozes dos vendedores ambulantes e o som das rodas dos carros sobre os paralelepípedos enchiam o ar. Renzo mantinha a cabeça baixa, seus pés chutando pequenas pedras no caminho, mas seus olhos sempre iam de encontro ao pai. Giuseppe tentava parecer firme, mas Renzo percebia cada detalhe: os ombros caídos, os passos mais pesados, a respiração profunda, como se ele estivesse carregando o peso do mundo nas costas.

Depois de alguns minutos de silêncio, Giuseppe tentou quebrar o clima.

— *Você viu aquela senhora hoje de manhã? A que comprou a perna de cordeiro?* — perguntou ele, forçando um sorriso enquanto olhava para Renzo. — *Ela disse que a última que comprou estava tão macia que o marido dela quase chorou. Você acredita nisso? Um homem chorar por causa de um cordeiro?*

Renzo deu um pequeno sorriso, mas ele sabia que o pai estava tentando disfarçar.

— *É... engraçado, papà,* — respondeu ele, sua voz baixa, enquanto olhava para o chão.

Giuseppe soltou uma risada, mas era um som vazio, sem vida. Ele olhou para o filho por um momento e tentou outro comentário.

— *Sabe o que eu acho? Amanhã você devia vender o próximo cordeiro. Apresentar como se fosse o rei dos cordeiros. Você ia fazer uma fortuna, garoto. Eu acho que você tem jeito pra isso.*

Renzo ergueu os olhos, tentando esboçar outro sorriso.

— *Talvez... talvez sim, papà.*

Giuseppe riu novamente, mas rapidamente desviou o rosto, olhando para o lado. Renzo percebeu que o pai estava escondendo algo, e quando Giuseppe virou o rosto mais uma vez, Renzo viu as lágrimas nos cantos dos olhos dele, brilhando sob a luz fraca dos lampiões. Giuseppe respirou fundo, engolindo o nó na garganta, mas não conseguiu segurar.

Renzo fingiu não perceber, mas ele enxergava tudo. Ele via o pai disfarçar, limpar os olhos com a manga do casaco, olhar para o chão ou para o outro lado, tudo para evitar que o filho percebesse o quanto ele estava sofrendo.

— *Você tá bem, papà?* — perguntou Renzo, mesmo sabendo a resposta.

Giuseppe parou por um instante, apertando os lábios e esfregando a nuca.

— *Tô bem, filho. Só um pouco cansado, sabe? Hoje foi um dia longo... Mas amanhã é um novo dia, né? Vamos dar conta de tudo.*

Renzo assentiu, fingindo acreditar, e apertou o passo ao lado do pai.

Quando chegaram na porta da pequena casa, Giuseppe colocou a mão no ombro do filho, apertando de leve.

— *Vai lá pra dentro, Renzo. Toma alguma coisa quente e se deita. Amanhã a gente começa de novo.*

Renzo olhou para o pai por um momento, enxergando claramente a tristeza nos olhos dele, mesmo por trás do sorriso forçado. Ele deu um pequeno sorriso em resposta, um sorriso fingido, só para tentar fazer o pai se sentir melhor.

— *Tá bom, papà. Boa noite.*

Enquanto Renzo entrava em casa, ele ouviu o pai suspirar fundo antes de fechar a porta. Renzo foi para o quarto, mas demorou a se deitar. Ele ficou na janela por um tempo, observando Giuseppe sentado nos degraus da entrada, com

as mãos no rosto, olhando para o chão, como se procurasse respostas que não existiam.

Renzo continuava na janela, a cabeça encostada no batente, observando o pai sentado nos degraus da entrada. A luz fraca de um lampião próximo projetava uma sombra longa e pesada de Giuseppe, que parecia ainda menor do que realmente era, como se o peso do mundo estivesse o esmagando.

Giuseppe olhava fixamente para o chão, as mãos entrelaçadas e os cotovelos apoiados nos joelhos. Depois de um tempo, ele deslizou dos degraus e se ajoelhou, suas mãos agora juntas, em uma prece silenciosa. Renzo nunca tinha visto o pai rezar antes. *Será que ele está pedindo perdão? Pedindo ajuda?* A mente de Renzo corria em círculos enquanto tentava entender o que acontecia.

O silêncio foi quebrado pelo som de passos leves na escada. Sua mãe, Maria, apareceu na entrada da casa, com um xale jogado sobre os ombros. Ela parou ao ver Giuseppe ajoelhado, mas não disse nada de imediato. Ficou ali, olhando para ele, como se tentasse reunir forças para falar.

Renzo observava tudo pela janela, as mãos tremendo ao segurar o batente. Ele não conseguia ouvir o que sua mãe dizia, mas via os gestos. Ela se aproximou lentamente, os lábios se movendo em palavras calmas e firmes, enquanto Giuseppe balançava a cabeça, como se estivesse se justificando.

Maria se ajoelhou ao lado dele, colocando a mão no ombro do marido. Giuseppe virou o rosto, tentando esconder a expressão de dor, mas Maria segurou o queixo dele, forçando-o a olhar para ela. Eles trocaram mais algumas palavras, e Maria balançou a cabeça, puxando-o para um abraço firme.

Foi aí que Renzo viu algo que nunca tinha presenciado antes: o pai desmoronar. Giuseppe enterrou o rosto no ombro de

Maria e começou a chorar. Não era um choro silencioso, mas soluços profundos, carregados de dor e desespero. Maria apertava o marido contra si, sussurrando algo que Renzo não conseguia ouvir, enquanto acariciava os cabelos dele.

Renzo sentiu um aperto no peito, como se ele também estivesse sufocando. Ele nunca tinha visto o pai dessa forma. Giuseppe sempre fora a figura forte, o homem que enfrentava tudo de cabeça erguida. Ver aquele homem quebrado era como assistir a um pilar desmoronar.

Ele recuou da janela, sentando-se no chão do quarto, as costas contra a parede. Seus olhos estavam marejados, mas ele não chorou. Não sabia como processar o que acabara de ver. Uma sensação de impotência tomou conta dele, um sentimento esmagador de que sua família estava afundando, e ele era apenas um garoto, incapaz de fazer qualquer coisa para mudar isso.

Renzo passou o resto da noite sentado no chão, olhando para a porta fechada. O som abafado do choro do pai e dos murmúrios da mãe ainda ecoavam em sua cabeça. Ele tentou afastar aqueles pensamentos, mas não conseguiu.

Quando finalmente se deitou, o sono não veio. Ele ficou olhando para o teto, com a mente cheia de perguntas que ninguém parecia ter as respostas. *O que vai acontecer agora? Como vamos sair dessa? E se aqueles homens voltarem? E se papà não conseguir se levantar amanhã?*

Renzo sentiu o coração apertar, e pela primeira vez na vida, desejou ser maior, mais forte, capaz de proteger o pai e a mãe de todo o mal que parecia rondar a família. Mas, por enquanto, tudo o que ele podia fazer era ficar ali, perdido em seus pensamentos, enquanto a noite lentamente passava.

III

Quentura Part I

Na manhã seguinte, a luz do sol já estava alta no céu quando Renzo finalmente abriu os olhos. Ele olhou ao redor, confuso. Não entendia por que o pai não o acordara mais cedo, como sempre fazia. O cheiro de café fraco vinha da cozinha, mas a casa estava estranhamente quieta. Ele se levantou rapidamente, vestindo sua roupa simples e remendada, e foi direto para o quarto dos pais.

Giuseppe estava deitado na cama, coberto por um cobertor que parecia pesado demais para a temperatura do dia. O rosto dele estava pálido, a respiração lenta e cansada. Ao lado da cama, Maria ajeitava um pano úmido na testa do marido.

— Mamãe, o que aconteceu com papà? — Renzo perguntou, a voz carregada de preocupação.

Maria suspirou, olhando para o filho com um sorriso cansado, mas tentando não alarmá-lo.

— Foi a chuva de ontem à noite, figlio. Ele ficou lá fora por muito tempo e acabou pegando um resfriado forte. Nada grave. Ele só precisa descansar hoje.

Renzo franziu o cenho, ainda preocupado.

— Mas e o açougue? Quem vai cuidar?

Maria hesitou. Sabia o quanto o sustento da família dependia daquele pequeno negócio. O açougue não podia ficar fechado nem por um dia. Mas, ao olhar para Giuseppe, claramente incapaz de se levantar, não viu outra solução.

— Não tem quem cuidar, Renzo... — Ela o olhou nos olhos, avaliando. — Você acha que consegue dar conta sozinho?

Ele engoliu em seco. As mãos pequenas e calejadas apertaram os punhos da camisa. Ele era apenas um garoto, mas sabia que não tinha escolha.

— Acho que consigo, mamãe. Vou dar conta.

Maria suspirou, ajeitando os cabelos para trás. Antes de deixá-lo sair, segurou os ombros dele com firmeza.

— Renzo, me escute. Se aqueles homens... — ela hesitou, como se a própria menção deles fosse perigosa — ...se aqueles homens de preto aparecerem, você se esconde. Fecha o açougue, sai pelos fundos, o que for. Mas não deixe que eles entrem, entendeu?

Renzo assentiu com seriedade.

— Tá bom, mamãe. Não vou deixar eles entrarem.

Maria o puxou para um abraço rápido antes de deixá-lo ir.

— Vai, meu filho. Seja forte.

Pouco tempo depois, Renzo estava no açougue, lutando para abrir a pesada porta de madeira sozinho. O cheiro do lugar era familiar — sangue seco, carne fresca e o aroma ferroso que já não incomodava mais. Ele acendeu as lâmpadas e ajeitou os balcões, tentando imitar os gestos do pai. Era uma tarefa intimidadora, mas Renzo mantinha a cabeça erguida.

Logo, os primeiros clientes começaram a aparecer — donas de casa italianas com lenços na cabeça, homens do bairro procurando carne para a sopa do dia. Renzo atendia a todos com um sorriso educado, mesmo que o nervosismo apertasse seu peito.

As horas passaram, e ele começou a se sentir mais confiante. Ele cortava os pedaços de carne com cuidado, pesava no balcão, entregava o troco. As moedas tilintavam na gaveta da caixa registradora, e cada som parecia uma pequena vitória.

Por volta do meio-dia, o movimento diminuiu. Renzo estava atrás do balcão, limpando uma faca com um pano, quando ouviu o barulho distinto de rodas de carro no paralelepípedo. Ele congelou. O coração disparou no peito.

Renzo estava atrás do balcão, observando através da janela de vidro embaçada. O carro preto estava estacionado em frente ao açougue, e, dessa vez, os homens não saíam. Ele sentiu o peso do medo apertando seu peito. Eles estavam ali por um motivo, e ele sabia exatamente o que queriam. Mas o que ele podia fazer? Ele tinha apenas 13 anos, mas algo dentro de si o dizia que ele não podia se esconder dessa vez. Não podia esperar que seu pai fizesse tudo.

Renzo respirou fundo e, com o coração acelerado, decidiu que, se os homens entrassem, ele tentaria negociar ou, ao menos, intimidá-los. Ele não era mais uma criança, não mais diante daquelas ameaças. Ele não sabia o que seria mais arriscado: enfrentá-los ou permitir que continuassem com aquela pressão sobre sua família.

Mas antes que ele pudesse se mover, a porta do açougue se abriu. Os homens entraram, com os passos pesados e olhar fixo.

— Onde está teu pai? — perguntou um deles, o mais alto, com uma voz grave e implacável. Renzo, tentando disfarçar seu nervosismo, levantou os olhos para os dois homens à sua frente.

— Ele... ele está doente — Renzo disse, tentando manter a voz firme.

O homem olhou para ele com um sorriso cínico.

— Seu pai está devendo um grande dinheiro pra gente, viu? Então é melhor avisar ele. Se não entregar até amanhã, a gente vai fazer coisas bem ruins com ele e com sua mãe, entende?

Renzo sentiu a raiva fervendo dentro dele, mas permaneceu em silêncio, pensando em como reagir. O que ele poderia fazer? Apenas ficar parado ali, esperando que as coisas piorassem?

Antes que ele pudesse decidir, a porta do açougue se abriu novamente. Era Maria, sua mãe, com um prato de comida nas mãos. Ela tinha preparado o prato favorito de Renzo, uma típica refeição italiana, e havia ido até o açougue para entregar ao filho.

Ela congelou ao ver os homens ali, seu rosto imediatamente se transformando em uma máscara de pânico. Renzo olhou para ela, sem entender completamente sua expressão. A mãe dele, ao perceber o que estava acontecendo, tentou manter a calma, mas não conseguiu.

— O que vocês estão fazendo aqui? — ela gritou, avançando com o prato nas mãos. — O que querem com meu marido? Estão acabando com a nossa vida!

Os homens não se moveram, mantendo a postura fria e ameaçadora.

— Você sabe o que queremos — disse o mais alto, com um sorriso malicioso. — Se o Giuseppe não pagar a dívida até amanhã, vamos fazer com que ele se arrependa.

Maria se aproximou mais, os olhos lacrimejando de raiva.

— Vocês são uns bandidos! Uns criminosos! — ela gritava, a voz carregada de frustração. — Estão arruinando a nossa vida, a vida do meu filho! Tomara que morram! Que vão para o inferno!

A tensão no ar estava palpável. Renzo, de pé atrás do balcão, olhava tudo com os olhos arregalados. Tentava entender o

que estava acontecendo, mas a violência e as palavras pesadas estavam além do que ele imaginava.

De repente, um dos homens se aproximou de Maria e, sem hesitar, deu um tapa forte em seu rosto. O som do impacto foi alto, e o prato que ela carregava caiu no chão, espalhando comida e quebrando. Maria se agarrou ao rosto, que agora estava vermelho e inchado. O sangue do golpe era visível na marca da palma do homem em sua pele.

Renzo, em estado de choque, olhou para a mãe, que se curvava com a dor, e algo dentro dele rompeu. Ele avançou, sem pensar, e tentou partir para cima do homem que tinha dado o tapa.

Mas, antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, o homem mais forte empurrou Renzo para o chão com um único movimento, o garoto caindo pesadamente no piso de madeira.

— Esse foi o último aviso, hein? — disse o homem, a voz fria e ameaçadora. — O próximo não será tão fácil.

Renzo ficou ali, deitado no chão, sentindo a dor da queda, mas principalmente a dor dentro de seu peito. O medo e a raiva se misturavam. Ele tentava se levantar, mas o golpe o havia deixado sem forças. A imagem da mãe, tocando o rosto machucado, ficou gravada em sua mente. E aquela sensação de impotência só fazia as lágrimas se acumularem atrás dos seus olhos.

Os homens saíram sem dizer mais nada, deixando Renzo e sua mãe sozinhos no meio da bagunça, com a comida espalhada e o silêncio ensurdecedor se instalando.

O resto do dia foi um borrão para Renzo. Ele não conseguia parar de pensar no que havia acontecido com sua mãe e o que os homens haviam dito. Cada vez que a porta do açougue se abria, ele ficava tenso, os olhos atentos, esperando ver os mesmos carros pretos ou os mesmos homens de terno, mas

não apareciam. Ainda assim, o medo o acompanhava, como uma sombra que o perseguia por cada canto do lugar.

Um cliente entrou pela porta, um homem de meia-idade, com uma expressão amigável, mas os olhos desconfiados, como se estivesse ali para ver se Renzo sabia o que estava fazendo. O homem se aproximou do balcão com um sorriso forçado, como se tentasse disfarçar a tensão.

— Então, o menino está tomando conta disso sozinho, é? — disse o cliente, olhando para Renzo com uma risada nervosa.

— Seu pai não tem mesmo jeito de parar de trabalhar?

Renzo não respondeu de imediato. A voz do homem o parecia distante, como se tudo ao redor estivesse em um turbilhão. Ele estava com os nervos à flor da pele, e a preocupação com sua mãe e pai ainda estava estampada em seu rosto.

— O que você quer? — Renzo perguntou de forma seca, tentando se concentrar no trabalho e não nas lembranças daquilo que tinha acabado de acontecer.

O homem, aparentemente, não percebeu a frieza nas palavras do garoto e começou a brincar.

— Ah, só não me diga que você já tem seu próprio jeitinho de cortar a carne, hein? Eu queria um pedaço bem grosso, pra fazer aquele prato de carne assada, você sabe como é, né?

Renzo pegou a faca e começou a cortar o pedaço de carne com precisão, mas sem pressa, tentando manter a calma, embora seu corpo estivesse tenso e sua mente correndo. O cliente ficou em silêncio, notando a tensão no ar, mas não disse nada. Quando o pedaço de carne ficou pronto, Renzo o colocou no balcão e o entregou.

— Isso, obrigado. — O homem pegou a carne e, antes de sair, ainda fez questão de lançar um sorriso amigável, mas Renzo percebeu que ele sabia que algo estava errado. Ele apenas assentiu com a cabeça.

Mas logo, outro cliente entrou, e Renzo já sabia o que vinha pela frente. Este era conhecido por tentar dar calote. Ele parecia ter um jeito desonesto, sempre tentando levar algo sem pagar o valor correto. O homem se aproximou do balcão, com um sorriso largo no rosto.

— Oi, garoto. Hoje vou levar um bom pedaço de carne. Não pode ser fiado?

Renzo o olhou com frieza, sentindo o olhar do cliente se demorando em sua expressão. O medo ainda pairava sobre ele, mas ele não ia deixar isso passar.

— Não, não tem fiado — respondeu, sem mudar de tom. Sua voz saiu mais dura do que ele pretendia, mas não se importava. Não podia mais confiar nas pessoas como antes. O cliente franziu o cenho, irritado.

— Ah, mas você não sabe com quem está falando, hein? — O homem se inclinou sobre o balcão. — Vai se arrepender de não me dar fiado, garoto. Vai ver só.

Renzo o encarou diretamente, sem esboçar um sorriso. Ele sentiu um peso nas palavras do homem, mas sabia que não podia se deixar intimidar. O homem desistiu, resmungando, e pagou com raiva antes de sair.

O dia parecia não ter fim, e cada movimento de Renzo estava marcado pelo medo que ele tentava esconder. A cada cliente, ele tentava manter a postura, como se nada tivesse acontecido, mas o buraco em seu estômago, o nó na garganta, o faziam perceber que a vida deles estava em jogo. Ele sabia que sua mãe e seu pai estavam em perigo, e ele não podia fazer nada. No final da tarde, outro cliente entrou. Este parecia mais tranquilo, sem grandes intenções. Renzo tentou se concentrar, oferecendo-lhe o atendimento habitual, mas ainda assim, cada vez que um carro preto passava pela rua ou alguém vestido de terno se aproximava, ele sentia a respiração acelerar. Ele não conseguia tirar os homens e as ameaças da cabeça.

A cada passo, ele lembrava das palavras ameaçadoras que os homens haviam dito. E a cada novo cliente, ele se perguntava se teria a coragem de enfrentar aquilo tudo novamente se eles voltassem. Ele estava apenas tentando manter a fachada de normalidade, mas seu corpo, sua mente, estavam exaustos com o peso do medo.

Quando o último cliente saiu, Renzo se recostou atrás do balcão, olhando pela janela para a rua vazia. Ele sabia que aquela paz temporária não duraria. Os homens voltariam. Eles sempre voltavam. E da próxima vez, talvez fosse tarde demais para fazer algo.

Enquanto ele fechava o açougue, o medo não o deixava. Ele só queria um fim para tudo aquilo, mas não sabia como impedir o que parecia inevitável.

A noite chegou e Renzo estava sentado à mesa, olhando para o prato, mas sem conseguir focar no que estava diante dele. A comida parecia sem gosto, sem cor, como tudo ao seu redor. O dia havia sido uma sequência de acontecimentos que o deixaram esgotado, o medo e a tensão com os homens de preto ainda presentes em seus pensamentos. Mas, naquela noite, havia algo diferente. O pai dele estava visivelmente pior.

Giuseppe estava sentado na cadeira, sua pele pálida e suada. O rosto estava marcado por uma expressão de dor constante. Ele tentava, a todo custo, manter o semblante erguido, mas os olhos injetados de sangue e a respiração difícil não podiam esconder o quanto ele estava sofrendo. As mãos tremiam enquanto ele segurava o garfo, e a respiração áspera de cada palavra que ele tentava dizer ecoava pela sala. Mesmo sentado, ele parecia fraco, como se mal conseguisse manter-se ereto.

Maria, sua esposa, o observava com preocupação, mas tentava esconder a dor que sentia. Ela falava alegremente,

tentando distrair Renzo, manter o semblante animado para aliviar o filho, mesmo sabendo que as coisas estavam cada vez mais difíceis.

— Então, Renzo, como foi o seu dia hoje? — perguntou Maria, tentando sorrir. — Tudo correu bem no açougue?

Renzo olhou para ela, forçando um sorriso. Não queria preocupar sua mãe, mas o peso do dia o consumia. Ele não sabia como esconder o que estava sentindo.

— Sim, mãe, foi... foi tudo bem. — Ele pegou um pedaço de pão, cortando-o lentamente. — Acho que vou dar conta de tudo, não é?

Maria sorriu mais, tentando manter o clima leve, mas o olhar de preocupação em seus olhos não podia ser disfarçado. Ela olhou para Giuseppe, que estava mais encurvado, tentando comer com dificuldade.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. O papai vai melhorar, você vai ver.

Mas, antes que qualquer um pudesse continuar, o som de uma batida na porta interrompeu o momento. A tensão no ar aumentou instantaneamente, como se algo estivesse prestes a romper a frágil calma. Renzo ficou congelado, seu estômago apertado. Ele olhou para a mãe, que estava visivelmente nervosa.

— Quem será a essa hora? — Maria perguntou, mas sua voz tremia.

Ela se levantou e foi até a porta. Renzo observou, um pressentimento ruim tomando conta dele. Quando a porta se abriu, um homem apareceu na entrada. Renzo olhou para ele, o coração batendo mais forte. Era o mesmo homem que havia ido ao açougue. Agora, Renzo conseguia perceber com mais clareza que ele estava vestido com um terno preto, com um sorriso suave, mas algo no olhar dele o fazia parecer como se estivesse manipulando cada palavra.

O homem entrou sem pedir permissão, como se já fosse esperado, e seu semblante foi logo tomando conta do ambiente. Ele se dirigiu diretamente a Giuseppe, que ainda estava sentado à mesa, sem forças para se levantar.

— Boa noite, Giuseppe — disse o homem, com uma voz suave e calma, mas havia algo frio em suas palavras. — Como vai? Giuseppe respirou fundo, tentando não demonstrar o cansaço e a dor que o consumiam. Ele forçou um sorriso.

— Eu... eu não estou bem, você sabe... — Giuseppe tentou se ajeitar, mas sua voz estava fraca.

Maria, sem conseguir conter sua apreensão, interveio imediatamente.

— Meu marido está doente, está doente! Você não está vendo isso? Ele não está em condições de conversar com você agora, está morrendo, por causa de tudo isso!

O homem parecia não se importar com o estado de Giuseppe. Ele apenas manteve o sorriso, mas seus olhos estavam gélidos.

— Eu entendo, senhora Maria. Mas a dívida... a dívida não se importa com o estado de saúde de ninguém, sabe? Seu marido ainda tem uma dívida a pagar, e precisamos disso... precisamos disso agora.

Renzo observava em silêncio, sentindo um nó apertando sua garganta. Ele não entendia totalmente o que estava acontecendo, mas sabia que havia algo de muito errado. Seu pai estava doente, e aqueles homens pareciam não se importar. A tensão se acumulava, e ele sentia que o ar na sala ficava mais pesado a cada palavra trocada.

Giuseppe tentou falar, mas a voz dele soava quase inaudível.

— Eu... eu não tenho o dinheiro. Não posso pagar agora. Eu estou tentando, mas não consigo... — disse Giuseppe, a respiração ofegante, como se cada palavra fosse um esforço doloroso.

O homem olhou fixamente para ele, e Renzo sentiu a atmosfera mudar. O sorriso do homem desapareceu por um momento, dando lugar a um olhar mais sério, mais ameaçador.

— Você não tem mais tempo, Giuseppe. O prazo acabou. Eu já te avisei. A dívida precisa ser quitada agora. Se não for... — Ele pausou, fazendo um gesto largo com a mão. — Se não for, eu não sei o que vai acontecer.

A tensão na sala cresceu ainda mais, e Maria, desesperada, começou a gritar.

— Você não está vendo o que está acontecendo com o meu marido? Ele está morrendo, morrendo! O que mais você quer de nós? Por favor, nos deixe em paz!

O homem a olhou com frieza, mas não parecia se importar com o sofrimento deles. Ele deu um passo à frente, mantendo-se calmo, mas sua voz agora soava com um tom ameaçador.

— Você não vai pagar a dívida? — ele perguntou, quase sussurrando, mas com um tom de ameaça velada. — Então, o veredito foi dado.

Ele se virou para a porta, e antes de sair, olhou para Renzo, que estava em silêncio, com os olhos arregalados de medo.

— Até amanhã, Giuseppe. Até amanhã. — E com isso, o homem saiu pela porta, deixando para trás o cheiro da ameaça, ainda pairando no ar.

Renzo permaneceu em pé, imóvel, sem conseguir processar completamente o que acabara de acontecer. Sua mãe estava chorando, e seu pai, já tão fraco, parecia derrotado. Ele não sabia o que viria a seguir, mas algo lhe dizia que as palavras do homem eram mais do que apenas uma ameaça. E que, no dia seguinte, as consequências poderiam ser ainda mais graves.

A noite avançava, e o silêncio no pequeno apartamento parecia mais pesado a cada minuto. Giuseppe insistia que não

havia razão para se preocupar. Ele parecia determinado a acreditar que tudo ficaria bem, que a dívida seria resolvida de alguma maneira. Mas Maria não conseguia se acalmar. O medo a consumia, e ela não podia mais suportar o peso da incerteza.

— Giuseppe, por favor, precisamos fugir, fugir para algum lugar longe — ela implorou, segurando a mão do marido com força. — Vamos começar de novo, viver longe disso, longe de tudo isso. Se eles descobrirem onde estamos, vai ser o fim de nós!

Giuseppe, exausto e doente, apenas respirou fundo, tentando dar algum tipo de consolo à esposa.

— Vamos deixar isso para amanhã, Maria. Nada vai acontecer, eu tenho fé. Vamos dormir. Vai ficar tudo bem.

Maria olhou para ele, desesperada, mas não argumentou mais. Ela sabia que seu marido não estava em condição de pensar com clareza, mas a verdade era que ela sentia que algo terrível estava prestes a acontecer. Ela se levantou lentamente e foi até o quarto de Renzo, verificando se ele estava dormindo.

— Renzo? — ela sussurrou, entrando no quarto do filho. Ele estava deitado de costas, os olhos fechados, mas o semblante dele não parecia tranquilo. Ela tocou sua testa para ver se estava quente, mas Renzo apenas respirou fundo e fingiu estar dormindo. Maria permaneceu por alguns segundos, observando-o, antes de sair silenciosamente do quarto.

E assim, a noite seguiu lentamente, mas o pressentimento de Maria só aumentava. De minuto em minuto, ela ia até o quarto do filho para verificar se ele estava bem, se ele estava dormindo. Renzo, por sua vez, fingia que estava em sono profundo, mas sua mente estava agitada, pensando no que aconteceria com seus pais, com a dívida que ainda pairava sobre suas cabeças.

Então, no meio daquela calma perturbadora, o som de carros parando em frente ao prédio cortou a quietude da noite. Renzo ouviu os motores desligando, o som de portas batendo, e antes que pudesse reagir, o vidro das janelas estourou com um estrondo alto, seguido por gritos distantes. Ele se levantou de um pulo, sentindo o coração bater mais rápido.

Foi então que a fumaça começou a invadir os quartos, um cheiro pungente de algo queimado começando a preencher o apartamento. O som de vidros quebrando e gritos se misturava ao som dos coquetéis molotov sendo lançados. Renzo não sabia o que estava acontecendo, mas o fogo estava começando a se espalhar rapidamente, atingindo as cortinas e móveis, consumindo tudo.

Maria correu até o quarto de Giuseppe, que já estava deitado na cama, sem conseguir se levantar. Ela o sacudi desesperada.

— Giuseppe, temos que sair agora! A casa está pegando fogo!
— ela gritou, puxando-o com força.

Giuseppe, atordoado, tentou se erguer, mas a dor no corpo era insuportável. Ele não conseguiu se mover como queria.

— Renzo! — Maria gritou, correndo até o quarto do filho. — Renzo, vamos sair agora, rápido! Vamos, por favor, corra!

Mas Renzo, paralisado pela cena diante dele, olhava para os pais. O fogo se espalhava rapidamente pelo apartamento, e sua mente não sabia como processar o caos. Ele tentou pegar o pai e a mãe, mas, ao estender a mão, sentiu uma dor insuportável. Sua mão direita foi queimada ao tocar na parede em chamas. Ele soltou um grito de dor, mas não havia tempo para nada. A fumaça estava começando a tomar o ambiente, e sua visão estava ficando turva.

Maria, com lágrimas nos olhos, olhou para o filho desesperadamente.

— Renzo, você precisa fugir! Foge, vai, não olha para trás! Vai para longe, muito longe, não espere por nós, por favor! — ela gritou com uma voz cheia de pavor, tentando empurrá-lo para a porta.

Renzo não queria ir. Ele queria ficar, queria ajudar seus pais, mas o fogo estava tomando conta da casa, e ele sabia que não havia mais nada que pudesse fazer. Com lágrimas nos olhos e o coração pesado, ele correu em direção à porta, mas antes de sair, olhou para trás uma última vez, vendo a mãe se arrastando em direção ao marido, tentando ajudá-lo a se mover.

Renzo correu pela rua, sem parar, sem olhar para trás. A dor na mão não consumia, mas ele sabia que não podia parar. Quando chegou ao açougue, um grito de desespero cortou a noite. O açougue estava pegando fogo também. O mesmo fogo que devorava sua casa agora consumia o único lugar que ele ainda considerava seguro. O lugar que ele havia tentado proteger.

Com o peito apertado e o corpo tremendo, Renzo se afastou, sem saber para onde ir. Ele sentia que tudo o que conhecia estava se desintegrando ao seu redor, e ele estava completamente sozinho no mundo.

IV

Sem Rumor

Renzo correu pelas ruas estreitas, a fumaça de sua casa queimando ainda em seus pulmões, a dor na mão direita, queimada, pulsando a cada passo. Ele não sabia exatamente o que estava acontecendo, apenas que o mundo ao seu redor estava desmoronando. O fogo, a violência, os homens em preto, os gritos de sua mãe. Ele não conseguia entender direito. Tudo parecia como um pesadelo do qual ele não conseguia acordar.

Seu corpo estava cansado, mas a adrenalina o mantinha em movimento. Ele sabia que precisava se esconder, desaparecer de alguma forma. Não podia voltar para casa, não podia ir ao açougue. Eles iam atrás dele, isso ele sabia. A dívida de seu pai não era algo que se resolvesse com uma conversa. Ele já tinha visto o medo nos olhos dos homens, o tipo de medo que vinha de algo que não podia ser pago com dinheiro. E Renzo era um menino, mas sabia que, no mundo dos adultos, isso pouco importava.

Ele se escondeu em um beco sujo, respirando pesadamente, tentando se acalmar, mas o medo o consumia. Seus olhos estavam atentos a cada movimento, a cada sombra, como se o

próprio chão estivesse tentando engoli-lo. Mas não podia ficar ali por muito tempo. Se os homens o encontrassem... Não queria pensar no que poderia acontecer. Ele sabia que as consequências não seriam simples, e ele já tinha visto como aquelas pessoas tratavam os outros.

Seus pés o conduziram automaticamente até a velha igreja perto da praça. Ele sabia que aquele lugar tinha sempre sido um refúgio, um abrigo temporário. Ele se escondeu atrás de uma das colunas externas, o som de seus próprios batimentos cardíacos ecoando em seus ouvidos. Não sabia o que fazer agora, como reagir. Ele tinha apenas treze anos e se sentia completamente perdido.

Ouvindo os passos das pessoas ao redor, Renzo pensou em sua mãe e no pai. Estava sozinho no mundo, sem mais nenhuma referência. Tudo o que ele sabia era que algo muito errado havia acontecido, algo que sua família nunca deveria ter se metido. A dívida, os homens, o fogo... Tudo parecia uma combinação fatal de erros que o haviam empurrado para um caminho sem volta.

Ele pensou no que seu pai teria feito se estivesse ali, se pudesse orientá-lo. Ele teria dito para manter a calma, para agir com inteligência. Mas Renzo não tinha a mínima ideia do que fazer agora. Só sabia que não podia ir para casa, não podia ir para o açougue. Estava completamente sozinho, sem os recursos que seu pai usava para lidar com pessoas como aquelas.

As horas se arrastaram. Ele ficou ali, encolhido, observando o movimento da cidade, esperando que os homens em preto não o encontrassem. Ele sabia que, como seu pai, ele teria uma maneira de lidar com aquilo, de buscar uma forma de resolver a situação. Mas ele não tinha os mesmos recursos. Ele era só um menino.

Enquanto a noite avançava, Renzo sentia o peso da solidão. Ele não sabia o que fazer da vida agora. Ele não tinha ninguém para confiar, nem mesmo o açougue onde passava tanto tempo, nem sua casa, que agora estava destruída. E sua mãe? Sua mãe estava lá, longe, no caos do incêndio, sem saber se ela ainda estaria viva. Ele queria acreditar que sim, mas não tinha como saber.

De repente, a lembrança de seu pai veio à tona: "Nunca deixe que o medo te controle, Renzo", ele dizia. "Com coragem, você vai saber o que fazer, mesmo quando o mundo parecer desmoronar. Ser forte é saber que sempre há uma saída."

Renzo não sabia qual seria essa saída, mas uma coisa ele sabia com certeza: sua vida mudaria para sempre. Ele teria que encontrar uma maneira de sobreviver neste mundo, um mundo onde o medo e a violência dominavam, onde até mesmo as ruas pareciam conspirar contra ele.

Ainda sem saber para onde iria, Renzo sentiu que precisava tomar uma atitude. Ele não poderia mais apenas esperar. Talvez a única maneira de sobreviver fosse aprender, de alguma forma, a jogar o mesmo jogo que aqueles homens jogavam. Ele tinha 13 anos, mas a vida o havia forçado a amadurecer muito mais rápido do que qualquer criança de sua idade deveria.

Renzo saiu lentamente da igreja, o peso de sua própria existência pressionando seus ombros. Ele sentia um vazio profundo, mais do que o medo ou a ansiedade pela situação. O mundo à sua volta parecia distante, como se ele estivesse observando tudo de uma janela fechada. Cada passo que dava nas ruas, com o som do concreto quebrando sob seus pés, parecia o afastando ainda mais da vida que ele conhecia.

À medida que caminhava, os faróis dos carros e as luzes da cidade iluminavam os cantos sombrios da noite, mas ele não via mais o que a cidade tinha a oferecer. O que antes parecia

ser um lar familiar agora parecia um labirinto, sem saída e sem fim.

Ele passou por um restaurante iluminado, e algo o fez parar na calçada. O cheiro da comida, que antes o teria feito pensar em suas refeições habituais no açougue de seu pai, agora mexeu com ele de uma forma mais profunda. O lugar estava lotado, as mesas ao redor animadas com conversas e risos. A família na mesa mais próxima chamou sua atenção.

O pai da família, um homem de meia-idade com um sorriso caloroso, entregava um buquê de flores a sua filha, que tinha por volta de seus 12 ou 13 anos. Ela tinha um sorriso tímido e encantador, seus olhos brilhando ao receber o presente. A mãe ao lado observava a cena com carinho, enquanto a filha, com os cabelos castanhos e ondulados, parecia radiante naquele momento.

Renzo observava sem querer se aproximar, apenas absorvendo a cena. Algo dentro dele doía ao ver aquela família. Ele se viu em um reflexo do que poderia ter sido sua própria vida. Seus pais, ainda que em dificuldades, estavam sempre ali, presentes, com ele, até aquela fatídica noite. Mas agora, ele estava sozinho, sem comida, sem segurança, sem nem mesmo saber onde dormir.

O buquê parecia ter sido uma lembrança de um amor simples e bonito. Mas para Renzo, não passava de uma lembrança do que ele perdera: o calor da família, as coisas simples da vida. A comida na mesa parecia suculenta, e o aroma o atingiu com força. Ele havia saído de casa com o estômago vazio, sem ter comido praticamente nada antes do caos. Agora, ao ver aquela mesa cheia de comida, sua fome ficou insuportável.

Renzo deu um passo à frente, mas logo se conteve. Ele não podia se permitir ser visto. Aquelas pessoas, com sua vida pacata, não tinham ideia do que ele estava passando. E ele não sabia como poderia pedir ajuda. Não queria ser uma carga

para ninguém, não sabia se podia confiar em qualquer pessoa naquele momento.

Com o estômago roncando, Renzo olhou novamente para a mesa. A menina ainda sorria, agradecendo ao pai pelas flores. Ele não sabia o que era pior: sua fome ou a dor que sentia por tudo o que havia perdido.

Ele tentou afastar a ideia de se aproximar. Não tinha o direito de invadir o mundo delas, tão distante do seu agora. Com um suspiro, Renzo deu as costas para o restaurante e começou a caminhar novamente. A cidade continuava sua rotina, mas ele estava em outro lugar, um lugar onde a dor e a solidão o empurravam cada vez mais para uma escuridão que ele não sabia como escapar.

V

As Marcas Ficam

O tempo passara, e a dor havia se tornado uma sombra constante. O ano agora era 1904, e Renzo, com 17 anos, já não era mais o menino assustado que fugira pela última vez das chamas que consumiram sua casa. Mas, mesmo com os anos que passaram, ele ainda carregava as cicatrizes de uma infância interrompida, marcada pela violência e pela perda. Agora, sua vida era uma batalha diária por sobrevivência. Não havia mais lar, não havia mais uma família que o acolhesse, apenas a cidade de Nova York e sua dureza.

Renzo se encontrava em um subúrbio miserável, um lugar onde os imigrantes se amontoavam, tentando escapar das promessas vazias da terra das oportunidades. As ruas eram sujas, as casas simples e mal-cuidadas, e os edifícios estavam sempre em ruínas. Ele morava em um pequeno quarto de favor no fundo de um estabelecimento sujo, um local de poucos recursos, onde só encontrava abrigo à noite, após longas horas de trabalho. O lugar onde ele dormia não tinha nome, apenas uma pequena loja que vendia de tudo um

pouco — de frutas podres a tecidos usados. O dono, um homem ranzinzam e sujo chamado Peter, não perguntava muito, só aceitava a ajuda de Renzo quando o garoto aparecia para trabalhar como atendente, limpando e organizando a loja durante o dia.

Renzo não recebia um salário fixo. Em vez disso, a gratificação era uma cama em um canto do depósito. Ele não se importava, afinal, era um alívio estar longe das ruas e das ameaças que o cercavam. Mas a falta de dinheiro o deixava sempre ansioso, com medo de que a qualquer momento o cobrassem. O peso da pobreza era uma sombra constante. Mas o que mais o assolava não eram as dificuldades materiais, mas os fantasmas que ainda o perseguiam, que surgiam nas caladas da noite ou nas ruas movimentadas da cidade. O estresse pós-traumático que Renzo experimentava era uma batalha silenciosa, que ele tentava esconder dos outros, mas que se intensificava a cada dia.

Ele já não sentia as emoções como antes. Quando algo o assustava, seu corpo reagia instintivamente, com a respiração acelerada e o coração disparado. Quando as portas se fechavam ou quando alguém batia forte, sua mente automaticamente voltava ao passado. Os flashes de fogo, de gritos e do rosto de sua mãe, suplicando que ele fugisse, surgiam como uma onda. E ele se fechava, tentava se esconder, não se permitir ceder ao pânico. Os outros trabalhadores na loja nunca notaram a luta interna que Renzo travava. Ele era bom no que fazia, e sua habilidade em manter a calma diante da pressão fazia com que ele se destacasse.

Naquele dia, porém, as coisas tomariam um rumo diferente. Era uma tarde quente e abafada, com o cheiro de sujeira e comida velha no ar. Renzo estava organizando as prateleiras quando ouviu o som de um carro se aproximando. O carro, embora simples, tinha algo de imponente, algo que o fez parar

por um momento, seus músculos se tensionando como se ele soubesse que algo não estava certo. Ele se virou rapidamente, tentando disfarçar, mas seu corpo estava em alerta. Ele conhecia aquela sensação. Algo estava errado.

A porta da loja se abriu com um estalo, e três homens entraram. Renzo, ainda com as mãos sujas de pó, os observou com um olhar furtivo. Eles não eram como os outros clientes. Seus olhares eram intensos, e as roupas — bem cortadas, pretas — indicavam que eles não pertenciam àquele lugar. Renzo sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Eles eram diferentes, mais imponentes. Ele sabia o que isso significava. O líder dos homens, um sujeito de aparência dura e feições marcadas, olhou para Renzo com um sorriso frio. — Você é o garoto que trabalha aqui? — Ele perguntou, sua voz profunda, que fazia o coração de Renzo bater mais forte. Ele acenou com a cabeça, tentando parecer tranquilo, mas o suor começava a se acumular em sua testa.

— Estou vendo que você é bom no que faz. Mas existe algo que precisamos conversar — disse o homem. Seu olhar se endureceu. — O nome é Angelo Serrano. E, como você deve saber, este bairro pertence a nós.

Renzo engoliu em seco. Ele já ouvira falar de Angelo Serrano — um mafioso impiedoso que governava a área com punho de ferro, extorquindo dinheiro de qualquer um que se atrevesse a viver ali. Ele cobrava um tributo dos imigrantes, uma taxa semanal para garantir sua "proteção". Renzo, com a pouca experiência de vida que tinha, sabia que não era bom se envolver com eles.

— Você deve estar ciente da nossa... contribuição para a segurança da vizinhança, não é? — Angelo disse, sorrindo com sarcasmo. Ele se aproximou do balcão, seus olhos avaliando cada canto da loja. — E você, garoto, vai ter que fazer a sua parte.

Renzo sentiu o pânico crescer dentro de si. Ele sabia que não tinha como pagar, não tinha nada a oferecer. Seu corpo tremia, mas ele tentou manter a calma, engolindo o nó na garganta. Seus olhos se fixaram na mesa, tentando se concentrar em qualquer coisa além dos homens diante de si. Ele não queria que percebessem o medo estampado em seu rosto.

— Eu... não tenho... nada — Renzo gaguejou. — Eu só trabalho aqui... não sou dono...

Angelo se aproximou mais, colocando a mão pesada sobre o balcão. O som do metal rangendo sob seu toque fez Renzo engolir em seco. — Então você terá que encontrar alguma maneira de fazer isso. E lembre-se, garoto... — A voz de Angelo se tornou um sussurro ameaçador. — Quem não paga... paga de outra forma.

Renzo sentiu uma onda de desespero. Ele olhou para os outros homens, cujos olhares vazios pareciam predatórios. O medo era paralisante, mas ele sabia que não podia demonstrar fraqueza. Com as mãos suando e a mente disparada, ele engoliu suas palavras e, em um gesto reflexo, se afastou um passo.

— Eu... vou ver o que posso fazer. Vou tentar arranjar alguma coisa... — ele disse, mas sua voz estava baixa, sem convicção. Não sabia o que fazer. Não sabia como sair daquela situação. Os homens trocaram olhares, um deles sorrindo de forma quase imperceptível. Angelo, vendo que Renzo estava se contorcendo de medo, finalmente se afastou, mas sua voz ecoou no ar.

— Vamos esperar... Mas o tempo não é seu amigo, garoto. Não demore.

Renzo observou enquanto eles saíam, a porta batendo atrás deles. Sua mente estava a mil. O pânico se apoderou dele imediatamente. Ele se afastou, respirando pesadamente, tentando não sucumbir ao desespero. Sentia-se perdido, como

se a escuridão que o consumira no passado estivesse de volta. Mas agora, ele não podia se permitir falhar. Ele não tinha mais ninguém para proteger.

Ele olhou para o pequeno canto da loja, o único lugar onde se sentia seguro. E ali, naquele momento de desespero, Renzo soube que ele precisava tomar uma decisão: se submeter ao jogo da máfia ou fugir, mesmo sabendo que a fuga talvez fosse impossível. O peso da escolha era esmagador, mas ele não podia permitir que sua vida fosse dominada novamente pela sombra do medo.

O som da porta se abrindo foi acompanhado de um resmungo familiar. Peter, o dono da loja, entrou com um passo pesado, seu rosto sempre carrancudo e sem paciência. Os cabelos grisalhos e desgrehados, sua camisa manchada de suor e as mãos sujas de trabalho davam a impressão de que a vida de Peter não era muito diferente de qualquer outra no bairro. Ele sempre parecia aborrecido, como se o mundo inteiro tivesse lhe dado as costas — e talvez fosse verdade.

— Aí está você, garoto — Peter resmungou, jogando uma sacola de batatas podres sobre a mesa do balcão. Ele não sequer olhou para Renzo, e esse silêncio, mais uma vez, trouxe um peso sobre os ombros do jovem. — Ainda aqui, não é? Achei que já tivesse fugido pra lá. Não vai ser nada na vida, garoto. Não adianta se iludir com esse trabalho.

Renzo apenas se manteve quieto. Ele já estava acostumado com as palavras de Peter. Não respondia mais, não porque fosse fraco, mas porque sabia que não adiantava. Tudo o que ele precisava era daquele lugar, pelo menos para ter um teto. Então engolia o desprezo de Peter sem fazer mais que um gesto de obediência.

— Já terminou de arrumar aquela bagunça de ontem? — perguntou Peter, enquanto ia para o fundo da loja. Ele não esperava uma resposta, apenas aguardava que Renzo

cumprisse sua tarefa. — E não pense que vai me enrolar, garoto. Não vai sair daqui e achar que vai encontrar um caminho fácil. A vida é difícil e você é só mais um que vai se arrastar.

Renzo balançou a cabeça, fingindo não se importar, mas sentindo um peso no peito. O medo e a ansiedade estavam se tornando parte de sua rotina. Estava tão acostumado a ouvir palavras cruéis que elas já não mais o feriam, mas ainda assim, o faziam questionar quem ele realmente era, o que ele estava fazendo com sua vida.

Ao longo do dia, Renzo cuidou das tarefas que lhe foram dadas — arrumando mercadorias, limpando as prateleiras, organizando as frutas que, com o tempo, começaram a apodrecer. As mesmas frutas que, no início, ele olhava com um certo desejo. Mas agora, elas eram apenas mais um lembrete da vida miserável que ele levava.

Ele limpou o chão que parecia sujo demais, com uma crosta de sujeira que parecia se acumular por meses. Cada passo que ele dava fazia o cheiro de comida podre e desespero invadir suas narinas, enquanto o sujo líquido de frutas murchas escorria pelas fendas do piso de madeira. As gotas do líquido escorriam pelas paredes e por debaixo dos balcões. A sujeira o fazia sentir um nó na garganta, mas ele sabia que não tinha escolha senão suportar.

O relógio finalmente marcou o final do expediente, e Renzo fechou a loja. O cansaço de um dia inteiro de trabalho sem descanso pesava em seus ombros. Ele apagara todas as luzes e arrumara a entrada, como sempre fazia, e então foi para o fundo do estabelecimento, onde o pequeno quartinho era seu refúgio, embora um refúgio miserável.

O quarto era apertado, mal iluminado e sufocante. O colchão, que já fora um simples pedaço de espuma, agora estava coberto por manchas de um líquido escuro e fétido — o

resíduo das frutas apodrecendo nas caixas armazenadas ali. O cheiro era nauseante, e o quarto parecia estar sempre em um estado de deterioração. O chão estava coberto por sujeira, com pedaços de frutas esmagadas e derramadas, o cheiro de podridão misturado com o mofo da umidade crescente.

Renzo se deixou cair sobre o colchão úmido, sentindo o líquido frio e repulsivo molhando suas roupas. Ele puxou as cobertas sobre o corpo, tentando se aquecer, mas a sensação de umidade não o deixava descansar. O quarto era seu lar, mas era também um constante lembrete de como sua vida tinha se tornado uma luta interminável.

Ele olhou para o teto, suas mãos tremendo ao tocá-lo, sentindo as imperfeições da madeira maltratada. Seus pensamentos começaram a se perder. O pânico estava à espreita, e ele sabia que mais uma vez estava fugindo de algo dentro de si. Ele tentava ignorar o estresse que o dominava, mas a ansiedade era grande demais. Pensava no que seria do seu futuro, no que ele havia se tornado.

Mas ali, naquela noite silenciosa e abafada, ele sabia que não poderia ceder. Ele tinha que sobreviver. A dor, o medo, as lembranças — tudo isso fazia parte de sua vida agora. E enquanto ele se enrolava no cobertor, ouvindo o som distante da cidade, Renzo se forçou a adormecer, sabendo que no dia seguinte a luta continuaria.

Mas, no fundo, uma parte dele não sabia mais o que ele estava lutando. Ele só sabia que precisava seguir em frente, mesmo que não houvesse mais um caminho claro à sua frente.

VI

Packie E Joe

Semanas haviam se passado na monotona vida de Renzo, que caminhava pelas ruas agitadas de Nova York, carregando uma cesta vazia que, em breve, seria preenchida com frutas frescas. A tarefa era simples: comprar algumas frutas para o mercado de Peter, que estava com os estoques baixos. Mas ele sabia que essa simples tarefa poderia se tornar algo muito mais complicado. O bairro estava cheio de vida, mas também de perigo, e ele já se acostumara a andar com um olho na rua e outro nas sombras.

A feira estava próxima, uma aglomeração de barracas mal montadas, onde os vendedores gritavam oferecendo seus produtos. A cada passo que Renzo dava, ele sentia o peso do que havia se tornado, da vida que levava. Não era mais um simples garoto que sonhava com algo melhor. Ele sabia que esse mundo era implacável, e a cada dia se distanciava mais da pessoa que ele um dia foi. E então, no meio de suas distrações e passos cautelosos, ele viu uma figura familiar — Angelo Serrano.

O mafioso estava parado na esquina, com sua postura imponente e seus homens ao seu lado, parecendo mais uma

sombra do que uma pessoa de carne e osso. Ele usava seu terno escuro, seus olhos estreitos e calculistas, observando cada movimento da rua com a precisão de um predador. Renzo sentiu o estômago revirar assim que viu Serrano.

— Olha quem temos aqui — disse Serrano, com um sorriso torto, quase irônico. Sua voz, suave e ameaçadora ao mesmo tempo, era como uma cobra se aproximando de sua presa.

Renzo tentou desviar o olhar, mas não podia fugir. Ele já sabia o que vinha a seguir. Serrano, com seu tom calmo e preciso, não dava espaço para evasivas.

— O dinheiro do tributo, garoto. Onde está? — perguntou, enquanto seus homens se aproximavam lentamente. Renzo engoliu seco, tentando encontrar coragem para falar.

— Não... não tenho o dinheiro — respondeu, a voz falha, a ansiedade começando a tomar conta dele. Ele sabia que o homem à sua frente não era alguém que aceitava desculpas ou explicações.

— Não tem? — Angelo Serrano disse, como se estivesse apenas confirmando algo óbvio. Ele deu um passo à frente, seus homens se aproximando mais. Renzo começou a sentir o pânico tomar conta de seu corpo. Ele sabia que a situação estava prestes a piorar.

Serrano olhou para seus homens e fez um gesto com a mão. Sem uma palavra a mais, os capangas de Serrano começaram a se mover, um deles derrubando a cesta de frutas que Renzo carregava, espalhando-as pelo chão de maneira violenta. O movimento rápido e brutal era um reflexo da impaciência de Serrano, um sinal de que ele não estava disposto a perder tempo.

Renzo, assustado e sem saber como reagir, ficou paralisado por um momento. Mas não demorou muito para que os homens de Serrano comessem a empurrá-lo, jogando-o contra a parede de um prédio próximo. Ele sentiu sua cabeça

bater com força, a dor momentânea fazendo com que sua visão se embaçasse. Os homens, sorrindo de maneira sádica, começaram a rir enquanto Renzo tentava se recompor.

— Não me diga que está sem dinheiro de novo, garoto — disse um dos capangas, enquanto lhe dava um soco no estômago, fazendo Renzo cair de joelhos. O outro, com um chute forte, fez Renzo se curvar para frente, e o som de sua respiração forçada ecoou pelas ruas.

Serrano, observando a cena com um sorriso de aprovação, deu mais um passo à frente. Ele se agachou, colocando a mão no ombro de Renzo e olhando em seus olhos com um olhar calculista.

— Você acha que eu sou um homem paciente, não é? — disse ele suavemente. — Achei que você fosse mais inteligente, mas agora vou ter que te ensinar uma lição. Ninguém aqui se importa com o que você tem ou não tem. O que importa é o que você deve, e isso, meu amigo, é o que você vai pagar de qualquer jeito.

Renzo tentava se levantar, o corpo dolorido e marcado pelos socos e chutes, mas a humilhação era o maior golpe que ele sentia. Ele não conseguia entender por que estava passando por isso, por que tudo parecia sempre dar errado. Mas, mais importante, ele sentia um medo imenso. O medo do que Serrano poderia fazer, do que ele ainda poderia perder.

Antes que pudesse reagir, Serrano ergueu a mão, sinalizando para seus homens se afastarem. Eles estavam apenas se divertindo, mas o mafioso queria terminar rápido. Ele pegou um lenço e enxugou a testa suada, como se nada de mais tivesse acontecido.

— Vai dar um jeito de trazer esse dinheiro, garoto. Ou da próxima vez, a lição será mais dura — disse Serrano, com a voz ainda calma, mas carregada de uma ameaça velada.

Renzo, já com os olhos cheios de lágrimas e a respiração difícil, apenas balançou a cabeça. Não podia dizer nada, não tinha força para lutar ou sequer reclamar. Ele apenas ficou ali, vendo o mafioso e seus homens se afastarem, sentindo cada dor no corpo e na alma.

Quando a cena finalmente acabou, Renzo se levantou, sentindo os pés doerem enquanto tentava juntar suas coisas, mas o olhar de Serrano estava gravado em sua mente. Ele não sabia o que fazer, mas agora tinha ainda mais uma dívida para pagar. Uma dívida com um homem muito mais perigoso do que qualquer outro que ele já conhecesse.

Renzo caminhava com dificuldade pelas ruas estreitas, seus passos eram lentos e hesitantes. O rosto estava marcado pelo sangue, os lábios inchados e roxos, e seu corpo todo doía, como se tivesse sido atropelado por uma carruagem. A cesta de frutas, agora esmagada e desfigurada, balançava de um lado para o outro em suas mãos. O cheiro de frutas esmagadas misturava-se com o suor e o sangue, tornando-se insuportável. Cada passo parecia um desafio, mas ele precisava chegar até Peter.

Ao chegar no minimercado, Renzo empurrou a porta com dificuldade, fazendo-a ranger. O barulho da campainha que indicava a entrada soou estranhamente alto em seus ouvidos, mas ele não se importou. A dor no corpo estava além de qualquer desconforto momentâneo. Ele entrou, os olhos baixos, tentando esconder a humilhação e a angústia. Peter estava atrás do balcão, arrumando alguns produtos, e o olhou com desconfiança assim que percebeu o estado de Renzo.

— O que aconteceu com você? — perguntou Peter, sem muito interesse na resposta. Ele já sabia que Renzo tinha o péssimo hábito de se meter em encrenca.

Renzo tentou erguer a cabeça, forçando um suspiro e tentando engolir a dor. Ele sabia que nada do que dissesse seria ouvido

de verdade. O olhar de Peter estava cheio de impaciência, e Renzo não queria gastar suas energias tentando justificar algo que, no final, não faria diferença.

— Eu... fui... fui abordado — Renzo tentou falar, a voz rouca e abafada, enquanto olhava para a cesta esmagada de frutas.

— Angelo Serrano... ele... ele me cobrou o tributo... eu não tinha o dinheiro... eles me bateram...

Peter olhou para ele, as sobrancelhas arqueadas, sem um pinga de compaixão ou empatia.

— Então você acha que eu me importo com a sua merda de tributo, garoto? — Peter respondeu, cortante, a voz cheia de raiva. Ele estava visivelmente irritado, seus olhos estreitos e a mandíbula tensa. — O que eu te disse sobre ser responsável? O que eu te disse sobre fazer o trabalho direito?

Renzo, ofegante e com os olhos cheios de dor, tentou se explicar, mas as palavras saíam com dificuldade. Ele sentia a cabeça girar e o estômago virar, como se estivesse prestes a desmaiar.

— Eu tentei... eu... não podia fazer nada... eles... eles me bateram... — Renzo gaguejou, a frustração e o medo transbordando em sua voz.

Peter deu um passo à frente, o olhar endurecendo.

— Você não tenta o suficiente. Você nunca tenta o suficiente!

— ele gritou, sua raiva explodindo como uma tempestade. — Você sabia que tinha que trazer esse maldito dinheiro! Eu não estou aqui para lidar com os problemas da sua vida, Renzo! Não estou aqui para fazer caridade, e muito menos para bancar suas desculpas esfarrapadas!

Renzo tentou engolir a raiva, mas era impossível. Ele sentia um ódio crescente por Peter, pela maneira como tratava ele, pela forma como o via apenas como uma ferramenta, algo descartável.

— Eu... não pude fazer nada... — Renzo repetiu, sua voz quase inaudível, mas agora cheia de uma dor que ia além dos ferimentos físicos.

Peter olhou para ele, e por um momento, seu olhar parecia mais frio, mais distante. Mas então ele bufou, virando-se para um lado e batendo a mão com força na bancada.

— E eu não posso perder tempo com você, Renzo! — gritou.

— Se você não está conseguindo fazer isso direito, então talvez você devesse sair daqui. Talvez seja melhor você procurar outro lugar para se esconder, porque eu não tenho paciência para isso!

O coração de Renzo acelerou. Ele já sabia que estava sendo tratado como nada mais do que uma ferramenta descartável, mas ouvir isso de Peter, tão abertamente, foi como um golpe em sua alma. Ele sentiu uma raiva fervendo dentro de si, mas não tinha forças para responder. A dor, a humilhação, e a frustração eram tantas que ele sentiu como se não pudesse mais suportar.

— Eu... — Renzo começou a falar, mas as palavras não saíram. Peter cruzou os braços e lançou um último olhar de desprezo para Renzo.

— Sabe de uma coisa? Estou cansado de lidar com você. Você é um peso morto, Renzo. Arrume suas coisas. Quero você fora daqui ainda hoje.

Renzo ficou em silêncio. Ele sentiu o peso das palavras de Peter como uma pancada no estômago. Não havia discussão, não havia um apelo a ser feito. Ele pegou sua cesta de frutas esmagadas e se arrastou até o quartinho nos fundos. Não tinha muita coisa para juntar: um colchão surrado, uma muda de roupa, e um cobertor que fedia tanto quanto as caixas de frutas apodrecidas. Quando terminou, jogou tudo dentro de uma sacola velha e saiu sem olhar para trás.

A noite estava fria, e o vento cortava como uma lâmina, fazendo os poucos transeuntes apressarem o passo. Renzo caminhava sem rumo pelas ruas do subúrbio. A dor nos músculos e o cansaço de semanas acumuladas o faziam se arrastar, mas o pior era a sensação de vazio. Ele estava sozinho novamente, sem um teto, sem um propósito.

Enquanto passava por uma viela mal iluminada, ouviu risos abafados e vozes que vinham de um beco mais à frente. Curioso, parou e espiou. Dois jovens estavam encostados em uma parede de tijolos desgastados, compartilhando uma garrafa de bebida barata. Eles pareciam despreocupados, como se o mundo não fosse tão cruel quanto Renzo sabia que era.

— Ei, garoto! — chamou um deles, um rapaz magro com cabelos castanhos desgrenhados e olhos vivos. Ele tinha cerca de 18 anos e vestia um casaco surrado, que parecia um número maior do que deveria ser. — Tá perdido ou só gosta de espiar?

Renzo hesitou. Ele podia simplesmente ignorar e seguir em frente, mas algo nos olhos do rapaz não parecia hostil. Mesmo assim, suas palavras ainda carregavam um tom provocador.

— Desculpa... — murmurou Renzo, dando um passo para trás.

— Ei, calma aí, ninguém te mandou embora — disse o outro, um rapaz de cabelos ruivos e pele cheia de sardas. Ele parecia mais robusto que o amigo e segurava a garrafa com uma mão enquanto ria. — Você tá bem, garoto? Tá com uma cara péssima.

Renzo deu de ombros, tentando esconder o cansaço e os machucados.

— Só... tive um dia ruim.

O rapaz ruivo trocou um olhar rápido com o amigo e depois deu um passo à frente.

- Dia ruim, é? Parece que o dia te deu uma surra, isso sim.
- Packie, não espanta o moleque — disse o primeiro, rindo. Ele se virou para Renzo e fez um gesto com a cabeça, chamando-o para se aproximar. — Vem cá, senta um pouco. Meu nome é Joe Bonnet. E esse aqui é o Packie.
- Packie McLuskie — completou.
- Que seja...

Renzo hesitou, mas acabou cedendo. Havia algo na forma como eles o encaravam, como se não o julgassem ou desprezassem como Peter fazia. Ele se aproximou devagar e sentou-se no meio-fio, a alguns passos deles.

— Então, garoto, como é que você se chama? — perguntou Packie, jogando a garrafa para Joe.

— Renzo... meu nome é Renzo — respondeu ele, a voz quase sumindo.

Joe ergueu as sobrancelhas e deu um gole na bebida antes de falar.

— Nome diferente. Você é italiano?

Renzo assentiu.

— Sim. Meus pais... eles vieram pra cá...

Joe percebeu que Renzo hesitou, então deu um sorriso discreto e mudou de assunto.

— Não deve ser fácil, né? Esse lugar é uma merda. A gente sabe como é. Eu e o Packie somos vizinhos. Crescemos aqui nesse buraco de cidade.

— Buraco é pouco — interrompeu Packie, rindo. — Aqui é onde os sonhos vêm pra morrer.

Renzo deu um pequeno sorriso. Era a primeira vez em semanas que sentia algo próximo a leveza.

— E você, Renzo? O que tá fazendo por aqui? — perguntou Joe, cruzando os braços e encostando na parede.

Renzo olhou para o chão, pensando em como responder.

— Eu... tava trabalhando. Mas perdi o emprego.

— Bem-vindo ao clube — disse Packie, dando de ombros. — Trabalho, emprego, futuro... essas coisas não foram feitas pra gente.

Joe riu, mas logo ficou sério ao perceber o olhar abatido de Renzo.

— Sabe de uma coisa? — disse ele, inclinando-se para frente.

— Talvez você precise de amigos por aqui. Esse lugar é perigoso, e sozinho você não vai durar muito.

Renzo ergueu os olhos, surpreso. Não estava acostumado a ouvir palavras amigáveis.

— Amigos? — murmurou ele.

— É, amigos — disse Packie, batendo de leve no ombro de Renzo. — O Joe é bom de conversa, eu sou bom de briga. E você parece que tem algo aí dentro, só precisa descobrir o quê. Renzo olhou para eles, um brilho hesitante nos olhos. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu que talvez não estivesse completamente perdido. Ele não sabia onde aquela noite o levaria, mas algo no jeito descontraído e espontâneo de Joe e Packie o fazia pensar que, talvez, eles pudessem ser mais do que simples conhecidos. Talvez, pela primeira vez desde a tragédia, ele tivesse encontrado algo parecido com uma chance.

Joe jogou o braço em volta de Renzo enquanto eles caminhavam pela rua escura, ainda rindo das piadas de Packie sobre os "senhores da fortuna" que frequentavam os bairros ricos de Nova York. Renzo estava começando a se sentir um pouco mais à vontade, mesmo que um desconforto persistente o lembrasse de tudo o que tinha perdido e da linha tênue que ainda pisava.

Depois de algumas quadras, eles chegaram a um prédio antigo e abandonado, com janelas quebradas e paredes cobertas de fuligem. Joe parou na entrada e fez um gesto dramático.

— Bem-vindo ao nosso castelo! — disse ele com um sorriso.

— Castelo? — Renzo perguntou, franzindo o cenho ao observar o prédio em ruínas.

— Claro! — respondeu Packie, abrindo a porta que rangeu como se protestasse. — Não é exatamente o Palácio do Duque, mas, ei, tem um teto que não desaba (na maior parte do tempo) e ninguém vem incomodar a gente.

Renzo hesitou antes de entrar. O interior era um caos de madeira podre, poeira e móveis velhos espalhados por todos os lados. Havia um colchão sujo em um canto, algumas mantas desgastadas e restos de comida embalados em jornais. Ainda assim, era um lugar melhor do que o beco frio que Renzo poderia acabar chamando de lar naquela noite.

— Vocês moram aqui? — perguntou Renzo, ainda observando o ambiente.

— Quando não estamos nas ruas — respondeu Joe, jogando sua jaqueta no colchão. — Mas, acredite, é melhor do que parece. É tudo questão de perspectiva.

Packie sentou-se em uma cadeira mancando e acendeu um cigarro com um fósforo tirado do bolso. Ele deu uma tragada profunda e apontou o cigarro na direção de Renzo.

— Então, garoto, o que você acha da vida que a gente leva? Renzo olhou para eles, incerto sobre o que responder.

— Eu... não sei. Parece difícil.

Joe riu e se sentou no chão, encostando-se na parede.

— Difícil? Claro. Mas sabe o que é mais difícil? Ser pisoteado. Ser tratado como um ninguém. Ser um rato, como os que estão por aqui.

Packie deu uma risada seca, exalando a fumaça do cigarro.

— É isso aí. Nós estamos aqui porque não aceitamos ser pisoteados. E sabe como é que a gente faz isso, Renzo? A gente não espera o mundo nos dar nada. A gente pega.

Renzo franziu o cenho e desviou o olhar. As palavras de Packie pesaram em sua mente. Ele se lembrou de seu pai, Giuseppe, sempre honesto, trabalhando duro para ganhar o pão de cada dia, mesmo com as dificuldades que enfrentavam. E sua mãe, Maria, que dizia que viver com integridade era mais importante do que qualquer coisa.

— Roubar? — murmurou ele, mais para si mesmo do que para os outros.

Joe percebeu o tom hesitante de Renzo e deu de ombros.

— Roubar, pegar, tomar... chame como quiser. Mas aqui fora, ninguém dá nada pra você. Se você quer subir na vida, garoto, precisa jogar o jogo.

— E o que acontece se você perde? — Renzo perguntou, erguendo os olhos para eles.

— Você se levanta e joga de novo — respondeu Packie, batendo cinzas no chão.

Renzo balançou a cabeça lentamente.

— Meu pai... minha mãe... eles sempre disseram que a honestidade era o caminho certo. Que trabalhar duro era a única forma de ter respeito.

Joe sorriu, mas era um sorriso quase triste, como se reconhecesse a ingenuidade de Renzo.

— Seu pai e sua mãe pareciam boas pessoas. Mas me diz uma coisa, Renzo: onde é que a honestidade deles os levou?

A pergunta atingiu Renzo como um soco. Ele abriu a boca para responder, mas não encontrou palavras. A memória do fogo, do cheiro de madeira queimada e das vozes de seus pais gritando invadiu sua mente. Seu peito apertou, e ele sentiu a respiração acelerar.

— Ei, calma aí — disse Joe, percebendo a mudança no rosto de Renzo. — Não estou dizendo que eles estavam errados. Só estou dizendo que, às vezes, a gente precisa fazer o que for preciso pra sobreviver.

Packie deu um tapinha nas costas de Renzo, um gesto surpreendentemente reconfortante vindo dele.

— Relaxa, garoto. A gente não tá aqui pra te pressionar. Só pensa no que estamos dizendo.

Renzo respirou fundo, tentando se acalmar. Ele não sabia como se sentia em relação ao que Joe e Packie estavam dizendo. Parte de si queria rejeitar tudo aquilo, se agarrar aos valores de sua família. Mas outra parte, uma parte que ele mal entendia, reconhecia a verdade nas palavras deles.

Ele olhou para Joe e Packie, dois jovens que haviam encontrado uma maneira de sobreviver naquele mundo cruel. Talvez eles não estivessem certos, mas estavam vivos. E, naquele momento, isso parecia mais do que Renzo podia dizer sobre si mesmo.

Joe puxou um pequeno caixote velho e sentou-se de frente para Renzo, os olhos fixos nele com uma intensidade quase hipnotizante. Packie, por sua vez, ficou encostado na parede, soprando anéis de fumaça do cigarro, como se o assunto fosse apenas uma conversa casual.

— Olha só, Renzo — começou Joe, cruzando os braços. — Eu entendo sua hesitação. Você é um garoto bom, com um coração no lugar. E sabe o que eu acho? Isso é uma coisa rara por aqui. Mas deixa eu te dizer uma verdade: ser bom não enche o estômago.

Renzo baixou os olhos, suas mãos inquietas no colo.

— A vida é assim — continuou Joe. — Quem tem tudo não quer dividir com quem não tem nada. E sabe por quê? Porque eles acham que a gente não merece. Acham que somos invisíveis.

Packie soltou uma risada curta.

— Invisíveis até pegarmos o que é nosso — disse ele, jogando a bituca do cigarro no chão e esmagando-a com o sapato.

Joe acenou com a cabeça, concordando.

— É isso. Não estou falando pra você virar um ladrão sem propósito, Renzo. Estou falando pra gente pegar as coisas deles — as coisas que eles nem vão sentir falta — e trazer pra quem precisa.

Renzo levantou os olhos, tentando entender a lógica de Joe.

— Trazer pra quem precisa?

Joe sorriu.

— É. Claro que a gente ganha algo no processo, mas pensa só: as pessoas aqui nos bairros pobres... elas querem frutas frescas, pão decente, carne de verdade. Mas elas não têm como pagar o que os ricos pagam. Então, a gente pega das sobras deles e traz pra cá. Vendemos por um preço mais alto, mas ainda assim mais barato do que o que eles pagariam em qualquer outro lugar.

— É um serviço, Renzo — disse Packie, com um tom persuasivo. — E, no final, todo mundo sai ganhando.

Renzo cruzou os braços, desconfiado.

— Isso ainda é roubo.

Joe riu, mas não com desdém. Era uma risada calorosa, quase paternal.

— Garoto, tudo nesse mundo é roubo. Os caras que mandam aqui cobram de você pra respirar. Serrano te espancou por um tributo, lembra? Isso não é roubo?

Renzo hesitou, as palavras de Joe cutucando um ponto fraco em sua mente.

— Mas... meu pai dizia que ser honesto era o certo.

— E olha onde isso o levou, Renzo — disse Packie, sem rodeios, mas sem crueldade. — A gente não tá dizendo pra você esquecer o que aprendeu. Só estamos dizendo que às vezes você precisa ser esperto pra sobreviver.

Joe se inclinou, olhando Renzo nos olhos.

— Olha só. Amanhã, bem cedo, um caminhão vai passar perto de East End carregando frutas frescas. Eles sempre fazem isso

nas segundas, e os caras nem olham pra trás. É uma oportunidade perfeita. Pegamos algumas caixas, trazemos pra cá e fazemos uma grana boa. Você pode ficar com sua parte e ajudar quem precisar, se isso te faz sentir melhor.

Renzo olhou de um para o outro, sentindo o peso da decisão. Ele sabia que aquilo estava errado, mas as palavras de Joe e Packie tinham lógica, e sua realidade era implacável. Ele se lembrou do colchão molhado, das frutas podres e do rosto de Serrano rindo enquanto o espancava.

Finalmente, ele respirou fundo e assentiu, relutante.

— Tá bom. Eu faço isso.

Joe sorriu amplamente, batendo nas costas de Renzo com entusiasmo.

— Sabia que você era esperto, garoto! Amanhã, às cinco da manhã, a gente te encontra no beco.

Packie acenou com a cabeça, pegando outro cigarro.

— Vai ver, Renzo. Depois de amanhã, sua vida já vai parecer bem diferente.

Renzo se levantou e caminhou até o canto do prédio, tentando organizar seus pensamentos. Ele sabia que estava cruzando uma linha, mas, pela primeira vez em anos, sentia que tinha algum controle sobre seu destino.

VII

Roubo? Que Feio

A luz cinzenta da madrugada começava a engolir os contornos escuros do bairro. Renzo acordou com o som de passos pesados no corredor do prédio abandonado, o frio cortante atravessando seu casaco fino. Ele sentou-se no colchão encardido, esfregando o rosto com as mãos. O coração batia rápido; não era medo, mas a ansiedade do desconhecido.

Joe estava encostado na parede oposta, já acordado, afiando um pequeno canivete com uma pedra.

— Hora de acordar, garoto — disse ele, sem erguer o olhar. — Packie não gosta de esperar.

Renzo se levantou devagar, os músculos ainda rígidos. Ele olhou pela janela quebrada, onde o céu começava a clarear levemente. O silêncio da manhã era interrompido apenas pelo som distante de cães latindo e de algum carro passando longe.

— Vamos logo, então — respondeu Renzo, pegando seu casaco e vestindo-o rapidamente.

Packie já estava lá, batendo os pés no chão para afastar o frio, com um cigarro pendurado nos lábios e um sorriso malicioso no rosto.

— Achei que vocês iam me deixar congelar aqui — brincou ele, quando Joe e Renzo chegaram. — Estamos prontos?

Joe assentiu e puxou Renzo pelo braço, levando-o para mais perto.

— Lembre-se, garoto, a gente entra rápido, pega o que pode e sai antes que alguém perceba. Nada de heróis, nada de problemas.

Renzo acenou com a cabeça, tentando parecer mais confiante do que realmente se sentia.

— E se der errado? — perguntou ele, hesitante.

Packie riu, jogando o cigarro fora.

— Não vai dar errado. Você está com a gente.

Eles seguiram pelas ruas estreitas e sujas, caminhando em silêncio enquanto a cidade ainda dormia. O cheiro de pão fresco vindo de uma padaria próxima se misturava ao odor de lixo acumulado. Renzo sentiu o estômago roncar, mas manteve o foco.

Finalmente, eles chegaram a uma esquina onde podiam ver o caminhão estacionado, enquanto dois homens descarregavam algumas caixas de frutas em um mercado pequeno. O veículo estava aberto, e as caixas cheias de frutas frescas brilhavam sob a luz fraca dos postes.

— Tá vendo? Moleza — sussurrou Packie, apontando para o caminhão. — Eles deixam tudo exposto.

Joe fez um sinal para que os outros se aproximassem, mas com cautela.

— Renzo, você fica aqui no canto e vigia. Se vir alguém se aproximando, assovie.

Renzo assentiu, sentindo o coração acelerar ainda mais. Ele se posicionou atrás de uma pilha de caixotes velhos enquanto Joe e Packie se aproximavam do caminhão.

Os dois trabalhavam rápido, como se já tivessem feito aquilo dezenas de vezes. Joe subiu no caminhão e começou a

empurrar caixas para Packie, que as empilhava no chão. Renzo observava tudo, tentando ignorar a tensão no peito.

De repente, ouviu o som de passos vindo de longe. Ele virou-se rapidamente e viu uma figura saindo pela porta dos fundos do mercado. Sem pensar, colocou dois dedos na boca e assoviou baixo, mas audível.

Joe e Packie congelaram. Joe fez um sinal com a mão para Packie pegar apenas mais uma caixa antes de desaparecerem.

— Vamos! — sussurrou Joe, puxando Packie pelo braço enquanto carregavam as frutas para um beco próximo.

Renzo correu para se juntar a eles, o coração batendo como um tambor.

De volta ao prédio abandonado, os três se sentaram no chão sujo ao redor das caixas de frutas. Joe abriu uma delas, revelando maçãs reluzentes e uvas frescas.

— Olha só isso — disse ele, segurando uma maçã na mão. — Isso vai valer uma boa grana.

Packie pegou uma uva e a jogou na boca, rindo.

— Renzo, você foi bem hoje. Rápido no assovio. Vai pegar o jeito disso rapidinho.

Renzo, ainda recuperando o fôlego, olhou para as frutas. Parte dele se sentia culpado, mas outra parte — uma parte que ele não sabia que existia — sentia um pequeno orgulho.

— E agora? — perguntou ele.

Joe sorriu, satisfeito.

— Agora, garoto, a gente começa a mudar de vida. Uma fruta por vez.

A manhã já havia avançado quando Renzo, Joe e Packie saíram do prédio abandonado carregando caixas cheias de frutas frescas. O bairro pobre começava a ganhar vida, com crianças correndo pelas ruas e vendedores ambulantes gritando suas ofertas. As pessoas estavam acostumadas com

barracas improvisadas nas esquinas, mas frutas tão frescas quanto as que eles carregavam eram raridade.

Joe, sempre confiante, caminhava à frente com um sorriso no rosto, como se fosse o dono do mundo. Packie seguia logo atrás, equilibrando duas caixas nos braços, enquanto Renzo trazia mais uma, tentando esconder sua apreensão.

— Primeiro, a gente vende onde a gente mora, aqui no bairro. Depois, a gente pensa em expandir — disse Joe, olhando para os lados.

Packie riu. — Expandir? Você acha que somos mercadores agora?

Joe deu de ombros. — Melhor pensar grande do que continuar comendo lixo.

Eles pararam em uma esquina movimentada, onde crianças brincavam com bolas feitas de trapos e adultos conversavam em pequenos grupos. Joe colocou a caixa no chão e começou a gritar como um comerciante experiente:

— Frutas fresquinhas! Maças, uvas, pêssegos! Melhor qualidade, direto da fazenda!

As pessoas começaram a se aproximar, curiosas. Uma senhora baixinha foi a primeira a falar:

— Quanto estão cobrando?

Joe sorriu. — Apenas cinco centavos por maçã, dona.

— Cinco centavos? — ela disse, arregalando os olhos. — Isso é um roubo!

Packie interveio, com o charme típico dele. — É o preço da qualidade, senhora. Olhe só essas frutas. Diferente do que vendem por aí.

A mulher hesitou, mas acabou comprando duas maçãs, enquanto outras pessoas do bairro se aproximavam. Logo, a pequena esquina se transformou em um mercado improvisado.

Renzo ficou em silêncio, observando Joe e Packie negociarem com os clientes, sempre carismáticos, mas firmes nos preços. Ele percebeu que, mesmo em meio à pobreza, as pessoas estavam dispostas a pagar um pouco mais por algo de qualidade — e isso, de certa forma, fazia sentido para ele.

— Ei, garoto, tá pensando o quê? — disse Packie, cutucando Renzo com o cotovelo. — Ajuda aqui com as moedas.

Renzo pegou o pequeno saco de moedas que tinham trazido e começou a guardar o dinheiro que recebiam. Apesar da timidez inicial, ele se sentiu útil, parte do esquema.

Quando o sol começou a se pôr, as caixas estavam quase vazias, e o pequeno grupo estava visivelmente satisfeito. Joe contou o dinheiro enquanto caminhavam de volta para o prédio.

— Nada mal para um dia de trabalho — disse ele, mostrando as moedas reluzentes na mão. — Se fizermos isso toda semana, poderemos comer como reis.

Packie concordou, rindo. — E talvez até arrumar umas roupas decentes.

Renzo, porém, não conseguia afastar uma sensação estranha. Ele sabia que o que estavam fazendo não era certo, mas, ao mesmo tempo, não via outra saída.

— Renzo, tá tudo bem? — perguntou Joe, percebendo o olhar distante do garoto.

Renzo hesitou antes de responder:

— Só... só estou cansado.

Joe deu um tapinha nas costas dele. — Relaxa, garoto. Estamos só começando.

De volta ao prédio, eles dividiram o dinheiro e guardaram o restante das frutas em um canto fresco, planejando vendê-las no dia seguinte. Packie se jogou em um colchão rasgado e começou a comer uma maçã, enquanto Joe olhava pela janela quebrada.

Renzo, por sua vez, sentou-se no chão, encarando o dinheiro em suas mãos. Ele se perguntava se aquilo realmente era o começo de uma mudança ou apenas mais um passo para algo pior.

Joe olhou para ele e sorriu.

— Vai por mim, Renzo. Hoje foi só o começo. Amanhã, a gente vai ainda mais longe.

O ritmo das semanas seguintes foi frenético para Renzo, Joe e Packie. O trio se especializou nos roubos de caminhões que atravessavam os bairros ricos de Nova York. Eles começaram com cautela, observando os horários e padrões dos motoristas. Joe, com sua lábia natural, liderava o grupo, enquanto Packie e Renzo executavam os planos, cada um desempenhando seu papel com precisão.

Nas madrugadas, escondidos nas sombras de becos úmidos e mal iluminados, Joe desenhava rotas improvisadas no chão com pedaços de carvão.

— Este aqui, às terças-feiras, para na rua 23 por volta das seis da manhã — explicava ele, apontando para uma linha curva que representava o trajeto do caminhão. — Os motoristas nunca trancam as carrocerias, acham que ninguém vai ousar roubar em plena luz do dia.

Packie ria. — É aí que a gente mostra que estão errados.

Renzo ouvia com atenção. Embora ainda carregasse resquícios de hesitação, o desespero pela sobrevivência e a influência de seus dois companheiros começaram a moldar sua postura.

Depois do primeiro mês, os roubos já não eram mais tão simples. A polícia começava a aumentar o patrulhamento, e alguns motoristas passaram a andar armados. Mesmo assim, o trio se adaptava.

— Precisamos de uma distração — sugeriu Packie, durante uma conversa à noite, no prédio abandonado.

Joe concordou. — Certo. Renzo, você vai na frente, bancar o garoto perdido. Faça o motorista parar para perguntar o que está fazendo no meio da rua. Quando ele descer, Packie e eu resolvemos o resto.

— E se ele não parar? — perguntou Renzo, preocupado.

— Ele vai parar — respondeu Joe, convicto. — Quem não para pra ajudar um garoto com cara de fome?

O plano funcionou. Na madrugada seguinte, Renzo, com as roupas rasgadas e sujas, parou no meio da rua, segurando um pequeno saco vazio. Quando o caminhão desacelerou e o motorista abriu a porta, Joe e Packie surgiram das sombras, rápidos como gatos, empurrando o homem para fora. Enquanto Packie cuidava do motorista, Joe e Renzo corriam para abrir a carroceria e pegar as frutas.

O trio era eficiente, mas nunca violento. Renzo, mesmo desconfortável com a vida que estava levando, sentia um alívio estranho ao perceber que Joe evitava confrontos que pudessem acabar em sangue.

Com o passar das semanas, as frutas roubadas começaram a aparecer em diversas esquinas dos bairros pobres. Renzo e seus amigos vendiam diretamente para pequenos comerciantes e feirantes locais, que não faziam perguntas sobre a origem dos produtos.

— Vocês são como Robin Hood — brincou um dos feirantes, ao pagar Joe por uma remessa de maçãs frescas.

Joe riu, mas não respondeu. Ele sabia que não estavam roubando para ajudar ninguém além deles mesmos.

Renzo, por outro lado, sentia um conflito interno. Parte dele queria acreditar que estavam fazendo algo bom, trazendo comida de qualidade para quem jamais poderia pagar pelos preços dos mercados dos bairros ricos. Mas outra parte sabia que estavam apenas mascarando o egoísmo com uma fina camada de altruísmo.

Renzo começou a mudar. Aos poucos, ele aprendeu a ser mais rápido, mais discreto e mais persuasivo. Quando antes hesitava em vender frutas ou negociar preços, agora já olhava diretamente nos olhos dos compradores, exigindo o pagamento justo.

Mas, apesar da confiança que estava adquirindo, algo nele permanecia intacto: o código de ética que herdara dos pais. Ele nunca roubava diretamente das pessoas ou mentia para enganá-las. Para ele, o crime era uma necessidade, não um estilo de vida.

Certa noite, depois de mais um dia de vendas bem-sucedidas, o trio se reuniu no prédio abandonado. Joe, como sempre, estava animado, contando moedas e planejando o próximo roubo.

— Estamos indo bem, pessoal. Mais algumas semanas assim, e poderemos comprar roupas novas. Talvez até alugar um quarto de verdade.

Packie gargalhou. — Quem precisa de um quarto quando tem isso aqui? — Ele apontou para as paredes descascadas e o chão imundo.

Renzo, porém, não riu. Sentado em um canto, ele encarava as maçãs restantes, iluminadas pela luz fraca de uma lamparina. Pensava nos pais, em como eles jamais aprovariam o que estava fazendo, mas também sabia que não havia outra opção.

— Ei, Renzo, o que foi? — perguntou Joe, percebendo o silêncio do amigo.

Renzo balançou a cabeça. — Só estou cansado.

Joe se aproximou e colocou a mão no ombro dele. — Descansa, garoto. Amanhã será um grande dia.

Renzo olhou para Joe e, pela primeira vez, viu nele mais do que um amigo: viu alguém que o estava moldando, para o bem ou para o mal. E, enquanto as moedas tilintavam na mão de Joe, Renzo sentiu que sua vida estava apenas começando.

VIII

Algo Nasceu

As ruas estavam quietas naquela madrugada. A névoa envolvia os prédios como um véu, abafando os sons e criando uma atmosfera tensa. Joe liderava o trio como de costume, sua confiança habitual disfarçando o fato de que algo parecia errado. Renzo seguia logo atrás, os braços cruzados contra o frio, enquanto Packie carregava uma expressão mais séria do que o normal.

— Este carregamento é grande, rapazes, se der certo, estamos feitos por um bom tempo — disse Joe, olhando para os dois.

— Caminhão cheio de frutas fresquinhas, direto do porto.

— E se algo der errado? — perguntou Renzo, sua voz carregada de nervosismo.

Joe riu. — Relaxa, garoto. Está tudo sob controle.

Mas Renzo não conseguia relaxar. Desde que começaram com os roubos, ele aprendera a confiar na experiência de Joe e Packie, mas essa noite era diferente. O silêncio, os becos vazios, tudo parecia mais pesado do que o normal.

Eles chegaram ao local combinado — uma rua estreita entre armazéns, iluminada apenas por algumas lâmpadas enfraquecidas. O caminhão estava estacionado, como Joe previra, mas havia algo estranho: dois homens estavam

próximos, aparentemente conversando, mas mantendo uma postura alerta.

— Eles estão de guarda? — sussurrou Renzo, franzindo a testa.

Joe estreitou os olhos. — É só fingimento. Dois caras não podem fazer nada contra nós.

Renzo hesitou, mas seguiu os amigos. O plano era simples: distrair os guardas enquanto Joe e Packie subiam no caminhão para pegar as frutas. Mas antes que pudessem se aproximar, o som de passos ecoou pela rua.

— Alto lá! — Uma voz autoritária gritou, e outros homens surgiram das sombras.

Renzo congelou. Era uma emboscada.

Os guardas sacaram armas, apontando para os três.

— Mãos ao alto! — ordenou um deles.

Joe levantou as mãos devagar, tentando manter a calma. — Calma, calma, não precisa disso.

Mas antes que pudesse dizer mais, Packie, que estava ao lado, sacou um revólver pequeno e atirou sem hesitação. O estampido foi ensurdecedor, ecoando pela rua deserta. Um dos guardas caiu no chão, gritando de dor enquanto os outros se espalhavam, buscando cobertura.

Renzo ficou paralisado, o coração disparado. Ele nunca tinha visto uma arma tão de perto, muito menos alguém disparando contra outra pessoa. Tudo parecia em câmera lenta: o cheiro de pólvora, o grito de agonia do guarda, o som dos passos apressados.

— Corre! — gritou Joe, agarrando Renzo pelo braço.

Eles correram pelas ruas estreitas, com Packie ainda segurando o revólver e olhando para trás, pronto para atirar novamente se necessário. Os gritos dos guardas e o som dos tiros ecoavam ao longe, mas eles não pararam até estarem a uma distância segura.

Eles se esconderam em um beco escuro, ofegantes e cobertos de suor. Joe encostou-se na parede, tentando recuperar o fôlego.

— O que foi isso, Packie? — perguntou ele, furioso. — Desde quando você anda armado?

Packie deu de ombros, ainda segurando a arma. — Desde que percebi que precisamos nos proteger. Você acha que esses caras iam deixar a gente sair de lá vivos?

Renzo estava em silêncio, os olhos fixos no chão. Suas mãos tremiam, e o som dos tiros ainda ressoava em sua cabeça. Ele nunca imaginara que os roubos poderiam levar a isso.

— Renzo, você tá bem? — perguntou Joe, se aproximando.

Renzo levantou os olhos, ainda em choque. — Você sabia que ele tinha uma arma?

Joe balançou a cabeça. — Não.

— Isso não é o que combinamos... não foi isso que combinamos. — A voz de Renzo era um sussurro desesperado.

Packie bufou. — Cresce, garoto. Se quer sobreviver nessa cidade, vai ter que aceitar que o mundo não é justo. Ou você se protege, ou acaba como aqueles caras.

Renzo se afastou, encostando-se na parede do beco. Ele sentia o peso de tudo que acontecera, a sensação de que sua vida estava escapando de seu controle. Os ensinamentos de seus pais ecoavam em sua mente, misturados com as imagens dos guardas caindo ao chão.

— Não vai acontecer de novo — disse Joe, tentando acalmá-lo. — Da próxima vez, a gente faz do jeito certo.

Renzo apenas balançou a cabeça, mas algo dentro dele mudara naquela noite. Ele começava a perceber que, uma vez dentro desse mundo, sair não seria tão simples quanto imaginara.

Renzo andava sem rumo pelas ruas escuras de Nova York, tentando afastar o som dos tiros e os gritos que ainda ecoavam em sua mente. Suas mãos tremiam levemente, mas ele as enfiava nos bolsos do casaco, tentando esconder sua inquietação. A cidade parecia maior e mais opressiva do que nunca.

Dobrou uma esquina e avistou Serrano, parado sob a luz amarelada de um poste, fumando um charuto. Mesmo sozinho, o mafioso exalava uma presença intimidadora. Renzo hesitou, mas antes que pudesse dar meia-volta, Serrano o viu.

— Ora, ora, se não é o garoto esperto. — A voz de Serrano soou como um felino brincando com sua presa. Ele deu alguns passos em direção a Renzo, o charuto pendendo entre os dentes.

Renzo parou, sentindo o suor frio escorrer pela nuca. Ele sabia que Serrano não era o tipo de homem que cruzava seu caminho por acaso.

— O que você quer? — perguntou Renzo, tentando soar mais firme do que se sentia.

Serrano riu, um som baixo e carregado de ameaça. — Eu sei o que você fez, garoto. Acha que a cidade não tem olhos? Eu sei tudo sobre o pequeno showzinho de vocês hoje. Os guardas feridos, os tiros... você e seus amigos têm talento para atrair problemas.

Renzo endureceu a expressão, mas não respondeu.

— Vou direto ao ponto. — Serrano deu mais um passo, aproximando-se o suficiente para que Renzo sentisse o cheiro forte de tabaco. — Se você não pagar o que me deve, garoto, eu te entrego à polícia. Simples assim.

Renzo ficou imóvel, encarando Serrano. Ao ouvir essas palavras algo surgiu na mente de Renzo.

Uma expressão peculiar cruzou seu rosto — uma mistura sutil de calma e algo que beirava o triunfo. Seus olhos escureceram, e um leve erguer de sobrancelha sugeriu que havia algo que Serrano não sabia.

Serrano estreitou os olhos, confuso. Ele não conseguia decifrar o que havia naquela expressão, mas não gostou do que sentiu.

— Tá rindo de quê, moleque? — perguntou Serrano, o tom mais áspero.

Renzo fez uma pausa antes de responder, olhando Serrano diretamente nos olhos.

— Não tô rindo. Só acho que acabei de entender um negócio.

Serrano franziu o cenho, visivelmente irritado. Ele se aproximou mais, o charuto quase tocando o rosto de Renzo.

— Vou te dar uma chance, garoto. Se não pagar o que me deve, vou te entregar pra polícia e ninguém mais vai te proteger.

Renzo permaneceu em silêncio por um momento, como se estivesse ponderando a situação. Depois, com uma calma que surpreendeu até a si mesmo, falou. — Então, o que você quer, Serrano?

Serrano exalou uma risada baixa e fria.

— Quero 200 dólares, amanhã. E, se você quiser sair dessa sem mais problemas, vai me entregar esse dinheiro ou já sabe o que acontece.

Renzo ficou em silêncio por um momento, absorvendo a ameaça. Um sorriso cínico se formou em seus lábios enquanto ele balançava a cabeça lentamente.

— Tá bom, amanhã eu te entrego o dinheiro. — Sua voz era firme, mas com um tom quase desinteressado. — Mas fica tranquilo, Serrano. Não vou fugir de você.

Serrano o encarou com olhos desconfiados, como se esperasse algum tipo de truque. Mas Renzo manteve a postura, o olhar imperturbável.

— Eu espero que você não esteja me fazendo de idiota, garoto.

— Serrano rosnou.

Renzo deu um pequeno sorriso, sem mostrar emoção.

— Não se preocupe. Amanhã, você terá o que quer.

Serrano, ainda com uma expressão de dúvida, acenou com a cabeça, quase como se estivesse fazendo um favor.

— Vamos ver. Não me faça esperar.

Renzo virou-se e começou a andar em direção à rua mais movimentada, sentindo o peso da ameaça nas costas. Mas por dentro, havia algo em sua mente, algo que se acendia a cada passo. Ele estava começando a entender a lógica desse jogo sombrio em que se metera.

E, como se soubesse o que estava por vir, um leve sorriso se formou em seus lábios. O jogo ainda não havia terminado. Ele apenas começara a jogá-lo.

Renzo caminhava pelas ruas do bairro, o som das suas botas ecoando nas ruas desertas enquanto o peso da ameaça de Serrano ainda o pressionava. Ele não sabia exatamente como havia chegado a esse ponto, mas sabia que estava cada vez mais preso nesse jogo de poder. Seu corpo, embora cansado, estava alerta, como se tudo à sua volta estivesse mudando, como se o ar estivesse mais pesado, mais denso.

Quando chegou ao prédio abandonado, encontrou o silêncio que sempre o acompanhava. A escuridão do lugar era quase absoluta, exceto pela fraca luz que entrava por uma janela quebrada. Era o tipo de silêncio que ele aprendera a respeitar, mas que agora o incomodava mais do que o acalmava.

Ele entrou com passos cautelosos, tomando cuidado para não acordar ninguém. Packie e Joe estavam lá, já em seus colchões improvisados no canto do quarto sujo e escuro. O cheiro de mofo e o ambiente abafado tornavam o local ainda mais opressor. Mas Renzo estava acostumado com isso.

Ele se aproximou da cama de Packie, onde o revólver estava descansando ao lado do colchão. Packie não parecia se importar com a arma. Naquela vida, ela era apenas uma ferramenta a mais, assim como o bolso de um casaco ou uma faca na cintura. Mas para Renzo, naquele momento, a arma era algo diferente.

Com as mãos trêmulas, ele pegou o revólver. O metal gelado de sua superfície fez seu corpo se arrepiar enquanto ele o segurava, analisando a arma como se fosse uma parte de algo maior que ele ainda não compreendia completamente. Ele sentiu o peso do revólver, não apenas físico, mas o peso de tudo o que ele representava: poder, medo, e uma linha tênue entre a sobrevivência e a morte.

Fechando os olhos por um momento, Renzo passou o revólver pela linha do seu rosto, sentindo o metal frio em sua pele, enquanto respirava fundo. O som da respiração parecia ensurdecedor na quietude do quarto. Ele sabia que não poderia voltar atrás. Estava se afundando cada vez mais nesse mundo imerso em violência e promessas quebradas. Mas, por mais que tentasse fugir, ele sentia que a escolha já não era mais dele.

O frio do metal o trazia de volta à realidade. Ele olhou para o revólver mais uma vez antes de colocá-lo de volta no lugar. Em sua mente, um turbilhão de pensamentos se formava, mas nada parecia claro. Só o peso de cada decisão que tomara até ali. O peso da vida que agora carregava nas costas.

Renzo se deitou em seu colchão, o som da sua respiração profunda preenchendo o silêncio ao redor. Seus pensamentos estavam desordenados, mas ele sabia que precisava descansar, que precisava da energia para o que viria no dia seguinte. A noite caía, e ele, mais uma vez, se entregava ao descanso em meio à escuridão, os fantasmas de seu passado e os desafios do futuro se misturando em seu subconsciente.

Naquele quarto abafado e imundo, cercado por seus novos "companheiros" de crime, Renzo não conseguia fugir da sensação de que sua vida estava sendo moldada por forças além do seu controle. Mas ao menos, naquele momento, ele se permitiu fechar os olhos e tentar esquecer, nem que fosse por um breve instante, a pressão do mundo lá fora.

IX

— Acabou. —

O restaurante estava vazio, com apenas uma mesa ocupada no canto, onde Renzo aguardava, nervoso. O cheiro do café fresco e o som baixo de talheres no fundo ecoavam pela sala. Ele estava vestido de forma simples, mas ainda assim mais arrumado do que o habitual, tentando se manter calmo. Sabia que o encontro com Serrano era inevitável, e que aquele seria o primeiro passo real na sua entrada para o jogo de poder que ele temia, mas agora não via saída.

Quando a porta se abriu, o som dos passos de Serrano ecoaram. O mafioso entrou sozinho, seu porte imponente contrastando com a atmosfera silenciosa do local. Seus olhos, escuros e calculistas, passaram rapidamente por Renzo, que se levantou, com um leve movimento, antes de voltar a se sentar.

Serrano foi direto ao ponto, sem cumprimentos, sem rodeios.

— Eu espero que tenha trazido o que é devido, menino. — Sua voz era profunda, grave, sem pressa.

Renzo, com uma sensação de ansiedade apertando seu peito, puxou a pequena sacola de dinheiro que trazia consigo.

Estava mais nervoso do que gostaria de demonstrar, mas ele sabia que precisava manter a compostura. Ele a colocou lentamente sobre a mesa, abrindo-a com cautela.

— Aqui estão os 90 dólares — disse ele, tentando manter a voz firme, mas seu olhar traiu uma inquietação.

Serrano olhou a quantia com uma expressão de desdém. Ele pegou os 90 dólares, observando-os brevemente, como se quisesse medir a substância de cada cédula.

Por um momento, Renzo sentiu seu coração bater mais rápido. Ele não sabia como Serrano reagiria. A tensão era palpável no ar, como se o tempo tivesse desacelerado.

Mas, para sua surpresa, Serrano soltou uma risada baixa e abafada, a risada de alguém que está acostumado a ver os outros se contorcerem diante dele. A risada não era de desespero, mas sim de compreensão. Ele parecia quase satisfeito.

— Você fez uma escolha certa, garoto — disse Serrano, guardando os dólares na sua jaqueta. — Se submeter a mim não é um sinal de fraqueza. Pelo contrário, é um sinal de inteligência. Entendeu?

Renzo tentou disfarçar, mas havia algo em seu olhar, um pequeno lampejo de triunfo. Ele sabia que tinha jogado o jogo dele. Não precisaria pagar tudo o que Serrano queria agora. Havia algo em sua mente que o fazia acreditar que aquele momento era uma pequena vitória. Mas, como uma sombra, ele tentou disfarçar esse sentimento, forçando-se a manter o semblante neutro.

Serrano, sem perceber ou talvez ignorando o brilho de vitória nos olhos de Renzo, levantou-se da mesa. Sua postura ainda impunha respeito, e antes de sair, ele parou por um instante, olhando diretamente para Renzo.

— Só não se esqueça de que você ainda me deve, garoto. Mas, por enquanto, você fez certo. Fique de olho em quem o rodeia,

porque o jogo está apenas começando. — Ele fez uma pausa e, em seguida, acrescentou, quase como um aviso. — Nos vemos em breve.

Enquanto Serrano saía do restaurante, Renzo olhou para a porta, observando o mafioso sair. Porém, ao mesmo tempo, notou, de longe, a presença de Packie, e Joe, estavam seguindo Serrano. Eles caminhavam rapidamente, suas silhuetas se destacando na rua iluminada pelas lâmpadas da cidade. Renzo não desviou seu olhar sério.

Quando a porta se fechou, Renzo sentiu a presença deles aumentar. Ele permaneceu ali, na mesa, sozinho. O café ainda estava quente, e ele o tomou em silêncio, absorvendo a situação e o que ela significava. O ambiente do restaurante, normalmente calmo, parecia agora opressor, como se a pressão sobre seus ombros tivesse aumentado de alguma forma. Ele não sabia o que o futuro lhe reservava, mas ali, sozinho, com a xícara nas mãos e os pensamentos inquietos, ele sentia que algo havia mudado em sua vida, algo irreversível.

Ao terminar seu café, Renzo se recostou na cadeira e olhou para o fundo da sala. O reflexo dos seus próprios olhos no vidro da janela lhe parecia estranho. Algo havia nascido ali, algo que não poderia mais ser apagado.

Ele olhou mais uma vez para a porta, onde Serrano desaparecia na rua. O jogo estava, de fato, apenas começando. E Renzo, sem saber ao certo o que o aguardava, não pôde deixar de se perguntar até onde ele estava disposto a ir para sobreviver nesse mundo que agora o envolvia.

Renzo ficou por um momento em silêncio, observando o último gole de café descer pela xícara, sentindo o calor do líquido percorrendo sua garganta. A atmosfera no restaurante havia voltado ao normal, mas o peso de tudo o que acontecera ainda o envolvia. Ele tentava processar a reunião com

Serrano, o sentimento de vitória misturado com um medo latente. Algo dentro dele o dizia que as coisas estavam fora de controle, mas ele não sabia exatamente o quê.

Foi quando a porta do restaurante se abriu novamente. A campainha da entrada tilintou suavemente, e, ao olhar para cima, Renzo reconheceu a figura de Packie entrando com passos rápidos. Ele estava com uma expressão séria, os olhos focados em Renzo. Não havia mais espaço para sutilezas.

— Encontramos a casa de Serrano — disse Packie, já se aproximando da mesa. — Joe está esperando você lá. Vai ser agora.

Renzo não respondeu imediatamente, mas seu olhar se firmou, e seu corpo se endireitou. Sem pressa, ele sorveu o café, mais calmo do que se sentia. Ele sabia exatamente o que queria, e a maneira como os acontecimentos estavam se desenrolando só confirmava sua convicção de que estava no caminho certo.

Packie, ciente de que Renzo estava processando tudo, aproximou-se mais. Seu tom foi direto, como se quisesse oferecer um aviso sem doçura.

— Espero que saiba o que está fazendo, garoto — disse ele, com um toque de preocupação. — Não estamos falando de qualquer pessoa aqui. Esse jogo é sujo.

Renzo olhou para Packie, ainda com a xícara em mãos, sua expressão impassível. Deu um leve sorriso que parecia mais uma linha reta. Não precisava de mais palavras. O que queria dizer estava claro nos seus olhos, que agora estavam firmes como nunca.

— Eu sei o que estou fazendo — respondeu com calma, sua voz carregando uma certeza que fazia Packie se conter por um instante. A seriedade de Renzo não era mais a de um novato, mas de alguém que estava se tornando o centro da operação.

Packie permaneceu parado por um momento, observando, mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Renzo já estava se levantando da cadeira, com a postura de quem sabe exatamente para onde vai. Ele deu uma última olhada para a mesa, pegou o seu casaco e se dirigiu para a porta.

Packie o seguiu, mas desta vez com uma leve hesitação no andar, como se algo tivesse mudado. Renzo não era mais apenas o garoto da rua. Ele agora carregava a aura de quem detinha o controle da situação. Quando ambos saíram do restaurante, a porta se fechou atrás deles com um estalo que ecoou no ar.

A noite estava fria e densa, a rua mal iluminada, quase silenciosa, com os passos de Renzo ecoando no asfalto de forma decisiva. Ele caminhava à frente de Packie, e, embora o ambiente fosse sombrio e silencioso, havia algo diferente em Renzo. A maneira como seus passos ressoavam mais firmemente que antes, como se cada movimento fosse medido, pensava-se em silêncio, mas com uma confiança que não havia antes. Ele tinha um pequeno sorriso, discreto, mas carregado de triunfo. Packie notou, mas não entendeu. Não sabia o que passava pela cabeça do garoto, mas algo lhe dizia que aquele Renzo não era o mesmo de antes.

Eles passaram por becos escuros e prédios antigos até chegarem a um conglomerado de apartamentos apertados e sujos. As luzes dos postes eram fracas, e o ar estava impregnado de um cheiro de umidade. No fim da rua, na entrada de um prédio simples e decadente, Joe estava sentado, esperando, com uma expressão impaciente.

— Ah, demoraram, hein? — disse Joe, ao vê-los se aproximando. Seu tom era descontraído, mas sua postura mostrava que ele estava ansioso para a ação.

Renzo e Packie chegaram mais perto, mas Renzo permaneceu em silêncio. Joe olhou de relance para o comportamento

estranho do garoto, como se algo estivesse diferente nele. Ele apontou para Renzo e depois para Packie, tentando entender o que estava acontecendo.

— O que aconteceu com esse garoto, Packie? — perguntou Joe, com um sorriso desconfiado.

Packie deu de ombros, visivelmente sem respostas também. Ele não conseguia entender o que estava se passando com Renzo, mas o comportamento dele parecia... diferente.

Renzo, percebendo a curiosidade deles, virou-se lentamente para os dois. Seu sorriso ainda estava lá, mas era uma expressão desconcertante, carregada de algo que os outros dois não conseguiam identificar.

— Se alguém quiser subir, não deixem — disse Renzo, com uma voz tranquila, mas determinada.

Eles concordaram, ainda sem entender, mas não disseram mais nada. Packie e Joe trocaram olhares confusos, e Renzo começou a subir as escadas de ferro enferrujadas do prédio. Seus passos eram firmes e rápidos, ecoando na escada vazia enquanto os dois o seguiam, sem questionar mais. Havia algo em Renzo que os fazia obedecer, algo silencioso e impositivo. Quando Renzo chegou ao topo da escada, ele parou por um momento, ficando em silêncio. A porta do apartamento de Serrano estava ligeiramente entreaberta, e ele podia ouvir vozes vindo de dentro. Eram conversas rápidas, em italiano, misturadas com alguns gritos abafados. O som estava abafado, mas ele conseguiu distinguir as palavras: a voz de uma mulher, severa e fria, e a voz de Serrano, mais fraca, quase submissa.

A mãe de Serrano estava discutindo com ele, falando em um tom rude, cheio de desprezo. Renzo pôde ouvir as palavras de reprovação dela, que não parava de xingar o filho, chamando-o de fracassado e inútil.

— Sempre me decepcionando, sempre fazendo vergonha para nossa família — ela dizia, a raiva evidente em cada palavra.

Serrano, que em outras ocasiões mostrava toda a sua impiedade, parecia agora submisso, sem forças para confrontar a mulher. Ele falava baixo, tentando se defender, mas a mãe não dava ouvidos. Renzo permaneceu imóvel, ouvindo tudo do outro lado da porta, sua respiração lenta e controlada, absorvendo o que acontecia ali. Ele percebeu que a humanidade de Serrano, o homem impiedoso e temido por todos, tinha falhas profundas, e esse confronto com sua mãe era uma delas.

Renzo sabia que a hora de agir estava próxima. Ele deu um passo à frente, com sua postura firme, e bateu na porta, quebrando o silêncio da cena.

A porta se abriu, revelando a mãe de Serrano, que estava em pé diante dele. Ela o olhou com desconfiança, seus olhos cruéis examinando o garoto à sua frente. Ela tinha um sotaque forte, uma mistura de italiano com a língua local de Renzo, e falou sem cerimônia:

— O que você quer, garoto?

Renzo não se intimidou. Com um olhar direto e sem hesitação, ele respondeu calmamente:

— Preciso falar com Serrano.

A mãe do italiano encostou a porta e deu um grito esganiçado. Após um breve momento a porta se abriu lentamente, e Renzo viu Angelo Serrano. O mafioso estava na entrada, com um olhar frio e calculista, mas, ao ver Renzo, seu semblante endureceu.

— O que você quer aqui, garoto? — ele perguntou, sua voz áspera e autoritária.

Renzo não respondeu. Ele sabia exatamente o que precisava fazer. Sem hesitar, sua mão se moveu rapidamente para trás, deslizando pelas calças até alcançar a arma de Packie. Com

um gesto rápido e decisivo, ele sacou o revólver e, em um único movimento, disparou.

A primeira bala foi certa, atingindo o lado esquerdo do peito de Serrano. O som do tiro ecoou pelo corredor, e o impacto foi imediato. O sangue jorrou, e o homem titubeou por um instante, quase caindo, mas Renzo não deu tempo para ele reagir. Ele disparou novamente.

A segunda bala atingiu o pescoço de Serrano. O som foi abafado, mas o impacto fez com que o mafioso cambaleara para trás, as mãos se esticando para o pescoço, tentando conter o sangramento, mas era tarde demais. A vida estava se esvaindo dele rapidamente, e ele caiu, mais pesado no chão, a expressão no rosto uma mistura de dor e incredulidade.

Renzo, impassível, disparou uma terceira vez. A bala atravessou a testa de Serrano. A explosão do crânio foi brutal e violenta, e o corpo do mafioso caiu com um estrondo pesado no chão, inerte, a última fagulha de vida se apagando rapidamente.

Renzo não se mexeu, não demonstrou emoção. Ele simplesmente observou o corpo de Serrano, agora imóvel, o sangue espalhado pelo chão. O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor.

O som dos passos de Joe e Packie ecoou no corredor, e logo os dois apareceram na porta, parando abruptamente ao ver a cena. Seus olhos se arregalaram diante da visão do corpo de Serrano e da frieza de Renzo. Não havia palavras, apenas a sensação de choque e uma tensão palpável no ar.

Renzo, sem olhar para trás, guardou o revólver com a mesma calma com que o havia usado, como se fosse uma simples rotina. Ele então se virou para os dois, seu olhar sem emoção, sua voz calma e sem arrependimentos.

— Acabou.

X

Don Clemenza

Alguns meses se passaram desde o fatídico encontro com Angelo Serrano. O nome de Renzo agora estava sendo sussurrado em toda a cidade, em becos e tavernas, nas esquinas de mercados e entre os mais antigos das ruas escuras de Nova York. O menino que matara o homem mais temido da cidade. A história se espalhou rapidamente, e, em pouco tempo, o nome de Renzo deixou de ser apenas um sussurro. Tornou-se uma lenda.

O respeito que ele começou a receber foi imediato. Mais do que o respeito de quem tem medo, era o respeito de quem sabia que ele não era alguém com quem se podia brincar. Seu nome passou a ser procurado, e pedidos começaram a chegar até ele. Inicialmente, eram pequenas demandas — pessoas querendo favores simples, dívidas sendo cobradas, inimigos sendo afastados. E Renzo, com uma calma impressionante, ouvia e fazia, sempre deixando claro que não fazia favores de graça.

— Eu fiz isso porque sou seu amigo. Mas um dia, quando eu precisar, e eu espero não precisar, eu irei te achar. — Ele dizia

com um olhar calculista, uma voz firme e serena, como se fosse o homem mais velho na sala.

Embora tivesse apenas 17 anos, sua postura, seu comportamento, sua maneira de falar e agir faziam-no parecer muito mais velho. Ele tomava decisões como se fosse um veterano das ruas, com a frieza de um homem acostumado a comandar. Seu império ainda estava em sua infância, mas os alicerces já estavam sendo bem cimentados, e o respeito estava crescendo.

Packie e Joe estavam ao seu lado, ajudando a gerenciar o que, até pouco tempo atrás, parecia ser apenas um projeto de vida marginal. Mas agora, com Renzo à frente, a dinâmica mudou. Eles não apenas trabalhavam para ele; estavam junto a ele na construção do que parecia ser o começo de algo grande. Packie era a força bruta, sempre disposto a colocar a mão na massa quando necessário. Joe, por outro lado, era mais persuasivo, sempre cuidando das negociações e sabendo como mexer com as palavras para garantir que os negócios prosperassem. Juntos, eles eram uma máquina bem azeitada. E foi com o tempo que novos rostos começaram a aparecer. Jovens, como Renzo, que viam nele uma oportunidade de ascender, de se tornar alguém importante. Viam a maneira como ele lidava com a situação e, de forma quase automática, queriam fazer parte de seu círculo. Alguns procuraram Renzo com um pedido claro: queriam trabalhar para ele, serem parte de seu império crescente.

— Eu ouvi falar de você, garoto. Dizem que você... que você resolveu um problema que ninguém mais teria coragem de resolver. Eu quero trabalhar para você. — Um desses rapazes, de no máximo 19 anos, disse em um encontro em um bar sujo no centro da cidade, sua voz nervosa, mas com um brilho de respeito em seus olhos.

Renzo, sentado na ponta da mesa, olhou o rapaz sem se mover. Ele sabia exatamente como jogar esse jogo. Sabia que sua posição de poder não era apenas pelo medo que causava, mas pela confiança que construía. Ele olhou para o rapaz por alguns segundos, silencioso, antes de dar a resposta.

— Você quer ser parte de algo maior do que isso, então mostre que é mais do que um simples garoto de rua. Prove que tem o que é necessário, que está disposto a pagar o preço. Caso contrário, não faz sentido. — Disse Renzo, sua voz calma e autoritária, um comando disfarçado de sugestão. Ele não falava como um jovem de 17 anos, mas como alguém muito mais velho, com mais vivência do que deveria ter.

O garoto não hesitou. Ele aceitou as palavras de Renzo com um aceno de cabeça, entendendo que aquilo era uma oportunidade única, um passo em direção ao poder, e logo se juntou ao pequeno grupo de jovens dispostos a fazer qualquer coisa para ganhar seu lugar ao lado de Renzo.

O que começou com pequenos favores logo virou uma rede de pessoas leais e respeitadas. Renzo não só conquistou respeito, mas também um certo medo. Os moradores dos bairros mais ricos começaram a falar dele, e os comerciantes, antes altivos, agora o viam com uma reverência silenciosa, conscientes de que, se algo acontecesse de errado, Renzo seria a última pessoa com quem se deveria cruzar.

Certa noite, na sala escura e abafada de seu apartamento que dividia com Packie e Joe, o telefone tocou. Renzo atendeu e ouviu uma voz rouca do outro lado, de um homem claramente nervoso.

— Eu preciso de ajuda. Eles estão atrás de mim, eu... eu não posso mais ficar aqui. Você é a única pessoa que pode me salvar. — O homem implorava, sua voz cheia de desespero.

Renzo, com calma, escutou atentamente. Depois de alguns segundos, ele respondeu com frieza, como se tudo aquilo fosse uma conversa trivial.

— Eu posso ajudar você. Mas a um preço. — Sua voz era tão calma quanto o som de uma lâmina deslizando na carne.

O homem do outro lado da linha engoliu em seco, temeroso, mas aceitou. Sabia que Renzo era imbatível. Ele agora não só comandava a rua, mas também a mente dos que buscavam sua proteção. E com esse poder crescente, Renzo já sabia que a verdadeira luta estava apenas começando.

No dia seguinte, Renzo estava na rua do mercado, comprando algumas frutas para o estoque quando o som de pneus rangendo interrompeu o zumbido das conversas e do movimento da rua. O carro preto apareceu atrás dele, deslizando suavemente até estacionar, como se estivesse a espera de alguém. O veículo, grande e imponente, parecia ter uma presença inusitada no cenário simples do mercado.

Renzo sentiu algo estranho no ar. Ele virou para ver o carro e, então, a porta do motorista se abriu. Um homem alto e de aparência imperturbável saiu do carro. Ele era branco, vestido com um terno preto impecável, a gravata perfeitamente alinhada, o corte do cabelo sempre arrumado, como se estivesse pronto para uma reunião importante em qualquer lugar do mundo. O homem parecia em controle total da situação, como se nada, nem mesmo o caos da cidade, o afetasse.

Ele olhou para Renzo, que, por instinto, não demonstrou nenhum medo. Sabia que havia algo diferente naquele homem. Ele se aproximou, e, com um leve sorriso, falou:

— Renzo, certo? Ouvi muito sobre você.

Renzo não respondeu de imediato. Apenas observou o homem com uma expressão tranquila, e, por fim, respondeu com um simples aceno. O homem percebeu o olhar calculista

do garoto, a maneira como ele não parecia intimidado, e isso fez com que ele sorrisse, como se estivesse gostando do que via.

— Preciso conversar com você. — disse o homem, com uma voz suave, mas que carregava uma autoridade inegável. — Entre no carro. Não vamos ficar aqui muito tempo.

Sem hesitar, Renzo caminhou até o carro e entrou, fechando a porta atrás de si. O homem entrou também, e o carro logo se afastou, mergulhando nas ruas escuras da cidade, como se fosse uma viagem que já estava predestinada. A conversa, silenciosa até aquele momento, começou quando o carro se afastou do movimento caótico da cidade.

— O nome é Luciano Clemenza. — o homem se apresentou, olhando para Renzo com um olhar atento. — Eu sou o que pode se chamar de um... facilitador de negócios. Sei o que você fez, garoto, e você tem uma boa cabeça. Uma cabeça fria, sem medo, sem hesitação. E foi isso que me chamou a atenção. Renzo, com calma, manteve o olhar no homem, atento a cada palavra. Ele sabia que esse tipo de encontro não era apenas casual. Os negócios, o poder, tudo estava sendo observado de perto.

— Eu tenho interesses na cidade. — Luciano continuou, suas palavras fluindo como uma melodia planejada. — Uma área que ainda não consegui explorar completamente. E você... você parece ser alguém que sabe como movimentar as coisas por aqui. Eu soube do que aconteceu com Angelo Serrano, e posso ver que você tem mais do que a rua pode oferecer sozinho. Você pode ser útil para a expansão de meus negócios. Me diga, você quer crescer? Quer ser grande?

Renzo sentiu a tensão no ar. Ele sabia exatamente o que isso significava. O jogo estava mudando novamente, e agora ele não era mais o garoto das ruas tentando sobreviver. Ele estava diante de um homem grande, alguém que operava nas

sombras e que, agora, queria que Renzo fizesse parte de algo maior.

Ele olhou para Luciano, com a mesma calma de sempre, e respondeu, em um tom que parecia mais velho do que sua idade indicava:

— Todos queremos, Don Clemenza. Todos queremos.

Luciano sorriu, como se estivesse esperando aquela resposta. Ele se acomodou no banco, olhando com uma expressão de aprovação, mas com algo mais nas palavras que se seguiam.

— Primeira lição então, garoto. — Luciano disse, com a voz mais grave e intensa, sem desviar o olhar. — Desapegue de seu coração. Esse mundo... esses negócios... são duros e difíceis. Quem tem um coração, não aguenta e pula fora. Se você quiser crescer de verdade, e não apenas ser mais um no caminho, vai ter que aprender a não deixar o coração atrapalhar. Não há lugar para fraqueza. Lembre-se disso.

O carro de Luciano Clemenza continuou a deslizar pelas ruas do bairro de Renzo, dentro do veículo, o silêncio pairava, mas não era um silêncio de desconforto. Era o tipo de silêncio em que cada palavra dita carregava um peso que ambos compreendiam bem.

Luciano se reclinou no banco, olhando fixamente para o vidro do carro. Sua expressão permanecia séria, mas seus olhos, sombrios e calculistas, observavam cada movimento de Renzo. Ele havia feito a sua oferta. Agora, ele queria ver até onde o garoto chegaria para alcançar o que queria.

Renzo, por sua vez, parecia sereno, como sempre. Não havia pressa em suas palavras, nem ansiedade. Ele sabia o que estava em jogo, mas também sabia que o jogo não se jogava com pressa. Não quando você estava no controle.

Finalmente, Luciano virou a cabeça para ele. O olhar que trocou com Renzo era como o de um predador examinando sua presa, mas havia um respeito implícito ali. Ele sabia que o

garoto não era como os outros que havia encontrado. Renzo tinha algo mais. Algo que Luciano queria usar, se fosse possível.

— Sabe, garoto, não gosto de perder tempo. — começou Luciano, sua voz profunda e calma. — E, como já disse, eu posso ajudá-lo a crescer. Expandir seus horizontes. Mas isso tem um preço, é claro. Não faço nada sem garantir que todos os lados saiam ganhando.

Renzo olhou para ele com um sorriso discreto, mas de entendimento. Ele sabia que essa conversa não era sobre generosidade. Não existia ajuda sem algum tipo de retorno. Luciano Clemenza não era um homem que fazia negócios por simpatia.

— Eu também não sou de perder tempo, Don Clemenza. — respondeu Renzo, sua voz firme, mas cheia de respeito. — Eu entendo como as coisas funcionam. E sei que cada favor tem um preço. Mas, a questão é: qual é o preço que você quer por essa ajuda?

Luciano soltou uma risada baixa, quase imperceptível, antes de responder.

— Eu gosto de você, garoto. Não é qualquer um que sabe como lidar com as palavras. A questão aqui, Renzo, é que você tem algo que eu quero. E eu tenho algo que você precisa. — Luciano fez uma pausa, seus olhos agora fixos nos de Renzo, sem desviar. — Eu tenho os recursos, as conexões, a rede que você precisa para crescer mais rápido do que qualquer um nessa cidade. Mas o que você não tem... é a disciplina. O poder real. Esse tipo de coisa... não vem sozinho. Eu vou lhe dar as ferramentas. Eu vou lhe ajudar a expandir seus negócios. Mas, em troca, você vai ter que me ajudar com algo. Algo simples, mas que vai garantir que você nunca mais seja apenas um garoto das ruas. Você será algo maior. Um homem poderoso.

Renzo não se mexeu, não olhou para os lados. Apenas manteve os olhos fixos em Clemenza, como se medisse suas palavras.

— E o que você precisa, Don Clemenza? — perguntou ele, o tom sério, sem hesitação.

Luciano olhou para ele, observando cada reação. Ele sabia que, para Renzo, a ideia de poder não era novidade. O garoto tinha uma fome imensa por isso, mas ainda precisava aprender o custo real.

— Quero que você me ajude a tomar o controle desta parte da cidade. — Luciano respondeu finalmente, com a voz carregada de autoridade. — Os meus negócios estão se expandindo. Eu tenho pessoas em todas as partes, mas há algo que me impede de conquistar completamente este território. E você, garoto, você tem algo que ninguém mais tem aqui: a admiração. O respeito. E o medo. Eu vou lhe dar os recursos, mas você vai garantir que meu nome seja temido em todos os cantos. Seu nome, Renzo, vai ser o que ecoa nas ruas, mas vai ser o meu que vai estar por trás disso. O que você me diz?

Renzo não hesitou. Ele sabia que isso era o que ele queria. Mas também sabia que ele precisava ser astuto. Não podia apenas aceitar a oferta sem deixar claro que ele, também, tinha seu próprio poder.

— Eu sei que posso te ajudar, Don Clemenza. — respondeu ele, a voz calma, mas com um toque de desafio. — Mas saiba que eu não faço nada sem garantir que haja benefícios para os dois lados. Não sou apenas um peão nesse jogo. Se eu entrar, eu entro com tudo. E o que você me oferece... tem que ser algo que me permita crescer e conquistar, não apenas servir aos seus interesses. Eu não sou apenas um garoto. E você sabe disso.

Luciano o observou com atenção, seus olhos estreitando-se ligeiramente. Ele estava vendo o que queria ver. Renzo estava sendo ousado, mas sabia como lidar com isso.

— Eu nunca subestimei você, Renzo. Nunca. — Luciano disse, sua voz mais suave agora, mas ainda carregada de poder. — Mas, a lição que vou te ensinar, garoto, é simples. O poder real não vem de ser o mais inteligente, ou o mais forte. O poder vem de saber quem você pode controlar, e quem não pode. Saber quando agir e quando esperar. Você vai aprender isso. Renzo permaneceu em silêncio por um momento. Ele sabia que essa conversa estava mais para uma dança do que para um debate. Ambos estavam calculando os próximos passos. Mas, no final, ele sabia que estava prestes a fazer um movimento que mudaria tudo.

— Está bem. — Renzo disse finalmente, com um tom firme.

— Mas lembre-se, Don Clemenza, você só tem um jogo para jogar comigo. E será o meu. Eu vou crescer, mas faremos isso do meu jeito.

Luciano sorriu, um sorriso que misturava aprovação e desafio.

— Eu gosto do seu estilo, Renzo. — ele disse, enquanto o carro se aproximava de seu destino. — Não se esqueça da primeira lição, garoto. Desapegue do coração. O resto, você vai aprender. E quando aprender, estará pronto para ser grande. Renzo não respondeu imediatamente. O carro parou, e o silêncio tomou conta novamente. Mas, dentro de si, ele sabia que estava mais perto de seu destino do que nunca.

Luciano Clemenza havia visto nele o que ele queria ver. E Renzo sabia que, por mais que essa aliança fosse arriscada, seria a chave para destravar tudo o que ele sempre quis. O poder real.

Renzo estava pronto para isso.

XI

Quentura Part II

Quatro anos haviam se passado desde que Renzo dera os primeiros passos em direção ao poder. Agora, aos 21 anos, ele não era mais apenas um garoto com ambição. Ele era chamado de *Don Renzo*, e seu nome ecoava pelas ruas, não apenas em sua cidade, mas em círculos maiores de poder. Ele havia transformado sua pequena operação em um império crescente, com Packie e Joe ao seu lado, leais como sempre, mas agora reverenciando-o como mais que um amigo — como um líder.

O ar naquela noite estava pesado, úmido, carregado com a tensão de um encontro importante. Renzo, Packie e Joe estavam sentados em um salão discreto no andar de cima de um antigo cassino, à espera de Luciano Clemenza. As cortinas eram grossas e fechadas, abafando os sons das ruas abaixo, enquanto o brilho tênue de um lustre barato lançava sombras sobre o rosto de Renzo. Ele estava sentado à mesa central, com um copo de vinho na mão, mas sem beber.

Packie e Joe, por outro lado, estavam inquietos.

— Será que ele se perdeu no caminho? — Packie resmungou, jogando um amendoim para cima e pegando-o com a boca. — Ou quem sabe o grande Don Clemenza decidiu que o garoto prodígio não vale mais o tempo dele?

Joe riu, mas Renzo nem ergueu os olhos. Ele permanecia calmo, com os dedos batendo ritmicamente no copo, sua mente absorta na negociação que estava por vir. Ele recitava mentalmente os pontos que pretendia abordar, calculando cada palavra que diria. Jogos ilegais e drogas. Era um território arriscado, mas com Clemenza e seu contato, as portas certas poderiam ser abertas.

— Não fale besteira, Packie — disse Joe, ainda rindo. — Você sabe que Renzo já não precisa mais dele como antes.

— Silêncio. — A voz de Renzo cortou o ar, baixa, mas carregada de autoridade. Ambos se calaram instantaneamente.

Então, ele viu. Pela janela que dava para a entrada do cassino, um carro preto estacionou lentamente. Luciano Clemenza saiu primeiro, seu terno impecável e sua postura de comando inconfundíveis. Atrás dele, um homem mais baixo, mas robusto, de cabelos castanhos claros penteados para trás, vestindo um terno cinza de corte fino. Havia algo naquele homem que imediatamente congelou Renzo no lugar.

Era Baruch Goldstein.

O nome não precisava ser dito. Renzo reconheceu o rosto. O mesmo rosto que estava gravado em sua memória como uma cicatriz. Ele podia sentir o sangue esquentando em suas veias, mas permaneceu imóvel, os olhos fixos enquanto Clemenza e Goldstein subiam as escadas.

Packie e Joe notaram a mudança no semblante de Renzo. Era raro vê-lo perder sua expressão de controle absoluto. Eles trocaram olhares, inquietos, mas não disseram nada.

A porta se abriu, e Luciano entrou com um sorriso calculado.

— Desculpem o atraso, cavalheiros. — Ele gesticulou para Baruch, que entrou logo atrás. — Este é Baruch Goldstein, de Five Points. Ele tem experiência no que estamos tentando fazer aqui.

Baruch, com sua presença intimidadora, caminhou até a mesa. Seus olhos escanearam o ambiente antes de pousarem em Renzo.

— Então, você é o tal garoto que eu tenho ouvido tanto falar

— disse Baruch, com uma voz rouca e carregada de desdém.

— Mas por que me olha assim, garoto? Está me encarando como se quisesse arrancar meu coração.

Renzo não respondeu imediatamente. Ele manteve o olhar fixo, frio, como uma estátua. Quando finalmente falou, sua voz era calma, mas carregada de algo que nem mesmo Clemenza conseguia definir.

— Não me leve a mal, senhor Goldstein. — Ele se levantou, estendendo a mão para cumprimentá-lo. — Sou apenas cuidadoso com quem entra no meu território. Renzo... Renzo Pegorino.

O nome falso pegou Packie e Joe de surpresa. Eles trocaram um olhar rápido, mas não disseram nada. Ambos sabiam que Renzo não fazia nada sem um propósito.

Baruch apertou sua mão, um aperto firme e calculado, mas não sem deixar sua própria ameaça implícita.

— Pegorino, hein? Interessante. Espero que o nome combine com a coragem. Porque, se me olhar assim de novo, garoto, eu arranco a sua orelha.

Renzo não esboçou nenhuma reação. Apenas segurou o olhar de Baruch por mais um momento antes de se sentar novamente.

Clemenza, que observava tudo com a paciência de quem sabia como a tensão era útil em uma negociação, finalmente interveio.

— Vamos deixar as apresentações de lado. — Ele puxou uma cadeira e sentou-se, indicando para que Baruch fizesse o mesmo. — Estamos aqui para falar de negócios, e negócios exigem foco.

Enquanto Luciano começava a delinear os termos da parceria, Renzo recuava para sua postura usual de controle. O ódio que sentia por Baruch ainda queimava, mas ele sabia que precisava jogar o jogo. Não era apenas uma questão de poder agora; era uma questão de estratégia.

E naquele momento, enquanto Baruch Goldstein falava sobre jogos ilegais e rotas de distribuição, Renzo sabia que estava mais próximo do que nunca de algo maior. Ele também sabia que, no devido tempo, Baruch pagaria por cada dívida passada. Mas não agora.

A negociação ocorreu bem, com Renzo sempre se mantendo um passo à frente, e com Clemenz sempre o guiando por caminhos mais lucrativos, fecharam um acordo com o Goldstein.

Após a negociação se encerrar, Baruch se levantou primeiro, ajeitando o paletó com uma expressão de desdém, enquanto olhava brevemente para Renzo.

— Negócio fechado, *Don Pegorino*. Veremos se suas promessas se concretizam. — Ele se virou para Clemenza, balançando a cabeça em aprovação. — Boa escolha, Luciano. Ele tem potencial.

Packie e Joe trocaram olhares novamente, ainda tentando entender o nome falso que Renzo havia usado. Apesar da confusão, eles acompanharam Baruch até a saída, sempre atentos, mas também estranhamente silenciosos, deixando Renzo e Clemenza sozinhos no salão.

Luciano permaneceu sentado, observando Renzo com um olhar analítico. Ele acendeu um cigarro calmamente, como se não tivesse notado o peso na atmosfera.

— Você quer me dizer o que foi isso, garoto? — Clemenza finalmente perguntou, soprando a fumaça com um tom quase paternal.

Renzo, ainda sentado, permaneceu em silêncio. Seu olhar estava fixo na porta por onde Baruch havia saído. Seus dedos tocavam levemente a borda do copo de vinho, enquanto ele lutava para manter a calma.

— Quatro anos te observando, Renzo. Quatro anos vendo você transformar aquele coração jovem em pedra. Mas hoje...

— Clemenza parou, inclinando-se um pouco para frente. — Hoje, vi algo que não reconheci.

Renzo fechou os olhos por um momento, respirando fundo. Quando voltou a abri-los, havia uma lágrima descendo lentamente pelo rosto, mas sua expressão permanecia fria, dura como mármore.

— Esse foi o desgraçado... — Ele começou, sua voz grave, quase falhando. Seus dentes rangiam enquanto ele falava, a mandíbula tão tensa que parecia prestes a se partir. — ...que arruinou minha vida.

Clemenza estreitou os olhos, não dizendo nada, mas deixando Renzo continuar.

— Ele matou minha família. — As palavras saíram num sussurro carregado de ódio, tão profundo que parecia cortar o silêncio do salão. Renzo cerrou os punhos, mas seu corpo continuava imóvel.

Clemenza apagou o cigarro no cinzeiro, olhando para Renzo com algo entre respeito e pena. Ele sabia que o ódio era combustível poderoso, mas também sabia o quanto ele corroía por dentro.

— Eu vou te dizer algo, garoto — disse Clemenza, levantando-se e ajustando seu paletó. — Se você realmente quer ser grande, terá que aprender a domar esse fogo. Ou ele vai te consumir.

Renzo não respondeu, apenas inclinou levemente a cabeça, mantendo seus olhos fixos no vazio. Clemenza deu um passo em direção à porta, mas parou antes de sair.

– Cuidado com o que você planeja fazer, *Don Pegorino*. Às vezes, a vingança é só outra forma de entregar o controle ao inimigo.

E com isso, Clemenza saiu, deixando Renzo sozinho no salão. Ele finalmente soltou um longo suspiro, encostando-se na cadeira, mas o ódio ainda queimava dentro dele, incontrolável e implacável. Ele sabia que sua batalha com Baruch estava apenas começando. E, dessa vez, ele não erraria.

XII

Don Pegorino

O pequeno apartamento em que Renzo, Packie e Joe viviam não parecia um lugar de poder. Era um espaço modesto, com paredes descascadas e um cheiro persistente de tabaco misturado com o café barato que Joe insistia em fazer toda manhã. Mas, para aqueles que vinham ali, aquele lugar tinha um significado. Era onde o *Don* resolvia problemas.

Renzo estava sentado em uma poltrona gasta, o couro rachado expondo o enchimento em algumas partes. Ele vestia uma camisa branca bem passada, as mangas dobradas até os cotovelos, revelando os antebraços finos, mas firmes. Um cigarro descansava entre seus dedos, quase esquecido enquanto ele observava a fila de pessoas que se formava do lado de fora da porta do apartamento.

Joe, sempre com um sorriso debochado, espiava pela janela para contar quantos estavam esperando.

— O que é isso, Renzo? Uma padaria? — ele brincou, enquanto jogava uma carta na mesa de madeira improvisada onde ele e Packie jogavam um interminável jogo de pôquer.

Packie riu baixo, mas não tirou os olhos das cartas. — Mais parece um confessionário. Só falta você usar um terço, *Don*.

Renzo deu um meio sorriso, apagando o cigarro com calma no cinzeiro abarrotado. — Melhor um confessionário do que um tribunal, não acha?

Joe soltou uma gargalhada, mas logo calou-se quando a porta abriu e o primeiro visitante entrou. Um homem magro, de meia-idade, com um chapéu nas mãos, parecia nervoso enquanto se aproximava. Renzo inclinou-se na cadeira, gesticulando para que ele se sentasse.

— Diga-me o que você precisa, meu amigo. — A voz de Renzo era baixa, quase um sussurro, mas carregava uma autoridade inconfundível.

O homem começou a explicar, tropeçando nas palavras. Ele era dono de uma pequena mercearia no bairro, e um grupo de ladrões estava exigindo dinheiro para "proteção". Ele não podia pagar.

Renzo ouviu em silêncio, os olhos fixos no homem, como se estivesse estudando cada palavra, cada gesto. Quando o homem terminou, Renzo acendeu outro cigarro, expirando a fumaça devagar antes de falar.

— Você é um homem trabalhador. Não é certo que alguém como você tenha que viver com medo. — Ele fez uma pausa, olhando para Packie, que já estava prestando atenção. — Packie, veja com quem ele está lidando. Garanta que não voltem a incomodá-lo.

O homem gaguejou um agradecimento, mas Renzo levantou a mão, interrompendo-o.

— Não é necessário agradecer. Apenas lembre-se de que, no futuro, se eu precisar de algo... — Ele deixou as palavras no ar, mas o homem entendeu. Ele assentiu rapidamente, apertando a mão de Renzo antes de sair.

Packie levantou-se, já pegando o casaco. — Sempre me manda pra diversão, hein, chefe?

— Você é quem faz as coisas parecerem divertidas, Packie, não eu.

E assim seguiu o dia. Uma mulher veio pedir ajuda para encontrar o marido desaparecido. Renzo prometeu procurar. Um jovem chegou com olhos cheios de lágrimas, explicando que precisava de dinheiro para salvar a mãe doente. Renzo tirou uma pequena quantia de um envelope em sua gaveta e entregou ao rapaz.

Joe, observando tudo, finalmente falou quando o último visitante saiu.

— Você vai se ferrar se continuar assim, Renzo. Esses favores... são buracos sem fundo.

Renzo apagou o cigarro e ficou em silêncio por um momento, antes de olhar para Joe.

— Favores, Joe, são como sementes. Plante-as, e elas crescem. Um dia, essas pessoas vão se lembrar de quem as ajudou quando ninguém mais o fez.

Joe revirou os olhos, mas Packie, que voltava do "trabalho" com a camisa ainda amassada, sorriu.

— Ele tem razão, Joe. Essas sementes vão nos fazer grandes. Renzo apenas sorriu para Packie, acendendo mais um cigarro. Ele sabia que a construção de respeito e poder era lenta, mas firme. E ele também sabia que, ao contrário do apartamento pequeno em que viviam, sua ambição era algo que nunca teria limites.

O bairro onde Renzo havia construído sua reputação ficava em algum lugar entre a decadência e a tentativa de prosperidade. As ruas eram pavimentadas, mas com rachaduras; os prédios de tijolos vermelhos estavam enegrecidos pelo tempo, mas ainda firmes. Havia barbearias de esquina, mercearias familiares e pequenos restaurantes

italianos, judeus e irlandeses, todos disputando espaço em ruas movimentadas. Esse era o território de Renzo.

No apartamento pequeno, com as cortinas sempre meio fechadas e um aroma constante de café amargo, Renzo estava sentado à mesa, um jogo de cartas esquecido à frente. Packie e Joe estavam em silêncio, algo raro, quando a porta se abriu devagar. Um homem bem-vestido entrou, acompanhado por um jovem assistente. Ele vestia um terno azul-escuro impecável, a gravata levemente frouxa no pescoço grosso. Era Vincent Roselli, um político local.

— Don Pegorino. — Roselli começou com um tom respeitoso, apesar de parecer estranho chamá-lo de *Don*, dado que Renzo tinha apenas 21 anos. — Espero não estar incomodando.

Renzo, com a calma de quem tinha décadas de experiência, levantou os olhos e fez um gesto para que o homem se sentasse.

— Não há incômodo, senhor Roselli. Por favor, tome um assento.

Roselli sentou-se à mesa, olhando ao redor do apartamento modesto. Ele parecia desconfortável, como se estivesse longe demais de seu escritório elegante no centro da cidade. Renzo cruzou as mãos sobre a mesa, o rosto sério e os olhos fixos no político.

— Diga-me, senhor Roselli, o que posso fazer pelo senhor?

O político limpou a garganta e inclinou-se para a frente.

— Renzo, todos conhecem sua... influência por aqui. — Ele escolhia cuidadosamente as palavras. — Eu tenho um problema. Alguns homens do sindicato estão causando problemas para mim. Tentando atrapalhar minha campanha de reeleição. Eles têm poder, mas... você tem respeito neste bairro. Eu preciso da sua ajuda para lidar com isso.

Packie, encostado na parede, soltou um assobio baixo, mas não disse nada. Joe apenas ergueu uma sobrancelha, observando Renzo.

Renzo permaneceu imóvel por um momento, acendendo um cigarro com cuidado. Ele deu uma tragada longa antes de falar, a voz calma e controlada.

— Senhor Roselli, você está pedindo algo que exige... delicadeza. — Ele fez uma pausa, soltando a fumaça lentamente. — Mas me diga, o que eu ganharia ajudando o senhor?

Roselli piscou, claramente surpreso pela ousadia do jovem. Ele ajustou a gravata, tentando recuperar o controle.

— Eu sou um homem com conexões. Posso garantir que você e seus... amigos... tenham certos privilégios. Certos negócios podem ser ignorados pelas autoridades, se é que me entende. Renzo inclinou-se um pouco para frente, os olhos nunca desviando dos de Roselli.

— Não estamos falando de privilégios, senhor Roselli. Estamos falando de respeito. Se eu fizer isso por você, você se lembrará de quem o ajudou. E um dia, pode ser que eu peça algo em troca. Quando esse dia chegar, espero que você esteja disposto a me ouvir.

O político hesitou, mas finalmente assentiu.

— Claro, Renzo. Você tem minha palavra.

Renzo levantou-se, estendendo a mão. Roselli apertou-a com relutância, como se estivesse assinando um pacto invisível.

— Packie. — Renzo chamou sem desviar os olhos de Roselli.

— Cuide disso. Certifique-se de que seja rápido e... limpo.

Packie sorriu, acenando com a cabeça.

— Pode deixar, chefe — disse num tom cômico, zombando do amigo.

Quando Roselli e seu assistente saíram, Joe finalmente falou, rindo baixo.

— Você está brincando com fogo, Renzo. Um político? Sabe como isso pode terminar.

Renzo deu de ombros, apagando o cigarro no cinzeiro.

— Fogo, Joe, é exatamente o que precisamos para ascender. E lembre-se... — Ele olhou para os dois, o olhar frio e calculado.

— No final, todos precisam de favores.

Joe e Packie se entreolharam, e o silêncio reinou enquanto Renzo pegava outro cigarro e observava pela janela. Do lado de fora, o bairro seguia em sua rotina, mas Renzo sabia que, pouco a pouco, ele estava se tornando mais do que um nome conhecido. Estava se tornando o homem que todos respeitavam — ou temiam.

Horas se passaram após a visita de Roselli. A luz do sol foi substituída pelas sombras da noite, que transformavam o bairro em um cenário sombrio, mas vivo. Lojas fechando, bares abrindo. Crianças corriam pelas ruas estreitas, enquanto homens conversavam em vozes baixas nas esquinas. Renzo estava sentado à mesa do apartamento, agora vazio, exceto por Joe e Packie.

A atmosfera era pesada, cheia de expectativa. Packie estava mexendo em um punhado de fichas de pôquer na mesa, enquanto Joe, de braços cruzados, encostava-se na janela aberta, olhando para fora.

— Esse político... — começou Packie, quebrando o silêncio. — Ele parece desesperado. Gente desesperada é imprevisível.

— E útil, — respondeu Renzo sem levantar os olhos do copo de vinho tinto que girava entre os dedos. Sua voz era baixa, mas carregada de convicção. — Um homem como ele, quando está encurralado, faz o que você manda. E quando ele ganhar, ele vai lembrar quem o ajudou.

Joe virou-se da janela, encarando Renzo.

— Ou ele nos esquece. Já vimos isso antes, Renzo. Gente que promete o mundo e depois se vira contra nós quando se sente segura.

Renzo finalmente olhou para Joe, os olhos escuros e fixos, como se estivesse analisando a alma do homem.

— Se ele esquecer, Joe, nós o faremos lembrar.

O silêncio voltou a reinar, apenas o som suave das fichas na mão de Packie preenchendo o espaço. Finalmente, Joe assentiu, reconhecendo a determinação de Renzo.

Um batida na porta interrompeu o momento. Era firme, mas controlada, como alguém que sabia onde estava e quem era o dono do lugar. Packie levantou-se para atender, mas Renzo fez um gesto com a mão para que ele parasse.

— Deixe-me.

Renzo caminhou até a porta e abriu com calma. Do outro lado, estava um homem de meia-idade, vestindo um terno marrom desgastado. Seu rosto era marcado por rugas e um bigode grosso, típico dos homens de trabalho do bairro. Ele segurava o chapéu nas mãos, apertando-o nervosamente.

— Don Pegorino, — disse o homem, com uma voz trêmula, mas respeitosa. — Preciso de sua ajuda.

Renzo analisou o homem por um momento antes de abrir a porta completamente e dar um passo para o lado.

— Entre, senhor. Fale comigo.

O homem entrou, hesitante, olhando para Packie e Joe, que o observavam como predadores avaliando sua presa. Renzo gesticulou para uma cadeira.

— Sente-se.

O homem sentou-se, segurando o chapéu no colo, enquanto Renzo retornava à sua cadeira, olhando para ele com paciência.

— Qual é o problema? — perguntou Renzo, com a voz calma e firme.

— Meu filho... — começou o homem, a voz falhando. Ele limpou a garganta e continuou. — Ele se meteu com umas pessoas erradas. Devia dinheiro no bar do Jones e não conseguiu pagar. Eles o pegaram... e disseram que, se eu não pagar até amanhã à noite, vão machucá-lo.

Renzo observou o homem, seu rosto sem emoção. Ele pegou o cigarro que estava no cinzeiro e o acendeu, dando uma tragada antes de falar.

— Quanto ele deve?

— Duzentos dólares, senhor. — O homem abaixou a cabeça, envergonhado.

Renzo assentiu lentamente, soltando a fumaça no ar.

— Eu ajudarei você. Mas preciso que entenda algo. — Ele inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Esse favor não é de graça. Um dia, eu chamarei por você, e espero que esteja pronto para retribuir.

O homem levantou a cabeça rapidamente, seus olhos arregalados.

— Qualquer coisa, Don Pegorino. Eu farei o que for necessário.

Renzo recostou-se na cadeira, satisfeito.

— Joe, vá até o Jones amanhã de manhã e resolva isso. Deixe claro que o garoto não deve mais nada.

— Pode deixar, amigo, — respondeu Joe com um sorriso torto.

Renzo levantou-se e colocou a mão no ombro do homem.

— Vá para casa, senhor. Cuide do seu filho.

O homem levantou-se e apertou a mão de Renzo com força, a gratidão evidente em seu rosto.

— Obrigado, Don Pegorino. Que Deus o abençoe.

Quando o homem saiu, Packie riu e balançou a cabeça.

— Você é mesmo o padrinho deste bairro agora, Renzo.

Renzo não respondeu. Ele voltou para sua cadeira, pegou o copo de vinho e olhou para a rua pela janela aberta.

— Não sou padrinho de ninguém, Packie. Ainda não.

Mas, no fundo, ele sabia que o bairro já era seu, e que, passo a passo, ele estava se tornando algo maior do que jamais poderia ter imaginado.

O dia seguinte amanheceu em meio a um ritmo frenético no bairro. As calçadas de Nova York, sempre agitadas, refletiam a movimentação de uma comunidade em expansão. Renzo estava sentado em sua cadeira usual, no pequeno escritório que improvisaram dentro do apartamento. Era um espaço simples, mas funcional: uma mesa robusta de madeira, um cinzeiro sempre cheio, e uma pequena bandeja com uma garrafa de conhaque. Ao seu lado, Packie e Joe, sempre vigilantes.

Renzo, com 21 anos, havia se tornado uma figura central no bairro. Não era apenas um chefe, mas um homem que ouvia, persuadia e resolvia. Suas palavras eram medidas, suas promessas cumpridas. Ele sabia que poder não vinha apenas das armas, mas da confiança.

O primeiro visitante do dia chegou cedo. Um homem magro, bem vestido, mas visivelmente nervoso. Ele tinha as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, e seus olhos evitavam contato direto com Renzo.

— Entre, — disse Renzo calmamente, acenando para a cadeira à sua frente.

O homem se sentou, tirando o chapéu e colocando-o no colo.

— Don Pegorino, — começou ele, a voz hesitante. — Meu nome é Dominic Ruggiero. Eu possuo um restaurante aqui no bairro... Um lugar pequeno, mas respeitado.

— Eu sei quem você é, Dominic, — respondeu Renzo, com um leve sorriso. — Você faz o melhor molho marinara da cidade. O que o traz aqui?

Dominic soltou um suspiro profundo, como se carregasse o peso do mundo.

– O imposto de propriedade está acabando comigo. E agora, algumas pessoas começaram a cobrar para "proteger" meu restaurante...

Renzo ergueu uma sobrancelha.

– Pessoas como quem?

– Homens que trabalham para Tommy Volpe. Eles dizem que eu preciso pagar, ou coisas ruins vão acontecer.

Renzo cruzou os dedos sobre a mesa, sua expressão séria.

– Dominic, escute-me. Eu não permito que homens como Volpe façam isso no meu bairro. Você não vai pagar um centavo para eles. Deixe-me cuidar disso.

Dominic olhou para ele, a esperança evidente em seu rosto.

– Obrigado, Don Renzo. Eu... Eu farei qualquer coisa para retribuir.

Renzo inclinou-se para frente.

– Quando chegar a hora, Dominic, você será um amigo para mim, e eu lhe pedirei algo, e você irá me atender. Agora, vá cuidar do seu restaurante.

Enquanto Dominic saía, Joe assobiou baixinho.

– Mais um amigo no bolso, hein?

– Amigo não, Joe, — corrigiu Renzo, com um leve sorriso. — Investimento.

Mais tarde, Renzo trocou seu usual terno modesto por algo mais refinado. Ele estava indo a um jantar privado em um salão do outro lado do bairro, organizado por um político local, Salvatore Gallo. Gallo era um homem ambicioso, que buscava o apoio de Renzo para sua campanha de reeleição.

O salão estava iluminado por lustres de cristal, e a música suave preenchia o ambiente. Gallo aproximou-se de Renzo com um sorriso largo, estendendo a mão.

– Don Pegorino, que prazer vê-lo aqui.

Renzo apertou a mão do homem, seus olhos fixos e frios.

– Salvatore, sempre um anfitrião generoso.

Os dois sentaram-se em uma mesa reservada no canto do salão, longe dos ouvidos curiosos.

— Precisamos de líderes fortes como você para garantir que nosso bairro continue prosperando, — disse Gallo, com um tom bajulador.

Renzo inclinou-se ligeiramente, girando o copo de vinho em suas mãos.

— Líderes fortes precisam de aliados confiáveis, Salvatore. Eu posso ajudar você, mas minha ajuda não é gratuita.

Gallo deu um sorriso nervoso, limpando a testa com um lenço.

— O que você tem em mente?

Renzo colocou o copo de vinho na mesa com cuidado.

— Quero garantias de que meus negócios continuarão intocados. E quero que você defenda nossos interesses na câmara. Não apenas os meus, mas os do bairro. Educação. Segurança. Infraestrutura. Isso fortalece todos nós.

Salvatore assentiu rapidamente, percebendo que negociar com Renzo significava mais do que dinheiro.

— Considere feito, Don Pegorino. Você tem meu compromisso.

Renzo sorriu suavemente.

— Ótimo. Vamos fazer grandes coisas juntos, Salvatore.

Naquela noite, Renzo retornou ao apartamento com Packie e Joe, exaustos, mas satisfeitos. Enquanto Joe brincava sobre o quão desconfortável era usar um terno, Renzo sentou-se na poltrona e acendeu um cigarro.

— Hoje foi um bom dia, Renzo, — disse Packie, colocando uma garrafa de cerveja na mesa.

Renzo deu uma tragada longa no cigarro e sorriu de lado.

— Um bom dia, Packie. Mas amanhã será melhor.

Ele sabia que cada conversa, cada favor e cada negociação eram tijolos em uma fundação maior. Ele estava construindo

algo que duraria gerações. O respeito estava crescendo, e o nome Renzo Pegorino começava a ecoar não apenas no bairro, mas em toda a cidade.

XIII

Tony Romano

A noite estava quente em New York. As ruas do bairro médio onde Renzo operava eram iluminadas pelos postes antigos, e o cheiro de charutos, vinho e massa fresca se misturava ao ar pesado de verão. No pequeno apartamento que dividia com Packie e Joe, Renzo desfrutava de um copo de uísque importado, analisando papéis de sua última movimentação financeira.

O barulho de passos pesados na escada de madeira interrompeu a calmaria. A porta se abriu sem cerimônia, e um homem grande, vestindo um terno italiano impecável, entrou sem ser convidado.

Era Anthony “Tony” Romano, um veterano do crime de Manhattan, um homem que carregava em seu nome décadas de poder e medo. Atrás dele, dois capangas de rostos duros e expressões fechadas.

Renzo não levantou os olhos imediatamente. Continuou girando o copo de uísque na mão, deixando que o silêncio falasse primeiro.

Tony quebrou o silêncio com um riso curto e seco.

— O famoso Renzo Pegorino... — disse ele, cruzando os braços. — O garoto que quer brincar de Don.

Packie e Joe se entreolharam, já atentos ao tom de ameaça na voz do homem. Mas Renzo permaneceu impassível, apenas um pequeno sorriso se formando no canto dos lábios.

— E o que posso fazer por você, Tony? — perguntou Renzo, sua voz calma, quase melancólica.

Tony caminhou lentamente pelo apartamento, observando os detalhes. Um lugar simples, mas elegante. Um rádio tocava uma música italiana suave ao fundo. No canto, uma mesa com cartas de baralho e fichas de pôquer.

— O que pode fazer por mim? — repetiu Tony, fingindo refletir. Ele virou-se abruptamente e bateu as mãos na mesa.

— Pode começar me explicando por que diabos está metendo suas mãos nos meus negócios!

Packie deu um passo à frente, mas Renzo ergueu a mão, controlando a situação. Ele se inclinou para frente, pousando o copo devagar sobre a mesa, os olhos finalmente encontrando os de Tony.

— Os seus negócios? — Renzo perguntou, um tom de incredulidade na voz.

Tony sorriu, mas não havia humor ali.

— Vamos falar sério, garoto. Eu estava aqui muito antes de você. As casas de jogo, as apostas, as garotas... tudo isso tem dono. E eu não me lembro de ter dado permissão pra você colocar seus dedos nisso.

Renzo permaneceu impassível. Pegou um cigarro do maço sobre a mesa, acendeu-o com calma e soltou a fumaça antes de responder.

— Engraçado, Tony. Porque no meu bairro, quando um homem quer algo, ele pede. Ele não entra na casa de outro homem sem convite, fazendo ameaças baratas.

Tony cerrou a mandíbula. Ele não estava acostumado a ser desafiado dessa forma, ainda mais por um jovem que mal tinha 21 anos.

— Você não está entendendo com quem está lidando, moleque. — Tony aproximou-se, apoiando as duas mãos na mesa. — Se continuar mexendo onde não deve, eu mesmo corto suas pernas e te joga no East River.

O silêncio caiu como uma lâmina na sala. Joe e Packie seguraram a respiração, esperando o que viria a seguir.

Renzo, no entanto, sorriu. Não um sorriso largo, mas um pequeno e calculado, como se estivesse se divertindo. Ele se levantou, ajeitou o paletó e caminhou lentamente até Tony, parando a poucos centímetros do homem.

— Deixe-me te contar algo sobre ameaças, Tony... — disse Renzo em um tom tão baixo que forçou o mafioso a prestar atenção. — Quando um homem precisa dizê-las em voz alta, é porque já perdeu o controle.

Tony piscou, confuso por um momento.

— O que você disse?

Renzo inclinou levemente a cabeça.

— Se você tivesse o poder que pensa que tem, não precisaria vir aqui. O simples rumor de que você estava insatisfeito já bastaria para eu desaparecer. Mas, veja bem... você veio. Você teve que subir essas escadas, bater à minha porta, dizer meu nome com raiva. — Ele deu um meio sorriso. — Isso significa que você tem medo.

Os capangas de Tony se mexeram desconfortáveis, percebendo a verdade nas palavras de Renzo.

— Você está jogando um jogo perigoso, garoto... — murmurou Tony, agora com menos convicção.

Renzo deu um passo ao lado dele e sussurrou no ouvido do mafioso:

— O único jogo que vale a pena jogar.

Então, Renzo recuou, ajeitou a lapela do próprio paletó e apagou o cigarro no cinzeiro. Ele gesticulou para Packie, que se aproximou e colocou um envelope de couro sobre a mesa.

– Aqui dentro tem tudo o que precisa saber. Contas. Movimentações. E um pequeno presente. Você vai ver que não sou um problema... mas sim uma oportunidade.

Tony hesitou, olhando o envelope como se fosse uma armadilha. Renzo percebeu e inclinou-se ligeiramente.

– Não aceite se não quiser, Tony. Você pode sair por aquela porta e voltar para sua parte da cidade... Mas eu prometo, da próxima vez que entrar no meu bairro sem pedir permissão, você não sairá andando.

O silêncio era sufocante.

Por um instante, Tony pareceu considerar se reagiria ou não. Mas então, com um olhar longo para Renzo, ele pegou o envelope e enfiou no bolso do paletó.

– Você é esperto... – murmurou. – Mas cuidado, garoto. Os inteligentes demais acabam com um tiro atrás da cabeça. Renzo sorriu de novo, mas dessa vez, havia algo frio em seus olhos.

– Então certifique-se de que quem atirar em mim seja mais esperto que eu.

Tony não respondeu. Apenas virou-se e saiu do apartamento, os capangas seguindo logo atrás.

Quando a porta se fechou, Joe soltou um suspiro longo e riu baixinho.

– Cara... Você mexe com o diabo e nem pisca.

Packie acendeu um cigarro e balançou a cabeça, impressionado.

Renzo apenas pegou seu copo de uísque e voltou a se sentar. Ele sabia que essa noite marcaria o começo de algo novo. Tony Romano entendia poder, mas Renzo entendia algo ainda mais importante: influência.

E influência, ao contrário do medo, não desaparece da noite para o dia.

Renzo girava o gelo no copo de uísque, observando o reflexo das luzes fracas da cidade através da janela do apartamento. Tony Romano saíra há pouco, mas sua presença ainda pairava no ar, como o cheiro de pólvora após um disparo.

Joe estava largado no sofá, jogando cartas sobre a mesa, mas claramente atento ao que Renzo diria. Packie, por sua vez, tragava seu cigarro lentamente, os olhos fixos no padrinho.

Renzo pousou o copo e cruzou as mãos sobre a mesa.

— Romano não vai deixar isso pra lá. Ele não é do tipo que aceita ser desafiado e engole calado.

Packie assentiu.

— O filho da puta tem orgulho. Vai querer mostrar que ainda manda.

Joe riu.

— Sim, e sabe como esses caras são. Passam a vida toda se achando reis, até perceberem que tem alguém mais jovem, mais esperto, mais faminto... Aí eles começam a suar frio.

Renzo fez um leve movimento de cabeça, como se já soubesse disso há muito tempo.

— Exato. E um homem acuado é um homem perigoso. Romano pode estar considerando duas opções agora: se aliar a mim... ou me derrubar.

Packie apagou o cigarro no cinzeiro de vidro e se inclinou para frente.

— E como vamos descobrir qual das duas ele escolheu?

Renzo deu um pequeno sorriso.

— Nós não vamos perguntar. Vamos observar.

Joe riu de novo, pegando outra carta do baralho.

— Isso significa que vai mandar uns dos nossos pra ficarem no pé dele?

Renzo pegou o copo de uísque, bebeu um gole e então olhou diretamente para Packie.

— Você vai cuidar disso, Packie. Quero olhos nele o tempo todo. Quero saber onde ele come, onde dorme, quem ele fode, quais padres ele suborna, quais policiais enfiam dinheiro no bolso dele. **Tudo**.

Packie acendeu outro cigarro e sorriu, um brilho de empolgação nos olhos.

— Vai ser um prazer.

Renzo continuou:

— Não quero barulho. Não quero gente seguindo ele de maneira óbvia. Escolha homens discretos. Mantenham distância, mas estejam perto o suficiente para ouvir. E mais importante... — ele inclinou-se levemente para frente. — Não façam nada precipitado. Não tocamos nele até que eu diga.

Packie soprou a fumaça do cigarro lentamente.

— E se ele perceber?

Renzo apoiou o cotovelo na mesa e descansou o queixo sobre os dedos entrelaçados. Seu olhar era calmo, mas carregava uma certeza absoluta.

— Se Romano perceber que estamos vigiando, ele vai ter duas escolhas: se esconder ou nos enfrentar. Se ele se esconder, já sabemos que tem algo a temer. Se nos enfrentar... — Renzo fez uma pausa breve. — Vamos ensiná-lo quem manda nesse jogo.

O silêncio caiu sobre o pequeno apartamento. A tensão no ar era palpável.

Joe largou as cartas e olhou para Renzo.

— Tem certeza que isso não vai dar merda?

Renzo sorriu de canto.

— Joe, se você quer crescer neste mundo, precisa entender uma coisa... — Ele pegou o copo de uísque e girou o gelo lentamente. — Tudo é um jogo. A única diferença é quem sabe jogá-lo e quem não sabe.

Packie se levantou, pegou o paletó no encosto da cadeira e ajeitou as mangas.

— Vou reunir os homens certos.

Renzo levantou o copo, num gesto de despedida.

— Faça isso.

Packie saiu pela porta sem mais palavras. Ele sabia o que fazer.

Joe pegou mais uma carta e olhou para Renzo.

— Você acha que ele vai tomar uma atitude contra a gente?

Renzo girou o gelo no copo mais uma vez e soltou um pequeno suspiro.

— Não sei. Mas se for esperto... ele não vai tentar.

A noite seguiu, mas Renzo sabia que a partida tinha acabado de começar.

XIV

Um Homem Que Erra, Morre

O tempo corria devagar para Tony Romano. Ele sentia isso.

Os dias tinham se tornado mais curtos. As noites, mais longas. Ele dormia menos. Acordava com os olhos ardendo, sentindo que algo rastejava ao seu redor, pronto para atacá-lo.

Packie e seus homens estavam em toda parte. Ele os via de relance pelo retrovisor. Parados nas esquinas, lendo jornais. No outro lado da rua, dentro de um carro com os vidros escurecidos. Sempre ali. Sempre observando.

Romano tentou reagir.

Mudou suas rotinas. Cancelou reuniões. Desviou de rotas antigas. Passou a dirigir sozinho. Despediu o motorista e os seguranças que conhecia há anos, trocando por outros que não confiava, mas que, pelo menos, não estavam comprometidos.

Ele nunca havia se sentido assim antes. Não quando era jovem e saía no braço pelas ruas do Brooklyn. Não quando precisou

cortar a garganta de um traidor na cozinha de um restaurante. Mas agora?

Agora ele estava encurralado.

Um homem nervoso erra. Um homem que erra, morre.

Renzo Pegorino sabia disso. Ele apenas esperava.

Os homens de Renzo se moviam como cirurgiões. O primeiro golpe foi certo.

Leonard Strauss.

O contador pessoal de Romano. A única pessoa que sabia onde cada centavo estava escondido. O único homem que Romano confiava cegamente.

A abordagem foi metódica. Dois homens de Renzo interceptaram Strauss numa noite comum. Ele e a esposa tinham acabado de sair de um restaurante caro no Upper West Side. Quando o manobrista trouxe o carro, havia dois homens parados ao lado da porta aberta.

— Boa noite, senhor Strauss.

A voz era calma. Perigosa.

Strauss parou no mesmo instante. Sua esposa, segurando sua mão, sentiu o tremor nos dedos dele. Nenhum dos dois homens usava armas visíveis. Nenhuma ameaça direta.

— O senhor vem com a gente.

Strauss entendeu. Não discutiu. Entrou no carro.

Lá dentro, o cheiro de tabaco misturado uísque impregnava o ar. Dois homens esperavam. Um deles segurava um cigarro entre os dedos. O outro, apenas observava.

— Escute, Leonard. — A voz veio sem pressa. Sem hesitação.

— Seu chefe tá acabado.

Strauss ficou em silêncio.

— Mas eu sou um homem generoso. — A voz continuou. Sem pressa. Sem emoção. — Três dias. Você vem trabalhar pra gente. Ou a gente resolve isso de outro jeito.

Strauss sabia o que aquilo significava. Não pediu tempo. Não tentou negociar. Apenas assentiu com a cabeça. E saiu do carro.

Três dias depois, Strauss estava trabalhando para Renzo Pegorino.

Romano não soube imediatamente. Mas quando descobriu... Ele não reagiu na hora. Ficou sentado em silêncio, segurando o telefone, enquanto Strauss explicava, do outro lado da linha, sem pressa, sem hesitação, que havia mudado de lado.

— Desculpe, Tony. Você perdeu.

Romano não desligou. Ficou segurando o telefone, os olhos fixos no nada. Por alguns segundos, nem respirou.

Então, a raiva explodiu.

Ele ligou para todos os seus homens mais antigos. Reuniu o que restava da sua gangue em um restaurante barato no Queens.

A mesa estava cheia. O garçom trouxe bebidas. Mas ninguém bebia.

— Esse filho da puta acha que pode me cercar? Ele acha que eu vou ficar sentado esperando?

Silêncio.

Um dos capangas mexeu no cigarro entre os dedos, sem acendê-lo.

— Se a gente for pra guerra com o Pegorino, a gente perde.

Romano encarou o homem por um longo tempo. Mas ele sabia. Sabia que era verdade.

Pouco a pouco, os homens foram se levantando. Eles murmuravam desculpas, jogavam dinheiro sobre a mesa, iam embora um por um.

Quando Romano percebeu, estava sentado sozinho.

Foi então que o recado chegou.

Simples.

"Ristorante Bennucci. Amanhã. Oito da noite."

Não havia pedidos. Não havia ameaças. Apenas uma hora e um endereço.

Romano sabia o que aquilo significava.

Ele não tinha escolha.

Ele apareceu.

O Ristorante Bennucci era um estabelecimento pequeno e discreto, mas tradicional. Toalhas brancas impecáveis, talheres polidos, velhos garçons que atendiam os mesmos clientes há décadas. O bar no fundo do salão era iluminado por uma luz âmbar suave.

Renzo já estava sentado. Vestia um terno preto sob medida, com um lenço escuro no bolso. Seu cabelo estava bem penteado, o rosto barbeado. Diante dele, uma garrafa de vinho e duas taças.

Packie e Joe estavam no restaurante, mas sentaram-se afastados, observando de longe. Outros homens de confiança estavam espalhados pelo ambiente.

Romano entrou e parou por um instante na porta, examinando o lugar. Ele usava um paletó cinza, uma camisa de seda escura e sapatos bem engraxados. Seu cabelo grisalho estava penteado para trás. Seu rosto era o de um homem que tinha dormido pouco nas últimas semanas.

Ele caminhou até a mesa sem pressa, sentou-se e ajeitou o paletó.

— O garoto quer jantar com o velho — disse ele. — Devia me chamar de Tio Tony.

Renzo pegou a garrafa e serviu o vinho em ambas as taças. Empurrou uma delas para Romano.

— Você veio.

Romano pegou a taça, mas não bebeu.

— Se eu não viesse, você mandava seus cães atrás de mim?

— Eu sou um homem de negócios. Não preciso de cães.

Romano riu secamente.

— E o que um homem de negócios quer comigo?

Renzo segurou a taça entre os dedos, sem beber.

— Quero que você entenda sua posição.

Romano franziu a testa.

— Minha posição?

Renzo não piscou.

— Você já perdeu.

Romano ficou em silêncio por alguns segundos. Então, sorriu de um jeito que não combinava com a expressão nos seus olhos.

— Você é um garoto. Não sabe o que está falando.

Renzo recostou-se na cadeira.

— Seu contador trabalha para mim. Seus homens antigos não confiam mais em você. Seu dinheiro está sendo drenado. Você acha que pode reverter isso?

Romano respirou fundo.

— Lealdade vale mais que dinheiro.

Renzo assentiu.

— Sim. Mas quando o dinheiro acaba, a lealdade desaparece.

Romano apertou a mandíbula, e seus dedos seguraram a borda da taça com mais força.

— Você não entende nada. Eu estive nesse jogo antes de você nascer. Já vi moleques como você subirem e caírem. Você acha que ganhou porque tem alguns capangas e um contador?

Renzo permaneceu impassível.

— Eu **sei** que ganhei.

Os dois se encararam. O restaurante parecia mais silencioso do que antes.

Romano largou a taça na mesa e recostou-se na cadeira.

— Então me diz, garoto... o que você quer?

Renzo pegou um pedaço de pão, mergulhou-o no azeite e mastigou calmamente. Limpou os dedos no guardanapo antes de responder.

— Quero que você saia. Pegue o que restou do seu dinheiro e desapareça.

Romano riu baixinho.

— Você quer que eu me aposente?

— Sim. Quero que você viva o resto da sua vida em paz.

— E se eu recusar?

Renzo limpou a boca com o guardanapo e o colocou sobre a mesa.

— Se recusar, você morre.

O silêncio foi absoluto. Romano olhou para Renzo por um longo tempo. Depois pegou sua taça e tomou um gole de vinho. Quando pousou a taça na mesa, sorriu de um jeito estranho.

— Você me lembra alguém.

Renzo ergueu uma sobrancelha.

— Quem?

Romano inclinou-se para frente.

— **Eu, quando era mais novo.**

Renzo não respondeu.

Romano empurrou a cadeira para trás e se levantou.

— Você é esperto, Renzo. Mas cuidado. Inteligência demais pode ser um fardo.

Ele virou-se e saiu do restaurante sem olhar para trás.

Joe assobiou baixinho, encostado no balcão.

— Esse velho ainda acha que tem alguma chance.

Packie tragou o cigarro e soltou a fumaça devagar.

— Não. Ele sabe que perdeu. Mas velhos lobos não morrem sem uivar.

Renzo permaneceu sentado, imóvel. Pegou a taça e tomou um gole de vinho.

Ele sabia que, naquela noite, **Tony Romano havia se tornado um homem morto.**

XV

Meus Pêsames

Três dias após o jantar.

Tony Romano passou os últimos dias trancado em sua mansão, paranoico. Ele sentia a morte se aproximando. Velhos instintos lhe diziam que algo estava errado. O silêncio ao seu redor não era segurança — era uma armadilha. Seus homens de confiança estavam inquietos, nervosos. Alguns desapareceram sem explicação. Outros já haviam escolhido um novo lado.

Naquela noite, Romano estava sozinho em seu escritório, bebendo. O copo de cristal com uísque descansava sobre a mesa de mogno. Na parede, fotos antigas de um tempo que já não existia mais. Ele via seu próprio rosto mais jovem, ao lado de homens que estavam mortos. Ele sobreviveu a tantos. Mas não sobreviveria a este.

O relógio marcava 23:17 quando ouviu um som no corredor. Romano esticou a mão para a gaveta e puxou seu revólver. Levantou-se devagar, o olhar fixo na porta.

— Quem está aí?

Silêncio.

Então, três tiros romperam o silêncio da noite.

Os disparos atingiram Romano no peito, jogando-o contra a estante de livros. O impacto o fez derrubar um porta-retratos. Ele deslizou até o chão, ofegante.

O cheiro de pólvora preencheu a sala.

A última coisa que viu foi Packie parado à sua frente, a pistola ainda fumegante na mão. Packie olhava para ele com um sorriso torto, satisfeito. Ele se abaixou, aproximou o rosto e murmurou:

— Don Pegorino manda lembranças, seu filho da puta.

Romano tentou responder, mas apenas sangue saiu de sua boca. Seu corpo começou a falhar. O calor do sangue escorrendo pelo peito o enfraquecia. Ele piscou devagar, sua visão ficando embaçada.

A última coisa que ouviu foi a risada de Packie antes da escuridão tomar conta.

Dois dias haviam se passado, a mulher de Romano fora quem encontrou seu corpo morto, e junto com amigos e família programaram um velório.

No dia do fúnebre enterro, a igreja estava cheia. O caixão fechado no centro, cercado de flores brancas. A viúva de Romano, vestida de preto, chorava silenciosamente. Os filhos do mafioso estavam ao seu lado, alguns cabisbaixos, outros olhando ao redor, tentando entender o que realmente havia acontecido.

Havia sussurros por toda parte. Todos sabiam que Romano foi executado. Mas ninguém falava isso em voz alta.

Então, um carro preto parou diante da igreja.

Os murmúrios cessaram. Os olhares se voltaram para a porta.

A porta do carro se abriu lentamente, e Joe saiu. Seu terno preto era impecável. Seus sapatos brilhavam sob a luz dos postes. Ele segurava um buquê enorme, caro, de rosas vermelhas.

Joe entrou na igreja sem pressa. Caminhou até o caixão com uma expressão séria, solene. Algumas pessoas se afastaram ao vê-lo passar. Quando chegou perto, entregou as flores à viúva.

Ela olhou para ele com olhos inchados de lágrimas.

Joe se inclinou levemente para frente e sussurrou:

— Meus pêsames. Uma perda trágica. Don Pegorino manda suas condolências.

A viúva tremeu ao ouvir o nome.

Joe se endireitou, deu um último olhar para o caixão e virou-se para sair.

Quando passou pela porta da igreja, ele sorriu discretamente. A cidade inteira sabia quem estava no comando agora.

XVI

A Dama e o Don

O Restaurante Valentino estava lotado. Homens de terno bem cortado e cabelos penteados para trás conversavam animadamente, suas vozes ecoando pelo salão decorado com tapeçarias italianas e um lustre de cristal imponente no centro. A fumaça dos charutos misturava-se ao aroma da comida recém-servida — nhoque ao sugo, ossobuco, lagosta grelhada, garrafas de vinho Barolo cuidadosamente selecionadas.

Renzo Bellini estava sentado na cabeceira de uma mesa longa, uma posição de respeito e poder. Ao seu redor, os homens mais influentes do bairro, políticos locais, empresários e figuras do submundo criminoso conversavam, riam e brindavam discretamente ao seu sucesso.

Ele não precisava dizer o motivo daquela festa. Todos sabiam. Tony Romano estava morto.

E agora, a cidade sabia quem mandava ali.

Luciano Clemenza chegou tarde, como sempre fazia questão de chegar. Ele entrou com seu terno preto impecável e uma postura imponente, cercado por dois de seus homens de confiança. O barulho das conversas diminuiu levemente quando ele cruzou o salão.

Renzo levantou-se e estendeu a mão.

– Don Clemenza.

Luciano apertou a mão do jovem e lhe lançou um olhar avaliador.

– Uma bela festa, garoto.

– Apenas um jantar entre amigos – Renzo disse, sem pressa, como se a presença do chefe mais velho não o intimidasse.

Luciano soltou um leve sorriso e pegou uma taça de vinho.

– Aos bons negócios.

– Aos bons negócios – Renzo repetiu, e os homens brindaram.

Ao lado de Clemenza, um homem baixo, corpulento e de cabelos grisalhos aproximou-se da mesa de Renzo. Era Sally Martino, um dos maiores agiotas da cidade. Ele deu um tapinha no ombro do jovem Don.

– Você tem um bom gosto, Bellini. Essa festa aqui é digna de um príncipe – ele disse, olhando ao redor.

Renzo deu de ombros.

– Apenas faço o que é certo para os meus amigos.

Sally soltou uma risada e se inclinou para cochichar:

– Você me lembra alguém... Alguém que, muitos anos atrás, começou com pouco e acabou mandando nesta cidade.

Renzo manteve-se impassível.

– Veremos, Sally. O tempo dirá.

Ao lado, um homem de cabelos negros penteados para trás e um paletó azul marinho com um lenço dourado no bolso aproximou-se com um sorriso. Vincenzo Costa, dono de uma rede de cassinos ilegais.

– Bellini, preciso falar contigo sobre Atlantic City. Há oportunidades ali, e um jovem ambicioso como você pode se interessar...

Renzo girou o copo de vinho na mão antes de responder:

– Vamos conversar sobre isso em outro momento, Vincenzo. Mas, por enquanto, aproveite a festa.

Enquanto os homens conversavam, Renzo sentiu um olhar sobre ele.

Ele levantou o rosto e a viu.

Ela estava a alguns metros de distância, conversando com um grupo de mulheres bem-vestidas. Os cabelos eram longos e castanhos, os olhos verdes, a pele clara e impecável. Seu vestido azul claro desenhava perfeitamente o corpo jovem e elegante. Ela era diferente das mulheres habituais que circulavam nesses eventos — não era apenas bela, havia algo a mais nela.

Ela parecia inacessível.

Mas, por um breve instante, seus olhos encontraram os dele.

Foi o bastante.

Renzo desviou o olhar, voltou a beber seu vinho, mas sentiu o coração acelerar levemente — a primeira vez que algo realmente o surpreendia naquela noite.

Packie, que estava ao seu lado, notou.

— Quem é a princesa?

Renzo não respondeu de imediato. Apenas ergueu levemente o copo e olhou novamente para ela.

Ela também o olhava.

Mas, desta vez, não desviou.

Joe, observando a troca de olhares, riu baixo.

— Parece que o Don encontrou algo mais interessante do que a morte de Romano.

Renzo soltou uma leve risada e, sem pressa, apagou seu charuto no cinzeiro de prata à sua frente.

Ele precisava saber quem ela era.

A noite avançava. O restaurante continuava cheio, as conversas animadas, os brindes discretos. Renzo, porém, não tirava Emilia Abramovitz da cabeça.

Quem era ela?

Ele nunca a tinha visto antes, e Renzo conhecia todas as mulheres que circulavam nesses eventos. As esposas, as amantes, as filhas dos homens poderosos. Mas ela? Ela era diferente. Não parecia pertencer àquele mundo, mas, ao mesmo tempo, estava ali.

Ele acenou discretamente para Packie, que se inclinou para ouvi-lo.

— Descubra quem é ela.

Packie sorriu.

— Você nunca foi de se interessar por essas coisas, chefe.

— Apenas descubra.

Packie piscou e saiu caminhando entre as mesas. Ele não precisava perguntar diretamente. Sabia exatamente quem procurar.

Poucos minutos depois, Packie voltou e se sentou ao lado de Renzo. Pegou seu copo de uísque e deu um gole, como se fosse falar sobre algo banal.

— Emilia Abramovitz.

Renzo girou o copo de vinho na mão, repetindo o nome em sua mente.

— Quem é ela?

Packie deu de ombros.

— Ninguém parece saber direito. Chegou há pouco tempo em Nova York. Parece ser de uma família rica, mas não anda dizendo o sobrenome dela com muito orgulho.

Renzo arqueou uma sobrancelha.

— E o que mais?

— Não está acompanhada de ninguém. Pelo menos, ninguém que tenha a cara de ser pai ou irmão.

Joe riu ao lado.

— Isso é um bom sinal, chefe.

Renzo não respondeu. Ele apenas levantou os olhos e encontrou os dela novamente.

Ela ainda o observava, agora com um pequeno sorriso no canto dos lábios.

Aquilo era um jogo. E Renzo sabia jogar.

Ele apagou seu charuto, ajustou os punhos do paletó e se levantou.

— Acho que é hora de me apresentar.

Renzo atravessou o restaurante sem pressa, sua postura sempre composta, o paletó perfeitamente alinhado. Ele sabia que todos os olhos estavam sobre ele, alguns com respeito, outros com medo. Mas naquele momento, ele só se importava com um olhar: o de Emilia Abramovitz.

Ela estava sentada sozinha, uma taça de vinho à sua frente, mexendo distraidamente no líquido escuro. O vestido azul-marinho que usava era elegante sem ser exagerado, revelando uma classe natural. Renzo se aproximou devagar, parando ao lado da mesa.

— Posso me sentar?

Ela levantou os olhos para ele, um brilho curioso em seu olhar.

— Eu não sei... Pode?

Renzo sorriu de canto, um sorriso contido, típico dele. A garota era esperta.

— Se a senhorita permitir.

Ela inclinou a cabeça levemente, analisando-o por um instante, e então fez um gesto discreto para que ele se sentasse.

— Você é muito educado — comentou, com um tom levemente provocador.

Renzo não respondeu de imediato. Em vez disso, pegou a garrafa de vinho e serviu a própria taça, sem pedir permissão. Depois de um gole, olhou diretamente para ela.

— Educação nunca fez mal a ninguém.

Ela riu baixo.

— E você deve ser um homem que sabe quando ser educado... e quando não ser.

Renzo sustentou o olhar dela, seu rosto permanecendo sereno, mas seus olhos demonstrando algo mais profundo.

— Algumas situações exigem tato. Outras, exigem firmeza.

Emilia girou sua taça entre os dedos, avaliando-o.

— Renzo, certo?

Ele assentiu.

— Renzo Bellini.

Ela ergueu a sobrancelha, como se já tivesse ouvido aquele nome antes.

— Emilia Abramovitz.

Renzo fingiu não reconhecer o sobrenome.

— Belo nome.

— Obrigada.

Um garçom se aproximou, quase hesitante, e Renzo fez um gesto sutil para que servisse mais vinho para ambos. Emilia observava tudo com atenção.

— Parece que as pessoas aqui te respeitam muito — comentou, depois que o garçom saiu.

Renzo sorriu de leve, encostando-se mais na cadeira.

— Respeito é algo que se conquista.

— E como você conquistou o seu?

Ele tomou mais um gole de vinho, mantendo os olhos fixos nos dela.

— Sendo um homem que cumpre a palavra.

O silêncio se prolongou por alguns segundos. Emilia não desviou o olhar, mas havia algo em sua expressão que indicava que ela gostava daquele jogo.

— Você tem um jeito interessante de falar, Renzo.

— E você tem um jeito interessante de observar.

Ela sorriu.

— Isso foi um elogio?

Renzo inclinou a cabeça, avaliando-a.

— Uma constatação.

Ela riu, levando a taça aos lábios.

— Acho que gosto de você, Renzo Bellini.

Renzo descansou o copo sobre a mesa, olhando-a nos olhos.

— Então me diga, Emilia Abramovitz... O que te trouxe para Nova York?

A expressão dela mudou por um segundo. Pequena, quase imperceptível, mas Renzo percebeu.

Ela desviou o olhar, tocando a borda da taça com os dedos.

— Assuntos de família.

Renzo não pressionou. Não ainda.

Ele apenas assentiu e mudou de assunto, mas já sabia de uma coisa:

Emilia Abramovitz estava fugindo de algo.

Renzo não era um homem apressado. Sabia que algumas coisas precisavam de tempo, e Emilia era uma delas. Ela era diferente. Não se intimidava com ele, nem tentava impressioná-lo. Havia um controle nos gestos dela, uma confiança que não era forçada.

— Você mora aqui há muito tempo? — ela perguntou, cruzando as pernas devagar, como se estivesse apenas preenchendo o silêncio entre eles.

Renzo girou o vinho na taça antes de responder.

— O suficiente para chamar isso de casa.

— E onde era a sua casa antes?

Ele ergueu a sobrancelha ligeiramente.

— Isso faz alguma diferença?

Ela sorriu.

— Talvez eu só queira conhecer você melhor.

— As pessoas que tentam me conhecer melhor geralmente querem alguma coisa de mim.

Ela apoiou o queixo na mão, observando-o com atenção.

— E o que te faz pensar que eu não sou diferente?

Renzo sorriu, mas não disse nada.

Emilia não cedia. E isso o deixava ainda mais interessado.

A noite continuou, e o restaurante, que antes estava cheio, começava a esvaziar. Renzo percebeu que Packie e Joe o observavam discretamente de uma mesa mais afastada. Eles estavam surpresos. Nunca tinham visto Renzo tão paciente com uma mulher.

— O que faz você ficar aqui, Emilia? — Renzo perguntou finalmente, sem rodeios.

Ela parou, e por um segundo, Renzo viu uma fissura naquela armadura impecável. Mas foi apenas um segundo.

— E por que você quer saber?

— Curiosidade.

— Curiosidade ou necessidade de controle?

Renzo riu baixo.

— Você acha que eu quero te controlar?

Ela ergueu o queixo ligeiramente.

— Acho que você quer entender as coisas à sua maneira. E que quando algo não faz sentido para você, você precisa encontrar uma explicação.

Renzo apoiou os braços sobre a mesa, olhando-a diretamente nos olhos.

— E isso te incomoda?

— Não — ela respondeu, pegando a taça e bebendo devagar.

— Me intriga.

A resposta dela o satisfaz. Ela não estava tentando fugir dele.

Ela queria entendê-lo tanto quanto ele queria entendê-la.

— Então acho que estamos quites — Renzo disse.

Ela sorriu de canto.

— Talvez.

O garçom trouxe a conta, mas antes que Emilia pegasse a bolsa, Renzo já havia resolvido tudo com um simples gesto.

— Você não precisava fazer isso.

— Mas eu fiz.

Ela inclinou a cabeça, avaliando-o.

— Você faz isso com todas as mulheres?

Renzo ficou em silêncio por um momento.

— Não.

Ela sorriu, como se estivesse satisfeita com a resposta.

Quando se levantaram, Renzo caminhou ao lado dela até a saída. Lá fora, a noite de Nova York era fria, o vento soprava forte, mas nenhum dos dois parecia se importar.

— E agora? — Emilia perguntou, olhando-o com curiosidade.

Renzo enfiou as mãos nos bolsos do paletó e a observou por um instante.

— Agora você me diz quando quer me ver de novo.

Ela riu.

— Você gosta de jogar, não gosta?

— Só quando o jogo vale a pena.

Ela segurou o olhar dele por alguns segundos. Então, inclinou-se levemente, aproximando-se de seu rosto, mas ao invés de um beijo, apenas sussurrou em seu ouvido:

— Boa noite, Renzo.

E então, ela se virou e foi embora.

Renzo ficou parado por um momento, observando-a desaparecer na rua.

Ela não disse quando queria vê-lo de novo.

Mas Renzo sabia que essa história estava longe de terminar.

XVII

Famiglia

O pequeno apartamento de Renzo estava tomado pela fumaça de cigarro. O cheiro de uísque barato e café forte impregnava o ar. Era um espaço modesto, paredes gastas, móveis sem luxo, mas ninguém ali parecia se importar. Era um lugar seguro. Um lugar onde se falava de negócios.

Renzo estava sentado à mesa pequena da cozinha, de paletó escuro, cigarro entre os dedos, o olhar atento. Não falava muito, mas sua presença dominava o ambiente. Seus olhos percorriam cada rosto presente. Eles eram sua família agora. Não uma família de sangue, mas uma que ele escolheu. Uma que cresceu sem que ninguém percebesse.

A reunião daquela noite não era diferente das outras. Não havia discursos dramáticos, nem cerimônia. Apenas negócios. Packie e Joe estavam ao lado dele, como sempre. Mas agora, havia mais. Muitos mais.

Santoro Ruggieri estava encostado na parede, braços cruzados, o rosto fechado. Tinha o maxilar forte, traços duros, e um olhar que deixava claro que não levava desaforo pra casa. Era o mais velho dali — 28 anos — e, mesmo assim,

ainda jovem. Mas a vida que levavam envelhecia um homem por dentro.

Giorgio Calabrese ocupava uma das cadeiras, tragando um cigarro devagar. Sempre bem vestido, um pouco vaidoso, falava pouco. Ele entendia de números e, mais importante, sabia fazer dinheiro sujo parecer limpo.

Carlo Santorelli era discreto, quase apagado no grupo. Baixo, magro, calado. E, justamente por isso, perigoso. Ninguém o notava. E era isso que Renzo mais apreciava nele.

Marco Leone, um siciliano de fala mansa e sorriso fácil, era o diplomata do grupo. Ele sabia conversar, sabia convencer. Mas Renzo sabia que um dia teria que vigiá-lo. Homens assim podiam se tornar aliados valiosos — ou traidores perigosos.

Antonio Basilio era um soldado. Forte, implacável, não fazia perguntas. Quando Renzo queria alguém intimidado ou um problema resolvido, ele cuidava disso.

Raffaele Bellucci, o mais novo do grupo, 21 anos, tinha pressa. Queria provar que merecia estar ali. Era esperto, mas impaciente. Renzo o mantinha por perto, observando.

A mesa estava cheia. A família estava formada.

O momento exigia seriedade. Renzo apagou o cigarro no cinzeiro cheio e olhou para todos.

— Comecem.

Santoro Ruggieri foi o primeiro a falar. Ele nunca enrolava.

— Os irlandeses ainda não entenderam que as coisas mudaram. Estão se recompondo depois do Romano, mas querem mostrar que não foram enfraquecidos.

Renzo pegou a colher e girou lentamente no café, sem pressa.

— Como exatamente?

— Estão cobrando taxa de algumas bancas na 10ª Avenida. Como se ainda mandassem ali.

Marco Leone sorriu de canto.

— Estão testando a nossa paciência.

Renzo olhou para Giorgio Calabrese.

— Quanto estamos perdendo?

Giorgio fez um gesto vago com a mão.

— Não muito. Mas não é sobre dinheiro, é sobre controle. Se deixamos eles ficarem com isso, amanhã vão querer mais.

Renzo assentiu, pensativo. Ele não tinha pressa para responder.

— E qual é a posição do Malone nisso?

Todos ficaram em silêncio por um momento. Todos sabiam quem era Sean Malone. O chefe dos irlandeses. Um velho teimoso, que não sabia a hora de se aposentar.

Packie, que conhecia os irlandeses melhor que qualquer um, riu baixo.

— Malone é um merda. Ele quer manter o jogo funcionando, mas os capangas dele são estúpidos demais pra entender isso. Eles acham que precisam reagir, mostrar força.

— Então mandamos um recado. — Antonio Basilio disse, ajeitando o paletó.

Renzo olhou para ele, sem responder de imediato. Antonio era eficiente, mas tinha o pavio curto.

— E como você sugere que façamos isso?

Antonio deu de ombros.

— Pegamos um deles, cortamos um dedo e mandamos pra casa do Malone. Eles vão entender.

Raffaele Bellucci riu, um riso curto e nervoso. Era o mais novo ali, queria impressionar.

— É um jeito de resolver as coisas.

Mas Renzo apenas balançou a cabeça devagar.

— Isso faz barulho demais.

Joe interveio, jogando o palito de dente no cinzeiro.

— Podemos tirar o dinheiro dessas bancas antes que os irlandeses cheguem. E se precisarmos, mandamos alguém negociar com o Malone.

Renzo soltou a fumaça do cigarro devagar.

— Ninguém vai negociar com o Malone.

O silêncio se instalou. Todos entenderam. Renzo já tinha decidido.

Mas aquela noite não era só sobre os irlandeses. Outras coisas estavam acontecendo. Coisas que os leitores não sabiam.

Renzo olhou para Giorgio.

— E o padre?

O ar na sala ficou mais pesado. Giorgio coçou o queixo, desconfortável.

— O cara não cedeu. Disse que prefere fechar a igreja a aceitar nosso dinheiro.

— Ele prefere ter os fiéis sem luz, sem aquecimento, passando fome?

— Foi o que ele disse.

Renzo passou a mão no rosto, pensativo.

— Esse homem é orgulhoso.

Packie riu.

— Orgulhoso ou burro?

— Tanto faz. — Renzo disse. — Vamos dar um tempo pra ele.

A pressão tem que ser sutil.

Todos assentiram. Sabiam o que isso significava.

Então, Renzo olhou para Carlo Santorelli.

— O que aconteceu no porto?

Carlo, sempre discreto, inclinou-se levemente para frente.

— O sindicato tá inquieto. O novo chefe de operações quer um pedaço maior pra ele.

— Ele sabe quem manda?

— Ele sabe. Mas acha que pode conseguir mais.

Renzo respirou fundo, pensativo. Ele não gostava de sindicalistas que se achavam espertos.

— Me dá um nome.

— Dominic Russo.

Renzo olhou para Marco.

— Você conhece ele?

Marco assentiu.

— Já bebi com ele. O cara gosta de jogar. Tá devendo dinheiro pra meio mundo.

Renzo acendeu outro cigarro.

— Então ele é um problema que se resolve sozinho.

A conversa seguiu, cada um relatando sua parte. Tudo fluía naturalmente.

Era assim que as coisas eram feitas. Sem gritos. Sem ameaças vazias. Apenas estratégia.

Ninguém ali questionava Renzo. Eles confiavam nele.

Ele era o mais novo de muitos ali, mas ninguém via Renzo como um garoto. Ele não pedia respeito. Ele tomava.

Packie percebeu o clima e riu.

— Quem diria, hein? Há dois anos a gente tava roubando rádio de carro pra sobreviver. Agora olhem pra isso.

Joe balançou a cabeça, sorrindo.

— Renzo sempre teve a cabeça no lugar. A gente só demorou pra perceber.

O próprio Renzo ficou em silêncio por um momento, olhando para todos.

Então, apagou o cigarro, levantou-se da cadeira e disse calmamente:

— Vamos garantir que ninguém nunca mais tenha dúvida sobre isso.

E ali, naquela mesa pequena, num apartamento apertado e sem luxo, a família Pegorino já era um império.

A reunião havia acabado, mas ninguém saiu imediatamente. O apartamento era apertado, abafado pelo cheiro de cigarro e uísque, mas ninguém parecia se importar. Era um daqueles momentos que separavam os homens dos garotos. Aquele

não era um bando de criminosos impulsivos. Era uma organização.

Renzo observava os outros enquanto recendia um cigarro. Ele nunca precisava dizer muito. Só de estar ali, os outros já entendiam.

Aos poucos, os homens começaram a sair, um por um. Nenhum deles perguntava se a reunião tinha acabado. Eles apenas sabiam.

Packie foi o último a ficar. Ele tinha aquele sorriso de quem sempre estava prestes a fazer uma piada, mas Renzo já conhecia aquele olhar.

— O que foi? — Renzo perguntou.

Packie olhou para a porta, certificando-se de que estavam sozinhos.

— Quero saber o que você realmente vai fazer sobre os irlandeses.

Renzo soltou a fumaça devagar.

— O que eu disse.

Packie riu baixo.

— E o que você *realmente* vai fazer?

Renzo olhou para ele sem responder. Não era um blefe. Não era um jogo. Packie sabia que algo estava sendo planejado e queria ouvir da boca do chefe.

Renzo apagou o cigarro e pegou o casaco.

— Anda comigo.

O Caminho da Frieza

Os dois saíram pelas ruas escuras de Nova York. A cidade nunca dormia, mas algumas ruas estavam quase silenciosas.

Renzo caminhava devagar, mãos nos bolsos, enquanto Packie mantinha o ritmo ao lado dele. Nenhum dos dois precisava preencher o silêncio com conversa fiada.

Depois de alguns quarteirões, Renzo falou:

— Você quer saber o que eu vou fazer?

Packie acendeu um cigarro.

— Quero saber o que você quer que *eu* faça.

Renzo parou e virou-se para ele.

— O Malone não vai durar muito tempo.

Packie ergueu uma sobrancelha.

— Você acha que os italianos vão derrubar ele?

Renzo fez um som curto com a boca, quase um riso.

— Eu acho que *nós* vamos.

Packie soprou a fumaça, olhando para a rua.

— E você quer fazer isso de que jeito?

Renzo enfiou a mão no bolso e puxou um pequeno papel dobrado, entregando a Packie.

O irlandês pegou e abriu. Leu rapidamente e franziu o cenho.

— Esse nome aqui... Ele trabalha *pro* Malone.

Renzo assentiu.

— E também *pro* cara que quer o lugar dele.

Packie ficou em silêncio por um tempo, absorvendo. Então, sorriu.

— Ah... agora faz sentido.

Renzo olhou para ele.

— Eu preciso que isso aconteça sem ruído.

Packie riu baixo.

— Quando eu já fiz barulho?

Renzo não respondeu. Apenas começou a andar de novo, e Packie seguiu ao lado dele.

Um Homem Frio

Eles pararam em frente a um pequeno restaurante italiano, um daqueles lugares discretos, com meia dúzia de mesas.

Renzo olhou para a vitrine, observando as luzes lá dentro.

— Sabe o que diferencia um cara esperto de um cara burro, Packie?

O irlandês jogou o cigarro no chão e esmagou com o pé.

— Me diz.

Renzo acendeu outro cigarro, sem tirar os olhos do restaurante.

— O cara burro acha que precisa sujar as mãos pra provar que tem poder. O cara esperto deixa os outros fazerem o trabalho por ele.

Packie sorriu.

— E você sempre foi esperto, né?

Renzo deu uma tragada longa e soltou a fumaça devagar.

— Sempre.

XVIII

Favores e Favores

A manhã começou cedo no apartamento de Don Pegorino. O sol mal havia subido no céu, mas a sala já estava cheia. Não havia mais espaço para negar o óbvio: Renzo não era mais só um executor, um soldado violento. Ele era um Don.

Havia homens de todas as idades ali. Alguns trabalhadores de fábricas, donos de mercearias, comerciantes pequenos. E havia também aqueles que falavam baixo, que evitavam o olhar, que tinham negócios na sombra e sabiam que Renzo Pegorino era um homem a quem se devia respeito.

Ele estava sentado na poltrona de couro, fumando devagar, o olhar sereno, mas atento. Packie e Joe estavam nas laterais, observando tudo.

Um homem, de idade avançada, aproximou-se primeiro. Ele segurava o chapéu nas mãos, nervoso, e olhava para Renzo como um camponês olha para um rei.

— Don Pegorino... Eu preciso da sua ajuda.

Renzo balançou a cabeça devagar.

— Fale, Domenico. Aqui, você está entre amigos.

O velho limpou a garganta.

— Meu filho... Ele tem dívidas. Jogatina. Pessoas erradas. Eles disseram que, se ele não pagar até sexta, vão quebrar as pernas dele.

Renzo ouviu sem interromper. Não havia pressa. Ele apenas balançou a cabeça lentamente, absorvendo cada palavra.

Depois de um tempo, falou, num tom calmo, quase melódico:

— Você sabe quanto ele deve?

— Cinco mil dólares, Don Pegorino.

Um silêncio preencheu a sala. Cinco mil dólares era muito dinheiro para um operário.

Renzo virou a cabeça para Packie.

— Quem está cobrando?

— Acharmos que são os garotos do Frankie Bianco.

Renzo voltou o olhar para o velho.

— Seu filho... Ele entende que está brincando com fogo?

Domenico assentiu rápido.

— Sim, Don Pegorino. Ele é um idiota, mas ele sabe.

Renzo respirou fundo, estalou os dedos devagar.

— Eu vou resolver isso.

O velho pareceu aliviado, mas antes que pudesse falar, Renzo ergueu a mão, interrompendo-o.

— Mas, Domenico, você entende que isso não é de graça.

O velho engoliu seco.

— Eu... Eu entendo, Don Pegorino.

Renzo sorriu. Um sorriso gentil, quase paternal.

— Um dia, pode ser que eu precise de você. Um favor simples. E quando esse dia chegar, eu espero que você se lembre de hoje.

O velho abaixou a cabeça rapidamente.

— Sim, Don Pegorino. Eu nunca vou esquecer.

Renzo acenou para Packie.

— Cuida disso. Diz ao Bianco que esse garoto não deve mais nada.

Packie riu.

— E se ele quiser insistir?

Renzo deu de ombros.

— Avisa ele que eu estou cobrando os juros de Romano.

A sala inteira ficou em silêncio. O nome de Romano ainda ecoava pelo bairro. Todos sabiam o que aconteceu.

Domenico agradeceu várias vezes antes de sair.

O próximo a entrar foi um jovem magro, de olhar perdido, roupa suja. Um desses garotos que crescem rápido demais, mas nunca aprendem o suficiente.

Ele se aproximou devagar, claramente intimidado.

— Don Pegorino... Meu nome é Salvatore.

Renzo assentiu.

— Eu sei quem você é. Seu pai trabalhava no açougue da 12ª Avenida.

Salvatore ficou surpreso, mas confirmou com a cabeça.

— Sim, senhor.

Renzo gesticulou.

— Fale.

O garoto hesitou, respirou fundo e então disse, sem rodeios:

— Eu preciso de trabalho, Don Pegorino.

Renzo ficou em silêncio por um momento.

— Trabalho?

— Sim, senhor. Eu faço qualquer coisa.

Renzo não respondeu de imediato. Ele deixou o silêncio pesar.

Salvatore começou a suar.

Renzo então se inclinou um pouco, olhando nos olhos do garoto.

— Qualquer coisa?

Salvatore hesitou, mas assentiu.

— Qualquer coisa.

Renzo encostou-se de novo na poltrona.

— Então me diga... Você já roubou?

O garoto ficou tenso.

— Já... Pequenas coisas.

— Você já atirou em alguém?

Salvatore ficou pálido.

— Não...

Renzo inclinou a cabeça.

— Você já esteve numa cela?

O garoto negou.

— Então me diga, garoto... Por que eu deveria confiar em você?

Salvatore abriu a boca, mas não encontrou resposta.

Renzo sorriu.

— Vou te dar um conselho. Trabalhe na mercearia do Amélio.

Aprenda a ganhar dinheiro sem se sujar. Depois, se ainda quiser andar nesse caminho, volte aqui.

Salvatore ficou confuso.

— Mas, Don Pegorino, eu pensei que —

Renzo ergueu a mão.

— Eu *não* contrato garotos que não sabem o que estão fazendo.

O silêncio foi absoluto.

Salvatore abaixou a cabeça, derrotado.

Renzo então acrescentou, num tom mais gentil:

— Amélio precisa de um ajudante. Vai lá hoje à noite. Diz que eu mandei.

O garoto olhou para ele, surpreso.

— Sim, senhor... Obrigado, Don Pegorino.

Renzo não respondeu. Apenas acenou para que ele fosse.

Quando a sala esvaziou, Packie pegou um cigarro e olhou para Renzo.

— Vai mesmo dar trabalho pro garoto?

Renzo acendeu um cigarro também.

— Eu quero ver se ele volta.

Joe riu.

— Se voltar, é burro.

Renzo deu de ombros.

— Burro ou determinado.

Packie soprou a fumaça.

— Você realmente gosta de testar as pessoas, né?

Renzo olhou para ele e sorriu.

— A vida testa todo mundo. Eu só acelero o processo.

Então, após algum tempo, um homem hispânico se aproximou. Usava um terno barato, amarrotado, e o cabelo preto oleoso estava grudado na testa. Ele parecia um homem de negócios, mas seus olhos estavam cheios de desespero.

— Don Pegorino... Meu nome é Hector Morales.

Renzo inclinou a cabeça.

— Eu conheço você. Você tem uma loja de penhores na Delancey Street.

Hector assentiu, ansioso.

— Sim, senhor. Mas eu tenho um problema... Um problema grande.

Renzo olhou para ele, esperando. Hector respirou fundo e continuou:

— Dois filhos da puta russos vieram até minha loja. Disseram que agora ela pertence a eles. Me deram uma semana pra pagar, ou eles vão tomar tudo.

Renzo esfregou o queixo lentamente.

— Quem são eles?

— Um se chama Sergei, o outro, Anton. Eles trabalham para um sujeito chamado Yuri Volkov.

Um murmúrio percorreu a sala. O nome Volkov não era brincadeira.

Packie assobiou.

— Esse filho da puta tem boas conexões.

Renzo permaneceu em silêncio por um momento, depois olhou para Hector.

— Você já pagou alguma coisa a eles?

— Ainda não, Don Pegorino. Mas se eu não pagar até quinta-feira, estou fodido.

Renzo pegou um cigarro, acendeu com calma.

— Eu vou cuidar disso.

Hector respirou fundo, aliviado.

— Obrigado, Don Pegorino... Eu farei qualquer coisa para pagar essa dívida com você.

Renzo soltou a fumaça devagar, olhando-o nos olhos.

— Eu sei que vai, Hector.

Hector fez uma reverência desajeitada e saiu.

O próximo era um negro alto, vestido com um casaco surrado e um boné velho. Parecia um operário, mas seus olhos tinham um brilho inteligente.

— Meu nome é Thomas Carter, Don Pegorino. Trabalho na construção civil.

Renzo inclinou a cabeça, ouvindo.

— O que posso fazer por você, Thomas?

O homem hesitou.

— Meu irmão... Ele foi preso. Pegaram ele com uma arma que não era dele. Você sabe como é... Ele estava no lugar errado, na hora errada. O promotor quer fazer dele um exemplo. Quinze anos de prisão.

Renzo ficou um tempo em silêncio.

— Ele tem histórico?

— Pequenas coisas... Mas nada violento.

Renzo se encostou na poltrona, tamborilando os dedos no braço de couro.

— Eu conheço gente no tribunal. Pode ser que a acusação desapareça... Mas eu não faço isso de graça.

Thomas olhou para baixo, tenso.

— Eu sei, Don Pegorino. E eu farei o que for preciso.

Renzo sorriu levemente.

— Bom. Então vá trabalhar. E quando eu precisar de algo, eu chamo você.

O homem assentiu e saiu, aliviado.

A próxima pessoa era uma mulher.

Baixa, vestindo um casaco de lã e um lenço vermelho amarrado ao pescoço. Ela era judia, Renzo reconheceu na hora. Seus olhos tinham olheiras profundas, como se não dormisse há dias.

Ela apertava uma bolsa velha contra o peito enquanto se aproximava.

— Don Pegorino... Meu nome é Miriam O'Shea.

Renzo olhou para ela com interesse.

— Fale, senhora O'Shea.

Ela respirou fundo, a voz embargada.

— Meu marido está desaparecido. Ele saiu para trabalhar na fábrica na sexta-feira e não voltou para casa. A polícia... a polícia não se importa. Eles disseram que ele deve ter fugido. Mas meu David jamais faria isso.

Renzo ouviu atentamente, inclinando a cabeça.

— Ele tinha inimigos?

Ela enxugou uma lágrima.

— Não... Ele era um homem bom, um homem honesto. Mas ele era sindicalista. Ele brigava pelos trabalhadores.

Renzo fechou os olhos por um segundo, compreendendo.

— Ele brigava com os patrões.

Ela assentiu.

Renzo suspirou.

— Eu vou descobrir o que aconteceu.

Ela apertou as mãos.

— Obrigada, Don Pegorino. Eu farei qualquer coisa para retribuir.

Renzo sorriu levemente.

— Eu sei que fará, senhora O'Shea.

Ela se afastou, enxugando os olhos.

O último homem a se aproximar era um velho italiano, vestindo um terno gasto. Seu rosto era enrugado, mas os olhos ainda eram duros, frios. Ele tinha sido alguém na vida. E ele não gostava de estar ali, pedindo ajuda.

— Don Pegorino... Eu sou Vincenzo Rinaldi.

Renzo reconheceu o nome. O velho Rinaldi tinha sido um dos homens do grande Don Martelli, anos atrás. Agora, não passava de um fantasma de um tempo esquecido.

— Eu sei quem você é, senhor Rinaldi.

O velho assentiu.

— Eu preciso de dinheiro. Meu negócio... caiu. E eu preciso me reerguer.

Renzo olhou para ele por um longo tempo.

— Você serviu bem ao Don Martelli. E eu respeito isso.

O velho Rinaldi engoliu seco.

— Eu não mereço caridade, Don Pegorino. Apenas um investimento.

Renzo sorriu de canto.

— Claro. Vamos chamá-lo de investimento.

O velho assentiu.

— Obrigado.

Renzo acenou para Joe.

— Dê a ele o dinheiro. E anote o que ele deve.

Joe fez um gesto de cabeça e saiu com o velho.

A sala estava vazia agora. O cheiro de cigarro e suor ainda pairava no ar.

Packie olhou para Renzo, cruzando os braços.

— Você virou um banqueiro agora?

Renzo riu.

— Eu virei um Don, Packie.

Joe voltou, balançando a cabeça.

– Parece que todo mundo nessa cidade deve alguma coisa pra você agora.

Renzo pegou um copo de uísque, girou o líquido devagar.

– E um dia, todos vão pagar.

XIX

Na casa de Deus

O ar da manhã estava pesado com o cheiro de café e cigarro. O pequeno apartamento ainda estava impregnado com os rastros da última noite — homens falando em voz baixa, negócios sendo resolvidos, favores sendo cobrados. Mas agora, o sol atravessava as cortinas, e tudo parecia mais calmo.

Renzo estava sentado à mesa da cozinha, mexendo uma colher em uma xícara de café forte, os pensamentos longe. A cidade era dele. Ainda pequena, ainda crescendo, mas dele.

Foi quando Santoro Ruggieri entrou.

Santoro era um rapaz magro, de rosto afiado, sempre vestindo um terno bem ajustado, mas barato. Um rapaz esperto, rápido, que nunca falava mais do que o necessário. Ele tirou um envelope do bolso do paletó e colocou sobre a mesa, sem cerimônia.

— Trouxeram isso pra você, Don.

Renzo olhou para o envelope. Papel grosso, de qualidade, o tipo de papel que não se encontra em qualquer papelaria do bairro. Virou-o nas mãos. A caligrafia era refinada, bem treinada.

– Quem entregou?

– Um garoto. Não conheço. Não era de gangue, não era de ninguém. Só um moleque qualquer.

Renzo abriu o envelope com cuidado e retirou a carta. O cheiro suave de perfume se misturou ao aroma do café. Ele leu devagar:

"Renzo,

Sei que cartas não são comuns, mas me pareceu a melhor maneira de falar com você.

Desde aquela noite, minha cabeça não tem descansado.

Gostaria de vê-lo novamente.

Emília."

Renzo releu as palavras, absorvendo cada detalhe. Poucas mulheres escreviam no bairro. A maioria não tinha tido esse luxo. Aquilo dizia alguma coisa sobre Emília. Quem ensinou ela a escrever? Onde ela aprendeu? Por que uma garota assim estava naquele restaurante, sozinha?

Dobrou a carta com calma, colocou-a de volta no envelope e o guardou no bolso do paletó. Levantou-se da mesa e terminou seu café num gole só.

– Alguma coisa, Don? – Santoro perguntou, observando.

Renzo olhou pela janela, para a rua que já estava movimentada. Ele sorriu de leve.

– Nada por enquanto.

Mas na sua mente, a curiosidade já estava despertada.

O dia seguiu seu curso, mas na cabeça de Renzo, a carta de Emília não saía de cena. Ele não era homem de perder tempo em dúvidas ou divagações, mas aquela garota despertava algo que ele ainda não entendia completamente. Ela não era uma mulher qualquer. Tudo nela — o jeito que falava, como se portava, a maneira como desapareceu naquela noite sem deixar rastro — indicava que havia algo além do que os olhos podiam ver.

Renzo não gostava de perguntas sem resposta.

Ele decidiu que precisava descobrir mais sobre ela. Mas não comete erros. Ele não ia simplesmente procurá-la e perguntar quem era. Ele faria como sempre fazia: pelos caminhos certos. A noite caiu sobre Nova York, e Renzo estava em seu apartamento.

Santoro chegou depois, acompanhado por Giorgio Calabrese e Carlo Santorelli. Marco Leone e Raffaele Bellucci já estavam ali, sentados, ouvindo mais do que falando.

Renzo olhou para os rapazes ao redor. A família crescia. E não era só na presença, mas no alcance.

— Vamos aos negócios — ele disse, com a calma de quem já sabia o que queria.

Packie foi o primeiro a falar.

— O jogo tá dando dinheiro. Muito dinheiro. Mas temos um problema... aquele judeu, Meyer Klein, quer renegociar. Tá dizendo que os números não batem, que não vai continuar pagando a porcentagem combinada.

Renzo soltou a fumaça devagar.

— Então, ele acha que pode discutir termos depois que já aceitou um acordo?

Packie deu de ombros.

— Ele acha que tem opções.

Renzo bateu a ponta do cigarro no cinzeiro.

— Faça ele lembrar que não tem.

Packie riu e assentiu. Ninguém renegociava com Renzo Pegorino.

Joe tomou a palavra.

— Outra coisa. Aquela boate no Brooklyn... o dono tá ficando ganancioso. Ele já sabe que a gente tá puxando dinheiro de lá, mas quer mais. Tá falando com outros grupos, tentando encontrar um que ofereça mais proteção.

Renzo não reagiu imediatamente. Ele apenas girou o anel no dedo lentamente, analisando.

— O nome dele?

— Pietro Mancuso.

Renzo pegou um pedaço de pão da mesa, arrancou um pedaço com os dentes, mastigando devagar.

— Pietro é um homem de negócios, certo?

Joe assentiu.

— Então, vamos fazer negócios.

Os rapazes se entreolharam. Giorgio foi quem perguntou:

— E se ele insistir em procurar outro grupo?

Renzo olhou para Giorgio, os olhos escuros e frios.

— Então, ele vai entender que as portas da nossa cidade não se abrem para qualquer um.

Silêncio. Eles sabiam o que isso significava.

Carlo pigarreou e mudou de assunto.

— O mercado de apostas no Queens tá crescendo. Tem uma gangue pequena cobrando por segurança nos pontos, e os donos das bancas preferem pagar pra eles porque são baratos.

— Barato nem sempre é melhor — Marco comentou, mexendo no copo de uísque.

Renzo concordou com a cabeça.

— Então, vamos mostrar a eles que segurança de verdade custa um pouco mais.

Ele não precisou dizer mais nada. Os rapazes sabiam o que fazer.

Antonio Basilio, que até então escutava mais do que falava, se inclinou para frente.

— Tem um comerciante no bairro italiano... um alfaiate. Velho, respeitado. Tá devendo dinheiro pra gente. Mas ele é bem relacionado. Se a gente pressionar muito, vai causar problemas.

Renzo acendeu outro cigarro.

— Um homem respeitado é um homem que respeita os outros. Se ele é respeitado, então merece respeito.

Antonio assentiu.

— O que fazemos, então?

Renzo olhou para ele, calmamente.

— Vá até a loja dele, compre um terno. Pague bem, elogie o trabalho dele. Depois, pergunte quando ele vai honrar a palavra dele.

Antonio sorriu.

— Entendido.

A conversa continuou por mais uma hora. Eles falaram sobre carregamentos de bebida, sobre contatos na polícia, sobre quem estava confiável e quem talvez precisasse de um aviso. Renzo não deixava nada escapar. Ele ouvia cada detalhe, analisava cada problema e resolvia cada um deles da maneira correta.

Ele tinha acabado de discutir negócios com seus homens quando alguém começou a bater na porta com força.

BAM! BAM! BAM!

O som ecoou pelo apartamento, fazendo todos os homens na sala pararem imediatamente. Joe colocou a mão na arma, Packie ergueu as sobrancelhas, Giorgio e Carlo se entreolharam.

— Quem diabos bate assim na porta do Don a essa hora? — Marco murmurou, já se levantando.

Antes que qualquer um sacasse as armas, Santoro caminhou até a porta, colocou a mão no cabo da pistola no cinto e abriu uma fresta.

Lá fora, um padre de meia-idade, sujo de lama e visivelmente perturbado, respirava ofegante.

— Por favor... por favor! Eu preciso falar com Don Pegorino! O padre estava desesperado.

Santoro olhou por cima do ombro para Renzo, que apenas fez um gesto com a mão. Santoro abriu a porta e deixou o homem entrar.

O padre, ainda ofegante, caiu de joelhos na frente de Renzo.

— Eles... eles estão destruindo tudo! Uns arruaceiros, vagabundos de uma gangue local! Invadiram o convento! Estão quebrando tudo, roubando, batendo nas freiras...

O silêncio na sala foi pesado. Os olhos de Renzo não se moveram, mas todos sentiram o clima mudar.

— Onde? — Ele perguntou simplesmente, apagando o cigarro no cinzeiro.

— Na Rua 12, perto da ponte velha! — O padre gaguejou, olhando para ele com esperança.

Renzo ficou um tempo em silêncio. Seus olhos escuros não mostravam pressa, não mostravam raiva. Apenas um frio controle sobre a situação.

Então, ele se levantou.

— Vamos resolver isso.

Os homens ao redor se mexeram imediatamente. Joe pegou seu sobretudo. Packie conferiu o tambor do revólver. Giorgio puxou as luvas de couro.

— Antonio, Marco, fiquem aqui — Renzo ordenou calmamente. — Os outros vêm comigo.

O padre piscou, surpreso.

— O senhor... o senhor vai pessoalmente?

Renzo olhou para ele com um pequeno sorriso.

— Eu cuido dos meus vizinhos, padre.

O convento estava em ruínas quando eles chegaram.

Portas arrombadas. Janelas quebradas. Garfos e pratos espalhados pelo chão da cozinha. Uma das freiras estava caída no chão, chorando baixinho, o rosto inchado por um soco.

E lá estavam os responsáveis.

Cinco homens. Jovens, sujos, fedendo a álcool e cigarro barato. Eles riam enquanto saqueavam a dispensa, jogavam comida fora e derramavam vinho de garrafas roubadas.

Quando a porta principal se abriu e Renzo e seus homens entraram, o riso cessou por um instante.

Eles viram homens de terno. Sérios. Olhares sombrios.

Mas o líder dos arruaceiros — um sujeito magro, de cabelos desgrenhados e nariz torto — tentou se manter no controle.

— O que temos aqui? A porra da polícia?

O grupo riu, mas Renzo permaneceu imóvel. Os olhos dele passavam lentamente pelo convento destruído, pela freira machucada, pela sujeira no chão.

Então, ele olhou para os rapazes como se fossem algo pequeno, insignificante.

— Não — Renzo finalmente disse, com um tom tranquilo. — Se fosse a polícia, vocês teriam uma chance de sair vivos.

O silêncio que veio depois foi ensurdecedor.

O líder da gangue engoliu em seco, mas tentou manter a pose.

— E quem diabos é você?

Renzo não respondeu imediatamente. Ele apenas deu um pequeno passo à frente.

Foi o suficiente.

Dois dos arruaceiros instintivamente deram um passo para trás.

Packie e Joe perceberam. Giorgio riu baixinho. Eles já tinham visto essa cena antes.

Renzo deu um pequeno suspiro.

— Eu vou dar a vocês uma oportunidade.

Os jovens olhavam para ele sem entender.

— Vocês saem daqui, agora. Pedem desculpas ao padre, às freiras... e nunca mais voltam.

O líder da gangue deu uma risada curta, nervosa.

— Ou o quê?

Renzo virou o rosto ligeiramente para o lado.

— Ou a noite termina de um jeito que vocês não vão gostar.
O líder olhou para os próprios homens. Alguns já estavam inquietos, trocando olhares nervosos.

Mas ele não queria perder a pose.

— Você acha que eu tenho medo de uns merdas de terno?

Packie sorriu. Giorgio já estava esperando por isso.

Antes que o líder da gangue pudesse reagir, Joe segurou seu braço com força e torceu.

O estalo seco do osso quebrando ecoou pela sala.

O grito do sujeito veio logo depois.

Os outros arruaceiros congelaram.

O líder caiu no chão, segurando o braço quebrado, gritando de dor.

Renzo apenas se abaixou, calmo, sereno, olhando para ele.

— Você fez uma pergunta. Agora tem sua resposta.

O jovem olhou para ele, suando frio, os olhos arregalados de medo.

— P-por favor...

Renzo pegou um lenço do bolso e limpou as mãos, como se tivesse tocado em algo sujo.

— Vocês arruinaram a casa de Deus. Bateram em mulheres que não podiam se defender. E riram disso.

Os outros gangsters estavam pálidos. Nenhum deles se mexia.

Renzo ficou em silêncio por um momento, apenas observando o desespero no rosto do jovem caído.

Então, se levantou.

— Vocês têm até o amanhecer para sair da cidade. Se algum de vocês for visto aqui depois disso...

Ele não precisou terminar a frase.

Os rapazes correram, carregando o líder ferido.

Quando o último deles desapareceu na escuridão, Renzo virou-se para o padre.

— Padre, o convento agora está sob minha proteção.

O padre o olhou, quase emocionado.

— Obrigado... obrigado, senhor Pegorino.

Renzo colocou a mão no ombro do padre e sorriu.

— E um dia, padre... talvez eu peça um favor também.

A chuva começou a cair de novo.

XX

Don de Respeito

A manhã em Nova York nasceu fria e enevoadada. As ruas ainda estavam úmidas da chuva da noite anterior, e os primeiros raios de sol lutavam para atravessar o céu cinzento.

No bairro onde Renzo Pegorino cresceu, as pessoas acordavam cedo. Donas de casa penduravam roupas nas varandas estreitas, crianças corriam pelas calçadas gastas, comerciantes levantavam as portas de metal de suas pequenas lojas. Mas todos sabiam de uma coisa: naquela madrugada, algo havia mudado.

Os arruaceiros que aterrorizavam o convento sumiram.

Os boatos se espalharam rápido. Uns diziam que Renzo pagou para que fossem embora. Outros, que ele os ameaçou de morte.

A verdade? Ninguém sabia.

Mas uma coisa era certa: a cidade acordou sabendo que Don Pegorino agora era o homem a quem se devia respeito.

E naquele dia, sua casa voltou a ser a corte onde a justiça era feita.

O apartamento de Renzo estava movimentado.

Santoro Ruggieri estava na porta, controlando quem entrava e quem saía. Joe mantinha um olhar atento a tudo. Os homens da vizinhança vinham um por um, sentavam-se diante do Don, contavam seus problemas.

Renzo, como sempre, ouvia com paciência.

O primeiro era um alfaiate grego chamado Nikos. Ele tinha um pequeno negócio na esquina, fazia ternos bons, mas os irlandeses estavam cobrando dele uma taxa absurda de “proteção”.

— Não posso pagar, Don Pegorino. Eles dizem que, se eu não pagar, minha loja “pega fogo sozinha” numa noite dessas.

Renzo acendeu um cigarro e ficou em silêncio por alguns instantes.

— Nikos, você trabalha duro. Você não deve pagar para ninguém além dos seus alfaiates.

O grego abaixou a cabeça.

— Mas eu não tenho escolha...

Renzo deu uma tragada lenta, seus olhos escuros analisando o homem.

— Agora você tem.

Ele olhou para Giorgio, que entendeu imediatamente.

— Vamos dar um jeito nisso, Don.

Nikos saiu aliviado, mas sabia que agora devia um favor a Pegorino.

Depois veio uma mulher porto-riquenha, uma viúva chamada Isabella. Seu filho, um rapaz jovem e trabalhador, havia sido falsamente acusado de roubo por um policial corrupto. Ela não tinha dinheiro para pagar um advogado.

Renzo pegou a xícara de café e girou lentamente o líquido dentro dela.

— Ele é inocente?

— Pelo meu filho, pelo sangue de meu marido que já se foi... ele é.

Renzo respirou fundo, pensativo. Então, olhou para Santoro.

— Procure o sargento Russo. Diga que quero uma conversa sobre esse caso.

A mulher tocou as mãos de Renzo com os olhos cheios de lágrimas.

— Deus lhe pague, Don Pegorino.

Renzo segurou a mão dela gentilmente.

— Hoje sou eu quem paga, Isabella. Mas lembre-se... um dia, posso precisar de algo de você.

Ela assentiu rapidamente, já entendendo a dinâmica. Renzo não fazia favores por caridade.

— Sempre, Don. Sempre.

E assim continuou. Pessoas humildes, comerciantes, mães preocupadas, maridos desesperados... todos vinham pedir a ele o que a lei não podia ou não queria dar.

E Renzo atendia.

Mas cada um que saía de lá sabia de uma coisa: estava em dívida com Don Pegorino.

Naquela mesma tarde, Renzo decidiu que era hora de visitar Nikos.

Joe, Packie e Giorgio foram com ele.

Eles chegaram na alfaiataria do grego e esperaram.

Pouco tempo depois, os irlandeses apareceram. Três homens de terno mal ajustado, arrogantes, confiantes de que ninguém ousaria desafiá-los.

— Então você arrumou novos amigos, alfaiate? — O líder deles zombou.

Nikos não respondeu. Seus olhos estavam fixos em Renzo, esperando.

Renzo, por sua vez, só observava.

Quando finalmente falou, foi com um tom suave, quase amistoso.

— Vocês cobram o quê? Proteção?

O irlandês sorriu.

— Isso mesmo. O bairro é perigoso. Ele precisa de segurança. Renzo assentiu lentamente.

— Segurança é algo importante.

O irlandês deu um meio sorriso, achando que o italiano estava cedendo.

Mas então, num movimento súbito, Packie puxou a arma e pressionou contra o joelho do sujeito.

BANG!

O tiro ecoou pela rua vazia.

O irlandês caiu no chão, gritando. O sangue manchava a calçada.

Os outros dois congelaram.

Renzo se abaixou, pegando um lenço e limpando uma pequena gota de sangue que respingou em seu sapato.

Depois olhou para os dois homens restantes.

— Vocês vendem proteção, mas não conseguem proteger nem os próprios joelhos.

Eles não responderam. O medo os paralisava.

Renzo suspirou e se levantou, ajustando os punhos do terno.

— Da próxima vez que alguém de vocês vier aqui... — Ele olhou para os dois. — Será a cabeça, não o joelho.

Os homens fugiram arrastando o amigo ferido.

Renzo então olhou para Nikos e deu um pequeno sorriso.

— Seu negócio está seguro agora, Nikos.

O alfaiate tremia, mas assentiu.

— Obrigado... Don Pegorino.

Renzo deu-lhe um leve tapinha no ombro.

— Apenas lembre-se, Nikos...

Os olhos do grego encontraram os dele.

— Um dia, pode ser que eu precise de um favor também.

Nikos engoliu seco.

— Entendido, Don.

E assim, naquela tarde... o bairro de Renzo Pegorino pertencia a ele.

A rua fervilhava com o barulho dos comerciantes e o cheiro de pão fresco misturado ao perfume das frutas. Renzo e seus homens caminhavam de volta, passando por vielas estreitas e becos movimentados.

Joe, Packie e Giorgio estavam animados, rindo e se provocando.

— Vocês viram a cara daqueles desgraçados? — Joe zombou, imitando o jeito dos irlandeses fugindo.

— O filho da mãe nem viu de onde veio o tiro! — Giorgio acrescentou, rindo.

Packie, ainda empolgado, acendeu um cigarro e deu um trago profundo.

— A gente deveria ter acabado com todos eles.

Joe riu.

— Se dependesse de você, a gente enterrava meia cidade.

Giorgio deu um tapinha nas costas de Packie.

— Relaxa, parceiro. O Don já resolveu a situação.

Mas enquanto os três se divertiam, Renzo caminhava em silêncio.

Seus olhos escuros não perdiam nada. Observava os becos, os varais pendurados entre os prédios, as crianças brincando descalças no asfalto quente. Ele via tudo.

Sua mente estava longe das risadas dos amigos. Ele não se encantava com pequenas vitórias. O jogo que jogava era grande, perigoso.

E ele sabia que a paz nunca durava muito tempo.

— Don? — Joe chamou, tentando puxá-lo para a conversa.

Renzo apenas assentiu, mas não sorriu.

E então, o cheiro de frutas frescas preencheu o ar.

O sol da tarde iluminava o pequeno mercado, refletindo nas cascas brilhantes das maçãs e no dourado dos pêssegos. Os

comerciantes gritavam suas ofertas, mulheres carregavam sacolas pesadas e crianças corriam entre as barracas.

Renzo parou por um instante e respirou fundo.

Ele sempre gostou daquele lugar.

— Vamos parar um pouco.

Seus homens estranharam. Depois de uma tarde como aquela, era comum irem direto para casa. Mas Renzo não explicou.

Ele caminhou devagar, parando em cada barraca.

Os comerciantes o conheciam.

— Don Pegorino! Venha, experimente estas uvas, são as melhores da cidade!

Renzo pegou uma, experimentou.

— Doces... — murmurou, satisfeito.

O vendedor tentou oferecer mais, mas Renzo levantou a mão.

— Quanto?

O homem riu.

— Por favor, Don, é um presente!

Renzo sorriu.

— E o que você vai comer amanhã, se der tudo de graça?

O comerciante abaixou a cabeça.

Renzo tirou algumas notas do bolso e entregou ao homem.

— Seu trabalho vale muito. Não desvalorize isso.

E seguiu para a próxima barraca.

Em cada uma, era a mesma coisa. Os vendedores queriam oferecer presentes, mas Renzo insistia em pagar.

As pessoas o amavam por isso.

Não porque ele era generoso, mas porque ele as respeitava.

No mundo de Renzo, um homem sem sustento era um homem morto.

Enquanto Renzo conversava com um velho que vendia peras, Packie pegou uma maçã de um dos caixotes.

— Ei, chefe! Olha só essa aqui...

E, sem pensar duas vezes, deu uma mordida.

Joe e Giorgio riram. O comerciante ficou sem graça.
Mas Renzo, que ainda falava com o velho, parou no meio da frase.

Virou-se lentamente.

Seus olhos gelados pousaram sobre Packie.

O sorriso de Packie desapareceu.

— O que foi, chefe?

Renzo caminhou até ele. Calmo. Sereno. Mas cada passo carregava um peso.

Packie deu de ombros.

— É só uma maçã.

Renzo não respondeu. Apenas estendeu a mão.

Packie olhou para a maçã mordida, depois para Renzo, sem entender.

— O quê?

— Pague.

O tom era baixo, mas inegociável.

— Mas é só...

Antes que terminasse, Renzo segurou o pulso dele. Firme, mas sem violência.

— Pague.

Joe e Giorgio pararam de rir. O comerciante ficou nervoso.

Packie bufou e tirou algumas moedas do bolso, jogando-as no balcão.

— Aí. Satisfeito?

Renzo continuou segurando o pulso dele. Os olhos negros atravessavam Packie como facas.

— Você acha que essa gente aqui tem dinheiro sobrando?

Silêncio.

Renzo soltou o pulso dele lentamente.

— Eu cuido dos meus homens. Mas eu cuido dessas pessoas também. Elas precisam de cada centavo.

Packie abaixou a cabeça.

— Foi mal, chefe.

Renzo o observou por mais alguns segundos.

Depois virou-se para o comerciante.

Pegou o dinheiro que Packie jogou e o colocou na mão do homem.

Depois pegou mais notas do próprio bolso e deixou no balcão.

— Pelo incômodo.

O homem balançou a cabeça, grato.

Renzo virou-se para os outros.

— Vamos.

Os três seguiram Renzo, e Packie não abriu mais a boca.

Ele aprendeu uma lição naquela tarde.

Não era sobre a maçã.

Era sobre respeito.

E no mundo de Don Pegorino, respeito era tudo.

A luz alaranjada da tarde se refletia nos paralelepípedos das ruas estreitas enquanto Renzo e seus homens voltavam para casa. A caminhada havia se tornado silenciosa. Packie ainda carregava a vergonha do incidente na feira, enquanto Joe e Giorgio trocavam olhares discretos, evitando comentar qualquer coisa.

Quando dobraram a esquina, viram uma mulher parada na frente do pequeno prédio onde Renzo morava.

Ela era jovem, de postura elegante, mas com um olhar inquieto. Vestia um vestido azul simples, mas bem cortado, e os cabelos estavam presos num coque solto, com algumas mechas caindo pelo rosto. As pessoas passavam por ela sem dar atenção, algumas sequer a olhavam nos olhos.

E ela, nervosa, perguntava a cada um que passava:

— Por favor... Desculpe incomodar. Sabe me dizer se Renzo Bellini mora aqui?

Nenhuma resposta. Apenas olhares fugidios.

Renzo observou por um momento, analisando-a.

Depois, deu um passo à frente, se posicionando atrás dela, perto o suficiente para que sua presença fosse notada sem que ele precisasse tocar nela.

— Sim. Ele mora aqui.

A mulher sobressaltou-se, levando a mão ao peito. Seu olhar, que antes estava carregado de incerteza, agora trazia um brilho de alívio e nervosismo.

— Senhor Bellini?

Renzo inclinou levemente a cabeça.

— Depende de quem pergunta.

Ela abaixou os olhos por um segundo, como se estivesse escolhendo as palavras. Depois, ergueu o rosto com firmeza.

— E por que queria tanto me ver? — perguntou, dobrando a carta entre os dedos sem desviar o olhar dela.

— Acha mesmo que, depois daquela noite, eu simplesmente esqueceria quem você é?

Ele sorriu de lado, um sorriso discreto, quase irônico.

— Seria o mais prudente.

Ela riu, mas havia algo contido naquela risada.

— E você, senhor Bellini? — perguntou, inclinando a cabeça.

— Me esqueceu?

Renzo segurou o olhar dela por um instante a mais do que deveria.

Se a verdade fosse dita...

Não.

Ele não a esqueceria.

Desde a noite da festa, havia algo nela que permanecia na memória, como um perfume que se recusa a se dissipar.

Mas Renzo raramente dizia o que realmente pensava.

Em vez de responder, voltou a caminhar devagar, e ela o acompanhou.

— Por que me procurou desse jeito? — perguntou ele.

— Não queria que nossa conversa fosse apenas palavras num pedaço de papel.

Renzo arqueou ligeiramente a sobancelha.

— E o que exatamente deseja conversar?

Ela hesitou, como se procurasse as palavras certas.

— Talvez eu só quisesse ver você.

A frase saiu com naturalidade, mas havia um peso sutil em cada sílaba.

Renzo não respondeu. Observou-a.

E, por um instante, a cidade ao redor desapareceu.

Eles seguiram pelas ruas de paralelepípedos, onde os comerciantes reconheciam Renzo e o saudavam com respeito.

Crianças corriam entre as barracas, e mulheres vendiam pão fresco e frutas maduras.

Renzo parou em uma barraca de frutas e pegou uma laranja.

— Quanto? — perguntou.

O velho vendedor abanou a mão.

— Nada, senhor Pegorino. Um presente.

Renzo puxou algumas moedas do bolso e colocou sobre o balcão.

— Eu não aceito presentes. Esse é seu sustento.

O vendedor pegou o dinheiro, sorrindo com gratidão.

Emília observava tudo atentamente.

Quando continuaram a caminhar, ela comentou:

— Eles te respeitam.

— É assim que deve ser.

Ela sorriu de leve.

— Meu pai costuma dizer que respeito e medo andam lado a lado.

Renzo parou e olhou diretamente para ela.

— E você? O que acha?

Ela segurou o olhar dele.

– Acho que são coisas diferentes. Um homem que governa pelo medo um dia será derrubado. Mas um homem que governa pelo respeito... esse será lembrado.

Os olhos de Renzo brilharam por um breve instante.

– Seu pai parece um homem sábio.

Ela desviou o olhar, um pouco desconfortável.

– Ele tem seus momentos.

Havia algo ali. Um segredo não revelado, uma história não contada.

Quando chegaram à praça central, o sol já se punha, tingindo os prédios de dourado.

Renzo pegou a carta do bolso novamente.

– Então me diga, Emília... – sua voz saiu baixa, quase um sussurro – por que realmente veio me procurar?

Ela o encarou por um longo momento, como se procurasse a resposta certa.

Depois, suavemente, respondeu:

– Talvez eu mesma ainda não saiba.

E naquele instante, Renzo entendeu que nem todas as respostas precisam ser ditas.

O vento soprava suave pelo bairro enquanto Emília e Renzo seguiam pela praça, seus passos ecoando no chão de paralelepípedos. O sol poente banhava a cidade em tons alaranjados, lançando sombras alongadas sobre os edifícios de pedra.

Renzo mantinha as mãos nos bolsos, andando com a calma de alguém que já dominava aquele território. Emília, por outro lado, observava tudo ao redor com uma curiosidade velada, como se cada detalhe fosse uma novidade.

Ele percebeu.

– Parece que nunca andou por essas ruas antes.

Ela virou o rosto para ele, um sorriso discreto brincando nos lábios.

— E não andei.

— Não imaginava que fosse o tipo de mulher que se aventura sozinha por lugares assim.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— E o que exatamente imagina sobre mim, senhor Bellini?

Ele parou por um instante e a olhou diretamente nos olhos.

— Imagino que seja uma mulher diferente das outras que conheço.

Ela sustentou o olhar dele, como se tentasse decifrá-lo. Então, desviou o olhar, observando as pessoas ao redor.

— Acha que sou diferente só porque venho de um lugar diferente do seu?

Renzo deu de ombros, retomando o passo.

— Não. Acho que é diferente porque escolheu vir aqui.

Ela riu suavemente, um riso que não se revelou por completo.

— E você, Renzo? Acha que escolheu estar onde está?

Ele demorou um instante para responder.

— Todos fazemos escolhas. Algumas nos levam a caminhos que não esperávamos, mas ainda são nossas escolhas.

Ela ficou em silêncio por um momento, como se refletisse sobre aquilo.

As Sombras da Noite

A praça se tornava mais viva conforme a noite se aproximava.

Renzo parou em frente a um pequeno café com mesas ao ar livre e puxou uma cadeira para ela.

— Sente-se.

Ela hesitou um instante, mas aceitou. Renzo fez um gesto para um dos garçons, que logo trouxe uma garrafa de vinho e duas taças.

— Acha apropriado uma mulher beber vinho com um homem que mal conhece? — brincou ela.

Renzo serviu o vinho lentamente, sem pressa.

— Se não quisesse, não teria vindo me procurar.

Ela sorriu, mas não respondeu. Apenas levou a taça aos lábios, tomando um pequeno gole.

A conversa entre os dois fluía sem pressa. Emília falava pouco sobre si mesma, mas Renzo notava os pequenos detalhes. O modo como segurava a taça com delicadeza, o jeito atento com que observava os arredores, como se estivesse absorvendo tudo.

Ele também não revelava muito. Mas havia algo nos silêncios entre eles que falava mais do que qualquer palavra.

Em dado momento, um grupo de rapazes barulhentos passou pela rua, rindo alto e empurrando quem estivesse no caminho. Um deles esbarrou bruscamente na mesa de Renzo, derrubando um pouco de vinho na toalha branca.

Renzo manteve a calma. Não disse nada, não reagiu.

Mas seus olhos acompanharam o grupo até que desaparecessem na esquina.

Emília notou.

— Vai atrás deles?

Ele pegou um guardanapo e limpou o vinho derramado com tranquilidade.

— Não agora.

Ela segurou o olhar dele por um instante, depois voltou sua atenção para a rua.

A Noite e os Segredos

Quando finalmente deixaram o café, Renzo a acompanhou até uma pequena ponte de pedra que cruzava um canal. A lua refletia na água escura, e a cidade parecia mais silenciosa.

Eles pararam ali, observando as luzes distantes.

— Você não me disse onde mora. — comentou Renzo.

— E nem direi.

Ele sorriu, balançando a cabeça levemente.

— Por que tanto mistério?

Ela virou-se para ele, os olhos brilhando sob a luz da lua.

— Porque mistérios fazem parte do jogo, senhor Bellini.

Renzo ficou em silêncio por um instante. Então, aproximou-se um pouco mais.

— E esse jogo tem um vencedor?

Ela sorriu de leve, mas não respondeu.

O vento soprou suavemente, bagunçando alguns fios soltos do cabelo dela. Renzo ergueu a mão e, com um gesto cuidadoso, afastou-os do rosto dela.

Foi um toque sutil, mas carregado de algo mais profundo.

Ela não recuou.

Apenas manteve os olhos nos dele.

A noite avançava lentamente sobre a cidade, e o vento frio dançava pelas ruas estreitas, trazendo o aroma do pão recém-assado de uma padaria próxima. Renzo e Emília caminhavam lado a lado, seus passos ritmados como se houvesse uma sintonia invisível entre eles.

Renzo não falava muito, mas sempre que dizia algo, suas palavras tinham peso. Emília, por sua vez, falava pouco sobre si mesma, mas suas respostas eram medidas, calculadas, como se cada frase carregasse um segredo.

Eles andaram por vielas, atravessaram pequenas pontes de pedra e seguiram por becos onde a cidade se tornava mais silenciosa. A certa altura, passaram por uma loja de tecidos. O dono, um homem de idade avançada, os cumprimentou com um aceno.

— Boa noite, senhor Pegorino.

Renzo retribuiu o aceno com um leve movimento de cabeça.

Emília observou a cena com atenção.

— As pessoas te conhecem bem por aqui.

Renzo sorriu de canto.

— É um bairro pequeno. Todo mundo conhece todo mundo.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não acho que seja só isso.

Ele não respondeu imediatamente. Apenas continuou andando, como se estivesse escolhendo as palavras.

— Digamos que as pessoas confiam em mim para resolver certos problemas.

Emília cruzou os braços, analisando-o.

— E eu deveria confiar também?

Renzo parou. Voltou-se para ela e manteve o olhar fixo, sério.

— Acho que você já decidiu isso antes de vir me procurar.

Ela sustentou o olhar por um instante antes de desviar para a rua vazia à frente.

— Talvez.

Chegaram a uma pequena praça onde um coreto antigo se erguia no centro. A luz amarelada dos lampiões criava sombras suaves sobre o chão de pedras.

— Gosta de música? — perguntou Renzo.

Emília riu de leve.

— Gosto. Mas não sei tocar nada.

— Nem piano?

Ela hesitou por um segundo, depois sorriu.

— Quem disse que uma dama precisa saber tocar piano?

Renzo cruzou os braços.

— A maioria das mulheres que conheci e que pertencem à...

— ele escolheu as palavras com cuidado — a certas famílias, aprendeu desde pequenas.

Ela o olhou com interesse.

— E você conheceu muitas mulheres dessas "certas famílias"?

— O suficiente.

— E o suficiente para saber que não sou como elas?

Renzo assentiu lentamente.

— Sim.

Houve um breve silêncio entre eles, interrompido apenas pelo som distante de um violino sendo tocado em alguma sacada.

Emília sentou-se no banco de madeira ao lado do coreto e olhou para o céu.

— Sabe, quando era pequena, minha mãe dizia que certas estrelas sempre voltavam para o mesmo lugar no céu. Como se tivessem um destino fixo, uma promessa a cumprir.

Renzo ficou de pé, observando-a.

— E você acredita nisso?

Ela virou-se para ele, seus olhos brilhando à luz dos lampiões.

— Não sei. Mas às vezes gosto de pensar que algumas coisas estão destinadas a acontecer.

Renzo observou-a por um longo momento antes de responder.

— Ou talvez algumas pessoas simplesmente escolham voltar ao mesmo lugar.

Ela sorriu, mas não respondeu.

Ele estendeu a mão.

— Venha. Vou te levar de volta.

Ela hesitou por um instante, mas depois aceitou, seus dedos tocando os dele com delicadeza.

Foi um gesto simples, mas carregado de algo muito maior.

Eles começaram a caminhar de volta, lado a lado, sem pressa.

E, enquanto seguiam pelas ruas silenciosas, Renzo percebeu que, pela primeira vez em muito tempo, não estava com pressa para chegar a lugar algum.

XXI

Juiz Sem Juizo

O apartamento estava mergulhado em uma penumbra dourada. A luz do sol da manhã filtrava-se pelas cortinas pesadas, iluminando a mesa de madeira escura onde Renzo Bellini repousava seus dedos sobre uma folha de papel em branco. Diante dele, uma xícara de café esfriava lentamente, ignorada.

Fazia semanas desde aquele passeio com Emília. Semanas em que o nome dela persistia em sua mente como um eco. Ele nunca foi um homem de distrações sentimentais, mas havia algo nela — algo inexplicável, algo que o puxava para mais perto, ainda que ela se mantivesse envolta em um véu de mistério.

Ele pegou um charuto da caixa de mogno sobre a mesa, acendeu-o com calma e soltou uma baforada lenta. Então, chamou um de seus homens.

— Santoro.

A porta rangeu ao se abrir, e Santoro Ruggieri entrou. Um homem robusto, de cabelos escuros bem penteados e um terno que, apesar de alinhado, carregava a marca de alguém

que estava sempre nas ruas, lidando com negócios que exigiam mais do que palavras.

— Don. — Santoro se aproximou, com o respeito contido na voz.

Renzo pegou uma pequena nota dobrada e deslizou-a sobre a mesa em direção ao homem.

— Quero que vá até a floricultura da senhora Barzetti. Pegue o melhor buquê que ela tiver. Grande, bonito, algo que uma dama olharia e saberia que foi enviado por um cavalheiro.

Santoro pegou a nota e assentiu.

— E depois?

Renzo apoiou os cotovelos na mesa, cruzou os dedos e olhou diretamente para ele.

— Vai levar ao restaurante La Riviera. Ela costuma ir lá pela manhã. Junto com esse colar, que a lhe comprei — Renzo entregou uma caixinha de papelão com um laço marrom, onde, havia um pequenino e delicado colar de prata, em formato arredondado, com inscrição em Italiano, Inglês, e Hebraico 'Eu te amo'.

— E se ela perguntar quem enviou?

Renzo deixou escapar um pequeno sorriso antes de dar outra tragada no charuto.

— Não precisa dizer nada. Se ela for esperta, vai saber.

Santoro assentiu lentamente.

— Quer que eu fique observando, ver como ela reage?

Renzo balançou a cabeça.

— Não. Apenas entregue e vá embora.

Houve um silêncio entre os dois. Santoro olhou para o Don, estudando-o por um breve momento.

— Ela é especial, então?

Renzo ergueu os olhos para ele, a expressão inalterada.

— Ela é diferente.

Santoro sorriu de canto, como se entendesse algo que Renzo ainda se recusava a admitir.

— Vou cuidar disso, Don Pegorino.

Ele pegou a nota e saiu, deixando Renzo sozinho novamente. O silêncio voltou ao apartamento, mas a presença dela ainda pairava ali quando a porta se abriu com força. Packie e Joe entraram apressados, os rostos carregando urgência.

— Renzo, temos um problema. — Packie foi direto ao ponto. Renzo permaneceu sentado, girando lentamente o charuto entre os dedos. Ele ergueu os olhos para os dois, observando-os com paciência.

— O que foi?

Joe, sempre um pouco mais controlado do que Packie, falou com um tom de voz mais baixo.

— Giorgio foi preso. A polícia pegou ele ontem à noite, depois daquele problema no bar.

Renzo franziu ligeiramente as sobrancelhas, mas seu tom permaneceu calmo.

— E qual é a acusação?

— Nada sério. Briga de bar. Mas o juiz está fazendo jogo duro. Diz que não vai soltá-lo sob fiança.

Renzo soltou a fumaça do charuto devagar, refletindo por um momento.

— Qual juiz?

Packie cruzou os braços e fez uma careta.

— Gordon Whitaker. Um filho da puta protestante. Acha que é dono dessa cidade.

Renzo manteve o olhar fixo nos dois por alguns segundos antes de apagar o charuto no cinzeiro de cristal.

— Pegue o carro. Vamos falar com o juiz.

Os dois se entreolharam por um momento antes de assentirem. Renzo se levantou, pegou seu sobretudo e o ajeitou calmamente sobre os ombros.

— E onde ele está agora?

— No gabinete dele. Já encerrando o dia.

Renzo ajustou os punhos da camisa e caminhou até a porta sem pressa. Packie e Joe seguiram-no em silêncio, como dois cães de guarda.

O final da tarde tingia os prédios de dourado quando o automóvel preto parou em frente ao tribunal. Renzo Bellini desceu com a elegância de um homem que sabia exatamente seu lugar no mundo. O sobretudo escuro pairava sobre seus ombros, as mãos nos bolsos, e o olhar profundo e tranquilo observava a entrada do edifício como um lobo à espreita.

— Ele já está saindo, Renzo. — murmurou Packie ao lado, mantendo a voz baixa.

Renzo nada disse. Apenas inclinou levemente a cabeça, um gesto quase imperceptível, mas que seus homens entenderam imediatamente.

O juiz Gordon Whitaker descia os degraus, ajustando as luvas de couro. Era um homem respeitável, um defensor da lei — mas acima de tudo, era um homem. E homens, Renzo sabia, tinham fraquezas.

Quando o juiz levantou os olhos e viu Renzo parado ali, seu passo hesitou, um instante mínimo de incerteza que não passou despercebido.

— Senhor Pegorino. — disse Whitaker, forçando um tom firme, mas sua respiração traiu um resquício de nervosismo.

Renzo sorriu. Um sorriso gentil, quase afetuosos.

— Meritíssimo... Um belo entardecer, não acha?

O juiz endireitou-se.

— Se veio falar sobre seu amigo, então está perdendo seu tempo. Ele continua preso.

Renzo suspirou suavemente, como se aquele fosse um problema menor, um aborrecimento da vida. Tirou um lenço

do bolso e limpou os dedos com calma, um gesto deliberado, calculado, como se estivesse limpando algo invisível.

— Sabe, meritíssimo, eu sempre admirei os homens da lei. — A voz era suave, envolvente, como o murmúrio de um pai aconselhando um filho. — São eles que sustentam a ordem, que protegem os cidadãos de pessoas más. Isso é um fardo pesado, um dever sagrado. E eu respeito isso.

O juiz estreitou os olhos.

— Se está tentando me bajular, Bellini, sugiro que não perca seu tempo. Eu sei exatamente quem você é.

Renzo inclinou levemente a cabeça, o sorriso ainda nos lábios, mas os olhos — ah, os olhos eram outra coisa.

— E eu sei exatamente quem o senhor é, meritíssimo.

Um silêncio caiu entre eles.

— Deixe-me perguntar algo... — Renzo continuou, a voz sempre baixa, sempre controlada. — O senhor é um homem de família, não é?

O juiz engoliu em seco.

— O que isso tem a ver com...

— Um homem trabalha duro, dedica-se à sua profissão, sacrifica tanto para sustentar aqueles que ama... Eu entendo isso, meritíssimo. — Renzo deu um passo à frente, um gesto quase amistoso, mas que fez o juiz instintivamente recuar.

— Sua esposa, Evelyn... uma mulher encantadora. Uma senhora de classe. — Renzo falava como se recordasse um velho amigo. — E seu filho, Peter... um garotinho cheio de vida.

O rosto do juiz ficou pálido.

— Isso é uma ameaça?

Renzo arqueou as sobrancelhas, ofendido.

— Meritíssimo, por favor. Não diga isso. — Ele sorriu, suave, paternal. — Eu jamais ameaçaria um homem de honra como o senhor.

O juiz cerrou os punhos.

— Seu amigo está preso por um crime que cometeu.

Renzo suspirou.

— E eu sou um homem razoável. Eu entendo a sua posição, meritíssimo. O senhor tem suas responsabilidades... Mas eu também tenho as minhas.

Ele colocou a mão no ombro do juiz, com um toque quase fraternal.

— No fim do dia, somos todos homens de família. E homens de família devem cuidar uns dos outros.

O juiz respirou fundo, tentando manter a compostura, mas o suor começava a escorrer pela têmpora.

Renzo continuou, sem pressa, cada palavra medida, precisa.

— O senhor vai para casa hoje, vai jantar com sua família, vai abraçar seu filho e beijar sua esposa. E eu quero que o senhor durma bem. Quero que tenha uma noite tranquila, sem preocupações...

O juiz fechou os olhos por um instante. Ele já sabia o que viria a seguir.

— Ele estará livre amanhã ao amanhecer. — disse, quase sussurrando.

Renzo assentiu, satisfeito.

— Isso me deixa muito feliz, meritíssimo.

Ele deu um leve tapinha no ombro do juiz antes de se afastar, Packie e Joe seguindo-o de perto.

O juiz Whitaker ficou ali, parado, sentindo um vazio no peito, sabendo que, de alguma forma, havia perdido.

XXII

Algo Sérió

Os meses haviam passado como um vento. O inverno havia dado lugar à primavera, e com ele, Renzo e Emília haviam construído algo delicado, um romance silencioso, intenso, porém discreto, como se pertencessem a um tempo onde as palavras tinham menos peso que os olhares.

Era um domingo, fim de tarde. O sol tingia os prédios com um dourado suave, e a brisa trazia consigo o aroma das flores recém-abertas no pequeno jardim do restaurante onde ela gostava de tomar café.

Renzo estava ali, sentado diante dela, o terno impecável, o olhar sempre calmo, mas atento, como se nada no mundo pudesse escapar de sua observação. Emília, por outro lado, mantinha a postura elegante, porém com aquele brilho nos olhos que não conseguia esconder quando estava com ele.

— Você tem o hábito de me olhar assim, sabia? — Emília comentou, pousando delicadamente a xícara sobre o pires.

Renzo arqueou uma sobrancelha, um pequeno sorriso desenhando-se nos lábios.

— E como eu te olho?

Ela inclinou-se um pouco, estreitando os olhos, como se tentasse decifrá-lo.

— Como se estivesse me estudando. Como se estivesse... me desvendando.

Renzo soltou um leve riso pelo nariz. Um riso curto, discreto, mas cheio de significado.

— E você quer ser desvendada?

Emília desviou o olhar por um instante, tocando a borda da taça de vinho com os dedos finos.

— Talvez. Mas só se você tiver paciência.

— Eu sou um homem paciente.

O silêncio que se seguiu não era incômodo. Era denso, como algo que não precisava ser preenchido.

Renzo pegou uma azeitona do prato e a girou entre os dedos antes de levá-la à boca, sempre meticoloso, sempre preciso. Ele nunca fazia nada sem intenção.

— Me diga, Emília... — começou ele, recostando-se na cadeira.

— Você nunca me fala sobre sua família.

Ela parou o movimento. Foi uma hesitação mínima, mas Renzo percebeu. Ele sempre percebia.

— E você nunca pergunta.

Renzo sorriu de canto.

— Eu sou um cavalheiro.

Emília abaixou o olhar, brincando com o colar discreto que ganhara de Renzo, e usava no pescoço.

— Minha família tem certas expectativas... Eu não costumo falar sobre isso.

Renzo não insistiu. Ele era paciente.

— Entendo.

Outro silêncio. Dessa vez, mais carregado.

Ela olhou para ele novamente, os olhos avaliando seu rosto como se quisesse gravar cada detalhe.

— E você, Renzo? Como você começou...?

Renzo limpou os dedos no guardanapo e suspirou, escolhendo as palavras com cuidado.

— Eu comecei com nada. E fui tomando aquilo que o mundo não quis me dar. Afinal todo rei precisa de alguém que carregue a coroa.

— E o que o mundo não quis te dar?

Ele inclinou-se um pouco à frente, os olhos castanhos fixos nos dela, a voz baixa, hipnótica.

— Respeito.

Emília prendeu a respiração por um instante. Não era medo o que sentia — era fascínio.

— E agora? Você sente que o tem?

Renzo sorriu de leve, apoiando a taça nos lábios antes de responder.

— Agora, as pessoas lembram do meu nome antes de dizer ‘não’.

Ela o observou por mais alguns segundos, absorvendo cada nuance daquela resposta.

— E eu?

Renzo piscou lentamente.

— Você nunca me disse ‘não’.

Os lábios de Emília se curvaram num sorriso discreto.

— Talvez eu goste de te desafiar.

Ele riu baixo.

— Então continue. Eu gosto de um bom desafio.

A noite avançava, e o mundo ao redor desaparecia.

O encontro seguia em um ritmo tranquilo, embalado por risadas. Renzo e Emília já se conheciam há meses. Havia entre eles uma proximidade que dispensava pressa, um entendimento silencioso que se construía a cada encontro. A noite havia caído e ambos decidiram jantar ali mesmo.

Emília girava a taça de vinho entre os dedos, como se ponderasse algo. Renzo percebeu. Ele sempre percebia.

— O que foi? — perguntou, sua voz baixa, aveludada, porém atenta.

Ela hesitou por um instante, depois pousou a taça e ergueu os olhos para ele.

— Meus pais querem conhecê-lo.

Renzo não respondeu de imediato. Piscou devagar, como se estivesse digerindo a informação.

— Seus pais...?

Ela assentiu, observando atentamente sua reação.

— Ouviram falar de um certo 'bom moço' de sobrenome Bellini.

Renzo esboçou um sorriso discreto, recostando-se na cadeira.

— Bom moço...? — Sua voz carregava um tom de ironia quase imperceptível. — É assim que você me descreve?

— De alguma forma, sim.

Ele deixou escapar um som baixo, como um riso contido.

— E o que mais disseram?

— Que gostariam de saber quem é o homem que tanto ocupa minha atenção.

Renzo pegou um palito de dente do porta-guardanapo e começou a girá-lo entre os dedos, pensativo.

— E quem são seus pais, Emília?

Ela desviou o olhar por um instante.

— São pessoas tradicionais... de família antiga.

Renzo permaneceu em silêncio por alguns segundos. Era a confirmação de algo que ele já suspeitava. Emília não era uma garota qualquer. Havia um peso em seu sobrenome, mesmo que ela evitasse mencioná-lo.

— Família antiga... isso significa que são importantes. Ou que se veem assim.

— Significa que são seletivos.

Ele assentiu levemente, seu olhar se tornando ainda mais atento.

— E você acha que eu serei bem recebido?

Ela sorriu.

— Acho que terão que decidir por si mesmos.

Renzo tamborilou os dedos na mesa, um hábito discreto quando ponderava algo. Conhecer os pais de Emília significava pisar em território desconhecido, algo que ele evitava sempre que podia.

— Onde e quando?

— Na próxima semana. Um jantar na casa deles. Algo íntimo. Renzo inclinou a cabeça ligeiramente, os olhos cravados nela.

— Eles sabem o que eu faço?

— Sabem que você tem negócios. Mas não quais.

Ele apertou os lábios levemente, como quem pondera um movimento.

— Então, serei um cavalheiro.

Emília sorriu, inclinando-se um pouco mais na mesa.

— Você já é. Só precisa parecer um pouco mais.

Renzo soltou um riso pelo nariz, um som curto, carregado de algo indefinível.

— Você fala como se tudo fosse uma questão de aparência.

Ela brincou com o colar entre os dedos, o sorriso permanecendo.

— E não é?

Renzo a observou por um instante mais longo, depois ergueu sua taça, movendo-a levemente antes de beber um gole.

— Acho que pode ser interessante.

Emília manteve o olhar sobre ele, como se tentasse decifrar cada expressão, cada nuance em seu rosto. Renzo permaneceu relaxado, mas sua presença continuava imponente.

— Interessante? — ela repetiu, cruzando os dedos sobre a mesa.

Renzo girou a taça de vinho entre os dedos, sem pressa.

— Acredito que sim. — Ele ergueu o olhar para ela. — Uma família tradicional. Pais protetores. Uma filha que desafia expectativas. Sim... isso pode ser muito interessante.

Ela arqueou levemente as sobrancelhas.

— Está insinuando que sou uma filha rebelde, Renzo?

O canto de sua boca se curvou em um sorriso sutil.

— Estou insinuando que você não escolheu um advogado ou um diplomata para lhe fazer companhia.

Ela riu baixo, inclinando-se ligeiramente para frente.

— E o que faz você pensar que não escolhi exatamente o que queria?

Renzo a observou por um longo momento, seus olhos carregados de algo profundo, mas indecifrável.

— Se escolheu... então seus pais terão de aceitar isso.

O tom era calmo, quase melódico, mas havia um peso em suas palavras. Um aviso sutil.

Emília deslizou a ponta dos dedos pela borda da taça antes de perguntar:

— Você está nervoso?

Renzo soltou um riso pelo nariz, baixo e contido.

— Eu? Nervoso? — Ele fez uma pausa breve, seus olhos estudando os dela. — Quando um homem entra na casa de outro homem, ele precisa entender que está pisando no domínio de alguém. Isso exige respeito. E respeito... é algo que eu sei oferecer.

Ela sorriu.

— Então não há com o que se preocupar.

Renzo girou o palito de dente entre os dedos e o deixou sobre o pires ao lado de sua xícara de café.

— Isso depende.

— Depende do quê?

Ele se inclinou ligeiramente para frente, os cotovelos apoiados na mesa, as mãos unidas.

— Depende se seu pai é um homem que sabe o que é respeito. A voz dele soou baixa, mas firme. Havia ali uma camada oculta, um recado nas entrelinhas que ela compreendeu perfeitamente.

Ela mordeu o lábio de leve antes de responder.

— Meu pai respeita homens de verdade.

Renzo assentiu lentamente.

— Então teremos um bom jantar.

Ela o observou, como se tentasse prever seus pensamentos. Mas Renzo Bellini não era um homem que se deixava decifrar facilmente. Ele era um mistério que poucos ousavam tentar compreender.

Depois de um breve silêncio, Emília inclinou-se para frente, sua voz suave, mas carregada de significado.

— Renzo... o que você quer de mim?

A pergunta pairou no ar. Ele não desviou o olhar, nem vacilou. Sua resposta veio sem pressa, sua voz carregada daquela calma que, de alguma forma, impunha respeito.

— Quero o que você estiver disposta a dar. Nem mais, nem menos.

Ela sorriu, satisfeita.

— E se eu quiser lhe dar tudo?

Renzo não sorriu de volta. Em vez disso, inclinou-se levemente e, com um olhar firme, respondeu:

— Então será minha responsabilidade proteger isso.

Emília piscou devagar, sentindo o peso daquelas palavras. Não era uma promessa vazia. Não era uma declaração impetuosa. Era simplesmente a verdade de um homem que entendia o que significava lealdade.

E pela primeira vez, ela percebeu que havia escolhido não apenas um homem forte, mas um homem que sabia o peso de cada escolha que fazia.

XXIII

Quentura Part III

Uma semana se passara, Renzo estava numa negociação importante, com um dos chefões do submundo.

O clube era discreto, sem placas ou letreiros indicando sua existência. Apenas aqueles que precisavam saber sabiam. O ambiente interno era abafado pelo cheiro de tabaco, uísque e couro envelhecido. O som de conversas em tom baixo se misturava ao barulho de copos tilintando. Nas mesas menores, homens engravatados jogavam cartas e trocavam envelopes discretos.

Nos fundos, em uma sala privada com uma longa mesa de madeira escura, Renzo Pegorino estava sentado à cabeceira. Vestia um terno escuro, impecável, e seus olhos avaliavam cada detalhe do ambiente com a paciência de um homem que sabia que tudo no mundo se resolvia com tempo e estratégia. À sua frente, Howard "Howie" Greaves, chefe de uma facção irlandesa da cidade, um homem corpulento de traços duros e costeletas grossas, mastigava um charuto entre os dentes, sem acendê-lo. Seu terno marrom-claro parecia mal-ajustado em

seu corpo largo. Seus olhos estavam atentos, avaliando Renzo com um misto de desconfiança e cautela.

Dos lados de Howie, estavam seus dois capangas, homens grandes e de feições vazias. Do lado de Renzo, Packie, Joe e Santoro Ruggieri, todos em silêncio, apenas observando.

O garçom serviu uísque para todos e saiu sem dizer palavra.

Howie pegou seu copo e girou o líquido âmbar antes de falar:

— Então, Don Pegorino... dizem que você anda fazendo muito barulho por aí. Crescendo rápido.

Renzo segurou o copo com calma, mas não bebeu. Seus olhos estavam fixos no irlandês.

— A cidade cresce. Quem sabe trabalhar, cresce junto.

Howie soltou um riso seco e tragou seu charuto apagado.

— É... mas alguns dos meus rapazes me disseram que os seus cresceram um pouco demais pro gosto deles. Entraram onde não deviam. Se meteram em negócios que já tinham dono.

Renzo permaneceu imóvel, como se fosse esculpido em mármore. Então, pousou o copo na mesa e falou, sua voz baixa, controlada, mas carregada de uma autoridade inegável:

— Se um homem não tem controle sobre os seus, talvez não mereça tê-los.

Howie estreitou os olhos.

— Está dizendo que eu não controlo os meus?

Renzo suspirou levemente e inclinou-se para frente, entrelaçando os dedos.

— Estou dizendo que, se os seus homens acham que podem agir sem medir as consequências, então quem está no comando? Você ou eles? Porque eu sei exatamente o que os meus fazem. Sei onde estavam, com quem estavam e por que estavam lá. O que eu não sei... é se você pode dizer o mesmo. O silêncio pesou como chumbo na sala. Os capangas de Howie se mexeram desconfortavelmente. Howie cerrou os punhos, seu rosto ficou ruborizado.

— Olha, Don Pegorino... respeito você e o que fez em tão pouco tempo. Mas não sou um moleque pra levar sermão. Meus homens foram encurralados, humilhados. Você não acha que eu deveria tomar isso como uma ofensa pessoal?

Renzo sorriu de leve. Um sorriso sem alegria.

— A ofensa acontece quando um homem escolhe ser ofendido. Se os seus foram encurralados, talvez tenham sido mal ensinados. Ou talvez tenham aprendido uma lição que você deveria ter ensinado antes.

Howie bateu o copo na mesa, irritado.

— Tá me chamando de incompetente?

Renzo nem piscou.

— Se eu achasse isso, não estaria aqui conversando com você. Um chefe que precisa levantar a voz para mostrar força já perdeu antes de começar. E um homem que acha que pode tomar tudo sem dar nada em troca... bem, esse não é um homem com quem se pode fazer negócios.

Howie respirou fundo, tentando se conter. Por mais que quisesse se impor, sabia que estava numa posição ruim. Renzo não estava nervoso, nem defensivo. Ele estava no controle.

Após alguns segundos, Howie forçou um sorriso e pegou o copo novamente.

— Talvez tenha havido... equívocos. Eu não quero que percamos dinheiro com bobagens.

Renzo assentiu levemente.

— Nem eu. Então, daqui pra frente, seus homens não chegam perto dos meus. E os meus não precisarão ensinar mais lições aos seus.

Howie tomou um gole grande de uísque, limpou a boca e estendeu a mão.

— Negócio fechado.

Renzo olhou a mão estendida por um breve momento antes de apertá-la.

— Ótimo.

Mas Howie entendeu o recado. Ele não havia saído vitorioso daquele jantar.

Renzo levantou-se com elegância, abotoando seu terno e saindo acompanhado por seus associados, caminhando com pressa até seu carro, tinha um compromisso essa noite, muito importante. Ao chegar no local do seu compromisso, se impressionou.

A mansão era grande, clássica, mas sem exageros. Tinha uma arquitetura sólida, sem ostentação desnecessária. Renzo saiu do carro e ajeitou o paletó antes de subir os poucos degraus até a porta principal. O serviçal que o aguardava fez um gesto discreto com a cabeça e abriu a porta.

O interior era bem iluminado, cheiro de madeira polida e lareira acesa. As paredes eram decoradas com quadros de paisagens europeias, e os móveis, embora elegantes, não gritavam riqueza. Apenas bom gosto e tradição.

Renzo caminhou pelo hall sem pressa, os sapatos ecoando no assoalho. O serviçal o guiou até uma sala de estar espaçosa, onde Emilia estava sentada ao lado de sua mãe. A mãe dela era uma mulher de porte firme, cabelo preso, vestido azul discreto.

— Renzo, que bom que veio. — Emilia se levantou, sorrindo. Ele fez um leve aceno de cabeça, mantendo a postura.

— Seria uma descortesia recusar um convite tão respeitável. A mãe dela o observou por um momento antes de falar.

— Meu marido teve que resolver alguns assuntos de família. Mas ele faz questão de conhecê-lo em outra ocasião.

Renzo assentiu, sem demonstrar surpresa.

— Assuntos de família sempre vêm primeiro. Um homem precisa cuidar dos seus.

A mãe de Emilia estudou suas palavras, procurando algo por trás delas, mas Renzo não ofereceu nada além de uma expressão tranquila.

A mãe de Emilia cruzou as mãos sobre o colo e manteve os olhos em Renzo. O silêncio entre eles era um teste por si só, e ele o aceitou com paciência. Não havia necessidade de pressa. Quando se tratava de famílias como aquela, palavras tinham peso. Um homem que falava demais ou muito rápido demonstrava fraqueza.

Renzo acomodou-se na poltrona de couro macio. A lareira crepitava suavemente ao fundo, e um relógio de madeira marcava o tempo com batidas lentas e precisas. Ele ajeitou o paletó, cruzou uma perna sobre a outra e descansou uma das mãos no braço da poltrona. Sua presença era firme, mas sem arrogância. Apenas um homem no controle absoluto de si mesmo.

— Minha filha fala muito sobre você, senhor Bellini. — A mãe de Emilia finalmente quebrou o silêncio, estudando cada nuance do rosto dele.

Renzo inclinou levemente a cabeça, um pequeno sorriso no canto dos lábios.

— Isso me honra. E me surpreende. Emilia me parece uma mulher reservada. Deve ter motivos bons para falar tanto de mim.

Emilia desviou o olhar, sorrindo de leve. Sua mãe permaneceu impassível.

— Ela fala de um homem educado. De um homem respeitoso. Mas sabemos que a educação e o respeito podem esconder muitas coisas.

Renzo assentiu, sem ofensa.

— É verdade. Mas também acredito que um homem pode ser julgado pelas suas ações, e não apenas pelas histórias que contam sobre ele.

A mãe de Emilia apertou os lábios e lançou um olhar breve para a filha.

— E que ações o definem, senhor Bellini?

Renzo manteve o olhar firme, sem hesitação.

— Acredito que um homem deve proteger os seus. Deve garantir que aqueles que confiam nele nunca fiquem desamparados. Deve honrar sua palavra. Não faço promessas levianas, senhora. E nunca deixo uma dívida sem pagamento. Isso me define.

Havia algo na forma como ele falava. Não era apenas a escolha das palavras, mas o ritmo, o tom, a certeza. Era como se cada frase tivesse sido pensada com cuidado, como se carregasse peso e propósito. Era o tipo de fala que um homem inteligente reconhecia e uma mulher prudente temia.

A mãe de Emilia não respondeu de imediato. Pegou uma xícara de chá da mesinha ao lado e bebeu um gole, mantendo os olhos fixos nele.

— São qualidades nobres. Mas qualidades que podem ser perigosas nas mãos erradas.

Renzo sorriu de leve, quase melancólico.

— O perigo está na interpretação. Um homem pode ser visto como uma ameaça ou como uma bênção. Depende de quem está olhando.

Emilia olhava para ele de um jeito diferente agora. Como se enxergasse algo além do homem educado que conhecera. Talvez começasse a entender a natureza daquilo que a atraía para ele. Renzo não era apenas charmoso. Ele era inevitável.

A porta se abriu lentamente, e o silêncio preencheu a sala. O cheiro de tabaco misturava-se ao leve aroma de conhaque, carregado na brisa que vinha do corredor. O homem que entrou vestia um terno impecável, de corte clássico, e trazia nos olhos a frieza de quem há muito tempo deixara de se impressionar com qualquer coisa. Baruch Goldstein. Um

nome que, para muitos, representava poder, para outros, medo.

Renzo, ao vê-lo, sentiu o sangue gelar por um instante. Foi um segundo, um breve segundo, mas um segundo que parecia eterno. Seus músculos enrijeceram, sua respiração desacelerou, e por dentro, a raiva explodia como um incêndio voraz. Aquele homem.

Baruch passou os olhos pela sala, mastigando entre os dentes seu charuto, analisando cada detalhe, até que finalmente seus olhos caíram sobre Renzo. Ele olhou sem entender, piscou duas vezes, até sua ficha cair. Ele sorriu, mas era um sorriso carregado de algo mais.

— Eu soube que minha filha tem falado muito de um tal senhor Bellini. — Ele fechou a porta atrás de si com calma, os sapatos ecoando no assoalho de madeira polida. — Curioso, porque eu não conheço nenhum Bellini. Mas eu conheço um Pegorino.

Renzo recostou-se na poltrona, mantendo a compostura. Seus olhos não piscavam. Sua respiração era medida.

— Os tempos mudam, senhor Goldstein. Os nomes também. Baruch soltou um riso baixo, caminhando pela sala como dono do lugar. Pegou um charuto novo do bolso interno do paletó, acendeu-o com um fósforo, e tragou lentamente.

— Sim, os tempos mudam. Mas há coisas que nunca mudam. Por exemplo... há muitos anos, havia uma família chamada Bellini.

Ele pausou, observando Renzo com olhos calculistas.

— O pai? Um homem fraco. A vida lhe foi dura, e ele não soube retribuir à altura. A mãe? Uma mulher que encontrava conforto em outros homens. E o filho... um tolo. Um menino sem futuro.

Renzo queria matá-lo. Ali. Naquela sala.

Odiava a forma como Baruch falava, com um tom quase entediado, como se estivesse contando uma anedota sem importância. Como se não tivesse sido ele quem pusera fogo naquela casa. Como se não tivesse sido ele quem destruíra tudo.

Mas Renzo era um homem de paciência. A paciência era sua arma mais mortal. Ele não reagia por impulso. Ele guardava. E quando o momento certo chegava... ele fazia valer cada segundo.

Ele respirou fundo, inclinando-se ligeiramente para a frente. Sua voz saiu calma.

— E o que aconteceu com essa família, senhor Goldstein? Baruch deu de ombros.

— O que acontece com qualquer família fraca. O mundo engole. A cidade esquece. O tempo varre para debaixo do tapete. E então, um dia, ela deixa de existir. Mas parece que, mesmo mortos — fez um sinal zombeteiro de cruz — voltaram a me assombrar.

Ele tragou o charuto mais uma vez, soltando a fumaça devagar.

— Mas me diga... — Ele estreitou os olhos. — Por que "Bellini", Pegorino? Você poderia ter escolhido qualquer nome. Por que esse?

Renzo sorriu, um sorriso vazio, sem emoção alguma.

— Talvez eu tenha simpatia por aqueles que o mundo tentou esquecer.

A sala permaneceu em silêncio por um momento. A tensão era densa.

Então, Baruch inclinou a cabeça, pensativo.

— Sabe, eu sou um homem precavido. Eu prefiro manter certas distâncias. Meu sobrenome real não é Goldstein.

Ele fez um gesto com a mão, como se descartasse a importância do assunto.

— Eu o troquei. Para proteger minha família. Porque um nome pode ser um fardo... ou um alvo.

Seus olhos perfuraram Renzo.

— Eu vejo que você fez a mesma escolha.

Renzo não respondeu de imediato. Porque não precisava.

Ele manteve o olhar fixo, frio, calculista. E dentro dele, uma certeza crescia: aquele homem achava que havia apagado a família Bellini do mundo.

Mas ele estava errado.

Após um minuto de silêncio, onde Baruch olhava com um olhar desafiador a Renzo que tentava manter a postura, uma voz feminina cortou a tensão.

— O jantar está na mesa!

A sala de jantar era ampla, iluminada pela luz bruxuleante das velas. A mesa, elegantemente posta, exalava o aroma dos pratos quentes e bem preparados. Emilia sorria de leve, tentando manter o clima ameno, enquanto sua mãe, com um olhar atento, observava cada detalhe. Mas Renzo não via nada disso.

Ele via Baruch.

O homem estava sentado na cabeceira, com um sorriso que não chegava aos olhos. Um rato vestindo um terno caro. Um porco que se achava rei. Ele cortava a carne no prato com calma, como se cada movimento fosse uma peça de um jogo que só ele entendia.

— Então, senhor Bellini... ou devo chamá-lo de Pegorino? — Baruch ergueu a taça de vinho e sorriu.

Renzo manteve o olhar impassível. Queria matá-lo ali. Queria ver a vida se esvaír dos olhos dele.

— Bellini está ótimo.

Baruch riu. Um riso curto, seco.

— Claro... claro. Sabe, eu já vi muitos homens trocarem de nome. Mas sempre há um motivo por trás disso. Um passado

que eles querem esquecer. Ou... um passado que os quer morto. E o senhor não diz muito sobre o seu... por qual motivo?

Filho da puta.

Renzo continuou cortando a carne, como se as palavras do homem não tivessem importância. Mas dentro dele, a raiva fervia. Uma bala no meio dos olhos. Uma navalha no pescoço. O veneno escorrendo pela taça de vinho. O garfo atravessando a garganta.

Ele respirou fundo. Ele era frio. Ele era paciente.

Emilia olhou para o pai, franzindo a testa.

— Pai... o passado de um homem não define quem ele é. E Renzo é um homem honrado.

Baruch lançou um olhar de canto para a filha e sorriu de leve.

— É mesmo? Porque a honra de um homem começa pela família. E um homem sem passado... sem raízes... é apenas um errante.

Renzo apertou os dedos ao redor do garfo. Queria enfiá-lo no olho daquele desgraçado.

Ele não sabe. Ele não sabe que eu sou o garoto que ele tentou apagar. Que eu sou o último Bellini.

Baruch tomou um gole do vinho e então olhou diretamente para Renzo.

— Mas eu entendo. Um homem precisa de uma mulher. Precisa de um lar. A carne esfria sem uma mulher ao lado. O mundo se torna solitário. Eu entendo. Mas me pergunto... — Ele pousou a taça lentamente sobre a mesa. — O que minha filha viu em você?

Renzo sentiu o sangue subir.

Eu vou matar esse filho da puta.

O jeito como ele falava. O tom de voz. O jeito que fazia parecer que Emilia era apenas um troféu, algo para ser possuído, uma

mulher cuja presença ao lado de Renzo era uma espécie de piada, de humilhação.

Ele engoliu a raiva. Olhou para Emilia, que parecia desconfortável, mas determinada.

Então, ele sorriu. Um sorriso lento, frio, calculado.

— Talvez ela tenha visto o que um homem como você nunca verá.

Baruch apertou os olhos.

— E o que seria isso, senhor Bellini?

Renzo inclinou-se um pouco para frente, descansando os cotovelos na mesa, as mãos unidas diante do rosto. A luz das velas tremulou em seu olhar.

— Alguém capaz de amar sem medo.

Baruch não respondeu de imediato. O silêncio se instalou na mesa.

Mas Renzo via. Via que suas palavras haviam tocado um ponto que Baruch não esperava.

O velho mafioso pegou sua taça, girou o vinho lentamente, e então deu um gole.

— Interessante. Muito interessante.

Renzo apenas sorriu de leve e continuou comendo. Mas na sua mente... ele já tinha mil maneiras de matar aquele homem.

O silêncio que pairava sobre a mesa era denso, quase sufocante. O tilintar dos talheres contra os pratos parecia ecoar pelo salão, enquanto Baruch, ainda segurando sua taça de vinho, analisava Renzo com um olhar astuto, avaliador.

Renzo permaneceu tranquilo, a expressão impenetrável. Ele era um homem paciente. Sempre fora. Mas dentro dele, uma tempestade silenciosa se formava. A raiva não o cegava; ela o alimentava.

Baruch sorriu de canto, um sorriso que não escondia o veneno.

— Você fala como um poeta, senhor Bellini. Mas poesia não tem lugar no mundo real. O que um homem precisa não é amor, mas poder. E poder... poder de verdade... está nas mãos daqueles dispostos a tomá-lo, não daqueles que sonham com ele.

Renzo inclinou a cabeça levemente. Seus olhos, profundos e sombrios, fixaram-se nos de Baruch. Ele era um homem que sabia quando falar. E, mais importante, quando calar.

Com um movimento lento, Renzo limpou a boca com o guardanapo de linho, dobrou-o cuidadosamente e pousou-o sobre a mesa.

— Poder sem respeito é vazio, senhor Goldstein. Um homem que só governa pelo medo é um homem que, mais cedo ou mais tarde, acorda com uma faca em sua garganta.

O sorriso de Baruch vacilou por um instante. Mas ele logo recuperou a compostura e soltou uma breve risada.

— Interessante... você fala como se entendesse de poder, Bellini. Mas me diga, um homem com um passado como o seu... — ele fez uma pausa proposital, estudando Renzo — onde encontrou essa sabedoria?

Renzo apoiou-se na mesa, unindo as pontas dos dedos, o olhar fixo como um predador estudando sua presa.

— O passado ensina lições que a vida comum não ensina. Um homem que sobrevive à dor aprende o que realmente importa.

Ele fez uma pausa, deixando as palavras pesarem no ar.

— E o que importa, senhor Goldstein, não é tomar poder... mas saber mantê-lo.

Baruch apertou os olhos, percebendo que Renzo não era um jovem ingênuo. Não era um homem qualquer.

— E você acredita que o tem? O poder?

Renzo sorriu de leve. Não um sorriso largo, não um sorriso amigável. Mas um sorriso que dizia tudo sem dizer nada.

– Eu acredito que um homem que precisa perguntar... já perdeu o seu.

Baruch ficou em silêncio por um momento. A tensão na mesa era palpável. Emilia olhava de um para o outro, sentindo o choque de forças invisíveis. Sua mãe, nervosa, tomou um gole de vinho e pigarreou, tentando dissipar o clima.

Mas Baruch não queria encerrar a conversa. Ele queria testar Renzo. Queria provocá-lo.

– Minha filha fala muito de você, senhor Bellini. Diz que é um homem respeitável. Mas me diga... o que você realmente quer com ela?

Renzo inclinou-se ligeiramente para trás, cruzando os dedos sobre a mesa. Cada palavra que saía de sua boca era medida, calculada.

– Respeito. Lealdade. Um lar. Tudo o que um homem digno deveria querer.

Baruch soltou uma risada curta, debochada.

– Palavras bonitas. Mas eu conheço homens como você.

Ele estreitou os olhos.

– Você pode tentar se esconder atrás desse ar de cavalheiro, mas eu vejo o que há por trás disso. Um homem não esquece suas origens. Ele pode mudar de nome, mas nunca deixa de ser quem realmente é.

Renzo permaneceu imóvel, apenas observando. O filho da puta estava tentando provocá-lo. Tentando arrancar uma reação.

Mas ele não daria esse prazer a ele.

– Talvez. Mas um homem também escolhe quem quer ser. E eu fiz a minha escolha, senhor Goldstein.

Baruch sorriu. Um sorriso calculado.

– Espero que sim. Porque um homem que não conhece seu lugar... pode acabar sem um.

Renzo permaneceu impassível. Mas, naquele instante, ele soube que Baruch Goldstein morreria pelas suas mãos.

XXIV

Quentura Part IV

A feira estava viva. O cheiro doce das frutas misturava-se ao aroma de ervas frescas e pão recém-assado. O burburinho dos comerciantes se misturava às risadas das crianças correndo entre as barracas. E Renzo Bellini estava ali, como um homem comum, um homem que sabia apreciar as pequenas coisas da vida.

Ele passou os olhos pelas bancas, o olhar experiente reconhecendo as melhores frutas. Parou em frente a uma vendedora de maçãs, uma mulher robusta de meia-idade, com bochechas rosadas e um sorriso largo.

— Ah, senhor Pegorino! Hoje as maçãs estão melhores que nunca. Vermelhinhas, suculentas. Perfeitas para um homem de bom gosto.

Renzo pegou uma, girando-a entre os dedos.

— Madonna mia... esta aqui parece uma obra de arte. Me diga, Carmella, foi você quem cultivou? Porque, se foi, acho que está na hora de largar esse mercado e virar artista.

A mulher riu, balançando a cabeça.

— Ah, senhor Pegorino, sempre com essa lábia!

Renzo sorriu, deu uma mordida na maçã. Suculenta. Doce. Perfeita.

— Se não fossem essas maçãs, Carmella, eu diria que você me engana. Mas como são boas... vou levar meia dúzia.

Ele seguiu pelo mercado, parando em outra banca, onde um homem baixo e atarracado vendia uvas.

— Renzo! Meu amigo! Quer provar as uvas? Acabei de receber, direto das melhores vinhas. Só para os homens de refinado paladar.

Renzo pegou um pequeno cacho, provou uma. Mastigou devagar, saboreando. Depois, inclinou-se ligeiramente para o vendedor, com um olhar sério.

— Se você quer saber, Luigi... estou ofendido. Você me oferece essa uva como se fosse algo comum, mas eu te digo... esta é a melhor que já provei em anos. Então, por que não começou dizendo que estas são as uvas de um rei?

O homem gargalhou.

— Então levo como um elogio?

Renzo sorriu, pegando outro cacho.

— Leva como um aviso: nunca subestime sua mercadoria. E me separe o melhor que tiver, porque hoje é um dia especial. Ao longo da feira, ele continuava sua caminhada, cumprimentando os velhos conhecidos, brincando com os vendedores. Era um homem querido.

As mulheres, sempre atentas, cochichavam entre si.

— Você viu os olhos dele? Estão diferentes... Como os de um homem apaixonado.

Renzo ouviu. Parou. Virou-se para elas com um sorriso leve.

— O que posso dizer? Hoje vou ver alguém especial. E um homem deve sempre estar no seu melhor quando está diante de algo precioso.

Os olhos delas brilharam.

— Ah, senhor Pegorino, quem quer que seja essa mulher, é uma mulher de sorte.

Renzo pegou uma laranja da banca mais próxima, jogou-a de uma mão para outra, e respondeu com um tom suave, mas cheio de certeza:

— Não, minhas caras... eu é que sou um homem de sorte.

E continuou sua caminhada pela feira, um homem poderoso, um homem respeitado... mas, naquele dia, apenas um homem apaixonado.

A noite estava tranquila, depois que Renzo chegara para buscar Emilia. O vento soprava de leve, balançando as cortinas da casa imponente da família Goldstein. Renzo chegou sem pressa, como sempre fazia, seu carro preto deslizando pela rua até parar diante da entrada. Seu semblante era sereno, mas seus olhos carregavam um peso silencioso.

Ele saiu do carro, ajustou os punhos do terno e caminhou até a porta. Emilia já o esperava, vestida para o passeio, o perfume dela suave no ar.

— Meu pai está no escritório. Ele quer falar com você antes de sairmos.

Renzo parou por um segundo. Seu rosto não demonstrou surpresa, raiva, hesitação. Foi uma mudança sutil, imperceptível, uma sombra passando por seus olhos.

— Tá certo. — Ele ajustou o terno e olhou para ela, sua voz calma, quase paternal. — Vá pro carro. Packie está te esperando de motorista. Quando entrar, levante os vidros. Daqui a pouco eu chego.

Emilia hesitou por um segundo, mas assentiu e se afastou. Renzo ficou parado, ouvindo seus passos desaparecerem, ouvindo a porta do carro se fechar. Então, lentamente, ele subiu as escadas.

Cada passo era calmo. Cada respiração era medida. O ar dentro da casa tinha um cheiro forte de madeira polida e charuto. O corredor longo levava até uma porta de mogno fechada. Ele tocou a maçaneta e empurrou, sem bater.

Lá dentro, Baruch Goldstein estava sentado em uma poltrona de couro, com um charuto entre os dedos. Seus sócios estavam ali, espalhados pela sala, conversando em voz baixa, como ratos farejando o cheiro da autoridade.

Os olhos de Baruch se ergueram para Renzo.

— Bellini... — Ele soprou a fumaça devagar. — Entre.

Renzo não respondeu. Apenas entrou e fechou a porta atrás de si. O clique seco da fechadura fez todos os homens da sala ficarem atentos.

Ele caminhou vagarosamente, como um homem que não tinha pressa, observando a grande estante de livros, o tapete persa sob seus pés.

— Bela sala, Baruch... — Ele passou a ponta dos dedos sobre a madeira de um aparador. — Bom gosto. Elegante, imponente. Um homem que vive bem.

Os sócios de Baruch trocaram olhares entre si, desconfortáveis. Havia algo na maneira como Renzo falava, como ele se movia, que parecia um animal cercando uma presa sem que ela percebesse.

Ele virou-se devagar, olhando para Baruch.

— E essa roupa... Um terno bem cortado, seda pura... Você sempre gostou das melhores coisas da vida, não é? Sempre soube escolher bem.

Baruch apertou os lábios, estranhando o tom da conversa.

— E você, Bellini? — Ele deu uma tragada no charuto. — Por que não me diz logo por que não me disse onde irá levar minha garotinha?

Renzo sorriu de leve.

— Ah... Eu já sei aonde vou, por que estou aqui. Mas seus sócios... Eles não precisam estar.

Baruch ergueu as sobrancelhas. Depois de um momento de silêncio, ele fez um gesto curto com a mão, e os homens começaram a sair, um a um, com olhares hesitantes. Quando a porta se fechou, a sala ficou em um silêncio quase sepulcral. Renzo se aproximou mais. Devagar. Seu olhar fixo nos olhos de Baruch, lendo cada mínimo traço de seu rosto.

— Sabe... Eu gosto de pensar que o mundo gira de um jeito engraçado.

Ele caminhou ao redor da mesa, parando atrás da cadeira de Baruch, uma mão descansando no encosto de couro.

— O tempo passa, os rostos mudam... Mas certas coisas sempre voltam.

Ele deslizou a mão pelo ombro de Baruch, um toque leve, mas carregado de peso.

E então, sem aviso, a lâmina brilhou sob a luz quente da sala. Renzo cravou a faca na barriga de Baruch com precisão cirúrgica.

O corte atravessou pele, músculos, perfurando órgãos como se não houvesse resistência. O ar saiu dos pulmões de Baruch em um engasgo molhado. Seus olhos se arregalaram, e ele tentou soltar um grito, mas Renzo já havia coberto sua boca com a outra mão.

O mafioso judeu se contorceu, suas mãos agarrando os braços de Renzo, mas a força do Don era implacável.

Renzo manteve a lâmina enterrada, sentindo o corpo do homem fraquejar, sentindo o sangue quente escorrer por seus dedos.

— Meu nome é Renzo Bellini. Sou filho de Giuseppe e Maria Bellini... e você, seu desgraçado, os matou, destruiu minha vida, e eu destruirei a sua... — sussurrou torcendo a lâmina.

— Shh... Não lute. — Renzo sussurrou novamente, aproximando o rosto do dele. Seus olhos eram frios como gelo. — Não adianta. Você já perdeu.

Baruch tentou erguer a mão, mas Renzo apenas pressionou a faca para cima, lenta e cruelmente, rasgando mais tecido, mais carne, subindo até o peito.

O mafioso se debatia fraco agora, os olhos suplicando, o terror de um homem que finalmente compreendia que não havia saída.

Quando Renzo terminou, puxou a lâmina de volta com um movimento limpo. O sangue espirrou, manchando o tapete.

Ele olhou para Baruch por um momento, vendo o corpo afundar na cadeira, os olhos opacos, a boca semiaberta em um suspiro mudo.

Com calma, Renzo pegou um lenço de seu bolso e limpou seu terno que respigara sangue, e a lâmina, limpou passando-a lentamente pelo tecido fino da roupa de Baruch.

Ele então guardou a faca de volta sob o terno, ajustou os punhos da camisa e se virou. Saiu da sala com a mesma tranquilidade com que entrou.

Lá fora, o ar estava fresco. Na calçada, um grupo de homens o aguardava. Italianos e judeus, capangas de Baruch, todos de terno escuro, mãos nos bolsos, corpos rígidos. Alguns tinham olhos frios, outros olhares indecisos. Renzo parou na soleira da porta e observou cada um deles. O silêncio era absoluto.

Um homem de chapéu escuro, provavelmente o mais velho do grupo, deu um passo à frente. — O que aconteceu lá dentro? — sua voz era firme, mas não isenta de cautela.

Renzo ajustou os punhos da camisa, como se tivesse todo o tempo do mundo. Depois enfiou as mãos nos bolsos do casaco e suspirou. — Baruch Goldstein está morto. — Sua voz era calma, quase monótona.

Os homens se entreolharam, alguns engolindo em seco, outros cerrando os punhos. Um dos italianos, mais jovem, franziu a testa. — Filho da puta...

Renzo ergueu a mão, um gesto leve, mas que fez todos prenderem a respiração. Seu olhar varreu o grupo, analisando cada um deles como se pesasse suas almas.

— Vocês têm duas opções — disse ele, sua voz um sussurro de veludo e ferro. — Aceitem meu dinheiro e esqueçam essa história.

Ele fez uma pausa, deixando o peso de suas palavras afundar na mente de cada um ali.

— Ou... — Ele deu um passo à frente, e os homens, instintivamente, recuaram um pouco. — Morrem aqui mesmo.

Silêncio. O vento frio da noite soprou pela rua, carregando consigo um cheiro de terra molhada e cigarro. Os capangas se entreolharam, e Renzo soube que as engrenagens estavam girando em suas cabeças. Medo, lealdade, sobrevivência. A matemática simples da vida criminosa.

O homem de chapéu respirou fundo e soltou o ar devagar. — Quanto?

Renzo sorriu, pequeno, quase imperceptível. — O suficiente para vocês viverem bem e nunca mais perguntarem sobre essa noite.

Outro silêncio. Então, um a um, os homens começaram a baixar a guarda. O jovem italiano, que antes cerrava os punhos, afrouxou o nó da gravata. O judeu que havia falado primeiro coçou a nuca, desviando o olhar.

Renzo deu um passo para o lado, abrindo caminho para a calçada. — Se quiserem viver, sugiro que saiam agora.

Os homens hesitaram por um instante, mas, um a um, começaram a se dispersar. Alguns entraram em seus carros,

outros apenas sumiram na escuridão da noite. O medo e a lógica haviam prevalecido.

Renzo observou até que o último deles sumisse de vista. Então, ajeitou o terno mais uma vez e caminhou lentamente até seu carro, onde Emilia o esperava.

Antes de entrar, ele olhou para a casa imponente mais uma vez, agora vazia de poder.

— Boa noite, Baruch... — murmurou, antes de fechar a porta do carro e sumir na noite.

Emília olhou para ele, curiosa.

— O que meu pai queria?

Renzo a encarou por um instante, depois deu um pequeno sorriso.

— Nada importante.

O motor rugiu, e o carro partiu lentamente pela estrada. Nos olhos de Renzo, a noite nunca pareceu tão tranquila.

XXV

Então é Assim?

A notícia da morte de Baruch Goldstein se espalhou como fogo em mato seco. No meio da noite, seus empregados encontraram o corpo no escritório, o sangue ainda quente encharcando o tapete persa. O médico legista estimou que o crime havia ocorrido pouco mais de uma hora antes. O pescoço de Baruch ainda estava rígido, os olhos abertos fixos no nada. Seus capangas foram os primeiros suspeitos. Eram homens violentos, desleais, nem um pouco confiáveis. A polícia foi rápida em prendê-los, e os jornais divulgaram as manchetes com seus rostos estampados, acusados de traição e homicídio.

Renzo Bellini não foi sequer mencionado.

O funeral aconteceu três dias depois. A família Goldstein organizou um velório fechado, reservado para poucos amigos e parentes. O caixão foi exposto em uma capela luxuosa, rodeado por velas e flores brancas. Emilia Abramovitz chorava silenciosa ao lado da mãe. Baruch fora um homem duro, mas era seu pai, e ela nunca imaginara vê-lo daquela forma.

Renzo chegou pontualmente, vestindo um terno preto impecável. Carregava um buquê de lírios brancos, grandes e frescos. Caminhou até Emilia com um olhar sério, respeitoso.

Quando ela levantou os olhos úmidos para ele, ele estendeu o buquê e segurou a mão dela por um instante.

— Meus sentimentos, mia cara — disse, com a voz baixa, pausada.

Ela assentiu, apertando levemente a mão dele antes de soltar. O funeral seguiu como todos os funerais da alta sociedade. Palavras de conforto, lágrimas discretas, promessas de vingança. Nos bastidores, os antigos aliados de Baruch se reuniam em pequenos grupos, sussurrando conspirações. O império que ele deixara para trás estava vulnerável, e cada um queria um pedaço.

Mas Renzo não se apressou. Ele já havia tomado sua parte na noite do assassinato.

Nos meses seguintes, ele se aproximou de Emilia de maneira sutil, cuidadosa. No início, eram encontros casuais: um café depois de uma missa, um jantar depois de um evento beneficente. Depois, passeios discretos, um almoço no terraço de um restaurante caro, um convite para uma ópera. Ela o recebia com gratidão, com conforto. Com o tempo, com desejo. O primeiro beijo veio em uma noite fria, quando Renzo a acompanhou até a porta de casa. Ele não pediu permissão, não hesitou. Apenas segurou seu rosto e a beijou. Ela retribuiu sem pensar.

Enquanto isso, os negócios de Renzo cresciam. A morte de Baruch deixara um vácuo que ele preencheu sem dificuldade. Seus cassinos clandestinos se multiplicaram, suas boates atraíam cada vez mais clientes, seus bares garantiam que nenhuma garrafa de uísque parasse cheia nas prateleiras. O dinheiro circulava, as apostas aumentavam, os policiais eram comprados com generosas propinas.

Seus rivais perceberam sua ascensão, mas ninguém se opôs diretamente. A reputação de Renzo falava por si. Ele era paciente, meticoloso, e quando atacava, não deixava rastros.

Os capangas de Baruch apodreciam na prisão, mas de bico calado, por medo.

No aniversário de três meses da morte de Baruch, Renzo e Emilia jantaram em um hotel de luxo. No fim da noite, eles caminhavam pela rua. O futuro já não parecia tão incerto.

Renzo Bellini tinha tudo sob controle.

Enquanto caminhavam pela cidade, Emilia segurava o braço de Renzo, encostando-se levemente a ele. A noite estava fresca, iluminada pelos postes e pelo brilho suave das vitrines fechadas. Era um passeio tranquilo, distante da pompa e das responsabilidades que envolviam os dois.

— Sabe, Renzo... — Ela disse, olhando para ele com um sorriso. — Acho que está na hora de eu conhecer sua casa.

Renzo manteve a expressão calma, mas dentro de si, refletia rapidamente. Sua casa? Aquilo não era um lar. O apartamento pequeno e escuro onde vivia com Packie e Joe mais parecia um esconderijo de criminosos. O lugar estava sempre cheio de malas, sacos de dinheiro, armas escondidas nos móveis. O cheiro de charuto impregnava as cortinas. Não havia nada ali que combinasse com Emilia.

Ele olhou para ela e forçou um sorriso tranquilo.

— Minha casa, huh? — Ele passou a mão no queixo, pensativo. — Não é um lugar que combina com você, minha querida. Uma bagunça. Sempre cheia de gente indo e vindo. Ela riu suavemente.

— Ah, não se preocupe. Eu não sou tão exigente assim.

Renzo balançou a cabeça lentamente, mantendo o tom suave e encantador que sempre usava.

— Não, não. Você merece algo melhor. Um lugar bonito, espaçoso... uma casa de verdade.

Emilia arqueou uma sobrancelha, curiosa.

— Você fala como se estivesse planejando se mudar.

Ele olhou para frente, dando um pequeno suspiro.

— Digamos que talvez seja a hora de fazer algumas mudanças.

Renzo percebeu ali, naquele momento, que precisava resolver isso. Não podia continuar vivendo como um cão de rua enquanto conquistava respeito e influência. Se Emilia deveria fazer parte de sua vida, ele teria que estar à altura dela.

Com um sorriso, segurou sua mão e beijou seus dedos com gentileza.

— Mas não se preocupe. Da próxima vez que te levar para casa, será um lugar que realmente mereça você.

Na manhã seguinte, Renzo, Packie e Joe estavam parados diante de uma imponente mansão de arquitetura clássica, com colunas robustas na entrada, um jardim extenso e uma longa alameda de paralelepípedos que levava até a porta principal. Era o tipo de casa que exalava poder e tradição, exatamente o que Renzo queria para o futuro.

Os três entraram, seguidos pelo corretor, que explicava os detalhes do imóvel com entusiasmo. Mas Renzo mal ouvia. Ele já sabia que aquela era a casa certa.

— Meu Deus... — murmurou Packie, os olhos brilhando enquanto passavam por um enorme salão de madeira escura, com uma lareira esculpida em mármore e janelas que iam do chão ao teto. — Olha isso, Joe. A gente vai viver que nem reis! Joe, sempre mais reservado, apenas soltou um assobio de aprovação, observando os detalhes do teto adornado com molduras douradas.

Renzo caminhava pelos corredores da mansão com passos firmes, as mãos nos bolsos do terno bem cortado. Packie e Joe vinham atrás, empolgados como garotos numa loja de doces. O lugar era exatamente o que ele queria: um casarão clássico, imponente, com colunas brancas e uma entrada larga. O tipo de casa que um homem respeitável, um homem de família, deveria ter. O tipo de casa que um Bellini deveria ter.

Joe assobiou ao ver a grande escadaria de madeira.

— Agora sim, chefe — ele disse. — Isso aqui é coisa de primeira.

Packie já tinha se adiantado, abrindo portas e explorando os cômodos como se já tivesse escolhido o seu.

— Esse aqui é o meu quarto! — ele gritou lá de cima.

Renzo não disse nada por um momento. Apenas sorriu, mas um sorriso contido, sem alegria. Packie desceu as escadas com pressa, batendo no corrimão de madeira polida.

— Esse vai ser o nosso quartel-general, hein, Renzo? — ele continuou. — Olha só essa sala de jantar! A gente pode reunir todo mundo aqui, planejar os negócios, fazer as contas... E lá fora tem um jardim, ótimo pra churrasco!

Renzo balançou a cabeça devagar.

— Packie, essa casa não é pra vocês.

O irlandês parou no meio da escada, a expressão de entusiasmo sumindo do rosto.

— Como assim, "não é pra nós"?

— Essa casa é para mim — Renzo disse com calma. — Para minha esposa e meus filhos.

O silêncio na sala pesou. Joe coçou a nuca e apenas assentiu, já entendendo o que Renzo queria dizer. Mas Packie não. Ele franziu a testa, o rosto se contorcendo numa mistura de confusão e raiva.

— Então é assim? — ele disse, descendo os últimos degraus de um jeito brusco. — Agora você quer uma casinha bonita, uma esposa, uma família? E a gente, hein? E tudo o que passamos juntos?

Renzo suspirou.

— Packie...

— Não, não me vem com essa voz mansa! — ele retrucou, apontando o dedo para Renzo. — Eu não acredito nisso! Você

quer se amarrar agora? Virar um burguês qualquer, vivendo num casarão com uma esposa servindo café na varanda?

— Eu sempre quis isso.

Packie riu, mas não foi um riso de diversão.

— Ah, que beleza! E eu achando que a gente ia subir junto. Mas parece que só um de nós sobe, né?

— Eu nunca disse que vocês não podem ter o mesmo — Renzo respondeu, a voz sempre firme. — Se quiserem uma casa, comprem uma. Mas essa aqui é minha.

Joe, que já tinha entendido que não havia volta, tentou aliviar a situação.

— Olha, Packie, o chefe tá certo. A gente sempre falou em subir na vida. Agora ele tá subindo. Não significa que a gente ficou pra trás.

Packie respirou fundo, bufando.

— Eu não sei se posso confiar nisso, Joe. Porque eu tô vendo as coisas de um jeito diferente agora.

Ele encarou Renzo nos olhos, e Renzo sustentou o olhar. Não havia ódio ali, mas algo mais amargo. Decepção. Resignação.

— Você tá trocando a gente por essa garota — Packie cuspiu as palavras.

Renzo permaneceu imóvel.

— Eu estou construindo o que sempre quis, Packie. E se você não consegue entender isso, então talvez nunca tenha me conhecido de verdade.

O irlandês ficou parado, os olhos queimando de raiva. Então, sem dizer mais nada, ele virou as costas e saiu.

Joe ficou parado por um instante, olhando para Renzo.

— Ele vai superar — ele disse.

— Talvez — Renzo respondeu.

Mas no fundo, ele sabia que alguma coisa tinha mudado. E que, quando um homem como Packie se sente deixado para trás, ele não esquece. Nunca.

Renzo ficou parado por um momento, ouvindo o som dos passos de Packie se afastando. O atrito era inevitável. Sempre seria. Homens como eles, criados no caos, não aceitavam mudanças facilmente. Mas Renzo já havia decidido. Emilia era o futuro dele, e ele construiria um império do jeito que queria. Um império sólido, respeitável.

Joe soltou um suspiro e cruzou os braços.

— Ele vai precisar de um tempo. Mas sabe o que eu acho? No fundo, ele tem medo.

Renzo olhou para ele, sem dizer nada.

— Medo de quê?

— De que a gente cresça e ele fique pequeno — Joe respondeu.

— Sempre foi nós três, Renzo. Agora, de repente, você está pensando em família, estabilidade... Ele sente que está perdendo espaço.

Renzo assentiu devagar.

— Ele vai ter que se acostumar.

A conversa foi interrompida pelo corretor de imóveis, um homem de meia-idade com um terno barato e um sorriso engomado.

— Então, senhor Bellini, gostou da casa?

Renzo olhou ao redor, analisando cada detalhe. Era grande, clássica, do jeito que ele queria. A sala de jantar era espaçosa, perfeita para reuniões e jantares formais. Havia um grande escritório que poderia servir como seu quartel-general. O jardim era impecável, com uma fonte no centro e árvores altas, que garantiam privacidade.

— Gostei — ele disse, seco. — Quanto tempo até a papelada estar pronta?

— Podemos agilizar em uma semana, talvez menos — o corretor respondeu com um sorriso ansioso.

Renzo tirou um maço de notas do bolso e jogou na mão do homem.

— Eu quero isso pra ontem.

O corretor arregalou os olhos ao ver a quantia, mas assentiu rapidamente.

— Claro, senhor Bellini! Vamos acelerar tudo.

Quando ele saiu apressado para providenciar os papéis, Renzo se virou para Joe.

— Vamos sair daqui. Quero buscar Emilia e levá-la para jantar.

Joe abriu um sorriso.

— Tá certo, chefe.

Eles entraram no carro e partiram.

A noite caiu sobre a cidade, e Renzo dirigia calmamente, o cigarro preso entre os dedos. Emilia estava ao lado dele, olhando para fora da janela, o vento bagunçando seus cabelos.

— Você está diferente — ela disse, de repente.

Renzo olhou para ela, curioso.

— Diferente como?

Ela virou-se para ele, um pequeno sorriso nos lábios.

— Parece mais sério. Como se estivesse com algo na cabeça.

Renzo soltou a fumaça devagar.

— Só estou pensando no futuro.

— E o que você vê?

Ele ficou em silêncio por um momento, depois disse:

— Uma casa grande. Uma família. Segurança.

Ela sorriu de leve.

— Parece bonito.

Renzo olhou para ela com um olhar firme.

— E você? Você se vê nisso?

Emilia não respondeu de imediato. Havia algo de intenso no jeito que Renzo falava, como se ele não estivesse apenas sonhando, mas planejando.

— Talvez — ela disse, por fim. — Depende.

— Depende de quê?

Ela riu baixinho.

— Depende da casa.

Renzo sorriu.

— Então você vai gostar do que eu tenho pra te mostrar.

Eles passaram a noite juntos, jantaram em um restaurante discreto, longe dos holofotes. Conversaram sobre tudo e nada, mas Renzo sabia que uma coisa estava se tornando clara: Emilia estava se tornando parte da sua vida de um jeito que ninguém mais poderia ser.

E no fundo, ele sabia. Quando um homem do seu mundo escolhe uma mulher para ser sua rainha, isso muda tudo. E não havia volta.

XXVI

Vê Se Cresce

O restaurante ficava nos fundos de uma boate discreta no centro da cidade, um lugar frequentado por jogadores compulsivos, cafetões e empresários corruptos. Renzo entrou com Packie e Joe ao seu lado, caminhando devagar até a mesa onde Luigi Costello, um agiota veterano do bairro, estava sentado com dois de seus capangas.

Luigi era um homem pequeno, atarracado, com o cabelo ralo e um anel de ouro no dedo mindinho. Ele levantou os olhos quando Renzo chegou, mas não fez menção de se levantar. Um sinal claro de desrespeito.

Renzo puxou a cadeira devagar, sentou-se e cruzou as mãos sobre a mesa. Packie e Joe ficaram de pé ao seu lado, enquanto os capangas de Luigi trocavam olhares desconfiados.

— Você sabe por que estou aqui, Luigi? — Renzo perguntou, sua voz baixa, calma.

Luigi sorriu de lado e pegou um palito de dente, girando-o entre os lábios.

— Sei. Mas não acho que você deveria estar.

Renzo ergueu uma sobrancelha.

— Você deve uma boa quantia pra gente. Um mês de atraso. E ainda assim, continua emprestando dinheiro por aí como se nada tivesse acontecido.

Luigi riu, inclinando-se para frente.

— Você sabe como é, Pegorino... Os negócios vão e vêm. Às vezes se ganha, às vezes se perde. Mas eu sempre pago minhas dívidas. Você sabe disso. — Ele estalou os dedos e um dos capangas colocou um envelope sobre a mesa. — Aqui tem uma parte. O resto, me dá mais uma semana.

Renzo pegou o envelope, abriu e olhou para dentro. Era metade do dinheiro devido.

— Uma semana? — Renzo repetiu, batendo o envelope sobre a mesa. — O acordo era hoje, Luigi.

— As coisas mudam, garoto — Luigi disse, sorrindo. — Achei que você entendia isso.

Houve um momento de silêncio. Renzo olhou para Packie e Joe. Joe ficou sério, atento. Packie, por outro lado, cruzou os braços, claramente irritado. Ele ainda não estava tranquilo com Renzo desde a discussão sobre a casa, e a tensão entre eles era visível.

Renzo respirou fundo. Ele queria resolver aquilo de maneira civilizada. Pegou um cigarro, acendeu com calma e soltou a fumaça antes de falar.

— Eu entendo. Mas tem algo que você precisa entender também. Eu não sou um cara qualquer. Eu não sou o cara que pode ser enrolado. Quando eu dou um prazo, ele se cumpre. Luigi soltou uma risada curta.

— Então o que você vai fazer? Me quebrar todo? Acha que eu nunca lidei com esse tipo de ameaça antes? Eu sobrevivi a caras muito maiores que você, Pegorino. Não me faça rir.

Renzo observou o homem por um instante. Então, simplesmente, pegou o palito de dente da boca de Luigi e o jogou no chão. Luigi piscou, surpreso, e abriu a boca para falar

algo — mas foi interrompido pelo som de Renzo batendo com força sua cabeça contra a mesa.

Os capangas de Luigi sacaram as armas, mas Joe e Packie já tinham as deles apontadas para a cabeça dos dois.

Renzo segurou Luigi pelos cabelos e falou calmamente ao ouvido dele:

— Não vou repetir isso, Luigi. Eu sou um homem de negócios. Mas se alguém me trata como um moleque, eu sou obrigado a ensinar uma lição. — Ele puxou uma faca do bolso e pressionou contra o pescoço de Luigi. — Amanhã de manhã, eu quero cada centavo. Se não tiver, eu pego de outro jeito. Entende?

Luigi engoliu em seco e assentiu rapidamente. Renzo deu um tapinha no rosto dele e se levantou, ajeitando o terno.

Ele olhou para Packie, que ainda parecia tenso. O ressentimento entre os dois estava crescendo, e ele sabia que precisava cortar isso pela raiz. Assim que saíram do restaurante, Packie finalmente explodiu.

— Então é isso? Agora a gente só faz do seu jeito? Eu achei que íamos negociar, mas parece que você já tinha decidido quebrar o cara desde o começo! — Ele gesticulou, indignado.

— Você nem precisa mais da gente, não é? Tá grande demais pra precisar de parceiros!

Renzo parou de andar e se virou para ele, seus olhos escuros firmes e implacáveis.

— Você quer saber qual é o problema, Packie? Você ainda age como um garoto. Acha que tudo tem que ser do jeito que você quer, que a vida é um jogo onde todo mundo sai ganhando.

— Ele se aproximou e deu um tapa forte no rosto de Packie. O barulho ecoou na rua deserta. — Cresce. Nesse mundo, meninos morrem e homens reinam.

Packie ficou parado, segurando o rosto, os olhos brilhando de fúria e humilhação. Mas ele não revidou. Ele sabia que Renzo estava certo. Ele só não queria admitir isso.

Joe quebrou o silêncio, jogando um braço em volta dos ombros de Packie.

— Vamos, já fizemos o bastante por hoje.

Renzo respirou fundo e seguiu para o carro, acendendo outro cigarro.

Renzo entrou no carro, batendo a porta com força. O silêncio no veículo era pesado, apenas o som do motor e da brasa do cigarro queimando preenchiam o espaço. Joe dirigia com expressão neutra, mas de tempos em tempos lançava olhares rápidos para Packie pelo retrovisor. O irlandês estava com os braços cruzados, encarando a janela, o rosto vermelho de raiva e vergonha.

Ninguém disse nada até chegarem à mansão de Renzo. Ao sair do carro, Packie finalmente quebrou o silêncio:

— Você acha que pode mandar em todo mundo agora, é? O grande chefe, Renzo Bellini. Só porque tem uma porra de uma casa grande e um terno caro, acha que pode humilhar quem quiser?

Renzo deu uma última tragada e jogou o cigarro no chão, esmagando-o com a ponta do sapato. Ele se virou devagar para Packie, sua expressão fria.

— Se eu te humilhei, é porque você me obrigou a fazer isso. Você precisava ouvir aquilo.

— Ah, vai se foder! — Packie cuspiu. — Eu estive com você desde o começo! Quando a gente dormia em buracos, fugia da polícia, contava moeda pra comer um sanduíche de merda! Agora você tem um palacete e me dá um tapa na cara?

Joe tentou intervir:

— Packie, esquece isso. Você sabe como as coisas são...

— Cala a boca, Joe! — Packie gritou, apontando o dedo para ele. — Você só concorda com tudo que esse filho da puta diz! Renzo se aproximou, o rosto a centímetros do de Packie.

— Você acha que ainda somos aqueles moleques, Packie? Isso aqui não é mais um joguinho de rua. Estamos no topo agora. Mas só os homens conseguem se manter lá. Você quer agir como um moleque ressentido porque eu comprei uma casa para minha futura família?

Packie cerrou os punhos, mas não atacou. Ele respirou fundo, balançando a cabeça, e depois riu, sem humor.

— Sabe de uma coisa, Renzo? Eu achava que a gente era uma família. Mas parece que você só quer uma daquelas famílias de comercial de TV agora. Boa sorte com isso.

Ele se virou e começou a andar até seu carro. Joe o seguiu com o olhar, mas não disse nada. Renzo ficou observando até que as lanternas traseiras desapareceram na rua escura.

Joe soltou um suspiro pesado.

— Ele vai voltar.

Renzo acendeu outro cigarro e deu de ombros.

— Ou não.

Nos dias seguintes, Renzo se concentrou em expandir seus negócios. Com Luigi Costello pagando sua dívida com juros, os jogos de azar nos bares e boates cresceram ainda mais. Ele mandou reformar dois clubes e abrir um novo cassino ilegal, tudo financiado com dinheiro sujo que ninguém ousava questionar.

Mas ele também sabia que cada vitória vinha com um preço. O nome Pegorino estava crescendo rápido demais. O chefe do alto escalão da máfia, Lorenzo Bonnamo, já havia mandado recados, insinuando que Renzo estava ultrapassando seus limites, além de expandir seus cassinos nas áreas de Bonnamo, Luigi era seu afilhado, e Bonnamo não gostara nada do que Renzo havia feito. O poder tinha um custo, e

Renzo estava preparado para pagar — do jeito que fosse necessário.

Numa noite abafada, ele recebeu um telefonema. Era sobre Packie.

— Ele tá bebendo demais. Falando merda. Dizendo que você é um traidor, um vendido. Que tá trabalhando sozinho.

Renzo ficou em silêncio por um momento. Ele tragou devagar e respondeu, a voz fria como aço:

— Mantenha ele sob vigilância. Se falar algo que não deve, me avise.

Quando desligou o telefone, ficou parado no escuro de sua varanda, olhando a cidade lá embaixo. Ele sabia o que teria que fazer.

O problema era: ele estava pronto para fazer isso?

XXVII

Lorenzo Bonnamo

A fumaça dos charutos pairava no ar pesado do escritório de Renzo. O ambiente era amplo, mas carregado, com estantes de mogno repletas de livros antigos, uma mesa imponente no centro, iluminada apenas por um abajur de vidro verde. Retratos em preto e branco decoravam as paredes, lembranças de uma linhagem que construiu poder com sangue e dinheiro. O espaço tinha um cheiro familiar de couro, whisky e pólvora — um santuário da velha escola.

Sentado atrás da mesa, Renzo girava um copo de bourbon entre os dedos. À sua frente, seus homens esperavam.

Packie e Joe estavam próximos, cada um de um lado da mesa. O ressentimento de Packie ainda pairava no ar, mas ele sabia que naquele momento negócios vinham primeiro.

Santoro Ruggieri, o mais velho do grupo, fumava devagar, observando tudo com olhos de falcão. Ele era um dos conselheiros mais experientes de Renzo. Giorgio Calabrese, de terno cinza impecável, cruzava os braços, sempre com aquele olhar cínico de quem já viu de tudo. Carlo Santorelli, mais jovem e impetuoso, estalava os dedos nervosamente, ansioso para ação.

Marco Leone e Antonio Basilio, inseparáveis, estavam próximos à parede, sempre atentos. Já Raffaele Bellucci, com um palito de dente entre os lábios, era o único que parecia relaxado, mas Renzo sabia que, quando necessário, Bellucci se tornava um dos homens mais perigosos da sala.

O telefone antigo sobre a mesa tocou, seu som ecoando no silêncio.

Renzo pegou o fone com calma.

— Pegorino.

A voz do outro lado era suave, quase amistosa.

— Renzo, Renzo... Meu amigo. — Lorenzo Bonnamo fez uma pausa, como se saboreasse as palavras. — Precisamos conversar.

Renzo não respondeu de imediato. Ele acendeu um cigarro, soltou a fumaça devagar.

— Sobre o quê?

— Sobre negócios. Sobre o futuro. Sobre deixar certas... desavenças para trás.

Os olhos de Renzo se estreitaram. Ele não gostava do tom de Bonnamo, essa falsa cordialidade sempre precedia traições.

— E onde você quer conversar?

— Restaurante Venesia's. Amanhã à noite. Só você e eu. Sem armas, sem capangas. Apenas dois homens conversando. Como nos velhos tempos.

Renzo olhou para os rostos ao redor da mesa. Packie e Joe estavam atentos. Giorgio franziu a testa. Carlo mordeu o lábio, inquieto.

— Eu apareço — Renzo disse, seco.

— Sabia que você era um homem sensato, Renzo. — A voz de Bonnamo soou satisfeita. — Nos vemos amanhã.

O telefone foi desligado.

Renzo permaneceu imóvel por um momento, apenas ouvindo o som do gelo derretendo em seu copo. Então, ele se levantou,

caminhou até a janela e olhou para a cidade iluminada lá embaixo.

— Isso fede a armadilha — Giorgio murmurou.

— Tudo fede a armadilha — Carlo rebateu, cruzando os braços.

Santoro soltou uma baforada de charuto, balançando a cabeça.

— Se ele quer paz, significa que tem medo. E um homem com medo pode ser um aliado... ou um inimigo desesperado.

Packie, que estava calado até então, finalmente falou:

— Você vai mesmo sozinho?

Renzo virou-se para o grupo, um sorriso frio no rosto.

— Claro que não.

O silêncio na sala foi quebrado por sorrisos sutis e olhares compreensivos. Renzo sabia que naquele mundo, a única maneira de sobreviver era estar sempre um passo à frente.

O *Venesia's* tinha aquele cheiro de molho de tomate envelhecido e vinho derramado no carpete.

Renzo entrou devagar, com Packie e Joe ao seu lado. Seu terno escuro estava perfeitamente ajustado, e seus olhos varreram o ambiente com a tranquilidade de um homem que sabia que cada detalhe importava. Packie, por outro lado, tinha um olhar distante, como se sua mente estivesse em outro lugar.

Na mesa ao fundo, Lorenzo Bonnamo já esperava. Ele usava um terno caro, bem cortado, e segurava uma taça de vinho com a naturalidade de um homem que queria parecer relaxado, mas estava longe disso. Dois de seus capangas estavam posicionados discretamente perto da mesa.

Lorenzo abriu um sorriso quando viu Renzo se aproximar.

— Pegorino... Sempre um prazer. — Ele levantou o queixo em direção a Joe e Packie. — Vejo que você trouxe companhia.

Renzo puxou a cadeira com calma e sentou-se sem pressa.

— Um homem precisa se precaver.

Lorenzo riu baixo, girando a taça de vinho na mão.

— Claro, claro... Afinal, tempos difíceis exigem homens cuidadosos.

Renzo apenas assentiu, sem dizer nada.

Lorenzo tomou um gole do vinho e suspirou, como se estivesse prestes a dar um sermão.

— Mas tem algo que me incomodou recentemente. Algo que eu não esperava de você.

Renzo acendeu um cigarro, esperando.

Lorenzo inclinou-se ligeiramente para frente.

— O que você fez com Luigi... foi desnecessário.

Renzo soltou a fumaça devagar, sem desviar o olhar.

— Desnecessário?

Lorenzo abriu as mãos, como se tentasse explicar algo óbvio.

— O homem é um dos meus. E você... você foi até ele como se fosse um cobrador qualquer. Como se não houvesse hierarquia, como se não houvesse respeito. Isso não é bom para os negócios, meu amigo.

Renzo inclinou-se para frente, apoiando os antebraços na mesa.

— Lorenzo, eu não ameacei ninguém.

Lorenzo ergueu uma sobrancelha.

— Não?

Renzo balançou a cabeça lentamente.

— Luigi me devia muito dinheiro. E não queria pagar. Ao invés disso, me olhou nos olhos e disse que já lidou com caras muito maiores que eu. Me chamou de moleque.

Ele apagou o cigarro no cinzeiro, o olhar fixo em Lorenzo.

— Então eu fiz o que qualquer homem de respeito faria.

Lorenzo observou Renzo por um momento e suspirou.

— Mas agora eu tenho um problema.

Renzo continuou imóvel.

— E qual seria?

Lorenzo serviu-se de mais vinho, girando a taça antes de tomar um gole.

— Meus homens começaram a se perguntar... Se você pode fazer isso com Luigi, o que impede você de fazer com qualquer outro?

Renzo sorriu de leve.

— O respeito impede.

Lorenzo inclinou a cabeça para o lado, considerando a resposta.

O silêncio foi cortado apenas pelo som de Packie mexendo no guardanapo de pano sobre a mesa.

Joe manteve o olhar fixo na negociação, como sempre. Mas Packie... Ele parecia deslocado. O modo como respirava, como desviava os olhos de Renzo e Lorenzo enquanto dobrava e desdobrava o guardanapo...

Lorenzo, jogou o corpo para trás na cadeira, deixando um sorriso surgir lentamente nos lábios.

— Você anda se expandindo rápido, Pegorino. Muito rápido. Vejo que tem visão para os negócios.

Ele pegou o garfo e começou a mexer na comida no prato, sem comer.

Lorenzo girou a taça de vinho mais uma vez, observando o líquido escuro deslizar pelas bordas do vidro. Então, ergueu os olhos para Renzo e abriu um sorriso enviesado.

— Sabe, Pegorino... Eu sempre gostei de um bom cassino. É um ótimo negócio. Dinheiro entrando e saindo o tempo todo... Mas tem uma coisa engraçada nisso tudo.

Ele fez uma pausa, como se estivesse formulando o pensamento.

— É que, normalmente, quando alguém vem até a meu território, e pega meu lucro, eu chamo isso de assalto.

Lorenzo soltou uma risada baixa, como se estivesse se divertindo com a própria piada. Renzo manteve-se impassível, apenas observando.

O riso de Lorenzo foi diminuindo, e ele percebeu que estava rindo sozinho. Forçou mais uma risadinha, deu um gole no vinho e abanou a mão no ar, como se estivesse afastando qualquer ideia errada.

— Ah, mas eu estou brincando, é claro. Negócios são negócios, certo?

Renzo não respondeu de imediato. Apenas encarou Lorenzo por um longo instante, deixando o silêncio pairar sobre a mesa.

— Certo. — Ele disse, finalmente, sem esboçar um sorriso.

XXVIII

Vida de Rainha

O restaurante ficava discretamente encaixado entre dois prédios de tijolos escuros, com uma fachada simples e cortinas de veludo vermelho cobrindo as janelas. O letreiro dourado, levemente gasto pelo tempo, exibia o nome **“La Trattoria di Martino”**, um local tradicional que sobrevivia há décadas servindo políticos, empresários e mafiosos que preferiam jantar longe dos olhos do público. Lá dentro, o ambiente era acolhedor, iluminado por lustres antigos que lançavam um brilho âmbar sobre as mesas de madeira maciça, cobertas por toalhas brancas impecáveis. O ar estava carregado com o aroma de vinho tinto encorpado e molho marinara fervendo lentamente na cozinha. Uma canção italiana suave saía do gramofone ao fundo, misturando-se com o murmúrio discreto das conversas.

Renzo Pegorino estava sentado a uma mesa reservada no canto, sob a meia-luz de uma luminária suspensa. Seu terno escuro, impecável, moldava-se perfeitamente ao seu corpo, e os cabelos estavam penteados para trás com a precisão de um homem que nunca deixava nada ao acaso. Os olhos observavam o ambiente com atenção, um olhar treinado,

sempre analisando entradas, saídas, e qualquer movimento que destoasse do normal.

A porta do restaurante se abriu, e Emilia entrou. Por um breve instante, os olhos de Renzo se iluminaram antes que ele recuperasse sua postura habitual. Ela caminhava com graça, vestindo um vestido azul-marinho elegante, simples, mas sofisticado, feito de um tecido que deslizava suavemente sobre suas curvas. O brilho dos brincos pequenos contrastava com sua pele clara, e seus olhos tinham um misto de curiosidade e confiança.

Renzo se levantou assim que ela se aproximou, puxando a cadeira para ela com um gesto natural, mas carregado de respeito.

— Sempre o cavalheiro. — Ela brincou, cruzando as pernas enquanto se acomodava.

— Só para as mulheres que merecem. — Renzo respondeu, sentando-se novamente e observando-a com um meio sorriso. O garçom apareceu quase imediatamente, servindo vinho sem que fosse necessário pedir. Era um desses lugares onde os funcionários sabiam exatamente o que um homem como Don Pegorino gostava, e mais do que isso, sabiam que errar um detalhe sequer não era uma opção.

— Como foi seu dia? — Emilia perguntou, pegando a taça e girando o vinho dentro dela lentamente, deixando o aroma subir.

Renzo respirou fundo antes de responder, tomando um pequeno gole do vinho antes de falar.

— Como sempre. — Ele disse, com um tom despreocupado, mas calculado. — Homens fazendo promessas, outros tentando quebrá-las. E eu, garantindo que ninguém esqueça quem manda.

Ela sorriu de lado, inclinando-se um pouco sobre a mesa, estudando-o como se tentasse enxergar além da fachada de frieza que ele sempre mantinha.

— E isso não te cansa?

Renzo a observou por um instante, o olhar intenso, como se pesasse as palavras antes de entregá-las.

— Não quando eu tenho algo pelo que vale a pena lutar.

Emilia desviou o olhar por um breve momento, absorvendo o peso das palavras dele. O silêncio entre os dois não era desconfortável. Pelo contrário, parecia carregado de significado, como se muito mais estivesse sendo dito sem precisar de palavras.

Depois de um instante, Renzo inclinou-se um pouco para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa.

— Por isso quero que venha morar comigo.

A surpresa nos olhos de Emilia foi genuína.

— O quê?

Renzo manteve a expressão séria.

— Você me ouviu. Eu comprei uma casa. Uma verdadeira casa. Grande, espaçosa, segura. Quero você lá comigo.

Ela riu, descrente, abaixando a taça sobre a mesa.

— Desde quando você toma decisões tão rápido?

Renzo sorriu de canto, aquele sorriso de alguém que já planejou cada movimento antes mesmo de dar o primeiro passo.

— Desde que soube o que quero.

Ela o encarou por um longo momento, como se tentasse encontrar alguma hesitação nos olhos dele. Mas Renzo nunca hesitava.

— Está bem. — Ela finalmente disse, assentindo levemente. — Eu aceito.

Renzo apenas assentiu de volta, como se já soubesse que essa seria a resposta.

Naquela noite, um carro de luxo deslizou silenciosamente pela estrada que levava à nova residência de Renzo Pegorino. O veículo, um modelo requintado de 1915, reluzia sob a luz da lua, avançando suavemente até os enormes portões de grade branca. A estrada era cercada por árvores altas, cujas sombras se estendiam pelo chão como braços estendidos.

Assim que o carro se aproximou dos portões, homens de terno preto, bem armados, surgiram das sombras, posicionados em pontos estratégicos, atentos a cada movimento. Quando reconheceram o veículo, endireitaram-se, firmes, alguns fazendo um leve aceno, outros inclinando a cabeça em respeito.

— Don. — Um deles disse.

— Don Pegorino. — Outro cumprimentou, enquanto um terceiro destrancava os portões, que se abriram lentamente.

Renzo acenou levemente com a cabeça, um gesto discreto, mas que indicava que tudo estava sob controle. O carro seguiu pela longa entrada pavimentada, ladeada por árvores bem cuidadas e estátuas de mármore. Pequenas luzes ao longo da trilha iluminavam a estrada de maneira sutil, quase teatral.

Ao longe, a mansão surgiu em toda sua grandiosidade. Era uma construção imponente, de arquitetura clássica, com colunas brancas sustentando uma varanda espaçosa. O mármore da fachada reluzia sob a luz do luar, e amplas janelas emolduradas por cortinas pesadas revelavam pequenos vislumbres do interior luxuoso.

Assim que o carro parou diante da escadaria principal, mais homens de terno negro estavam postados ali, atentos, discretamente armados. O motorista desceu e abriu a porta para Emilia, que saiu do carro e observou o lugar, impressionada com a grandiosidade da propriedade.

Ela soltou uma risada baixa, cruzando os braços.

— Acho que você está bem protegido.

Renzo desceu do carro com calma, ajustando o paletó. Seu olhar percorreu a casa e depois se fixou nela.

— Um homem que não protege sua família não merece chamá-la de sua.

Emilia estudou-o por um instante, como se tentasse decifrar algo nas entrelinhas. Então, um pequeno sorriso curvou seus lábios.

— Então, suponho que agora essa também seja minha casa.

Renzo segurou sua mão com firmeza, mas com delicadeza, levando-a até os lábios e beijando-a suavemente.

— Sempre foi.

A porta da mansão se abriu, revelando um interior tão grandioso quanto o lado de fora. Lustres imensos pendiam do teto, iluminando o salão principal, onde móveis de madeira escura e estofados de couro criavam um ambiente luxuoso e intimidador.

Homens se movimentavam silenciosamente pelos corredores, atentos, enquanto Emilia e Renzo subiam os degraus da escada principal. Ela olhou ao redor, absorvendo cada detalhe.

— Nunca pensei que um dia fosse viver como uma rainha. — Ela murmurou, olhando para ele.

Renzo sorriu de leve.

— Comigo, você sempre será.

O escritório de Renzo era um templo de poder. Iluminada suavemente por lâmpadas de vidro opaco, com paredes forradas de madeira escura e móveis pesados de mogno, exalava tradição e respeito. O aroma do charuto queimando misturava-se ao couro envelhecido dos estofados, criando um

ambiente onde cada homem que entrava sabia que devia falar com cautela.

No centro, Renzo Pegorino estava sentado atrás de uma mesa de madeira maciça. Vestia um terno preto impecável, e seu cabelo negro estava penteado para trás, reluzindo sob a luz. Seus dedos longos brincavam com um anel dourado enquanto ele ouvia o homem ajoelhado à sua frente.

O alfaiate tremia, apertando nervosamente as mãos. Ele era um homem de idade, de cabelos grisalhos e olhos cansados, e a preocupação com a filha o fazia parecer ainda mais velho.

— Don Pegorino... eu venho até você em busca de justiça. — Sua voz era quase um sussurro. — Minha filha... há um homem. Ele a segue. Ele fala coisas nojentas, sujas. Ele a ameaça. E a polícia... a polícia ri na minha cara. Dizem que não podem fazer nada até que algo aconteça. Mas eu sei. Eu sei que um dia ele vai machucá-la. Eu vejo nos olhos dele. E eu... eu não sei mais o que fazer...

Renzo pegou o charuto, acendeu com calma e soltou a fumaça devagar, seus olhos nunca deixando o velho. A sala estava cheia, mas o silêncio era absoluto.

Packie estava encostado na parede, mexendo distraidamente em um palito de dente entre os lábios. Joe, sentado ao lado de Giorgio, cruzava os braços, tamborilando os dedos no braço da poltrona. Raffaella e Marco estavam próximos à porta, atentos a cada palavra.

Renzo finalmente falou, sua voz baixa e firme.

— Você vem até mim... mas nunca me convidou para tomar um café na sua loja. Nunca me chamou de amigo.

O alfaiate baixou a cabeça, envergonhado.

— Me perdoe, Don Pegorino... eu nunca quis faltar com respeito.

Renzo tragou o charuto novamente antes de continuar.

— Mas agora... agora você precisa de mim. Você precisa da minha mão para proteger sua filha. E eu lhe pergunto, por que eu deveria ajudá-lo?

O velho respirou fundo.

— Porque eu sou um homem honrado, Don Pegorino. Eu sempre trabalhei duro, nunca pedi nada para ninguém. E porque... porque minha filha é tudo para mim.

Renzo ficou em silêncio por um momento. Depois, inclinou-se ligeiramente para frente.

— Eu vou ajudá-lo. Esse homem nunca mais vai olhar para sua filha. Nunca mais.

O alfaiate ergueu os olhos, aliviado.

— Obrigado, Don Pegorino. Eu... eu nunca poderei pagar essa dívida.

Renzo ergueu a mão, interrompendo-o.

— Eu não quero seu dinheiro. Eu não quero nada além disso: respeito. Um dia, e esse dia pode nunca chegar, eu posso precisar de você. Talvez eu precise de um favor. E quando esse dia chegar... espero que você não me negue.

O alfaiate assentiu rapidamente.

— Jamais, Don Pegorino. Se precisar de algo, eu estarei lá.

Renzo ergueu a mão de novo, indicando que a conversa estava encerrada. Joe deu um passo à frente, pegou o velho pelo braço e o ajudou a se levantar. O homem beijou a mão de Renzo e saiu, murmurando agradecimentos.

Quando a porta se fechou, Giorgio riu baixo.

— E ele achando que ia sair daqui devendo dinheiro.

— Ele vai pagar do jeito certo. — Renzo disse, apagando o charuto no cinzeiro de prata. — Respeito e lealdade valem mais do que dinheiro.

Raffaelle cruzou os braços.

— E o que fazemos com o sujeito que anda incomodando a garota?

Renzo olhou para Joe e Marco.

– Ele já fez o suficiente para merecer um susto?

Joe sorriu.

– Se estivesse na minha vizinhança, já teria sumido faz tempo.

Renzo assentiu lentamente.

– Então sumam com ele. Mas sem bagunça.

Giorgio e Marco se entreolharam e logo se levantaram para sair.

A noite seguiu assim. Homens entrando, pedindo ajuda, jurando lealdade. Don Pegorino escutava cada um, oferecendo soluções, mas nunca cobrando dinheiro. Apenas respeito. Apenas um compromisso de que, um dia, quando ele precisasse, eles não se recusariam a ajudá-lo.

Depois de horas de reuniões, Renzo sentiu um peso nos ombros. Ele se levantou devagar, ajeitou o terno e passou a mão pelo cabelo.

– Preciso de ar.

Joe olhou para ele e assentiu, mas nada disse.

Renzo saiu do escritório e cruzou os corredores da casa, o som de seus passos abafado pelo tapete macio. Quando chegou à varanda lateral, acendeu um cigarro e olhou para o céu.

A brisa noturna era fresca, mas sua mente continuava quente. Ele sabia que aquele jogo nunca acabava. Sempre haveria mais pedidos, mais promessas. E um dia, as dívidas de favores teriam que ser cobradas.

– Você ainda está acordado?

Ele virou-se e viu Emilia na soleira da porta, vestindo um robe de cetim azul. Seus cabelos estavam soltos, caindo suavemente sobre os ombros.

– Eu poderia perguntar o mesmo para você.

Ela caminhou até ele, cruzando os braços.

– O que você estava fazendo?

Ele deu uma tragada longa no cigarro antes de responder.

— Cuidando de negócios.

Ela estreitou os olhos.

— "Negócios" é uma palavra bonita para não me contar nada.

Renzo soltou a fumaça lentamente e a encarou.

— Emilia... você tem tudo o que precisa, não tem?

Ela hesitou por um instante.

— Sim...

— Então não se preocupe com o que acontece no meu escritório.

Ela suspirou, passando os braços ao redor dele.

— Eu só não quero que você acabe como seu pai.

Renzo fechou os olhos por um instante, sentindo o cheiro dos cabelos dela. Então, acariciou suas costas suavemente.

— Eu sei o que estou fazendo.

Ela ficou ali por um momento antes de pegar sua mão.

— Venha dormir.

Ele hesitou, olhando para a escuridão da noite. Depois, apagou o cigarro e assentiu.

— Já estou indo.

Emilia entrou primeiro, e Renzo ficou mais um instante ali, ouvindo o vento entre as árvores. Ele sabia que não havia volta. Mas também sabia que, nesta vida, um homem não precisa de dinheiro para ser poderoso. Ele só precisa de respeito.

XXIX

A Que Vieste?

O inverno de 1915 foi severo, mas Renzo Pegorino não sentia o frio. Ele estava ocupado demais consolidando sua posição. Sua influência crescia em Little Italy, e os meses seguintes foram marcados por um trabalho incansável. A cada semana, novos homens vinham pedir favores. Ele atendia alguns, recusava outros, e, aos poucos, sua palavra passou a valer mais do que qualquer lei escrita.

O restaurante de Mandenno, um senhor bondoso e que pedira ajuda ao Don, virou um ponto de encontro, um território seguro para aqueles que tinham negócios a tratar. Era ali que Renzo se reunia com Packie, Joe, Raffaele e Marco, discutindo novos passos e mantendo o controle sobre tudo.

No outono de 1916, a expansão começou a acelerar. Renzo não apenas fortalecia sua presença em Little Italy, Five Points, Lower East Side, mas também começava a se infiltrar em outros bairros como East Harlem, Hell's Kitchen. Ele não fazia guerra — preferia conquistar espaço pela diplomacia, convencendo pequenos comerciantes e figuras locais de que estar ao seu lado era um seguro de vida.

Enquanto o império crescia, a casa de Renzo também mudava. Emília engravidou no fim daquele ano. Primeiro, foi apenas

um mal-estar, depois vieram os enjoos frequentes. Com o tempo, a barriga começou a crescer, e Renzo começou a mudar também. Ele passou a voltar mais cedo para casa. Não abandonou os negócios, mas sempre encontrava um tempo para sentar-se com Emília, passar a mão na barriga dela e prometer que o filho deles teria uma vida diferente.

Mas nem tudo era calma. No início de 1917, Packie começou a se comportar de maneira diferente. Sempre fora leal, sempre esteve ao lado de Renzo sem questionar, mas agora algo nele havia mudado. Ele se tornara mais proativo, mais impaciente, querendo sempre estar no centro das decisões. Ele se oferecia para resolver problemas antes mesmo que Renzo os mencionasse.

— Você quer provar alguma coisa? — Renzo perguntou uma noite, quando os dois estavam no escritório.

Packie acendeu um cigarro e deu de ombros.

— Quero garantir que ninguém nos passe para trás. Estamos ficando grandes, Renzo. Você não vê isso? Antes éramos só um grupo em Little Italy. Agora, temos metade da cidade dependendo de nós.

— Eu sei exatamente o tamanho que temos.

— Então sabe que precisamos ser mais agressivos.

Renzo ficou em silêncio por um instante. Ele sabia que, com o crescimento, viriam desafios. Mas Packie parecia ansioso demais, como se estivesse tentando compensar algo. Talvez fosse a distância que Renzo criara ao se casar, talvez fosse a necessidade de se reafirmar.

— Faça o que deve ser feito. Mas não aja por conta própria.

Packie assentiu, mas Renzo percebeu que ele não estava satisfeito.

Na primavera de 1917, Emília já estava com sete meses de gravidez. A barriga estava grande, e Renzo se pegava olhando

para ela todas as noites antes de dormir. Ele não dizia em voz alta, mas estava convencido de que seria um menino.

No outono, o império de Renzo estava mais forte do que nunca. Ele tinha contatos dentro da polícia, juízes que lhe deviam favores e comerciantes que confiavam mais nele do que no governo. Não havia ninguém em Little Italy que não soubesse quem ele era.

Noite de Natal, 1917

A mansão de Renzo estava decorada com luzes e guirlandas. O grande salão tinha uma árvore de Natal imponente no centro, rodeada por presentes. A lareira queimava lentamente, espalhando um calor reconfortante pela sala.

Renzo e Emília estavam sentados juntos, abrindo os presentes. Ele observava a esposa com atenção. Ela estava radiante, com a barriga grande e um brilho no olhar.

— Aqui, esse é pra você. — Renzo disse, entregando um pequeno embrulho dourado.

Emília abriu com cuidado e riu ao ver o que estava dentro: um par de roupas masculinas para bebê.

— Você tem tanta certeza assim que será um menino?

Renzo sorriu.

— Eu sinto que será.

Ela passou a mão pela barriga e balançou a cabeça.

— E se for uma menina?

Renzo deu de ombros.

— Então compramos mais presentes amanhã.

Emília riu e encostou a cabeça no ombro dele. Lá fora, a neve caía silenciosa, mas dentro da casa, tudo estava quente e protegido.

Por enquanto.

A mesa estava posta com requinte, refletindo a riqueza e o status que Renzo conquistara nos últimos anos. O grande salão de jantar da mansão estava iluminado por candelabros

prateados, e a longa mesa de madeira escura exibia um banquete digno de um homem que fizera fortuna — peru assado recheado com ervas e castanhas, presunto glaceado com mel, purê de batatas, cenouras caramelizadas e uma variedade de pães e queijos finos. Taças de cristal preenchidas com vinho tinto reluziam sob a luz das velas, enquanto uma lareira ao fundo mantinha o ambiente quente, afastando o frio do inverno que soprava lá fora.

Era a primeira noite de Natal que passavam completamente sozinhos. Nenhum convidado, nenhum associado. Apenas Renzo e Emília.

A ausência da mãe de Emília pairava no ar como um espectro invisível. Renzo sabia o motivo. Ele ouvira boatos de que a sogra o culpava pela morte do marido. Não que houvesse qualquer prova disso — e Emília, por mais que sentisse a dor da perda, nunca demonstrou acreditar nessa acusação.

— Poderia pelo menos ter vindo para o jantar. — Emília comentou, cortando um pedaço do peru e levando-o à boca.

Renzo girou o vinho na taça, observando o líquido escuro com um olhar distante.

— Ela acredita no que quer acreditar.

— Eu sei que você não fez nada. — Ela disse, de forma direta. Renzo ergueu os olhos e a encarou por um momento antes de responder.

— Se eu tivesse feito, você gostaria de saber?

Emília hesitou, pousando os talheres por um instante. Ela suspirou, depois pegou a taça de vinho e deu um pequeno gole antes de responder:

— Não.

Renzo sorriu de leve.

— Então não pergunte.

O jantar continuou em silêncio por um tempo, apenas o som dos talheres contra os pratos preenchendo a sala. No fim, Emília descansou as mãos sobre a barriga e suspirou satisfeita.

— Ele gostou da ceia. — Ela sorriu.

Renzo arqueou uma sobrancelha.

— Ele?

— Ou ela. — Emília corrigiu, rindo.

Ele se levantou e deu a volta na mesa, inclinando-se para beijar a testa da esposa.

— Vamos para a cama.

A noite estava tranquila. O vento soprava lá fora, e o calor da lareira ainda mantinha a casa aquecida. Renzo dormia profundamente ao lado de Emília quando, de repente, abriu os olhos. O instinto o alertou antes mesmo que sua mente processasse o que estava acontecendo. Ele esticou a mão e sentiu o colchão frio ao seu lado. Emília não estava na cama. Franzindo o cenho, ele se sentou, esfregando o rosto. O relógio na mesa de cabeceira marcava três da manhã.

— Emília?

Nenhuma resposta.

Renzo levantou-se, pegou o robe e saiu do quarto. A casa estava silenciosa, os corredores mal iluminados pela luz fraca das lâmpadas a óleo. Ele desceu as escadas com passos firmes, seu olhar atento varrendo o ambiente. Então, um pequeno barulho na cozinha o alertou.

Seguindo o som, ele encontrou Emília de pé perto da pia, segurando um copo de água. Ela usava apenas uma camisola fina, e seu cabelo caía sobre os ombros.

— Não consegui dormir. — Ela disse, sem olhar para ele.

Renzo cruzou os braços, encostando-se no batente da porta.

— E decidiu vagar pela casa no meio da noite?

— Acho que o bebê está inquieto. — Ela sorriu de lado, passando a mão pela barriga. — Ou Talvez seja só minha cabeça.

Renzo puxou uma cadeira e sentou-se perto dela, apoiando os antebraços na mesa.

— Está preocupada com alguma coisa?

Emília hesitou por um momento antes de responder.

— Não sei. Talvez seja besteira. Mas às vezes eu sinto... como se algo estivesse para acontecer.

Renzo a observou atentamente.

— Algo ruim?

Ela não respondeu de imediato. Levou o copo aos lábios e bebeu um pouco de água, depois olhou para ele.

— Você nunca sente isso? Como se o chão sob seus pés pudesse desaparecer a qualquer momento?

Renzo sorriu de canto.

— Senti isso a vida toda.

Emília abaixou o olhar, deslizando os dedos sobre a superfície lisa da mesa.

— E se tudo isso que construímos não durar? E se...?

Antes que terminasse a frase, o som de vidro estilhaçando rasgou o silêncio da madrugada.

Renzo agiu por puro reflexo. Ele saltou sobre Emília e a derrubou no chão.

Uma rajada de tiros atravessou a grande janela da cozinha. O barulho era ensurdecido, um som seco e metálico que preenchia o ar. Os projéteis zuniam acima deles, perfurando armários, painéis pendurados e prateleiras. A mesa em que Renzo estava sentado segundos antes foi despedaçada, lascas de madeira e vidro voando por toda parte. Pratos e copos caíram das prateleiras e se quebraram no chão. Um dos candelabros balançou violentamente, derrubando gotas de cera quente sobre a toalha de linho rasgada pelos tiros.

Renzo manteve Emília protegida debaixo dele, sentindo seu corpo tremendo contra o seu. Ela cobria a cabeça com os braços, os olhos arregalados de puro terror.

Os tiros continuaram zunindo, ricocheteando nas paredes e destruindo tudo pelo caminho. Uma bala atingiu a garrafa de vinho na bancada, fazendo o líquido escorrer pelo mármore como sangue derramado.

Então, o tiroteio cessou tão abruptamente quanto começou. O silêncio foi rapidamente substituído por um som agudo e estridente.

A sirene de segurança da mansão.

Em segundos, passos pesados ecoaram pelos corredores. Portas se abriram com estrondos. Gritos e comandos se misturaram ao som das botas pisando no chão de madeira.

Renzo se ergueu rapidamente, puxando Emília consigo. Ela estava tremendo, abraçando a própria barriga como se tentasse proteger o bebê.

— Você está machucada? — ele perguntou, a voz carregada de urgência.

Ela balançou a cabeça, ainda ofegante.

— Não... só assustada.

Renzo passou a mão pelo rosto, sentindo o sangue ferver em suas veias.

A porta da cozinha foi escancarada com força.

Cerca de quinze homens invadiram o cômodo. Todos armados. Espingardas, metralhadoras, pistolas. Eles usavam sobretudo pesados para o inverno, os rostos sérios, atentos.

Morrie Jones foi o primeiro a falar, segurando uma Thompson com as duas mãos.

— Patrón... o que aconteceu?

Renzo respirou fundo, tentando conter a raiva. Ele virou-se para os homens, seus olhos faiscando como os de um lobo encurralado.

— Eles tentaram me matar.

O silêncio pesou por um instante.

Então, ele gritou, sua voz cortando o ar como uma lâmina:

— Eu quero esses filhos da puta encontrados. AGORA!

Os homens endireitaram a postura.

— Vasculhem as ruas! Perguntem a quem for preciso! E tragam um vivo para mim!

O tom de sua voz não deixava espaço para questionamentos.

Os homens acenaram e saíram em disparada, deixando apenas Packie e mais dois guardas na cozinha.

Emília olhou para Renzo, o medo evidente em seus olhos.

— Renzo...

Ele se virou para ela e segurou seu rosto com firmeza.

— Isso nunca mais vai acontecer. Eu prometo.

Ela queria acreditar. Mas, no fundo, sabia que uma promessa como essa, no mundo em que viviam, era quase impossível de se cumprir.

XXX

Velho Amigo

A sala era ampla, decorada com móveis pesados de madeira escura e tapeçarias ricas. A lareira crepitava suavemente, lançando sombras nas paredes. O aroma de tabaco pairava no ar, misturado ao cheiro do uísque envelhecido nas taças.

Renzo estava sentado à mesa de mogno no centro do cômodo. Seu cotovelo apoiado no braço da cadeira, a mão segurando a própria testa enquanto seus dedos apertavam as têmporas. Os olhos estavam sombreados pela tensão, e seu maxilar cerrado indicava que o ataque ainda queimava dentro dele.

Do outro lado da mesa, Luciano Clemenza, um homem mais velho, de cabelos grisalhos bem penteados e um terno impecável, observava-o com paciência. Seu rosto tinha as marcas da experiência, as rugas de um homem que vivera o suficiente para conhecer todos os altos e baixos da vida na *Famiglia*.

— Eu não entendo, Luciano. — Renzo murmurou, sem erguer o olhar. — Não entendo o que aconteceu, nem por que aconteceu. Como isso aconteceu?

Clemenza segurava um charuto entre os dedos grossos, girando-o levemente. Ele expirou devagar antes de responder.

— Você cresceu rápido demais, Renzo. Cresceu mais do que alguns gostariam. Isso incomoda. Isso assusta.

Renzo finalmente levantou a cabeça, os olhos carregados de fúria contida.

— Isso veio de dentro.

Luciano inclinou-se um pouco para frente, interessado.

— Tem certeza?

Renzo assentiu com um movimento lento.

— Tenho. Só alguém de dentro saberia como e quando atacar. Sabiam que eu estaria sozinho. Sabiam que meus homens estariam espalhados. Sabiam... que Emília estaria comigo.

Clemenza balançou a cabeça lentamente, os olhos estreitados.

— Um traidor.

Renzo se encostou na cadeira, os dedos tamborilando sobre a mesa.

— Eu vou descobrir quem foi. — Sua voz agora estava fria, calculada. — E quando eu descobrir, eu vou matar como um rato. Sem honra. Sem misericórdia.

Luciano soltou um suspiro, apoiando o charuto no cinzeiro de cristal.

— Esse é o caminho que precisa ser seguido. Mas ouça, Renzo... Você tem algo que os outros chefes não têm. Você tem uma família de verdade.

Renzo ficou em silêncio, mas seu olhar se tornou mais duro.

Clemenza continuou:

— Se esse traidor atacou sua casa, ele vai atacar de novo. Eles sabem que podem te atingir através de Emília, através do seu filho. Você precisa tirá-los do jogo.

Renzo estreitou os olhos.

— Você quer que eu os mande para longe?

Luciano pegou seu copo de uísque e girou o líquido âmbar antes de beber um gole pequeno.

— Só por um tempo. Deixe que as coisas esfriem. Tenho contatos em Miami. Ou, se quiser um lugar mais seguro, posso garantir um refúgio na Sicília. Um lugar onde ninguém os encontrará.

Renzo ficou em silêncio por um longo tempo. Seu olhar estava perdido no fogo da lareira.

Ele odiava a ideia de ficar longe de Emília. Odiava ainda mais a ideia de que alguém o forçava a tomar essa decisão.

Mas odiava, acima de tudo, a possibilidade de perder sua família.

Ele inspirou fundo e, finalmente, assentiu.

— Você pode fazer isso?

Luciano sorriu de leve.

— Deixe comigo.

Luciano Clemenza pegou o telefone de baquelite que repousava sobre a mesa e discou os números com precisão, os dedos firmes, experientes. Enquanto esperava, girava lentamente o charuto entre os dedos, um hábito antigo. Renzo o observava em silêncio, sentindo um aperto no peito. Confiava em Luciano, mas odiava que isso fosse necessário.

Após alguns toques, alguém do outro lado atendeu. Luciano não perdeu tempo.

— Pronto. Sono io. — Sua voz era grave, firme. — Preciso de um favor. Um grande favor.

A resposta do outro lado da linha foi breve, respeitosa.

— Sim. Para um amigo. Para a família.

Luciano assentiu, segurando o telefone mais próximo do ouvido.

— Tenho uma senhora e um bambino a caminho. Precisam de segurança total. Um lugar discreto, longe de olhos curiosos. Entende o que quero dizer?

Houve um breve silêncio na linha antes que o outro lado respondesse com firmeza:

— Entendo. Há uma casa nos arredores de Palermo. Isolada. Boa terra. Boa gente. Ninguém faz perguntas.

Luciano sorriu de canto.

— Perfeito. Vou mandar notícias em breve. Quero que tudo esteja pronto. Ela deve ser tratada como família.

A resposta foi imediata:

— Como se fosse a minha própria.

Luciano desligou o telefone com um clique seco e voltou-se para Renzo.

— Está feito. Emília e o bambino terão um lugar seguro. Um lugar onde ninguém os encontrará.

Renzo respirou fundo, sentindo um alívio que não queria admitir. Ele apoiou as mãos na mesa e olhou para Luciano com sinceridade.

— Eu te devo essa, Luciano. De verdade. Não sei como agradecer.

O velho mafioso pegou seu charuto novamente e o acendeu com calma, soltando uma lufada de fumaça espessa antes de responder.

— Não há dívida, filho.

— Luciano, só mais um pedido... eu quero um encontro com os mais influentes da cidade. Quero conhecer meus inimigos, mante-los mais perto que meus amigos, e eu quero ler eles, descobrir quem foi o maldito...

Luciano Clemenza soltou mais uma lufada de fumaça e estudou Renzo com um olhar paciente. Ele entendia o que aquele pedido significava. Um encontro com as quatro famílias mais influentes de Nova York não era algo que se organizava de um dia para o outro. Requeria respeito. Requeria estratégia. Mas acima de tudo, era um sinal de que Renzo estava se movendo como um verdadeiro Don.

Clemenza inclinou-se um pouco para frente, apoiando os antebraços sobre a mesa de madeira maciça.

— Você quer um encontro com os chefes. Quer sentar à mesa com Caruso Bellomo, Mikey Bartoli, Lorenzo Bonnamo e Meyer Feldman?

Renzo assentiu lentamente.

— Exato. O que aconteceu comigo não foi um acidente. Alguém dentro do meu círculo tentou me matar, e isso é algo que não pode passar despercebido. Quero deixar claro que isso não ficará sem resposta.

Luciano apertou os lábios e coçou o queixo.

— Isso pode ser interpretado de duas maneiras, Renzo. Ou você quer justiça... ou você quer guerra.

Renzo franziu a testa.

— Eu quero respeito.

Clemenza ergueu as sobrancelhas, satisfeito com a resposta. Ele se recostou na cadeira e balançou a cabeça, pensativo.

— Certo. Eu conheço esses homens há muito tempo. Bellomo é um velho lobo, esperto e paciente. Bartoli é um filho da puta ganancioso, mas sabe que dinheiro só circula quando há ordem. Bonnamo... esse tem sangue quente, é impulsivo. E Feldman? O judeu joga dos dois lados. Ele vai querer saber o que ganha com isso.

Renzo acendeu um cigarro e tragou fundo.

— Se eu tiver que oferecer algo para que eles se sintam seguros, eu ofereço. Mas se eu perceber que um deles está por trás disso... então eu juro por Deus, Luciano, que farei chover chumbo sobre essa cidade.

Luciano soltou um leve sorriso, um sorriso de alguém que já ouvira promessas como essa antes.

— Eu vou fazer as ligações. Mas escute, Renzo. Esse encontro tem que ser tratado com inteligência. Não é sobre gritar, bater na mesa ou apontar o dedo. É sobre mostrar que você é um

homem de negócios, um homem que entende a importância da ordem. Você não quer parecer um homem desesperado. Quer parecer um homem no controle.

Renzo olhou diretamente nos olhos do velho mafioso.

— Eu sempre estou no controle.

Luciano assentiu devagar e pegou novamente o telefone.

— Então vamos garantir que todos saibam disso.

Luciano Clemenza girou o telefone antigo em sua direção, os dedos calejados discando os números de cor, como se esse tipo de ligação fizesse parte de sua rotina há décadas. Enquanto esperava a primeira resposta, ele lançou um olhar para Renzo, que estava sentado à sua frente, a cabeça baixa, os dedos entrelaçados sobre a mesa. Seu semblante era pesado, cheio de reflexões.

Renzo levantou os olhos, a fumaça do cigarro subindo lentamente ao redor dele.

— Quero que seja um encontro formal, Luciano. Quero que esses homens me olhem nos olhos e entendam que eu não sou um menino brincando de chefe. Eu sou um homem que foi atacado dentro da própria casa.

Clemenza assentiu.

— Eu sei. E é exatamente por isso que tem que ser feito do jeito certo.

Do outro lado da linha, a primeira voz atendeu.

— Pronto?

Luciano adotou um tom sereno, mas carregado de peso.

— Preciso falar com o Don Bellomo. Diga a ele que é Luciano Clemenza e que Renzo Pegorino quer uma conversa entre cavalheiros.

A linha ficou em silêncio por alguns segundos. Renzo observou enquanto Luciano pegava um bloco de notas e fazia pequenos rabiscos sem importância. Esse era o jogo. Paciência. Poder. Controle.

Quando a voz retornou, o velho mafioso apenas sorriu.

— Sim, claro. Diga a ele que será algo respeitoso. Uma reunião, nada mais.

Ele desligou e olhou para Renzo.

— Um já está dentro.

Em seguida, discou o próximo número.

Renzo observava cada gesto de Luciano como um aluno atento diante de um mestre. Esse era um homem que sobreviveu por décadas em um mundo onde a vida era barata e a confiança era um bem raro.

Após mais algumas ligações, Luciano soltou um suspiro satisfeito e encostou-se na cadeira.

— Bellomo virá. Bartoli também. Bonnamo precisou de um pouco mais de convencimento, mas não resistiu. E Feldman... bem, ele fez perguntas demais, como sempre, mas confirmou presença.

Renzo tragou o cigarro e soprou a fumaça lentamente.

— Quando?

Luciano pegou um copo de uísque e girou o líquido âmbar antes de responder.

— Amanhã à noite. Em um dos meus restaurantes. Um lugar neutro. Sem armas. Apenas palavras.

Renzo inclinou-se para frente, os olhos brilhando com determinação.

— Palavras podem ser tão afiadas quanto lâminas, Luciano.

O velho sorriu de canto.

— Sim, mas uma lâmina bem afiada corta sem fazer barulho.

E é isso que você precisa agora.

Renzo olhou para a mesa, refletindo. Então, ergueu o olhar novamente para Luciano e disse com sinceridade:

— Eu te devo essa.

Luciano balançou a cabeça e deu um leve tapa no ombro de Renzo.

— Já lhe disse filho, não há dívida entre amigos. Amanhã, você descobrirá o rato.

XXXI

Jantar em Família

A noite caiu sobre Nova York como um véu de sombras, trazendo consigo o ar frio do inverno e o peso das promessas não ditas. O restaurante escolhido para o encontro estava fechado ao público, reservado apenas para aqueles que realmente importavam. Um local discreto, afastado dos olhares curiosos, onde os segredos se misturavam ao cheiro de alho, vinho e molho marinara.

Renzo chegou sem ostentação, em um carro comum, sem seguranças ou homens de sua confiança. Apenas ele e Luciano Clemenza. Ele sabia que entrar ali com um exército poderia ser visto como um desafio, e Renzo não queria parecer desesperado. Ele queria parecer no controle.

Dentro do restaurante, uma longa mesa de madeira estava montada, coberta por uma toalha branca impecável. Quatro homens já esperavam por ele.

Caruso Bellomo, o mais velho, vestia um terno cinza elegante. Seu rosto marcado pelo tempo e seus olhos atentos mostravam um homem que sobrevivera a muitas guerras silenciosas.

Mikey Bartoli, sempre bem arrumado, tinha um sorriso educado, mas sem calor. Era um homem que via o dinheiro

acima de tudo e não gostava de problemas que afetassem seus negócios.

Meyer Feldman, o mais calculista da mesa, limpava seus óculos de aro fino enquanto observava Renzo entrar. Ele não falava muito, mas quando falava, suas palavras eram afiadas como lâminas.

Lorenzo Bonnamo, o mais jovem dos quatro, se reclinava na cadeira com um meio sorriso. Havia algo em seu olhar — algo que Renzo reconhecia. Um brilho de desconfiança, talvez até de inveja.

Todos já tinham ouvido falar de Renzo. Mas ninguém ali o conhecia de verdade.

Ele se aproximou da mesa sem hesitação e fez um leve aceno de cabeça. Clemenza sentou-se ao seu lado, pegando um charuto e acendendo-o lentamente, como se estivesse apenas ali para assistir.

O silêncio reinou por alguns segundos. Então, Bellomo foi o primeiro a falar.

— Você quer nossa atenção, Renzo. Agora tem.

Renzo olhou diretamente para ele.

— Eu não teria pedido esse jantar se não fosse necessário.

Bartoli entrelaçou os dedos, inclinando-se um pouco para frente.

— Então diga. O que aconteceu?

Renzo pegou a taça de vinho à sua frente, girando o líquido dentro do copo antes de tomar um pequeno gole. Quando finalmente falou, sua voz era firme, sem hesitação.

— Alguém tentou me matar. E esse alguém veio de dentro da minha casa.

A mesa ficou em silêncio. Feldman apenas suspirou e colocou os óculos de volta no rosto. Bonnamo riu pelo nariz.

— Casa cheia demais às vezes traz problemas.

Renzo manteve o olhar nele.

— Problemas que eu preciso resolver.

Bonnamo ajeitou a gravata e sorriu de canto.

— E o que isso tem a ver conosco?

— Eu não sei — respondeu Renzo. — Ainda. Mas se alguém da minha casa teve coragem de fazer isso, é porque achou que teria apoio.

Feldman mexeu os dedos nos anéis que usava, pensativo.

— Você está sugerindo que um de nós tem algo a ver com isso?

Renzo não desviou o olhar.

— Eu estou dizendo que quero respostas.

Bellomo balançou a cabeça lentamente, pensativo.

— Renzo, você tem um problema. E todos aqui entendemos como essas coisas acontecem. Mas traição... traição é um câncer que só você pode cortar.

Bartoli sorriu, mas sem humor.

— Você quer nossa ajuda ou só quer que fiquemos fora do caminho?

Renzo pousou a taça na mesa e se inclinou levemente para frente.

— Quero respeito.

Bonnamo soltou um riso curto.

— Respeito? Respeito não é algo que se pede, garoto. É algo que se toma.

Luciano Clemenza finalmente tirou o charuto da boca e soprou a fumaça devagar.

— Lorenzo... estamos aqui para manter a ordem. Ninguém quer guerra.

Bonnamo girou a taça de vinho entre os dedos e sorriu.

— A paz só existe quando todos sabem o seu lugar.

Renzo sustentou o olhar dele por alguns segundos antes de falar.

— E eu estou garantindo que saibam qual é o meu.

Silêncio. Feldman foi o primeiro a mover-se, terminando seu vinho e pousando a taça devagar sobre a mesa.

— Só há um conselho que posso te dar, Renzo. Se há um traidor na sua casa... mate-o como um rato.

Renzo assentiu lentamente.

— Não se preocupem. Eu já estou cuidando disso.

Luciano Clemenza sorriu, satisfeito, e voltou a tragar seu charuto.

Os pratos começaram a ser servidos, mas Renzo sabia que esse jantar não era apenas sobre comida e conversa. Era um jogo mental.

E ele acabara de fazer seu primeiro movimento.

Os pratos estavam quase vazios, os copos, pela metade. O restaurante inteiro parecia respirar junto com aqueles homens

— um silêncio respeitoso pairava no ar, quebrado apenas pelo som de talheres contra porcelana e o tilintar do vinho sendo servido.

Renzo manteve-se calado por um instante, apenas observando. Sua taça de vinho repousava intocada ao lado do prato. Do outro lado da mesa, Bellomo alisava a borda do copo com o polegar, pensativo. Bartoli limpava a boca com um guardanapo, Feldman apenas observava tudo com olhos atentos, sem revelar nada além do necessário.

E Lorenzo...

Lorenzo comia rápido. Não falava enquanto mastigava, não fazia pausas entre os goles de vinho. Apenas se concentrava na comida.

A conversa seguiu seu curso. Bartoli elogiou um fornecedor de Havana, Bellomo lembrou velhos tempos, Feldman comentou algo sobre um juiz que estava comprando uma casa nos Hamptons. Assuntos corriqueiros, mas cada palavra tinha peso.

Renzo então se recostou na cadeira, entrelaçando os dedos diante de si.

— O que aconteceu comigo não foi um acidente.

A mesa ficou em silêncio por um breve instante. Apenas o garçom, discreto, servia mais vinho.

Lorenzo ergueu os olhos do prato, mas não disse nada. Apenas pegou o guardanapo e limpou os cantos da boca, os lábios um pouco secos.

Foi Bellomo quem respondeu primeiro.

— Não foi.

Renzo assentiu lentamente.

— Quero que as coisas continuem como estão. Ninguém mexe em nada. Nenhuma mudança. Nenhuma oportunidade para qualquer um que esteja por trás disso se beneficiar.

Feldman, sempre econômico nas palavras, deu um pequeno aceno de cabeça.

— Justo.

Bartoli sorriu de lado.

— O dinheiro não pode parar de girar.

Renzo apertou os olhos levemente, observando-os.

Lorenzo pegou sua taça, girou o vinho dentro dela e levou aos lábios. Mas não bebeu. Apenas encostou o copo na boca por um segundo, depois pousou de volta na mesa.

Renzo ficou olhando para ele por um momento antes de se levantar.

— Agradeço a todos por terem vindo.

Os homens assentiram. Bellomo ergueu a taça, como se brindasse ao entendimento mútuo.

Lorenzo pegou o guardanapo e passou pela boca mais uma vez antes de se recostar na cadeira.

Clemenza apagou o charuto no cinzeiro, sem pressa.

O jantar havia terminado.

A sala de Luciano Clemenza tinha o cheiro forte de tabaco e couro envelhecido. O escritório era forrado de madeira escura, os móveis pesados, antigos, imponentes. Nas paredes, algumas fotos amareladas de outros tempos, de outros homens. Uma garrafa de uísque pela metade repousava sobre a mesa, ao lado de dois copos baixos.

Renzo estava sentado em uma poltrona de couro, cotovelos apoiados nos joelhos, os dedos entrelaçados, a cabeça baixa. A luz amarelada do abajur criava sombras longas em seu rosto.

Luciano, atrás da mesa, acendeu outro charuto. Tragou lentamente, sem pressa, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Lorenzo.

Renzo ergueu os olhos.

Luciano soltou a fumaça pelo nariz.

— Foi essa a impressão que tive também.

Renzo passou a mão pelo rosto, respirou fundo e se recostou.

— Ele não disse nada de mais. Mas tinha alguma coisa... No jeito que agia. No jeito que evitava olhar para mim quando falei do atentado.

Luciano assentiu devagar, tamborilando os dedos na madeira.

— Quando você falou que queria manter as coisas como estão, ele não respondeu. Não disse uma palavra.

Renzo fechou os olhos por um instante, depois os abriu, cansado.

— Isso não significa nada.

Luciano deu um leve sorriso.

— Nesse negócio, garoto, tudo significa alguma coisa.

Renzo pegou o copo de uísque e girou o líquido âmbar dentro dele. Ficou em silêncio por um momento, perdido em pensamentos. Então, murmurou:

— Mas ele não fez isso sozinho.

Luciano encostou-se na cadeira, observando-o.

— Não.

Renzo pousou o copo sobre a mesa e entrelaçou os dedos.

— Alguém dentro da minha casa me entregou.

Luciano não disse nada. Apenas esperou.

Renzo respirou fundo, sua voz veio baixa, controlada.

— Eu vou descobrir quem foi.

Luciano assentiu lentamente.

— E quando descobrir?

Renzo olhou diretamente para ele. Seus olhos estavam escuros, frios.

— Eu vou matar como um rato.

Luciano observou o jovem por um instante, depois pegou a garrafa e encheu o copo de Renzo.

— Então, começamos por Lorenzo.

Luciano Clemenza puxou um maço de papéis de uma gaveta e os folheou lentamente, sem pressa. O brilho fraco do abajur sobre a mesa iluminava as rugas fundas em seu rosto, sombras dançavam no couro velho da poltrona. O velho mafioso não era do tipo que se apressava. Sabia que certas coisas precisavam de tempo.

Renzo esperou, impaciente. Seu olhar fixo na mesa, os dedos batendo de leve no braço da poltrona. Finalmente, Luciano ergueu os olhos e falou, com a voz calma e controlada:

— Lorenzo Bonnamo é esperto. Muito esperto. Não faz nada sem um motivo.

Renzo inclinou-se para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Ele quer meu lugar?

Luciano deu um meio sorriso e girou o charuto entre os dedos.

— Se quisesse, você já estaria morto. Não, garoto... Lorenzo não quer seu lugar. Ele quer algo mais valioso.

Renzo franziu a testa.

— O quê?

Luciano tomou um gole do uísque e respondeu, sem desviar o olhar:

— Poder.

O silêncio pesou entre os dois homens. O relógio de parede marcava o tempo com um tique-taque ritmado. Renzo pegou o copo e tomou um longo gole, sentindo o calor do álcool descer pela garganta.

— Isso não explica por que alguém da minha casa me traiu.

Luciano assentiu lentamente.

— Não, não explica. Mas nos dá um caminho.

Ele apagou o charuto no cinzeiro de cristal, depois entrelaçou os dedos sobre a mesa.

— Lorenzo não faria isso sozinho. Ele tem aliados. E se alguém dentro da sua família passou informações, não foi por conta própria. Alguém os convenceu.

Renzo apertou os lábios.

— Isso significa que há um preço.

Luciano sorriu, aquele sorriso leve de quem já viu tudo antes.

— Sempre há.

Renzo inclinou-se um pouco mais para frente.

— Você conhece um jeito de fazer Lorenzo falar?

Luciano soltou um suspiro longo, pegou a garrafa e encheu os copos de novo.

— Lorenzo é um homem de negócios. Se apertá-lo demais, ele recua. Se oferecer algo, ele negocia. Mas se quiser que ele mostre a mão...

Renzo apertou o copo entre os dedos.

— Ele precisa se sentir seguro.

Luciano assentiu.

— Exatamente.

Renzo olhou para o uísque no copo, pensativo.

— Então, precisamos deixá-lo confortável.

Luciano sorriu de canto.

— Agora você está pensando como um chefe.

Renzo ficou em silêncio por um momento. Então, ergueu os olhos.

— Organize outro encontro. Só eu e ele. Sem os outros.

Luciano assentiu.

— Vai ser feito.

Ele pegou o telefone e começou a discar, enquanto Renzo se recostava na cadeira, os olhos fixos na parede, já planejando seu próximo movimento.

XXXII

Dedetização Part I

O passar dos dias trouxe um silêncio pesado para a casa de Luciano Clemenza. Renzo permanecia ali, afastado dos olhares curiosos, sempre dentro do escritório de madeira escura, fumando charutos e refletindo. Não era o tipo de homem que gostava de se esconder, mas sabia que, naquele momento, paciência era sua maior aliada.

A manhã estava nublada quando ele pegou o telefone. Girou o disco lentamente, ouvindo os estalos do mecanismo, e esperou. O tempo parecia se arrastar até que a voz grave de Joe atendeu do outro lado da linha.

— *Pronto.*

Renzo girou o charuto nos dedos.

— Joe, preciso de um relatório. Como estão os negócios?

Houve uma pequena pausa. Então, Joe respondeu, com a voz segura:

— Tudo sob controle. Os cassinos ainda operam como sempre, os bares continuam funcionando sem problemas. Os carregamentos chegaram na semana passada, nenhum atraso. As apostas também seguem estáveis. Tive que resolver um probleminha com um agiota que queria aumentar os juros sem nossa permissão, mas já tratei disso.

Renzo fechou os olhos por um instante e assentiu, mesmo que Joe não pudesse ver.

— E a família?

Joe inspirou fundo antes de responder.

— Alguns homens estão inquietos. Acha que o ataque deixou dúvidas. Querem saber o que vai acontecer agora.

Renzo franziu o cenho.

— Ninguém fala nada?

Joe hesitou.

— Ninguém fala, mas todo mundo pensa.

Renzo apertou o telefone contra o ouvido.

— Se alguém pensar alto demais, me avise.

Joe soltou um pequeno riso seco.

— Pode deixar.

Renzo tomou um gole de café, o olhar perdido no tapete do escritório.

— Mais alguma coisa?

Houve um breve silêncio antes de Joe responder:

— Sim. Lorenzo Bonnamo andou perguntando sobre você.

Renzo parou, seu olhar se endurecendo.

— O que ele quer saber?

— Se você vai voltar. Se ainda está no jogo.

Renzo inclinou-se para frente, apoiando o cotovelo sobre a mesa.

— O que você disse?

Joe suspirou.

— Disse que não sei de nada.

Renzo apertou os lábios.

— Bom. Continue assim.

Joe ficou em silêncio por um momento. Então, disse em um tom mais baixo:

— Você quer que eu faça alguma coisa?

Renzo fechou os olhos por um instante.

— Não. Apenas fique atento. Lorenzo vai me procurar.

Joe respirou fundo.

— Certo. Me avise quando precisar de algo.

Renzo desligou o telefone devagar e o colocou sobre a mesa. Ficou ali, imóvel, enquanto a fumaça do charuto subia lentamente pelo ar.

Luciano Clemenza, que estava sentado na poltrona, observou-o por um instante e disse, sem tirar o charuto da boca:

— Lorenzo sabe que você está vivo.

Renzo soltou a fumaça devagar e murmurou:

— Ele não parece surpreso.

Luciano sorriu de canto.

— Não. E isso me diz tudo o que preciso saber.

Renzo olhou para ele, seus olhos frios e calculistas.

— Então ele já me considerava morto.

Luciano ergueu o copo de uísque.

— Ou ele ainda espera que você morra.

Renzo pegou o copo, tomou um gole e o pousou devagar na mesa.

— Nesse caso... teremos que desapontá-lo.

Luciano Clemenza acendeu outro charuto, o brilho da chama refletindo em seus olhos cansados, mas ainda atentos. Ele se inclinou ligeiramente para frente, apoiando os antebraços na mesa escura do escritório.

— Está tudo certo para hoje. Lorenzo vai estar no centro da cidade. Um jantar de negócios. O tipo de encontro que um homem como ele precisa manter longe dos olhos certos.

Renzo, sentado do outro lado da mesa, girava o copo de uísque entre os dedos, o líquido âmbar se movendo suavemente.

— Quem vai estar lá?

Luciano soltou uma pequena lufada de fumaça antes de responder.

– Um promotor. Dos nossos, mas sem lealdade. Só dinheiro. Lorenzo vai garantir que ele continue cego para certas... movimentações.

Renzo passou a mão pelo rosto, sentindo a barba rala crescer.

– Ele vai armado?

Luciano deu de ombros.

– Provavelmente. Mas ele não espera nada. Não de você.

Renzo assentiu lentamente, os olhos fixos em um ponto invisível na mesa.

Luciano então encostou-se à poltrona, observando o jovem mafioso diante dele.

– É aí que você entra. Você vai encontrá-lo.

Renzo apertou os olhos por um instante e respirou fundo.

– E eu vou olhar nos olhos dele.

Luciano sorriu de canto.

– E verá o que precisa ver.

O silêncio pairou entre os dois homens, apenas o som distante da cidade ecoava além das paredes da casa. Renzo terminou seu uísque e pôs o copo com um clique suave na madeira.

– Me diga, Luciano... Lorenzo gosta de carne ou de peixe?

Luciano soltou uma risada rouca, tragou o charuto e murmurou:

– Hoje, meu filho... ele vai engolir qualquer coisa que você servir.

Luciano Clemenza sabia que certas coisas tinham que ser feitas do jeito certo. Um encontro como esse não podia ser um espetáculo. Não podia ser espalhafatoso. Tinha que ser limpo. Silencioso.

No início da tarde, ele mandou um dos seus rapazes, um homem de confiança chamado Salvatore, até o bar onde Lorenzo Bonnamo jantaria. Salvatore entrou sem pressa, pediu um café, trocou algumas palavras com o dono do

lugar — um sujeito pequeno e nervoso, que sabia o suficiente para não fazer perguntas.

No banheiro dos fundos, dentro da caixa de descarga do vaso sanitário, ele deixou um revólver. Um Colt Detective Special, cabo de madeira, tambor cheio. Pequeno o suficiente para ser discreto, mas potente o bastante para terminar qualquer conversa do jeito certo.

Horas depois, quando a noite caiu sobre Nova York, Luciano encontrou Renzo na sala do escritório.

— Está tudo pronto. O bar é tranquilo, pouca gente. O dono não quer problemas. Não haverá revistas na entrada.

Renzo não disse nada. Apenas levantou-se, pegou o paletó e ajeitou os punhos da camisa.

Luciano se aproximou, colocando uma mão firme sobre o ombro dele.

— Ouça, garoto. Você entra, pede um vinho. Espera ele relaxar. Você não discute, não grita. Apenas escuta. E quando a hora chegar, você vai ao banheiro.

Renzo prendeu a respiração por um momento e então assentiu.

Luciano continuou:

— A arma estará lá. Você entra, se recompõe, e quando voltar para a mesa... você faz o que precisa ser feito.

Os olhos de Renzo estavam frios. Sem hesitação.

Luciano apertou seu ombro uma última vez.

— Quando terminar, não olhe para ninguém. Saia do bar e entre no carro que estará na esquina.

Renzo inspirou fundo, pegou o paletó e caminhou até a porta. Antes de sair, virou-se para Luciano.

— Você sempre teve razão sobre Lorenzo.

Luciano sorriu levemente, tragando o charuto.

— Eu sempre tenho razão sobre homens como ele.

Renzo não respondeu. Apenas abriu a porta e saiu para a noite fria de Nova York.

O restaurante era discreto, antigo, com uma madeira escura que fazia tudo parecer mais fechado, mais íntimo. O tipo de lugar onde se falava baixo, onde se resolviam negócios longe dos olhos curiosos. No canto mais reservado, sob a luz fraca de uma lâmpada amarelada, estava Lorenzo Bonnamo, bem vestido, como sempre, terno cinza impecável, gravata sóbria, relógio de ouro no pulso esquerdo. À sua frente, um prato de carne ainda intocado e uma taça de vinho cheia.

Ele conversava com um homem mais velho, de cabelo grisalho bem penteado para trás e rosto marcado pelo tempo. O promotor. Falavam em tom controlado, sem pressa. Lorenzo gesticulava pouco, a voz calma. O promotor mantinha um sorriso contido, de quem sabia que aquela conversa valia muito mais do que qualquer um que estivesse ali poderia imaginar.

Então, a porta do restaurante se abriu.

Lorenzo ergueu os olhos sem muito interesse, até que viu quem entrava.

Renzo Pegorino.

Por um instante, seus dedos apertaram um pouco mais a taça. Ele disfarçou bem, mas não conseguiu esconder completamente a surpresa. Não esperava vê-lo ali.

Renzo atravessou o salão sem pressa. Seu terno preto estava bem ajustado, a gravata escura, o rosto inexpressivo. Caminhava com confiança, como se aquele encontro já tivesse sido planejado por ele e não por Lorenzo.

Parou ao lado da mesa.

— Boa noite, senhores.

O promotor olhou para Lorenzo, como se esperasse alguma apresentação. Lorenzo pigarreou, recuperando a postura.

— Pegorino... que coincidência.

Renzo sorriu de canto.

— Coincidência? Eu diria que não.

O silêncio pesou na mesa. O promotor olhou para Lorenzo de novo, confuso. Lorenzo forçou um sorriso e apontou para a cadeira vazia.

— Por favor, sente-se.

Renzo puxou a cadeira e se acomodou. O garçom se aproximou, e ele pediu um vinho, sem pressa. Não olhou para o promotor, apenas para Lorenzo.

A conversa que Lorenzo tinha antes foi esquecida.

Lorenzo sabia disso.

Ele limpou a garganta, tentou parecer no controle.

— Você anda muito ocupado ultimamente, Renzo. Não é fácil te encontrar.

Renzo pegou o copo de vinho recém-servido e girou-o levemente, observando o líquido escarlate.

— Ocupado? Nem tanto. Só ando... atento.

Lorenzo sorriu, forçado.

— Atento a quê?

Renzo olhou para ele.

— Aos meus negócios. À minha família. Às pessoas ao meu redor.

Lorenzo manteve o sorriso, mas seus olhos ficaram mais atentos.

— Isso é sempre bom.

Renzo tomou um gole do vinho. Depois, inclinou-se levemente para frente, apoiando os antebraços sobre a mesa.

— Me diga, Lorenzo... como você lida com ratos?

Lorenzo piscou devagar. Pegou a taça, girou o vinho dentro do copo e depois tomou um gole.

— Acho que depende do rato.

Renzo assentiu.

— E se o rato fosse da sua própria casa?

Lorenzo manteve a expressão firme, mas tomou outro gole antes de responder.

— Nesse caso... eu precisaria ter certeza, primeiro.

Renzo sorriu, mexendo o vinho dentro da taça.

— Certeza é essencial.

Silêncio. O promotor mexeu-se na cadeira, incomodado.

Lorenzo recostou-se, cruzou os braços.

— Você tem alguma certeza, Renzo?

Renzo terminou seu vinho e deixou o copo sobre a mesa.

O silêncio entre os três homens na mesa era pesado. O promotor observava a interação entre Renzo e Lorenzo, percebendo que aquela conversa não era apenas um encontro casual entre dois homens de negócios. Havia algo ali, algo não dito, mas sentido.

Renzo pousou a taça de vinho na mesa, seus dedos girando-a levemente pelo caule. Olhou para Lorenzo, estudando-o como um predador observa uma presa antes de dar o bote.

— Você nunca gostou muito de coincidências, não é, Lorenzo?

Lorenzo riu curto, ajustando a lapela do terno.

— Negócios e coincidências não andam juntos.

Renzo assentiu devagar, o olhar ainda fixo nele.

— Concordo. Por isso, quando algo estranho acontece, eu começo a me perguntar... foi um acidente? Foi um erro? Ou foi uma escolha de alguém?

Lorenzo ergueu uma sobrancelha, fingindo não entender.

— Está falando de quê exatamente?

Renzo inclinou-se um pouco para frente, o tom de voz tranquilo, mas carregado de peso.

— Estou falando de alguém dentro da minha casa, da minha família... alguém que abriu a porta para um inimigo entrar.

Lorenzo pegou sua taça e tomou um gole longo de vinho antes de responder.

— Isso é uma acusação, Renzo?

Renzo sorriu de canto, sacudindo a cabeça.

— Não. É apenas um pensamento.

O promotor olhou de um para o outro e pigarreou, tentando aliviar o clima.

— Senhores, acho que estou atrapalhando um assunto particular.

Lorenzo ergueu a mão, dispensando a preocupação.

— Nada disso. Pegorino e eu apenas temos uma forma direta de conversar.

Renzo manteve os olhos nele.

— Exatamente. Direta.

Lorenzo inclinou-se na cadeira, apoiando um braço na mesa.

— Sabe, Renzo, quando meu pai era vivo, ele sempre dizia: 'Um homem que desconfia de todos, cedo ou tarde, acaba sozinho'.

Renzo sorriu, mas seus olhos permaneceram frios.

— E um homem que confia na pessoa errada... cedo ou tarde, acaba morto.

O promotor engoliu seco.

Lorenzo segurou a taça de vinho, girando-a entre os dedos.

— Você sempre foi um garoto esperto. Sempre soube onde pisar. Mas me parece que ultimamente você anda um pouco... inquieto.

Renzo inclinou a cabeça.

— Inquieto?

Lorenzo deu de ombros.

— Sim. Tem um ditado siciliano que minha mãe dizia... *Un uomo che si muove troppo è un uomo che ha paura*. Um homem que se move demais é um homem que tem medo.

Renzo sorriu de canto.

— E um homem que tenta acalmar outro com palavras bonitas... é um homem que está escondendo algo.

Lorenzo segurou o sorriso, mas a tensão em seu rosto era visível.

— Renzo, você veio aqui para quê, exatamente? Para jantar comigo ou para fazer joguinhos?

Renzo olhou para o promotor e depois de volta para Lorenzo.

— Jantar. Conversar. Entender algumas coisas.

Lorenzo apoiou os cotovelos na mesa, entrelaçando os dedos.

— Então me diga... o que exatamente você quer entender?

Renzo segurou a taça, girando o vinho lentamente.

— Quero entender como alguém conseguiu informações tão detalhadas sobre minha casa... sobre minha rotina... sem que ninguém percebesse.

Lorenzo respirou fundo.

— Você está sugerindo que foi alguém de dentro?

Renzo assentiu.

— Isso é o que faz sentido, não?

Lorenzo hesitou por um instante.

— E você acha que fui eu?

Renzo ergueu as mãos, num gesto despreocupado.

— Eu nunca disse isso.

Lorenzo soltou uma risada curta.

— Mas é o que está insinuando.

Renzo não respondeu de imediato. Apenas segurou a taça, tomando um gole. Seus olhos ainda em Lorenzo, observando cada pequeno gesto, cada mudança sutil na expressão dele.

Lorenzo olhou para o promotor, como se procurasse alguma reação, e então soltou um suspiro.

— Escute, Renzo... eu estou há muito tempo nesse jogo. Eu conheci os homens que vieram antes de você. Sempre houve um código entre nós.

Renzo arqueou a sobrancelha.

— Código?

Lorenzo assentiu.

— Respeito. Lealdade.

Renzo apoiou a taça sobre a mesa.

— Lealdade. Que palavra forte.

Lorenzo assentiu lentamente.

— E importante.

Renzo inclinou-se um pouco para frente, os olhos frios.

— Então me diga, Lorenzo... o que um homem faz quando descobre que alguém em quem confiava não foi leal?

Lorenzo apertou os lábios. Seus dedos bateram duas vezes de leve na mesa.

— Ele faz o que precisa ser feito.

Renzo ficou em silêncio por um instante, observando-o.

Então, inclinou-se para trás na cadeira, respirando fundo.

— Preciso usar o banheiro.

O ambiente do restaurante continuava aquecido pelo cheiro de vinho, molho de tomate e carne assada, mas na mesa onde Renzo e Lorenzo estavam sentados, o ar parecia mais pesado do que nunca. Os ruídos do restaurante — o tilintar de talheres, conversas abafadas, o som de um garçom abrindo uma garrafa de vinho — tudo se tornava pano de fundo para a tensão entre os dois homens.

Renzo ajeitou o paletó, preparando-se para levantar, mas antes que pudesse dar o primeiro passo, sentiu a mão de Lorenzo segurando-o pelo pulso, firme, mas com um toque de casualidade ensaiada.

— Espera aí, Renzo — disse Lorenzo, num tom leve, mas com um peso oculto. — A gente tem que garantir que estamos todos seguros, né?

O olhar de Lorenzo era amistoso, mas nos olhos dele havia algo além da cortesia. Renzo percebeu. Tudo nesse jogo era uma dança de gestos, de olhares, de pausas calculadas.

O promotor observava a cena, fingindo distração, mas claramente interessado na dinâmica entre os dois.

– Claro – respondeu Renzo, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Com um gesto lento e meticuloso, Lorenzo deslizou as mãos pelo terno de Renzo, batendo levemente no peito, nas laterais do paletó, nos bolsos. Uma revista discreta, mas significativa. Renzo manteve-se imóvel, permitindo que Lorenzo completasse sua inspeção. Não desviou o olhar, não demonstrou irritação. Apenas observou.

Lorenzo terminou a revista com um leve tapinha no ombro de Renzo, sorrindo.

– Tudo certo, amico. Vai lá.

Renzo ajustou o paletó e caminhou sem pressa. Sentia os olhos de Lorenzo em suas costas enquanto cruzava o salão. O som dos talheres, das conversas, do garçom abrindo uma nova garrafa, tudo se misturava em um zumbido distante.

Ele sabia o que aconteceria a seguir. Sabia como cada passo precisava ser meticulosamente calculado.

Ao passar pelo bar, notou o barman servindo um copo de whisky a um cliente. Atrás do balcão, uma fileira de garrafas refletia as luzes amareladas do restaurante. Um espelho, um reflexo. Renzo enxergou a si mesmo, e atrás de si, Lorenzo, que agora trocava palavras com o promotor, mas não parecia relaxado.

Renzo entrou no corredor que levava ao banheiro. O som da música do restaurante ficou abafado quando a porta se fechou atrás dele. Agora, havia apenas o ruído do gotejar de uma torneira e o zumbido fraco da ventilação.

Olhou-se no espelho por um momento. Respirou fundo.

Havia apenas uma cabine fechada. Ele caminhou até o final do banheiro, empurrou a porta, e lá estava.

Atrás da caixa de descarga, embrulhada em um pano escuro, a arma que Luciano havia providenciado.

Renzo pegou a arma com a mesma calma com que pegaria um guardanapo da mesa. Sem hesitação, sem pressa.

Respirou fundo, sentindo o peso do metal em sua mão.

Os segundos pareceram se alongar.

Ele se virou para o espelho novamente, encarando a si mesmo.

Seu rosto não mostrava medo, nem hesitação. Apenas a resolução de um homem que sabia o que precisava ser feito.

Um momento de silêncio absoluto.

Então, ele se virou e caminhou de volta para o salão.

Renzo saiu do banheiro com passos firmes, mas controlados.

Seu rosto era uma máscara de calma, mas por dentro, o sangue bombeava mais rápido do que nunca. A arma estava firme em sua cintura, fria contra a pele. Ele já havia segurado armas antes, já havia puxado o gatilho em outras situações, mas isso era diferente. Isso não era apenas um acerto de contas. Isso era justiça. Isso era um aviso.

O restaurante seguia o mesmo. O tilintar de talheres, o murmúrio abafado de conversas, o aroma de alho e vinho no ar. Mas para Renzo, tudo parecia mais distante. Cada passo até a mesa parecia mais longo do que o anterior. O espelho atrás do bar refletia seu rosto, e ele não desviou o olhar.

Quando chegou à mesa, Lorenzo ainda conversava com o promotor, gesticulando levemente com as mãos, sua voz carregada de falsa confiança. Assim que viu Renzo, interrompeu a conversa e virou-se para ele, um sorriso estreito no rosto.

— Ah, aí está você — disse Lorenzo, com a voz tranquila, mas os olhos atentos. — Espero que o jantar esteja do seu agrado.

Renzo se sentou com a mesma calma de antes, ajeitou o paletó e pegou o copo de vinho que estava na sua frente. Olhou para Lorenzo por um instante antes de beber um gole.

— O jantar está ótimo — respondeu, colocando o copo de volta na mesa.

O promotor olhava de um para o outro, tentando decifrar a tensão no ar.

— Então, do que estávamos falando? — perguntou Lorenzo, recostando-se na cadeira. — Ah, sim... negócios. Sempre negócios.

Renzo cruzou os dedos sobre a mesa, estudando Lorenzo. Ele parecia confortável, mas havia algo nos olhos dele. Um brilho sutil de alerta. Ele sabia que algo estava errado, mas não sabia exatamente o quê.

— Você sempre foi um bom negociador, Lorenzo — disse Renzo, sua voz baixa, quase cortês.

Lorenzo sorriu, inclinando a cabeça.

— A gente precisa saber quando falar e quando escutar. É assim que se sobrevive nesse mundo.

Renzo assentiu lentamente, como se considerasse as palavras.

— E também precisa saber em quem confiar.

O sorriso de Lorenzo vacilou por um instante, mas logo voltou ao rosto.

— Isso é verdade — respondeu. — Mas confiança... confiança é uma coisa engraçada, não? Você confia em alguém por anos e, num instante, tudo pode mudar.

Renzo apoiou os cotovelos na mesa, inclinando-se um pouco para frente.

— Você acredita nisso, Lorenzo? Que tudo pode mudar num instante?

Lorenzo hesitou por um segundo. Apenas um segundo. Mas foi suficiente.

Renzo viu a expressão dele mudar, viu o instante em que ele percebeu. Mas foi tarde demais.

Num movimento rápido, Renzo deslizou a mão para a cintura, puxou o revólver e apontou diretamente para Lorenzo.

Dois tiros ecoaram no restaurante.

O primeiro acertou Lorenzo no peito, jogando-o para trás na cadeira. O segundo, no rosto, arrancando qualquer chance de sobrevivência.

O promotor soltou um grito abafado e se encolheu, os olhos arregalados de puro choque. O restaurante mergulhou no caos. Gritos, cadeiras caindo, clientes correndo para as saídas. Renzo não se moveu imediatamente. Ele respirou fundo, sentindo o cheiro de pólvora misturado ao vinho derramado na mesa.

Virou-se para o promotor, que tremia e tentava recuar, mas estava preso entre a cadeira e a parede.

— Fique sentado — disse Renzo, com a mesma calma de antes.

O homem obedeceu sem hesitar.

Renzo se levantou devagar, guardou a arma no paletó e ajeitou o terno. Depois, sem olhar para trás, caminhou pelo restaurante.

O caos continuava, mas ninguém tentou impedi-lo. Ninguém ousou se colocar em seu caminho.

Quando chegou à porta, respirou fundo uma última vez antes de sair para a rua. O ar frio da noite bateu em seu rosto, mas ele não sentiu nada. Apenas seguiu em frente, desaparecendo na cidade, como se nada tivesse acontecido.

XXXIII

Eu Juro

O som do rádio enchia a sala escura da casa de Luciano Clemenza. As vozes abafadas dos jornalistas anunciavam o caos que havia tomado Nova York nas últimas horas.

"GUERRAS DE GANGUES EM NOVA YORK"

"CHEFÃO DO CRIME É MORTO POR OUTRO CHEFÃO"

"RENZO PEGORINO É O MAIS NOVO DON DA CIDADE?"

Clemenza fumava seu charuto em silêncio, sentado atrás da grande mesa de madeira do escritório. O ambiente estava carregado de fumaça e tensão, o cheiro de tabaco misturado ao couro envelhecido dos móveis. Ele escutava as notícias com um olhar impassível, como um homem que já vira tudo aquilo antes.

Renzo, sentado em uma poltrona no canto da sala, não dizia uma palavra. O abajur ao seu lado lançava sombras longas em seu rosto, realçando o olhar fixo no tapete. Ele já esperava que os jornais fizessem alarde. Mas ver seu nome impresso como "o mais novo chefe do crime organizado" trouxe um gosto amargo à boca.

Clemenza soltou a fumaça lentamente, balançando a cabeça.

— Os jornais adoram fazer um espetáculo — murmurou.

Renzo permaneceu em silêncio por um instante antes de responder.

— Isso era inevitável. Eles vão especular, criar histórias. Mas não importa o que digam. O que importa é o que vem agora. Clemenza olhou para ele com um misto de aprovação e preocupação.

— Agora você tem que se manter vivo.

Antes que Renzo pudesse responder, um som discreto na porta anunciou a chegada de Joe. Ele entrou com passos rápidos e cuidadosos, tirando o chapéu e sacudindo a neve dos ombros.

— Tá frio lá fora, como o coração de um agiota — disse ele, tentando quebrar o peso do ambiente. Mas ao ver o olhar sério de Renzo e Clemenza, sua expressão mudou. — Trouxe notícias.

Ele entregou a Renzo um envelope ligeiramente amassado.

— É da Sicília — acrescentou.

Renzo pegou a carta e sentiu o peso dela em suas mãos. O papel trazia o cheiro da terra distante que um dia chamara de lar. Abriu o envelope devagar, as mãos firmes, mas os olhos atentos a cada palavra escrita com a caligrafia delicada de sua esposa.

"Renzo, meu amor,

Estamos bem. A viagem foi longa, mas segura. A Sicília... é diferente. As ruas, as pessoas. O dialeto aqui é forte, e às vezes me sinto mal, mas estou aprendendo. A comida... ah, a comida é algo que ainda estou me acostumando. Tudo é mais forte, mais temperado. Mas não se preocupe, estou bem. Nosso bebê está bem. Espero que você esteja seguro. Espero que isso acabe logo. Te amo."

Renzo leu cada palavra devagar, absorvendo tudo. Dobrou o papel cuidadosamente e o guardou no bolso do paletó.

Clemenza observava em silêncio, com a sabedoria de um homem que já vivera muitas despedidas. Joe apenas esperava a reação de Renzo, ansioso para ver se traria boas notícias ou apenas mais um peso sobre os ombros do Don.

Renzo finalmente ergueu os olhos, exalando lentamente.

— Eles estão bem.

Joe assentiu, aliviado, e Clemenza deu uma tragada longa no charuto.

— Bom — disse Clemenza, soltando a fumaça. — Porque agora, rapaz, você tem que se preocupar com o que vem pela frente.

Renzo não respondeu de imediato. Apenas pegou um copo de uísque ao lado e tomou um gole, sentindo o líquido quente descer pela garganta.

Lá fora, a neve caía suavemente sobre Nova York.

No escritório de Clemenza, o rádio continuava ligado. As notícias se repetiam.

"Polícia investiga possível acerto de contas entre famílias do crime"

"O império Bonnamo se fragmenta. Quem herdará seus negócios?"

Clemenza apagou o charuto no cinzeiro de mármore, os olhos baixos. Joe, que ainda estava ali, servia-se de um copo de uísque, mas esperava a deixa para falar.

— Tá vendo isso? — Clemenza murmurou, inclinando-se na cadeira. — É isso que acontece quando você faz movimentos grandes demais. Agora todo mundo quer saber pra que lado a cidade vai pender.

Renzo, sentado em frente à mesa, ouvia sem demonstrar reação.

— Eu sei — respondeu calmamente. — Mas isso precisava ser feito.

Clemenza ficou um momento em silêncio, depois suspirou.

— Sim, precisava. Mas a pergunta agora é: quem vai tentar se aproveitar disso?

Joe apoiou o copo sobre a mesa com um *clank*.

— Todo mundo. Os Caruso já tão mexendo os pauzinhos pra colocar um dos deles nos negócios do Bonnamo. Feldman vai querer uma fatia também, o judeu nunca perde uma oportunidade. E Bartoli... — Joe balançou a cabeça. — Aquele desgraçado tá esperando o momento certo pra tentar puxar seu tapete.

Renzo esfregou o queixo devagar, pensativo.

— E os nossos negócios?

— Estão seguros — Joe respondeu. — Eu já falei com nossos contatos nos sindicatos. O dinheiro tá entrando como sempre. Mas a cidade tá um barril de pólvora, Renzo. Todo mundo quer ver qual será seu próximo passo.

Clemenza serviu-se de mais um uísque, mexendo o líquido âmbar no copo.

— Escute, garoto. Você fez o que precisava ser feito. Mas agora é hora de agir como um Don de verdade. Isso significa equilíbrio. Nem todo problema precisa ser resolvido com uma bala.

Renzo assentiu lentamente.

— Eu sei.

— Bom — Clemenza sorriu de canto de boca. — Porque vamos ter visitas em breve.

Renzo ergueu os olhos.

— Quem?

— Bartoli mandou recado. Quer uma reunião.

Joe soltou uma risada seca.

— Esse filho da puta não perde tempo.

Clemenza apagou o charuto e se inclinou na mesa, olhando Renzo nos olhos.

— Esse é o momento mais perigoso pra você. Os outros chefes vão querer saber se você pode ser controlado... ou se precisam te derrubar antes que você se torne grande demais. Renzo respirou fundo e se levantou, ajeitando o paletó.

— Então vamos deixar claro que eu não sou um problema... a menos que façam de mim um problema.

Clemenza sorriu.

— Agora você está falando como um Don.

A cidade esperava. E Renzo sabia que a guerra ainda estava longe de terminar.

A porta se abriu de repente, batendo contra a parede, e Packie entrou como uma tempestade. Seu paletó estava meio aberto, o cachecol pendurado torto no pescoço, e as mãos inquietas

— ora no bolso, ora gesticulando no ar.

— Renzo! Porra, cara, você precisa sair um pouco. Eu juro que, se ficar mais tempo nesse escritório com essa cara de quem tá planejando enterrar mais cinco caras, vai acabar virando uma estátua de gelo!

Renzo ergueu os olhos devagar, sem pressa. Clemenza arqueou a sobrancelha, enquanto Joe apenas soltou um riso abafado e tomou mais um gole do uísque.

— Tô ocupado, Packie — Renzo murmurou.

— Ocupado? Ocupado com o quê? Olha só — Packie se inclinou para frente, apoiando as mãos na mesa — eu entendo, você é o chefe agora, tem que ser o cara frio, calculista, todo mundo olhando pra você. Mas, pelo amor de Deus, quando foi a última vez que você respirou?

Renzo soltou um longo suspiro e esfregou os olhos.

— Isso aqui não é um jogo, Packie.

— E você acha que eu não sei disso? — Packie abriu os braços, num gesto exagerado. — Eu não tô falando pra gente sair e gastar o dinheiro do negócio numa boate de strip. Tô falando

pra ir beber um copo, ir a um lugar onde ninguém olhe pra você como se estivesse esperando seu próximo movimento. Clemenza acendeu um charuto e soltou uma baforada lenta, observando a cena com divertimento silencioso.

— O moleque tem um ponto — disse Joe, virando-se para Renzo. — Um chefe que fica muito tempo no escuro começa a parecer um fantasma. Isso assusta até os próprios homens. Renzo olhou para Joe, depois para Clemenza, que apenas deu de ombros.

— Uma saída não vai te matar, garoto.

Packie viu a hesitação nos olhos de Renzo e aproveitou a brecha.

— Ouve, tem uma festa de fim de ano num daqueles bares chiques do centro. Nada a ver com os nossos negócios, ninguém vai saber quem você é. É só entrar, pegar um uísque, ouvir um pouco de música. Uma noite sem ninguém cochichando o seu nome.

Renzo ficou em silêncio por um longo momento. O relógio na parede fazia um *tic-tac* irritante, marcando a tensão no ar.

— Certo — disse enfim, levantando-se. — Mas nada chamativo.

Packie abriu um sorriso vitorioso e bateu palmas.

— Isso, porra! Agora sim!

Joe riu.

— Vê se não mete esse cara em encrenca, Packie.

— Eu? Eu sou um anjo — respondeu Packie, com um sorriso travesso.

Renzo pegou o sobretudo e vestiu, ajustando a lapela. Ele ainda não estava convencido de que essa saída era uma boa ideia. Mas, por ora, decidiu que seguiria o fluxo.

Só esperava que a cidade não o engolissem no caminho.

A neve caía devagar sobre a estrada, acumulando-se nas calçadas e no topo dos postes de luz. O Cadillac preto

avançava silencioso pelas ruas de Nova York, os faróis iluminando a brancura fria da noite. As decorações natalinas piscavam nas vitrines e nos postes, enquanto transeuntes apressados seguiam seus caminhos, enrolados em casacos grossos.

Renzo dirigia em silêncio, as mãos firmes no volante, o rosto impassível. Packie, ao seu lado, parecia inquieto.

Primeiro, ligou o rádio. O chiado encheu o carro, até que uma estação sintonizou.

"Silent night, holy night..."

— Merda — Packie resmungou, girando o dial de novo.

Mais estática. Depois, a voz grave de um radialista surgiu:

"E nesta véspera de Natal, Nova York enfrenta dias turbulentos... gangues, políticos e policiais corruptos dominam as manchetes —"

— Mas que porra, até aqui? — resmungou Packie, desligando o rádio com um estalo.

O silêncio voltou, quebrado apenas pelo ronco do motor e o barulho dos pneus esmagando a neve.

Ele tamborilou os dedos no painel, cruzou os braços, depois os descruzou. Olhou pela janela e suspirou.

— Sabe, isso aqui me lembra aqueles natais de quando a gente era moleque.

Renzo manteve os olhos na estrada, mas arqueou uma sobrancelha.

— Ah, é?

— É — Packie bufou. — A gente sem um puto no bolso, rodando por aí sem rumo, fingindo que não dava a mínima. Mas no fundo dava.

Renzo soltou um riso seco.

— A gente sempre dava um jeito.

— Sempre — Packie confirmou, balançando a cabeça. Depois, apontou para fora do carro, onde algumas crianças brincavam

na neve. — Olha isso. Molecada correndo, jogando bola de neve. Você acha que alguma delas vai acabar como a gente? Renzo não respondeu de imediato.

— Algumas, talvez.

Packie ficou quieto por um instante. Depois, cutucou Renzo com o cotovelo.

— A real é que a gente se saiu bem, hein?

Renzo manteve o olhar na estrada.

— É. Acho que sim.

Packie sorriu, mas logo voltou à inquietação. Mexeu no bolso, tirou um maço de cigarros, olhou para ele e guardou de volta.

— Falando sério, Renzo... Você tem que tomar cuidado. Todo mundo quer um pedaço agora.

Renzo suspirou.

— Tá falando demais, Packie.

— Tô só dizendo! A gente sabe como essa cidade funciona. Todo mundo te bajula até perceber que não pode te controlar. Aí te apunhalam pelas costas.

Renzo apertou um pouco mais o volante.

— Eu sei.

— Bom. Então espero que esteja pronto.

O Cadillac deslizou por mais algumas ruas até dobrar a esquina e parar em frente ao hotel.

O bar ficava no andar de cima, um salão luxuoso decorado para a festa de Natal. Homens de terno e mulheres em vestidos brilhantes subiam as escadas de carpete vermelho, taças de champanhe nas mãos. O cheiro de charuto e conhaque pairava no ar frio da noite.

Renzo desligou o carro e ajustou a lapela do paletó.

— Sem chamar atenção — disse ele, lançando um olhar de canto para Packie.

Packie abriu um sorriso debochado.

— Eu? Sou a definição de discrição.

Renzo apenas suspirou antes de abrir a porta e sair. Ele sabia que a noite ainda estava longe de acabar.

O hall do hotel era um espetáculo de luxo e tradição. Lustres dourados pendiam do teto alto, refletindo as luzes de Natal que enfeitavam as colunas de mármore. Homens em ternos impecáveis e mulheres envoltas em peles conversavam em tom baixo, como se a própria elegância exigisse discrição. O cheiro de charuto misturava-se ao de perfume caro e ao leve aroma de conhaque vindo do bar.

Renzo e Packie cruzaram o salão sem se deter. Subiram as escadas cobertas pelo carpete vermelho, os passos abafados pelo som distante da banda ao vivo tocando uma versão suave de *White Christmas*.

No andar de cima, o bar se abria em um espaço amplo, decorado com madeira escura e poltronas de couro. Uma lareira crepitava ao fundo, dando um ar ainda mais acolhedor ao lugar. O barman, um sujeito de cabelo bem penteado e colete bem passado, polia um copo enquanto conversava com um grupo de senhores mais velhos, todos com o ar de quem já havia visto muito da cidade.

Renzo e Packie se acomodaram no balcão. O barman os reconheceu com um aceno sutil, sem dizer uma palavra.

— Bourbon duplo — disse Renzo, apoiando os cotovelos no balcão.

— O mesmo. E me deixa uma garrafa aqui — disse Packie, tirando o casaco e jogando-o no encosto da cadeira.

Renzo olhou de lado para ele, estreitando os olhos.

— Desde quando você precisa de uma garrafa inteira?

Packie deu de ombros, forçando um sorriso.

— Desde hoje.

O barman serviu os copos e deixou a garrafa à disposição. Packie não perdeu tempo. Derramou outro generoso gole antes mesmo de terminar o primeiro.

— Algum problema? — Renzo perguntou, girando o próprio copo lentamente entre os dedos.

— Nenhum. Só tô aproveitando a noite.

Renzo não respondeu. Apenas observou Packie virar outro gole e fazer uma careta breve antes de bater o copo na madeira polida.

A banda no salão de baixo mudou a música para algo mais animado, e o burburinho ao redor cresceu. Risadas femininas ecoavam aqui e ali, acompanhadas pelo tilintar de taças de champanhe.

Packie suspirou, recostando-se no banco.

— Sabe o que eu acho engraçado?

Renzo ergueu uma sobrancelha.

— O quê?

Packie girou o copo na mão, pensativo.

— Como a gente consegue fingir que tá tudo bem. Olha isso.

— Ele apontou com o queixo para a festa ao redor. — Tá todo mundo rindo, bebendo, desejando ‘Feliz Natal’. Como se essa cidade não fosse um buraco de cobras esperando a primeira chance de te envenenar.

Renzo deu um gole no bourbon, sentindo o calor descer pela garganta.

— Isso se chama sobrevivência.

— É. E tem gente que sobrevive melhor que outras.

Renzo permaneceu em silêncio. Ele conhecia Packie tempo o bastante para saber que havia algo por trás dessa conversa.

Packie virou outro gole, esfregou o rosto com as mãos e soltou um riso seco.

— Ah, esquece. Hoje é noite de festa, né?

Renzo olhou para ele por um instante antes de desviar o olhar para a lareira.

— Hoje é noite de negócios.

Packie riu, pegando a garrafa novamente.

– Você sempre falando como um Don.

Renzo não riu. Apenas continuou observando a cidade lá fora pela grande janela do bar, enquanto a neve continuava a cair. O tempo foi passando, e Packie continuava enchendo o copo, um atrás do outro. O bar foi ficando mais cheio, as risadas mais altas, e a música subia e descia como o ritmo de um coração pulsante no meio da festa. Mas Renzo não bebia. Ele apenas observava.

Seus olhos varriam o salão com naturalidade, mas sem nunca perder nada. Cada homem que entrava, cada garçom servindo uma mesa, cada olhar trocado entre os convidados. Ele sabia que aquela cidade nunca dormia, e um homem no seu lugar nunca podia baixar a guarda.

Já Packie... Packie estava se afundando no álcool como se quisesse apagar algo dentro de si. A garrafa que antes parecia cheia agora estava pela metade, e ele já nem tomava o tempo de saborear o bourbon. Apenas virava o copo, cada vez mais rápido.

Renzo bateu os dedos no balcão, chamando a atenção do barman.

– Água.

O barman entendeu o recado e serviu um copo grande. Renzo empurrou o copo para Packie.

– Bebe isso.

Packie olhou para a água como se fosse um insulto, rindo de canto de boca.

– Ah, vai se foder, Renzo. Água? No Natal?

– Bebe, Packie.

Packie virou os olhos, mas pegou o copo e bebeu metade, soltando um longo suspiro. Seu rosto estava vermelho, e os olhos brilhavam de um jeito estranho – não só pelo álcool, mas por algo mais profundo, algo que ele tentava esconder.

Renzo o observou por um instante antes de dizer:

— Vamos sair daqui.

— Não, não... espera mais um pouco — Packie disse, gesticulando com as mãos. — A gente acabou de chegar. Tá tudo bem.

— Packie, vamos.

— Caralho, eu disse que tá tudo bem!

A explosão repentina fez com que algumas pessoas ao redor olhassem na direção deles. Renzo não reagiu, apenas manteve o olhar firme sobre Packie. E então, como se toda a raiva dele se transformasse em algo pior, Packie baixou a cabeça e murmurou:

— Não... eu não quis.

Renzo franziu a testa.

Packie apertou os olhos, virou outro gole do bourbon e repetiu, a voz falhando:

— Eu não quis...

Ele respirou fundo e passou as mãos pelo rosto, como se tentasse se segurar. Mas então olhou para Renzo com um olhar quebrado, cheio de culpa e desespero.

— Me desculpa, irmão... me desculpa...

A mão de Renzo instintivamente pousou sobre o coldre dentro do casaco.

— O que você fez, Packie?

— Eu... eu...

Mas as palavras morreram antes de sair. Ele simplesmente abaixou a cabeça, os ombros tremendo.

Renzo olhou ao redor. Algumas pessoas ainda os observavam de relance, mas nada alarmante. Ele pegou Packie pelo braço e o puxou para fora dali.

Desceram um pequeno corredor lateral e saíram por uma porta discreta, que dava para o terraço. O ar gelado da noite de Nova York os envolveu imediatamente, fazendo Packie estremecer.

Era uma área reservada, um jardim suspenso com vasos bem cuidados e algumas estátuas de pedra. Luzes pequenas e amarelas decoravam o espaço, piscando suavemente. Do alto dali, podiam ver a cidade coberta de neve, os carros em movimento, as pessoas apressadas pelas calçadas iluminadas pelas vitrines de fim de ano.

Renzo soltou Packie com um empurrão leve, encostando-se na mureta de pedra.

— Agora fala. O que você fez?

Packie encostou-se em uma coluna, respirando fundo, os olhos vermelhos e brilhando no frio. Ele passou as mãos pelo rosto, tentando se recompor, mas falhando miseravelmente.

— Eu...

Mas ele não conseguia dizer.

E Renzo, sentindo um peso frio no peito, começou a perceber que o que quer que fosse... não era bom.

O silêncio do terraço foi a única resposta que Packie deu. Ele se afastou um pouco, passando a mão pelo cabelo desgrenhado e olhando para a cidade lá embaixo. Não havia mais o brilho da festa, o barulho das conversas, os brindes e as risadas. Só o frio, o vento cortante, a neve caindo devagar e o som distante da cidade que nunca dormia.

Renzo esperou. Ele sabia que pressionar Packie agora não daria em nada. O cara estava um caco, afundado em algo que não queria dizer. Melhor deixá-lo se afogar um pouco mais antes de puxá-lo para fora.

— Tá um frio do caralho — Packie resmungou, enfiando as mãos nos bolsos.

— É Nova York no inverno, o que você esperava?

Packie soltou uma risada curta, sem humor, e se encostou na mureta.

Ficaram ali, sem dizer nada, apenas observando o mundo abaixo deles. A fumaça das chaminés subindo devagar, os

faróis dos carros cortando a escuridão, os passos apressados dos poucos que caminhavam pelas calçadas cobertas de neve. O tempo foi passando, e Packie começou a piscar mais devagar. Seu corpo relaxou, o frio e o álcool pesando nele como um cobertor de chumbo.

— Só um segundo, só um segundo... — ele murmurou, encostando a cabeça no ombro de Renzo.

E então dormiu.

Renzo permaneceu ali, imóvel, olhando para frente. Deixou que Packie dormisse.

Deixou porque, no fundo, ele via aquele desgraçado como um irmão.

Mas sua mente não parava.

Seus pensamentos giravam, encaixando peças, analisando possibilidades. Quem era o traidor? Quem entregou sua família? Quem se beneficiava mais com tudo isso? Bartoli? Feldman? Os Caruso?

E se não fosse um inimigo tão óbvio assim?

O céu começou a clarear, um azul pálido surgindo por trás dos prédios distantes. O sol apareceu devagar, tingindo a neve de dourado, e Packie mexeu-se, resmungando.

Então, sem aviso, virou-se e vomitou na mureta.

— Ah, puta que pariu...

Renzo deu um passo para trás, cruzando os braços e esperando. Packie cuspiu, respirou fundo e se afastou, limpando a boca com as costas da mão.

— Isso foi nojento — Renzo comentou, com um tom seco.

— Ah, cala a boca — Packie retrucou, ainda com a voz rouca. Ele esfregou o rosto, tentando se recompor. — Eu preciso de café.

— A gente vai descer.

— Espera, espera...

Packie olhou ao redor, piscando contra a claridade da manhã.

— Sabe, esse lugar até que tá bonito hoje de manhã.

Renzo ergueu uma sobrancelha.

— Como é que você sabe que outros dias não estavam?

Packie abriu a boca para responder, mas as palavras saíram antes que ele pudesse segurá-las:

— Ah... porque eu estive aqui com Bonnamo uma vez.

O silêncio entre os dois foi brutal.

Packie percebeu o que tinha dito, mas tentou consertar.

— Quer dizer... uma vez, sei lá, anos atrás, foi só —

Renzo não ouviu o resto. Sua mente congelou naquele instante, e depois começou a correr, encaixando tudo, encaixando cada detalhe, cada olhar, cada frase, cada momento que ignorou.

O jeito que Packie agiu naquela noite. O jeito que ele bebeu até se afundar. As desculpas sussurradas entre soluços.

"Eu não quis."

"Me desculpa, irmão."

Os nós se apertaram, a verdade explodiu na sua cara como um tiro à queima-roupa.

Packie.

Packie foi o traidor.

Foi ele quem o entregou a Bonnamo. Foi ele quem entregou Renzo e sua família.

Seu melhor amigo. Seu irmão.

O sangue de Renzo gelou.

Packie já estava se afastando, murmurando que ia ao banheiro. Renzo apenas ficou ali, paralisado, o mundo girando ao seu redor.

Negação.

Não podia ser.

Mas era.

Ele **sabia** que era.

E naquele momento, no meio da neve dourada pelo amanhecer, Renzo soube exatamente o que tinha que fazer. Por mais que doesse, por mais que não quisesse.

Packie saiu do banheiro devagar, fechando a porta atrás de si. Ele respirou fundo, esfregou o rosto e ergueu os olhos.

Renzo estava lá.

Do outro lado do terraço, parado sob a luz fraca da manhã, envolto pelo frio cortante de Nova York. Não dizia nada, não se mexia. Apenas olhava para ele.

A expressão de Renzo não era de raiva. Não ainda.

Mas Packie soube. **Ele soube.**

Seu peito apertou, e um medo gelado subiu pela espinha.

Ele tentou falar alguma coisa. Uma piada, uma desculpa, qualquer merda que pudesse quebrar aquele silêncio esmagador.

Mas não saiu nada.

Porque no fundo, ele sabia que não havia mais o que dizer.

E Renzo sabia disso também.

Ele atravessou o terraço do hotel com passos pesados, os olhos fixos em Packie. Que estava estático o encarando

Renzo não esperou. Segurou Packie pelos ombros e o puxou para perto, apertando a nuca dele com força. Não era apenas um gesto de domínio—era algo mais profundo. Algo entre amor e traição. Os olhos dos dois se encontraram.

— Eu confiei em você... — Renzo disse, e sua voz era um fio entre a fúria e a dor. — Eu te dei tudo. E você me apunhalou. Packie engoliu em seco.

— Renzo, eu juro por Deus...

Renzo apertou mais forte, os dedos afundando na carne do amigo.

— Não tem juramento que apague isso, Packie. Você me vendeu. Você entregou minha família.

A respiração de Packie acelerou. Ele tentou segurar os pulsos de Renzo, como se quisesse se soltar, mas a verdade o mantinha preso mais do que as mãos do amigo.

— Você era meu irmão... — Renzo sussurrou, e seus olhos brilharam por um instante. Mas ele piscou rápido, endurecendo de novo. — Eu te amava.

O silêncio pesou entre eles. O som distante da festa ficou abafado.

Renzo soltou Packie com um empurrão, recuando como se o toque dele o enojasse. A decisão já tinha sido tomada.

Packie quis dizer algo. Mas não havia mais palavras.

XXXIV

Sem Volta

A neve continuava a cair sobre Nova York, silenciosa e indiferente às guerras que se travavam em suas ruas. Nos becos, nas vielas escuras, nos salões enfumaçados onde homens decidiam o destino de outros, a cidade respirava tensão.

Era madrugada quando Renzo Pegorino finalmente voltou para casa.

Ou o que restou dela.

A grande mansão, que outrora fora símbolo de sua família, estava em ruínas. As portas ainda escancaradas, as janelas estilhaçadas. O cheiro de madeira queimada e pólvora ainda impregnava o ar. Ele caminhou devagar pelos corredores devastados, os passos ecoando no vazio. Subiu as escadas pisando nos destroços, parando diante da porta de seu escritório.

O único lugar que ainda estava intacto.

Ali dentro, a penumbra era quebrada apenas pela luz do abajur sobre a mesa de mogno. Renzo sentou-se pesadamente na poltrona de couro. Os cotovelos apoiados na mesa, a mão pressionando as têmporas.

O silêncio era pesado.

À sua frente, Joe e os outros associados estavam sentados, observando. Ninguém falava. Ninguém ousava quebrar aquele momento.

Renzo suava frio.

Packie sumira. Desaparecido.

Nos últimos dias, Renzo revirou a cidade atrás dele. Mandou seus homens em cada beco, cada bar, cada porto sujo onde poderia se esconder. Nada.

E agora, sentado ali, sentia o peso da decisão que sabia que precisava tomar.

Joe puxou um cigarro, acendeu com um isqueiro prateado e soltou a fumaça devagar. Então, apoiou os cotovelos nos joelhos, inclinou-se para frente e quebrou o silêncio:

— Então, irmão... o que vai ser?

Renzo ergueu a cabeça lentamente.

Seu cabelo, ainda penteado para trás, brilhava sob a luz fraca. O rosto, marcado pelas noites sem dormir, agora estava sereno. O olhar frio, decidido.

Ele inspirou fundo. Depois, falou.

A voz saiu baixa, controlada.

— Há coisas que um homem precisa entender sobre este mundo. — Ele entrelaçou os dedos sobre a mesa, olhando para os homens ali reunidos. — Eu aprendi desde cedo que a vida não é sobre o que queremos... mas sobre o que devemos fazer.

Um silêncio absoluto tomou a sala.

Renzo continuou.

— Eu não sou um monstro. Nunca fui. Não sou daqueles que buscam vingança a qualquer custo. Isso é coisa de homem fraco. Um homem de verdade... um homem de verdade entende que há algo maior do que ele mesmo.

Ele pegou um copo de uísque à sua frente, girou o líquido sem beber, observando o âmbar se movendo lentamente

— Fidelidade. Lealdade. Família. São essas as únicas coisas que importam.

Os homens continuavam em silêncio. Joe trouxe o cigarro, o olhar fixo nele.

Renzo prosseguiu.

— Um homem que não é fiel àqueles que confiaram nele... é pior que um cão sem dono. Um cão sem dono... morre de fome, sozinho.

Ele pôs o copo de volta à mesa, sem beber.

Seus olhos percorreram os rostos ao redor. Cada um deles esperando por suas palavras.

Então, Renzo Pegorino concluiu.

— O que está feito... está feito. Agora, há apenas uma coisa a ser feita.

Um silêncio cortante tomou o escritório.

Joe apagou o cigarro no cinzeiro de prata.

Então, assentiu.

— Certo.

Ele se levantou devagar, os outros homens fizeram o mesmo.

Um a um, saíram da sala sem dizer uma palavra.

Renzo ficou ali, sozinho, olhando para o copo de uísque intocado sobre a mesa.

Sabia o que precisava ser feito.

E, no fundo, sabia que aquela decisão o marcaria para sempre.

A fumaça dos charutos ainda pairava no ar quando a porta do escritório se fechou. O silêncio voltou a tomar conta do ambiente, pesado como um caixão recém-lacrado. Renzo permaneceu sentado, os olhos fixos no copo de uísque que não tocara. O líquido âmbar balançava suavemente, como se refletisse a incerteza que ainda tentava se agarrar a ele.

Mas a decisão já estava tomada.

Ele passou a mão pelo rosto, respirou fundo e, por um momento, desejou que tudo fosse diferente. Desejou que

nunca tivesse ouvido aquelas palavras saindo da boca de Packie. Mas a realidade era implacável.

Packie o traiu.

Seu melhor amigo. Seu irmão.

Renzo levantou-se lentamente, sentindo o peso daquela verdade nas costas. Caminhou até a janela, observando as luzes de Nova York piscando ao longe, indiferentes ao que acontecia nos bastidores do submundo. O relógio na parede marcava quase cinco da manhã. O tempo não esperaria por ele.

Do lado de fora, Joe e os outros aguardavam, alguns terminando seus cigarros, outros apenas encarando o vazio, já sabendo o que precisava ser feito. Quando Renzo apareceu na porta, eles se viraram.

— Joe... — Renzo chamou, sua voz controlada.

Joe se aproximou.

— Preciso que encontre ele. Rápido.

Joe assentiu.

— E depois?

Renzo ficou em silêncio por um instante. Depois, inspirou fundo e murmurou, sem precisar ser direto:

— Traga ele para mim.

Joe não perguntou mais nada. Apenas acenou para os outros homens, e todos saíram em silêncio, desaparecendo na escuridão da noite.

Renzo fechou os olhos por um momento, sentindo o gosto amargo da decisão na boca.

A lealdade era um juramento sagrado.

E Packie, com sua traição, já havia escolhido seu destino.

A neve não parava de cair. Pequenos flocos dançavam sob a luz dos postes, pousando suavemente sobre a entrada da casa dos Pegorino. Não havia vento, não havia barulho além do

motor dos carros pretos estacionados do lado de fora. O relógio marcava três da manhã.

Renzo estava sentado em sua cadeira de couro, atrás da grande mesa de mogno escuro. O escritório era o único lugar da casa que permanecia intacto. O abajur emitia uma luz amarelada, refletindo nos móveis e criando sombras alongadas nas paredes revestidas de madeira.

Joe e os outros trouxeram Packie pela porta lateral. O som das solas dos sapatos no mármore ecoou pelo corredor. Renzo não ergueu a cabeça. Continuou ali, imóvel, girando o copo de uísque entre os dedos.

— Senta ele aqui — disse, com a voz calma.

Joe empurrou Packie para a cadeira à frente da mesa. O amigo de Renzo cambaleou um pouco, ainda tonto da viagem. Seus pulsos estavam marcados de onde haviam sido amarrados. O rosto pálido, os olhos fundos e cansados.

O silêncio dominou o cômodo.

Renzo continuou girando o copo, olhando o líquido âmbar se mover lentamente. Ele inspirou fundo e então falou, sua voz baixa e pesada:

— Você quer beber alguma coisa?

Packie engoliu em seco, sem responder.

— Pode soltar ele.

Joe olhou para Renzo, surpreso, mas fez o que foi mandado. O couro da cadeira rangeu quando Packie se ajeitou, esfregando os pulsos.

O silêncio permaneceu.

Renzo finalmente ergueu o olhar. Seus olhos estavam sombrios, sem qualquer vestígio de raiva ou misericórdia. Apenas frieza.

— Você sabe por que está aqui.

Packie não respondeu. Apenas baixou a cabeça.

Renzo recostou-se na cadeira, girando levemente o copo na mão.

— Eu queria que você olhasse pra mim e me dissesse... por quê?

A voz era calma. Controlada. Mas carregada de algo pesado, quase insuportável.

Packie respirou fundo. Seus olhos estavam vermelhos.

— Eu não queria, Renzo... — sua voz saiu trêmula. — Eu nunca quis.

Renzo não piscou. Apenas esperou.

Renzo Pegorino recostou-se na cadeira de couro, os olhos frios sobre Packie, que estava sentado à sua frente. A luz amarelada do abajur lançava sombras profundas no rosto abatido do amigo.

— Eu achei que nós éramos família. — A voz de Packie vacilava, como se estivesse carregando um peso maior do que conseguia suportar.

Renzo permaneceu em silêncio. Apenas escutava.

— Eu, você e o Joe. Sempre foi assim. Desde o começo. Nós que te tiramos da rua. A gente que te mostrou esse mundo, que te deu um nome. Fomos nós que te ajudamos a matar o Serrano.

Seus olhos estavam marejados agora, e sua respiração começava a falhar.

— E então você me trouxe aqui, nessa casa enorme... E eu pensei... Eu pensei que eu ia morar aqui também. Eu pensei que seria nós três. Como sempre foi. Mas aí você me olha e diz...

Ele engoliu seco, depois imitou a voz de Renzo, num tom amargo e fraco:

— "Não, Packie. Eu vou morar com a minha família."

Seu lábio tremeu.

— Eu achei que *eu* era sua família, porra. Eu e o Joe. Mas não. Você queria sua família nova. A mulher. A casa grande. Você queria ser outra coisa.

Ele baixou a cabeça.

— E foi aí que Lorenzo me pegou. Ele só precisou me lembrar disso.

Um silêncio cortante se seguiu.

Por um instante, Packie apenas respirou pesadamente, os olhos fixos no chão. Então, ele começou a chorar.

Não de raiva.

Não de medo.

Mas de arrependimento.

As lágrimas corriam por seu rosto marcado pelo tempo e pela culpa. Ele balançou a cabeça, os ombros tremendo.

— Renzo... eu não devia ter feito isso. Eu errei. — Sua voz era embargada. — Eu tava cego. Eu tava puto. Mas eu nunca deveria ter te vendido... Nunca.

Ele ergueu os olhos, agora desesperados, implorando.

— Me perdoa, Renzo. Pelo amor de Deus, me perdoa.

O silêncio no escritório se tornou esmagador.

Renzo permaneceu imóvel. O rosto impassível, os olhos frios como o inverno lá fora.

Ele pegou o cigarro sobre a mesa, acendeu com calma e tragou profundamente.

— Sabe, Packie...

A voz dele era baixa, controlada.

— Um homem pode ser muitas coisas. Pode ser violento, pode ser cruel, pode ser um assassino. Mas uma coisa que ele nunca pode ser... é desleal.

Ele soltou a fumaça lentamente.

— Quando eu era um moleque na rua, eu via homens como Serrano, como os grandes chefões. E eu achava que o que fazia

um homem poderoso era o medo que ele causava. O respeito que arrancava dos outros à força.

Renzo balançou a cabeça devagar, pensativo.

— Mas um homem não é poderoso porque os outros o temem. Um homem é poderoso porque os outros confiam nele.

Ele pousou os olhos em Packie, que agora soluçava baixinho.

— Você diz que me tirou da rua. Que me deu um nome. Que me ensinou tudo. Eu sei disso. Eu nunca esqueci.

Ele apontou para o próprio peito, a voz ganhando um tom mais firme.

— Você acha que foi fácil, Packie? Você acha que eu nunca quis largar tudo e continuar sendo só nós três? Acha que eu nunca olhei para essa casa e pensei: *porra, eu devia estar aqui com meus irmãos?*

Um silêncio tenso se seguiu.

— Mas um homem cresce. Um homem aprende a carregar peso. Aprende que a lealdade vem antes do orgulho. Aprende que *a família que ele constrói não anula a família que ele já tinha.*

Ele inclinou-se para frente, o olhar cravado em Packie.

— Mas você... Você não aprendeu. Você se sentiu magoado, e ao invés de vir falar comigo... você vendeu meu nome. Me entregou. Jogou no lixo tudo o que a gente construiu.

Renzo balançou a cabeça lentamente, como se lamentasse.

— Eu teria te dado qualquer coisa. Você sabe disso.

Ele tragou o cigarro de novo.

— Mas tem uma coisa que eu não posso dar.

Ele soltou a fumaça no ar.

— Confiança.

Packie chorava de cabeça baixa, os ombros sacudindo.

— Eu... eu faria qualquer coisa pra voltar atrás...

Renzo o observou por um momento.

Então, pegou o copo de uísque e bebeu tudo de uma vez.

Colocou o copo na mesa com um *clink*.

— Joe... leva ele pra descansar.

Packie ergueu os olhos, confuso, e por um momento pareceu que ia implorar mais uma vez. Mas Joe já estava ao seu lado, puxando-o pelo braço.

Ele não resistiu. Apenas deixou-se levar.

A porta se fechou.

Renzo ficou ali, sozinho, olhando para o copo vazio.

Acendeu outro cigarro.

A fumaça subiu devagar, dissolvendo-se no ar.

Ele já sabia o que precisava ser feito.

E amanhã, seria feito.

A porta do escritório se fechou com um clique suave.

Renzo Pegorino permaneceu sentado atrás da mesa, o olhar fixo no copo de uísque vazio. O silêncio agora era absoluto, quebrado apenas pelo leve estalo da madeira na lareira.

Ele pegou outro cigarro, mas não o acendeu. Apenas ficou ali, girando-o entre os dedos. Seus olhos, normalmente frios e impenetráveis, estavam úmidos. Seu maxilar se contraiu.

Ele apertou os olhos, respirou fundo. Mas o peso no peito não cedia.

Então, baixou a cabeça.

E começou a chorar.

Não foi um choro violento, sem controle. Foi silencioso. Amargo.

As lágrimas escorriam devagar pelo rosto de um homem que havia enterrado muito de si mesmo ao longo dos anos. Ele apoiou os cotovelos na mesa e cobriu os olhos com as mãos calejadas.

Tantos anos. Tantos corpos. Tantas promessas.

E agora, Packie...

Packie, que tinha sido seu irmão.

Por que ele fez isso?

Por que ele fez isso...

A porta se abriu devagar.

Renzo não se moveu. Não precisava olhar para saber quem era.

Joe entrou em silêncio. Observou a cena por um instante, depois fechou a porta atrás de si.

Ele se aproximou, os passos lentos.

— Sabe... Nunca achei que veria você assim. — Sua voz era baixa, quase respeitosa.

Renzo não respondeu.

Joe puxou uma cadeira, sentou-se de frente para ele e suspirou.

— Packie tá dormindo. Não sei se de cansaço ou de culpa.

Renzo permaneceu imóvel.

Joe ficou observando o amigo por um momento antes de falar novamente.

— Eu conheço aquele filho da puta desde criança. — Ele riu de leve, mas não havia humor em seu tom. — Nós crescemos juntos, no orfanato St. Vincent. Lugar miserável. Frio no inverno, quente no verão. E fome... sempre fome.

Renzo baixou as mãos devagar e olhou para Joe. O cigarro, ainda intacto, entre os dedos.

Joe continuou:

— Packie era só um moleque magrelo e de nariz torto. Sempre arrumava briga. Sempre se metia em encrenca. Um dia, decidi fugir. Disse que preferia morrer na rua do que passar mais uma noite naquele buraco.

Ele soltou um suspiro.

— Eu fui junto.

Renzo olhava para ele agora, atento.

Joe inclinou-se na cadeira, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Passamos anos nas ruas, roubando o que podíamos, dormindo onde dava. Mas a gente tava junto. Sempre junto.

Ele fez uma pausa, pensativo.

— Até que um dia... um moleque de dezessete anos nos encontrou num beco, bebendo uma garrafa velha de uísque. Um moleque que tinha perdido tudo.

Ele ergueu os olhos para Renzo.

— Um moleque chamado Renzo Bellini.

O silêncio que se seguiu foi pesado.

Renzo olhava para ele, mas sua mente estava distante.

— Nós três nos tornamos uma família. — Joe continuou. — Roubando, fugindo da polícia, batendo carteiras. Depois entramos no jogo de verdade. Fizemos dinheiro. Fomos crescendo. Derrubamos Serrano juntos. E nunca nos separamos.

Renzo acendeu o cigarro. Tragou profundamente e soltou a fumaça devagar.

— Até hoje.

Joe ficou quieto por um instante.

Então, balançou a cabeça.

— Packie errou. Eu sei disso. Mas você sabe o que eu vejo, Renzo? Eu vejo um homem que se sentiu deixado para trás. Ele achou que a família que a gente construiu tinha acabado quando você decidiu formar outra.

Renzo franziu o cenho, mas Joe ergueu a mão.

— Não tô dizendo que ele tava certo. Nem perto disso. Mas eu entendo.

Renzo bateu a cinza do cigarro no cinzeiro de cristal.

— *Entender* não muda o que ele fez.

Joe assentiu devagar.

— Não muda.

Mais um silêncio.

Renzo recostou-se na cadeira, os olhos fixos na fumaça subindo no ar.

— Sabe, Joe... Eu sempre tentei ser justo. Sempre tentei ser leal.

Ele girou o cigarro entre os dedos, pensativo.

— Mas um homem precisa carregar certos pesos. Precisa fazer o que é certo, mesmo quando isso o destrói por dentro.

Joe apenas ouvia.

— Packie me traiu. Ele não me traiu por dinheiro. Não me traiu porque estava encurralado. Ele me traiu porque me odiou. Porque ficou amargurado.

Renzo olhou nos olhos de Joe.

— Eu não posso deixar isso passar.

Joe apertou os lábios. Então, assentiu.

— Eu sei.

Renzo tragou o cigarro novamente e soltou a fumaça.

Seus olhos voltaram para o copo vazio.

— Ele foi meu irmão, Joe.

Joe respirou fundo.

— Eu sei.

Renzo fechou os olhos por um instante.

Depois, apagou o cigarro no cinzeiro e se levantou.

— Amanhã cedo, resolvemos isso.

Joe se levantou junto. Não disse nada. Apenas olhou para Renzo por um instante.

Então, deu um leve aceno de cabeça e saiu do escritório.

Renzo ficou ali, sozinho.

Ficou ali por um longo tempo.

XXXV

Dedetização Part II

O vapor subia devagar, enevoando o grande espelho sobre a pia de mármore. O banheiro era espaçoso, revestido de azulejos escuros, com detalhes em dourado. A água escorria do chuveiro sobre o corpo de Renzo Pegorino, quente o suficiente para relaxar os músculos rígidos, mas sem jamais fazê-lo perder a consciência do momento.

Ele fechou os olhos por um instante, deixando que a água lavasse os vestígios da noite anterior. Seu rosto estava sério, impassível. Havia muito no que pensar, muito a se resolver. Mas naquele momento, ele apenas permanecia ali, imóvel, a mente tão afiada quanto sempre.

Quando a água cessou, Renzo deslizou a mão pelo rosto, afastando as gotas que ainda escorriam. Saiu do chuveiro com a calma de quem domina o próprio tempo. Pegou uma toalha branca e secou-se meticulosamente, primeiro o rosto, depois o peito, os braços, e enfim as mãos, demorando-se nos dedos, nos nós calejados por anos de serviço.

Enrolou a toalha na cintura e se virou para o espelho. O vidro ainda estava levemente embaçado, mas sua imagem já era nítida o suficiente. Ele observou o próprio reflexo por um momento. O rosto sério, os olhos fundos, a cicatriz discreta na

têmpora direita—lembrança de um tempo onde ele ainda precisava provar quem era.

Passou a mão pelos cabelos negros, agora umedecidos e desalinhados. Abriu a gaveta de madeira escura e retirou sua navalha de prata. Testou a lâmina contra a luz antes de começar o ritual cuidadoso de se barbear.

Com um pincel, espalhou a espuma branca pelo rosto, cada movimento preciso. Então, ergueu a navalha e começou a deslizar a lâmina pela pele com lentidão calculada. Primeiro a lateral do rosto, depois o queixo, a linha do maxilar. Cada passagem era limpa, sem hesitação.

Ao terminar, lavou o rosto e pegou um frasco de loção pós-barba. O cheiro era forte, amadeirado, e Renzo inalou por um instante antes de aplicá-lo, sentindo a ardência breve contra a pele.

Só então permitiu-se um pequeno suspiro.

Abriu um dos armários e pegou um frasco de pente líquido. Esfregou uma pequena quantidade entre as palmas das mãos e começou a passar pelos cabelos, penteando-os para trás, até que cada fio estivesse no lugar exato.

Seu olhar voltou ao espelho.

Estava pronto.

Caminhou até o grande armário de mogno, abriu as portas e retirou seu smoking preto. A peça era impecável, cortada sob medida, feita para se ajustar a ele como uma segunda pele. Vestiu a camisa branca com movimentos automáticos, abotoando-a com precisão. Depois, colocou o colete preto, ajustando-o sutilmente.

O terno veio em seguida. Primeiro a calça, depois o paletó, cujas lapelas reluziam sob a luz do abajur ao lado.

Fez uma breve pausa antes de abrir a gaveta de veludo vermelho. Dela, retirou um lenço de cetim escarlate. Observou o tecido entre os dedos por um instante, depois o

dobrou e colocou no bolso do paletó, deixando apenas a ponta visível.

Por fim, ajustou as abotoaduras douradas nos punhos da camisa.

Ajeitou a gravata preta.

Passou a mão pelo paletó uma última vez.

Então, olhou-se no espelho.

O homem diante dele era o mesmo de sempre — mas, ao mesmo tempo, não era.

Ele era Renzo Pegorino.

E hoje, ele daria fim a mais um capítulo de sua vida.

Saiu do banheiro com passos firmes. Renzo atravessou os corredores da casa com passos lentos e pesados. Cada batida de seu sapato italiano ecoava pelo chão de madeira polida. Os criados abaixavam a cabeça quando ele passava. O ar estava carregado de expectativa.

Ao chegar à porta de mogno escuro do escritório, parou por um instante. Respirou fundo e empurrou-a com calma.

Lá dentro, Packie estava sentado numa poltrona de couro, de frente para a grande mesa de carvalho de Renzo. Seu rosto estava abatido, os olhos fundos, como se a última noite tivesse sugado o pouco de vida que lhe restava. Ele não olhou para Renzo imediatamente — manteve a cabeça baixa, as mãos entrelaçadas, como um homem à espera de seu julgamento.

Ao redor da sala, os homens de confiança de Renzo esperavam, cada um ocupado em algo, mas atentos.

Joe estava encostado na estante de livros, segurando um copo de uísque na mão. Girava o líquido devagar, sem beber, os olhos fixos em Packie, como se tentasse entender o que restava do homem que um dia chamara de irmão.

Marco Leone estava ao lado da lareira, inclinando-se ligeiramente para frente, com um charuto aceso entre os

dedos. Tragava devagar, soltando a fumaça pelo canto da boca, o olhar sempre frio, sempre avaliando.

Antonio Basílio estava no sofá de couro, com um canivete nas mãos, abrindo e fechando a lâmina em um movimento quase rítmico. Sua perna balançava levemente, como se estivesse ansioso para o desfecho daquilo.

Carlo Santorelli folheava o jornal, sentado em uma das cadeiras ao canto da sala. Mas seus olhos não liam nada — ele apenas fingia se distrair, atento a cada palavra que fosse dita.

Raffaele Bellucci estava de pé, próximo à porta, os braços cruzados sobre o peito, como um guarda de ferro. Seus olhos estavam fixos em Renzo, aguardando qualquer sinal de comando.

Renzo caminhou até sua mesa sem dizer uma palavra. Pegou o isqueiro de prata e acendeu um charuto. Tragou, soltando a fumaça lentamente, antes de encarar Packie.

O silêncio na sala era sepulcral.

Então, Renzo se sentou.

E a sentença estava prestes a ser dada.

O silêncio pesava na sala como um véu de chumbo. O fogo crepitava na lareira, lançando sombras nas paredes de madeira escura, o aroma do charuto de Renzo pairava no ar, misturado ao perfume envelhecido do couro dos móveis.

Renzo Pegorino repousou as mãos sobre a mesa de carvalho e encarou Packie com um olhar lento, penetrante. Não havia raiva ali. Não havia fúria. Apenas uma decepção profunda, algo mais cruel e definitivo que qualquer grito poderia expressar.

Ele tragou seu charuto uma última vez antes de esmagá-lo com calma no cinzeiro de cristal.

— Eu olho para você, Patrick... — sua voz era um murmúrio, baixa, quase um sussurro, mas cheia de peso. — ... e vejo um homem que um dia eu considere como um irmão. Eu vejo um

garoto que cresceu ao lado de Joe, que fugiu do orfanato, que dormiu no frio, que roubou para comer. Eu vejo um homem que me ensinou a sobreviver quando eu não tinha mais nada... E é por isso que hoje, quando olho para você, eu não reconheço quem está sentado nessa cadeira.

Packie abaixou a cabeça, incapaz de sustentar aquele olhar.

Renzo continuou, sua voz firme, mas carregada de algo mais profundo, algo que vinha das entranhas da alma:

— Você pensa que eu não entendo? Você pensa que eu nunca senti essa dor? O peso de se sentir deixado de lado, de ver aqueles que você ama tomarem um caminho onde você não cabe? Você pensa que eu não sei o que é olhar para alguém e sentir que, de repente, você não faz mais parte da vida dessa pessoa?

Ele fez uma pausa. Tragou fundo, como se quisesse arrancar da alma um pedaço da amargura que o consumia.

— Mas um homem... um homem de verdade... ele carrega essa dor em silêncio. Ele não age por impulso, ele não entrega aqueles que o ajudaram. Um homem honra sua palavra. Um homem aceita que o mundo muda, aceita que nem sempre as coisas acontecem como ele gostaria.

A sala estava imóvel. Os homens ao redor permaneciam em silêncio, absorvendo cada palavra, cada respiração lenta e controlada do Don.

— Eu nunca pedi nada além de lealdade, Packie. — Renzo continuou, a voz baixa, mas agora afiada como uma lâmina.

— Você quer saber por que eu trouxe minha esposa para essa casa? Porque ela carrega o meu sangue, porque os filhos que eu terei com ela serão a continuação daquilo que eu construí. Mas isso... — Renzo apontou para Joe, para os outros homens na sala. — ... isso é a minha família também. Vocês são o sangue que corre nas minhas veias. Você sempre foi.

Packie começou a chorar. Seus ombros tremiam, os soluços eram abafados, sufocados pela vergonha e pelo arrependimento.

— Eu... eu nunca quis... — a voz de Packie era fraca, trêmula, quebrada. — Eu nunca quis te machucar, Renzo. Eu só... eu só não queria ficar sozinho.

Renzo o observou por um longo momento.

E então, suspirou.

— A solidão é o destino do homem forte, Packie. — Ele falou, sua voz carregada de uma tristeza silenciosa. — E você... você poderia ter sido forte. Você poderia ter permanecido ao meu lado. Mas escolheu agir como um menino, como um órfão desesperado por um lugar para pertencer... E, no fim, perdeu tudo.

Packie chorava de cabeça baixa, murmurando pedidos de perdão. Joe desviou o olhar, apertando o copo de uísque nas mãos, incapaz de suportar a cena.

Renzo se levantou devagar. Sua sombra se alongou na parede conforme ele caminhou até a poltrona de Packie.

Ele colocou uma mão no ombro do homem que um dia foi seu irmão.

— Eu te perdoo, Packie. — Ele disse, com uma voz que parecia pesar uma tonelada. — Mas o que foi feito... não pode ser desfeito.

Packie soluçou, apertando os olhos, como se tentasse resistir à verdade inevitável.

Renzo se virou para Marco Leone, que permanecia em pé ao lado da lareira.

— Leve-o.

Packie ergueu a cabeça num pânico repentino, os olhos arregalados.

— Renzo, por favor... — sua voz era pura súplica.

Joe fechou os olhos, incapaz de assistir.

Marco Leone apenas assentiu.

Raffaele Bellucci e Antonio Basílio se aproximaram, cada um pegando um dos braços de Packie. Ele não lutou. Não tentou resistir. Apenas deixou-se ser levado, como um homem que já aceitara seu destino.

A porta do escritório se fechou atrás deles.

E o silêncio voltou a reinar.

Renzo permaneceu de pé por um momento. Olhou para sua mesa, para o cinzeiro com o charuto apagado, para o copo de uísque intocado ao lado de seus papéis.

Então, sem dizer nada, caminhou até a poltrona de couro atrás da mesa e se sentou lentamente, afundando os ombros, levando as mãos ao rosto.

O silêncio reinava na sala.

Joe permaneceu de pé por um momento, observando Renzo atrás da mesa, os ombros caídos, os olhos baixos. O Don Pegorino ficou imóvel, como se estivesse preso em um mundo que ninguém mais podia ver.

Então, sem levantar o olhar, Renzo murmurou, a voz rouca, pesada:

— Senta, Joe. Bebe comigo.

Joe hesitou. Por um segundo, pensou em dizer algo, mas engoliu em seco e apenas assentiu. Com passos lentos, ele puxou uma cadeira e se sentou de frente para Renzo.

Renzo pegou uma garrafa de uísque escocês de uma prateleira ao lado e serviu dois copos, as mãos levemente trêmulas. Ele deslizou um para Joe, e os dois seguraram os copos em silêncio.

Nenhum brinde foi feito. Nenhuma palavra foi dita.

Eles apenas beberam.

O líquido queimou suas gargantas, mas nenhum deles fez uma careta. Nenhum deles demonstrou fraqueza.

Então, o silêncio foi cortado.

BANG.

Um tiro. Estridente. Distante, mas próximo o suficiente para que não houvesse dúvidas.

O som ecoou pela casa como um trovão.

Joe fechou os olhos. Sentiu o peso do momento desabar sobre ele.

Renzo permaneceu imóvel. Apenas respirou fundo e pousou o copo sobre a mesa, os dedos apertando o vidro com força.

E então, sem um único soluço, sem um único ruído, as lágrimas começaram a cair.

Primeiro, de Renzo. Depois, de Joe.

Dois homens. Dois irmãos. Dois órfãos.

Sentados lado a lado, chorando em silêncio pelo amigo que perderam... e pelo homem que Renzo foi obrigado a se tornar.

A casa estava em silêncio.

Renzo desceu os degraus devagar, o som de seus passos ecoando pelo chão de mármore. Não olhava para os lados, não olhava para ninguém. Apenas caminhava, as mãos cruzadas atrás das costas, os olhos fixos no chão à sua frente.

Quando chegou ao andar de baixo, parou na soleira da porta e respirou fundo antes de sair.

O ar da noite era pesado, carregado com o cheiro de pólvora e terra úmida. A luz amarelada dos postes iluminava fracamente o quintal, e ali, no meio dos homens de Renzo, jazia o corpo de Packie.

Ele estava caído de lado, a camisa manchada de sangue, os olhos fechados, o rosto sereno. Parecia estar dormindo.

Seus homens se afastaram ao ver o Don se aproximar. Todos ficaram em silêncio.

Renzo caminhou devagar até Packie e se ajoelhou ao lado do corpo. Seus olhos percorreram cada detalhe do rosto do amigo, as marcas do tempo, as cicatrizes de uma vida dura.

Ele passou uma das mãos pelo rosto de Packie, limpando um fio de sangue que escorria de sua boca, e então sussurrou, com um pesar profundo na voz:

— Olhem o que fizeram com ele...

Os homens ao redor desviaram o olhar. Nenhum deles ousava falar.

Renzo permaneceu ali por um momento, sem pressa. Respirava fundo, o peito subindo e descendo devagar. Então, fechou os olhos, como se estivesse reunindo forças.

Quando se levantou, sua expressão não era mais de tristeza. Era a face de um homem que aceitava o peso do destino.

Virou-se para seus homens e disse, com firmeza:

— Peguem o corpo. Com cuidado. Quero que seja preparado um enterro digno. Um bom terno, um caixão decente.

Olhou para o céu escuro por um momento, como se refletisse sobre algo. Então, acrescentou, a voz grave e definitiva:

— Eu estarei lá.

Seus homens assentiram e se aproximaram do corpo com respeito, erguendo Packie com toda a delicadeza possível.

Renzo ficou ali, observando, os olhos pesados de dor, mas sua postura ainda inabalável.

Mesmo na morte, Packie ainda era seu irmão. E ele o honraria como tal.

XXXVI

Enterro de um Irmão

A manhã estava fria e cinzenta, o céu encoberto por nuvens pesadas. Uma leve garoa caía sobre o cemitério, tornando a terra escura e úmida. As folhas das árvores balançavam suavemente ao vento, e o silêncio que pairava sobre o local era absoluto, interrompido apenas pelo som ocasional do farfalhar das roupas dos homens de luto.

Diante do caixão, sete homens se posicionavam em semicírculo, todos vestidos de preto. Eram os únicos ali. Não havia padres, não havia palavras religiosas, não havia multidões. Apenas eles. Apenas a família.

Renzo Bellini estava no centro, ligeiramente à frente dos demais, as mãos cruzadas sobre o ventre, os olhos fixos no caixão. Seu rosto era uma máscara de serenidade e força, mas aqueles que o conheciam sabiam que por trás daquela calma havia um peso que jamais se dissiparia.

Joe estava ao seu lado, o olhar perdido na madeira escura do caixão. Giorgio Calabrese, Antonio Basílio, Marco Leone, Carlo Santorelli e Raffaele Bellucci mantinham-se em silêncio, respeitosos, como soldados enlutados diante de um general caído.

Os coveiros já haviam feito seu trabalho. O caixão repousava sobre a cova aberta, prestes a descer. O vento cortava o ar, trazendo consigo um frio que se infiltrava nos ossos.

Renzo pigarreou, sua voz profunda e grave soou firme, sem hesitação.

— Packie foi meu amigo. Meu irmão. Quando eu não tinha nada, foi ele quem me deu algo. Quando eu não era ninguém, foi ele quem me mostrou o caminho. Ele e Joe.

Ele fez uma pausa, respirando fundo, os olhos ainda fixos no caixão.

— Se hoje estou aqui, não é porque fui mais esperto, nem mais forte. Estou aqui porque esses dois homens me estenderam a mão quando ninguém mais o fez. Foram eles que me deram uma família quando eu não tinha uma.

Seu tom era controlado, mas carregado de uma emoção profunda.

— A vida nos leva por caminhos que não escolhemos. Ela nos joga contra os mesmos homens que um dia chamamos de irmãos. Às vezes, o destino nos obriga a tomar decisões que jamais imagináramos tomar. E, quando nos damos conta... já não há mais volta.

Renzo ergueu o olhar para o céu cinzento. Seu rosto estava molhado, mas ninguém sabia dizer se era a garoa ou algo mais.

— Não existe vingança que traga de volta aqueles que perdemos. Não existe sangue que lave a dor da traição. Mas existe algo que eu posso prometer...

Ele olhou para os homens ao seu redor, sua voz saindo mais pesada, carregada de um juramento que ele levaria até o fim da vida:

— Enquanto eu respirar, enquanto houver sangue correndo nas minhas veias, eu nunca mais deixarei que ninguém que for da minha família sofra. Nunca mais.

O silêncio foi absoluto. Apenas o vento respondeu.

Renzo deu um leve aceno de cabeça para os coveiros, que começaram a baixar o caixão na terra. Os homens ao seu redor assistiram sem uma palavra, apenas respeitando o momento. Joe fechou os olhos por um instante, respirando fundo. Giorgio Calabrese tirou o chapéu, segurando-o contra o peito. Antonio Basílio permaneceu imóvel, as mãos cruzadas atrás das costas. Marco Leone abaixou a cabeça, Carlo Santorelli tragou um cigarro e jogou a bituca no chão sem pressa. Raffaele Bellucci mantinha um olhar sério, impassível.

Quando a terra começou a cobrir o caixão, Renzo Bellini apenas virou-se e começou a caminhar para fora do cemitério. Os outros homens o seguiram em silêncio, como se, naquele instante, tivessem entendido que algo dentro dele havia mudado para sempre.

Ele não olhou para trás. Nunca mais olharia.

A garoa fina continuava a cair quando Renzo parou próximo ao portão do cemitério. Os outros homens seguiram seu exemplo, mas permaneceram ligeiramente atrás, respeitando o silêncio que pairava sobre ele. A terra recém-lançada sobre o caixão de Packie ainda parecia crua, úmida, como uma ferida aberta que jamais cicatrizaria.

Renzo Bellini respirou fundo e ergueu os olhos para o céu cinzento, as mãos enfiadas nos bolsos do sobretudo negro. Seus olhos não demonstravam raiva, nem tristeza. Apenas um peso imensurável, um peso que só os homens responsáveis por grandes impérios e grandes tragédias conheciam.

Ele então virou-se lentamente e encontrou o olhar de Antonio Basílio.

— Antonio... — começou, sua voz grave e contida, cada palavra carregada com o peso da autoridade.

Basílio se adiantou um passo.

— Senhor?

Renzo piscou devagar, como se ponderasse cada sílaba antes de dizê-la.

— Quero que você chame os chefes das famílias. Diga a Caruso Bellomo, Mikey Bartoli e Meyer Feldman que eu desejo uma conversa. Algo pacífico... diplomático. Que venham à minha casa. Que sentemos como homens e discutamos o que precisa ser discutido.

Antonio assentiu, mas hesitou por um instante.

— Don... depois de tudo que aconteceu... depois do Packie... o senhor tem certeza?

Renzo caminhou até Antonio e colocou a mão suavemente sobre seu ombro. Seu toque era leve, mas sua presença era imensa.

— Um homem que não busca a paz é um homem que vive cercado pela guerra. E homens como nós, Antonio, já enterramos amigos demais.

Ele suspirou e olhou ao redor, seus olhos percorrendo o rosto de cada um ali. Joe, Giorgio, Marco, Carlo, Raffaele... homens que estiveram ao seu lado por anos, homens que já haviam visto sangue demais.

— Não podemos trazer Packie de volta. Mas podemos evitar que outro enterro como esse aconteça. Não quero mais sangue derramado se isso puder ser evitado. Não quero mais brigas tolas, ressentimentos alimentados por orgulho.

Antonio Basílio, um homem que conhecia Renzo há anos, entendeu o que ele queria dizer. Não era fraqueza. Não era submissão. Era sabedoria. A sabedoria que só um líder de verdade poderia ter.

Renzo apertou de leve o ombro de Basílio antes de soltá-lo e virar-se para a saída.

— Vá. Faça os convites. Diga a eles que é um pedido meu... mas que saibam que não é um pedido que se recusa.

Antonio Basílio apenas inclinou a cabeça em respeito.

E assim, sob a chuva fina, com o peso de uma era prestes a mudar, Renzo Bellini partiu do cemitério, caminhando como um homem que carregava um império inteiro sobre os ombros.

XXXVII

Paz Entre Homens

fumaça dos charutos pairava no ar como um véu espesso, dançando sob a luz amarelada do grande lustre de cristal que pendia do teto do escritório de Renzo Bellini. A mesa de mogno escuro refletia os rostos dos homens ali presentes, figuras poderosas do submundo, chefes de famílias que controlavam negócios, territórios e destinos.

Sentados em poltronas de couro, cada um exibia um semblante sério, alguns com as mãos entrelaçadas, outros com charutos firmemente presos entre os dedos. Caruso Bellomo, de terno bege e cabelos grisalhos penteados para trás, tamborilava os dedos na borda da mesa. Mikey Bartoli, baixo e robusto, mantinha o olhar atento, como um jogador de cartas esperando o próximo movimento. Meyer Feldman, o único judeu da mesa, exalava cautela, ajeitando os óculos ao menor sinal de tensão.

E no centro, na cadeira mais imponente, estava **Renzo Bellini**. Vestia um smoking preto impecável, um lenço escarlate dobrado perfeitamente no bolso. Sua postura era ereta, sua expressão calma, mas carregada de um peso inconfundível. Ele entrelaçou os dedos sobre a mesa, olhou para cada um dos homens ali e, então, falou. Sua voz era firme, sem pressa, cada palavra carregada de significado.

– Senhores... estamos aqui porque o tempo exige que homens como nós conversem.

Ele fez uma pausa, deixando suas palavras assentar no silêncio. Então continuou.

– Ao longo dos anos, construímos algo. Construímos negócios, relações, respeito. Construímos uma ordem, um entendimento entre nós. Mas a violência... a guerra... tem um preço. Um preço que eu já paguei muitas vezes. Um preço que todos aqui conhecem bem.

Renzo pegou sua taça de vinho, girou o líquido lentamente dentro do copo.

– Eu enterrei amigos. Eu enterrei irmãos. Eu enterrei meu próprio sangue. E agora, enterrei mais um. Um homem que, apesar de seu erro, era parte da minha família.

Ele ergueu os olhos, olhando para cada um dos presentes.

– Não quero mais enterrar ninguém. Não quero mais ver homens que poderiam viver em paz, morrerem como cães nas ruas. Nossos pais, nossos avós... eles construíram este mundo para que tivéssemos uma vida melhor. E o que estamos fazendo? Estamos nos matando como se não houvesse mais nada além da violência.

Renzo recostou-se na cadeira, cruzando os dedos sobre a mesa.

– Se um homem passa a vida inteira derramando sangue, no final, o que ele tem? Uma conta cheia de dinheiro... e nada mais. Nenhum neto no colo. Nenhum filho para ensinar. Nenhuma família para protegê-lo na velhice.

Ele suspirou, então pousou o copo sobre a mesa.

– Eu quero paz.

As palavras ecoaram na sala, simples e diretas, mas carregadas de peso.

– Quero que nossos filhos cresçam sem medo. Quero que nossos negócios floresçam sem que cada um precise dormir

com uma arma ao lado da cama. Quero que os homens que trabalham para mim saibam que suas famílias estão seguras. E quero que vocês saibam... que podem confiar em mim. Porque a paz que estou propondo não é um gesto vazio. É um compromisso.

Ele então olhou diretamente para Caruso Bellomo, depois para Mikey Bartoli, depois para Meyer Feldman.

— Se algum de vocês tiver um problema comigo, se houver alguma ofensa, algum desentendimento... quero que venham até mim. Quero que conversemos como homens. Como irmãos. E não com balas, mas com palavras. Porque a paz, senhores... a verdadeira paz... é mais forte que qualquer guerra.

Renzo se inclinou ligeiramente para frente, sua voz agora mais baixa, mais intensa.

— Já vi muitos homens morrerem, e nenhum deles levou nada consigo. Mas aqueles que souberam manter a lealdade, o respeito... esses, sim, deixaram algo para trás. Um nome. Uma história. Um legado.

Ele então se recostou, deixando que suas palavras pairassem no ar.

— É isso que eu quero. Paz. Respeito. Entendimento. E espero que todos aqui também queiram o mesmo.

O silêncio que seguiu era quase tangível. Os chefes se entreolharam, pesando as palavras de Renzo. Ele sabia que ali não se tratava apenas de um acordo. Se tratava de confiança. De liderança. De um homem que, como Vito Corleone antes dele, entendia que a verdadeira força não estava na violência sem propósito, mas na capacidade de manter a ordem.

E naquela noite, naquela sala, Renzo Bellini não falava apenas como um chefe. Falava como um patriarca. Como um homem que queria proteger os seus. E, mais do que tudo, como um

homem que sabia que a paz, quando bem construída, é a arma mais poderosa que existe.

O silêncio que seguiu o discurso de Renzo Bellini foi longo e denso. Cada homem na sala ponderava suas palavras, medindo o peso do que ele havia dito. O primeiro a quebrar o silêncio foi **Caruso Bellomo**, um homem de rosto severo, mãos calejadas e olhar analítico. Ele apagou o charuto no cinzeiro de prata à sua frente, inclinou-se levemente para frente e assentiu.

— **Renzo... você falou como um verdadeiro chefe.** — Sua voz era grave, lenta, pensativa. — **Eu vi muitos homens liderarem, e sei quando um deles merece respeito. Eu concordo com você. A guerra não nos traz nada além de corpos para enterrar e inimigos para vingar. E eu cansei disso. Se você está estendendo a mão, eu aperto. Você tem o meu respeito. E minha lealdade.**

Mikey Bartoli, um homem baixo, de feições duras e olhos calculistas, sorriu de lado e cruzou os braços. Ele sempre fora o mais desconfiado da mesa, um jogador que media suas apostas antes de colocá-las na mesa.

— **Paz... essa é uma palavra que não se ouve muito nesses tempos.** — Ele respirou fundo, batendo levemente os dedos sobre a mesa. — **Mas eu confesso... não sou tolo para recusar um acordo que nos protege, que mantém as ruas calmas, os negócios rodando e os nossos homens vivos. Você mostrou hoje que não é apenas um chefe, Bellini. Você é um homem que entende o peso da coroa que carrega. Você tem meu respeito.**

Ele fez uma pausa, depois sorriu levemente.

— **E minha lealdade.**

Renzo não se moveu, apenas ouviu. Seu rosto permaneceu impassível, sua respiração calma. Ele sabia que esses momentos não precisavam de pressa.

Por fim, **Meyer Feldman**, o mais velho entre os presentes, ajeitou os óculos sobre o nariz e inclinou a cabeça, pensativo. Seu tom era mais brando, mas havia uma firmeza inconfundível em suas palavras.

— **A guerra sempre foi um jogo estúpido. Só os fracos buscam a violência antes das palavras. E você, Bellini, provou que entende isso. Meu povo tem um ditado... ‘O homem que sabe falar, nunca precisa gritar’. E hoje você falou como um rei.**

Ele fez uma breve pausa, olhando ao redor da mesa.

— **Se a paz depende da minha palavra, então que seja. Você tem meu respeito.**

Ele olhou diretamente nos olhos de Renzo.

— **E minha lealdade.**

Renzo Bellini permaneceu em silêncio por um momento. O peso das palavras dos outros chefes pairava no ar. Ele então inclinou levemente a cabeça, fechando os olhos por um instante, como se aceitasse o fardo de tudo aquilo.

Finalmente, ele falou, com o tom grave e firme que já se tornara sua marca.

— **Senhores... esta é a única decisão sensata. A única escolha que garante um futuro para os nossos filhos. Hoje selamos algo que espero que dure. Porque quando homens como nós têm um entendimento, não há força que possa nos derrubar.**

Ele ergueu a taça de vinho e, um a um, os outros chefes fizeram o mesmo.

— **À paz.**

As taças tilintaram suavemente no ar, e naquele momento, um novo capítulo da história da Cosa Nostra foi escrito.

Renzo Bellini, assim como Vito Corleone antes dele, havia provado que a verdadeira força não estava na violência desenfreada, mas no respeito, na honra e no entendimento entre aqueles que realmente comandavam as ruas.

XXXVIII

Anthony Pegorino

Os meses passaram como fumaça de charuto dissipando-se no ar. A cidade estava em paz. O pacto selado entre as famílias resistira, trazendo ordem ao caos que antes reinava nas ruas. Os negócios prosperavam, e a sombra da guerra que pairava sobre os ombros de Renzo Bellini agora era um peso que ele podia carregar sem pressa. Mas o tempo não era apenas um aliado nos negócios; ele também trazia mudanças dentro de sua casa.

O inverno havia se despedido de Nova York, dando lugar a uma primavera suave, com os primeiros raios de sol aquecendo os becos, os mercados, os becos de Little Italy. E naquele dia especial, um evento sagrado uniria a vida da família Bellini à eternidade da Igreja.

Na grandiosa **Catedral de St. Patrick**, a cerimônia do batismo de **Anthony Pegorino**, primogênito de Renzo Bellini e Emilia Pegorino, acontecia com toda a pompa e reverência de um rito siciliano.

A catedral era um espetáculo de mármore e ouro, com suas colunas majestosas erguidas até o céu e vitrais pintados contando histórias de santos e mártires. O aroma do incenso preenchia o ar, misturando-se ao perfume das velas acesas,

enquanto a luz filtrada pelos vitrais tingia de cores suaves as vestes dos presentes.

Os bancos estavam cheios. Homens de ternos escuros e mulheres em vestidos longos de tons discretos cochichavam em respeito à solenidade. A família Pegorino e os homens mais próximos de Renzo sentavam-se nas primeiras fileiras, formando uma presença silenciosa, mas imponente. Giorgio Calabrese, Antonio Basilio, Marco Leone, Carlo Santorelli e Rafaelle Bellucci estavam todos lá, de queixo erguido e expressão grave, como guardiões de um império invisível.

Renzo vestia um terno preto impecável, o corte preciso abraçando sua postura firme. No bolso, um lenço de cetim escarlata, a única ousadia em sua aparência sóbria. Seus cabelos estavam bem penteados para trás, e o rosto, como sempre, era a personificação da compostura. Ao seu lado, Emilia, em um vestido azul profundo, sustentava o pequeno Anthony nos braços. Ela era a definição de elegância e graça, seu rosto sereno contrastando com a presença austera do marido.

O padre, um homem idoso de voz grave, se aproximou do altar, levantando a mão para abençoar a criança. O silêncio caiu sobre a catedral.

— Renegam ao diabo? — sua voz ecoou pelas colunas da igreja.

Emilia, com os olhos brilhando e a voz firme, respondeu sem hesitação:

— Sim, renego.

— Renegam suas tentações?

— Sim, renego.

Então veio a última pergunta. O padre ergueu os olhos e encarou Renzo.

— Renegam aos seus pecados?

Houve um instante de silêncio. Um instante em que tudo ao redor de Renzo Bellini se dissolveu, e ele ficou preso em sua própria mente.

As palavras ecoaram nele como uma sentença. Seus pecados. A morte de Packie. A traição e a vingança. Os homens que ele mandou matar. Os negócios sujos, as escolhas que fez, os juramentos que quebrou. O sangue nas ruas, as mães que choraram por culpa dele, os filhos que ficaram sem pais.

Ele pensou nos corpos que mandou desaparecer, nas vidas que ceifou sem hesitação. Pensou em Lorenzo Bonnamo e como ele não teve misericórdia. Pensou na primeira vez que puxou um gatilho, na primeira vez que alguém puxou um gatilho contra ele. Pensou no passado, nos dias nas ruas, na fome, no frio. No garoto que ele fora. No homem que ele se tornou.

O silêncio pareceu durar uma eternidade. Emilia o olhava de canto de olho, preocupada.

Então ele voltou a si. Olhou para o padre. Sua expressão era fria, dura, sem vestígios de hesitação. Seu queixo ergueu-se, a voz saiu firme, cortante como lâmina de navalha.

— Sim.

E naquele momento, a água sagrada foi derramada sobre a testa do pequeno Anthony.

A mansão dos Pegorino, uma propriedade cercada por jardins floridos e altos ciprestes, estava viva naquela tarde. Era um dia de celebração, e ninguém economizara nos detalhes. Mesas compridas cobertas com toalhas brancas estavam postas no gramado, repletas de pratos sicilianos tradicionais: arancini, caponata, panelle, bandejas de macarronada com molho vermelho fumegante e carnes temperadas servidas em travessas de prata. O vinho corria solto, servido em taças altas por garçons de terno branco, e o cheiro da cozinha — alho, tomate fresco, ervas — flutuava pelo ar quente da primavera.

Um pequeno palco fora montado ao fundo do jardim, onde uma banda de música napolitana tocava alegres tarantelas. Crianças corriam entre os adultos, brincando no gramado verdejante, enquanto os homens fumavam charutos e falavam de negócios com vozes graves, mas mantinham o respeito ao clima familiar.

Renzo Pegorino, o anfitrião e chefe da família, movia-se entre os convidados com a postura calma e respeitável de um verdadeiro patriarca. Seus olhos, tão duros nos negócios, agora estavam suaves, cheios de um carinho que apenas sua família via.

Ele usava um terno de linho bege, sem gravata, os cabelos bem penteados para trás e um charuto apagado entre os dedos. Era o retrato da tranquilidade, um homem poderoso, mas, acima de tudo, um homem de família.

Perto da fonte, onde um grupo de mulheres conversava animadamente, Emilia Pegorino estava sentada, segurando o pequeno Anthony nos braços. Ela vestia um vestido azul-claro de tecido leve, e seus cabelos escuros estavam presos num coque clássico. Seus olhos brilhavam de orgulho enquanto embalava o bebê.

Renzo se aproximou, um sorriso discreto nos lábios. Ele se abaixou, beijou a testa do filho com delicadeza e passou a mão em seus cabelos finos e escuros.

— Meu garotinho... um dia, tudo isso será seu. — Sua voz saiu num tom baixo, paternal, como uma promessa.

Emilia sorriu e olhou para o marido.

— Ele tem seu olhar.

Renzo puxou uma cadeira ao lado da esposa e sentou-se.

— Espero que tenha meu coração também... e o seu.

Ela sorriu, tocando sua mão.

Perto dali, Giorgio Calabrese e Antonio Basilio, homens de confiança de Renzo, estavam em uma mesa junto a outros

associados. Bebiam vinho e riam alto de alguma piada, mas, de tempos em tempos, lançavam olhares respeitosos ao chefe, cientes de que estavam ali não apenas para celebrar, mas para mostrar lealdade.

As crianças continuavam brincando. O sol dourado da tarde iluminava os jardins, tornando tudo ainda mais bonito, como uma cena de um tempo que logo seria apenas memória.

Renzo se levantou e foi até um dos garçons, pegando uma garrafa de vinho. Ele mesmo serviu Emilia, depois serviu sua própria taça. Ergueu-a, olhando nos olhos dela.

— À nossa família.

Ela ergueu a taça também, sorrindo.

— À nossa família.

Eles brindaram, e Renzo bebeu um gole devagar, como se quisesse saborear cada instante daquela tarde.

Em seu íntimo, ele sabia que momentos como aquele eram raros. A vida que levava não permitia muitas celebrações. Mas, por aquele dia, pelo batismo de seu filho, ele se permitiu ser apenas um pai. Um marido. Um homem que ama sua família acima de tudo.

A tarde quente de primavera avançava lentamente, e a comemoração do batismo de Anthony Pegorino continuava cheia de vida na grande mansão da família. A música, os risos e as conversas se misturavam ao perfume das flores do jardim, criando um ambiente que parecia fora do tempo, intocado pela violência do mundo exterior.

Renzo Pegorino caminhava entre os convidados com um sorriso discreto, mas genuíno. Aquele era o seu reino — não um império construído pelo medo, mas um lar erguido pelo amor e pela lealdade. Enquanto passava pelos grupos, homens apertavam sua mão com respeito, mulheres sorriam para ele com gratidão e crianças corriam até ele, puxando sua roupa, pedindo sua atenção. E ele dava.

Ele não era um homem que desprezava os pequenos gestos. Sabia que cada momento como aquele valia mais do que qualquer fortuna.

Próximo à fonte de mármore, Emilia estava sentada, segurando o pequeno Anthony nos braços, rodeada por mulheres da família e algumas amigas. O bebê dormia tranquilamente, embalado pela voz doce da mãe.

Renzo se aproximou devagar, sem fazer barulho, e Emilia ergueu o olhar para ele.

— Olhe para ele, Renzo... parece um anjo.

Renzo se agachou ao lado dela, olhando para o filho adormecido. Passou os dedos grandes e fortes pelos cabelos escuros do menino e suspirou.

— Ele é um anjo. Nosso anjo.

— Você está feliz, amore? — Emilia perguntou, estudando o rosto do marido.

Renzo sorriu, mas não respondeu logo. Em vez disso, ergueu o olhar para as crianças brincando, para os jovens dançando, para os velhos que brindavam e contavam histórias.

Ele respirou fundo e finalmente falou:

— Neste momento... agora... sim. Estou feliz.

E era verdade. Ali, naquele instante, ele era apenas um pai. Não um chefe. Não um homem de negócios. Apenas um pai e um marido.

Ele inclinou-se e beijou a testa da esposa.

— Obrigado, Emilia. Por me dar um filho tão lindo.

Ela sorriu, apertando sua mão.

A música siciliana tocava suavemente ao fundo, misturada às risadas das crianças e ao murmúrio das conversas entre amigos e parentes. Renzo Pegorino estava sentado sob a grande pérgola coberta de vinhas, segurando um copo de vinho tinto entre os dedos. Seu olhar passeava pela festa, observando sua esposa Emilia com Anthony no colo, os

convidados se divertindo, os empregados circulando com bandejas de comida e bebida.

Aquele era um momento de paz. E Renzo valorizava cada segundo disso.

Mas a paz nunca durava muito tempo.

Joe se aproximou devagar, com as mãos nos bolsos do terno escuro, o semblante fechado, como se escolhesse as palavras antes de falar. Ficou de pé ao lado de Renzo por um instante, sem dizer nada.

Renzo não olhou para ele de imediato. Apenas suspirou, girando o vinho no copo, e murmurou:

— Até hoje, Joe... até hoje você não aprendeu a não me trazer negócios durante um dia de festa?

Joe hesitou por um segundo, então abaixou a cabeça, como se pedisse desculpas em silêncio.

— Eu sei, Renzo. Mas eles estão esperando.

Renzo fechou os olhos por um instante e depois inclinou-se ligeiramente para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. Quando falou, sua voz era calma, baixa, mas carregada de peso.

— Sabe por que eu faço questão dessas reuniões familiares, Joe? Essas festas, esses batismos, essas bodas... sabe por quê?

Joe não respondeu. Apenas observava o homem à sua frente. Renzo continuou, olhando para a taça de vinho em sua mão.

— Porque são a única coisa que realmente temos. No fim, Joe... no fim, quando tudo isso acabar, quando formos velhos e cansados... o que vai restar? O que é que um homem tem, se não for sua família?

Ele ergueu os olhos para Joe agora, o olhar profundo, severo, mas sem raiva. Apenas um peso silencioso, de um homem que já vira demais, perdera demais.

— Diga a eles que esperem.

Joe assentiu levemente, mas ainda hesitou antes de se afastar. Renzo percebeu.

— O que foi, Joe?

Joe coçou a nuca, desconfortável.

— Eles podem não gostar de esperar.

Renzo respirou fundo, depois pousou a taça sobre a mesa e se recostou na cadeira. E então sorriu.

— Então eles não gostam de esperar?

Joe deu de ombros, um pouco tenso.

— Acho que não.

Renzo fez um gesto lento, apontando com a cabeça para a festa ao redor.

— Veja só isso, Joe. Olhe bem. A música. As crianças correndo. Minha esposa com meu filho no colo. Olhe para isso e me diga... o que é mais importante? A paciência deles ou a felicidade da minha família?

Joe engoliu seco. Ele entendia. Sempre entendia.

Renzo se levantou devagar, ajeitou o terno, alisou o lenço escarlate no bolso do paletó e pousou uma mão no ombro do velho amigo.

— Eles vão esperar. E se não puderem esperar... então não são homens com quem eu queira fazer negócios.

Joe apenas assentiu, sem mais discussões. Virou-se e se afastou, desaparecendo entre os convidados.

Renzo suspirou e voltou a olhar para sua esposa e filho. Por mais alguns instantes, ele ainda era apenas um pai e um marido. E queria aproveitar isso pelo máximo de tempo possível.

Renzo Pegorino ajeitou o paletó escuro sobre os ombros e caminhou lentamente entre as mesas espalhadas pelo grande jardim da mansão. A brisa da tarde trazia consigo o aroma do vinho, do pão fresco e das especiarias da comida siciliana servida em fartura. Cada mesa era ocupada por amigos,

conhecidos, homens que haviam chegado à América com as mãos vazias e sonhos cheios, e que agora compartilhavam aquele momento com ele.

Ele parava em cada uma delas, nunca se esquecendo de um rosto, de um nome, de uma história. Porque Renzo Pegorino nunca esquecia quem esteve ao seu lado.

Na primeira mesa, estavam os padeiros da Mulberry Street, homens de aventais ainda levemente marcados pela farinha, os mesmos que acordavam antes do sol para garantir que toda Little Italy tivesse pão quente pela manhã. Renzo estendeu a mão para Angelo Spadaro, um velho de mãos grossas e calos endurecidos pelo trabalho.

— Angelo... sua focaccia continua melhor do que a da minha Emilia. Mas não diga a ela que eu disse isso.

Os homens riram, e Angelo apertou a mão de Renzo com força.

— Se não fosse por você, Renzo, minha padaria já teria sido engolida pelos banqueiros. Que Deus o abençoe.

Renzo apenas assentiu, um pequeno sorriso nos lábios, e seguiu para a próxima mesa.

Ali estavam os feirantes da Arthur Avenue, italianos e judeus que vendiam frutas, legumes, carnes e peixes, que gritavam preços em meio ao burburinho da cidade. Renzo tocou o ombro de Salvatore Romano, um velho comerciante de bigode grosso e chapéu amassado.

— Salvatore, ainda vendendo aqueles tomates azedos?

— Você me insulta, Renzo! Os melhores de Nova York!

Pergunte para a sua esposa!

As risadas se espalharam pela mesa. Renzo pegou uma taça de vinho e ergueu para todos.

— Aos trabalhadores, aos homens que fazem essa cidade girar!

Todos brindaram, e ele seguiu em frente.

Na terceira mesa, encontrou os alfaiates da Grand Street, velhos judeus que haviam fugido da Europa para recomeçar ali, entre costuras e tecidos de seda. Moishe Goldstein, um homem de barba branca e olhos pequenos, levantou-se ao ver Renzo.

— Ah, Signore Pegorino! Como está o terno? O tecido não está muito pesado?

Renzo alisou o paletó.

— Moishe, um dia vou ser enterrado com um dos seus ternos. Eles me fazem parecer um homem decente.

Moishe sorriu, emocionado, e segurou a mão de Renzo por um instante.

— Você sempre foi um homem decente.

Renzo apertou sua mão em silêncio, um respeito mútuo entre dois imigrantes que haviam vencido as dificuldades da América.

A última mesa era ocupada pelos velhos amigos do Five Points, homens que haviam crescido nas ruas, que haviam brigado por cada pedaço de pão e cada centavo.

Quando chegou à última mesa, seus olhos pousaram em Frankie D'Angelo, um homem de cabelo bem penteado e sorriso afiado, dono de um restaurante tradicional na Mulberry Street. Frankie se levantou ao vê-lo, apagando o charuto no cinzeiro mais próximo.

— Renzo! Que prazer vê-lo aqui. Eu e minha família estamos honrados pelo convite.

Renzo estendeu a mão, e Frankie a apertou com respeito.

— Frankie, como vão os negócios?

Frankie suspirou, gesticulando com as mãos.

— Melhor do que nunca. Mas você já sabe disso. Se não fosse por você, eu teria perdido tudo há dois anos.

Renzo inclinou a cabeça levemente.

— Você tem um bom restaurante, Frankie. Um homem como você merece prosperar. O banco e os fiscais... eles não ligam para famílias. Não ligam para os homens que constroem essa cidade com suas mãos. Mas eu ligo. E sempre ligarei.

Frankie assentiu, emocionado.

— E eu jamais esquecerei isso.

Renzo tocou seu ombro com um gesto paternal.

— Apenas continue servindo aquela lasanha maravilhosa, e estaremos quites.

XXXIX

Mais Negocios

Renzo continuava sua caminhada pelo jardim, cumprimentando cada um que cruzava seu caminho. Ele não se apressava. Olhava nos olhos das pessoas, apertava suas mãos com firmeza e ouvia o que tinham a dizer. Ali estava um homem que não havia esquecido suas raízes. Chegou até um grupo de padeiros italianos, homens de aventais brancos ainda manchados de farinha. Entre eles, Enzo Moretti, um homem idoso de bigode espesso e mãos calejadas.

— Don Renzo! — Enzo exclamou, abrindo um sorriso de orelha a orelha.

Renzo ergueu as mãos num gesto humilde.

— Enzo, quantas vezes já lhe disse? Não sou um don para você. Sou apenas Renzo.

— Mas um homem que ajuda uma família a não perder sua padaria... esse merece ser chamado de don!

Os outros padeiros riram, concordando. Enzo apertou a mão de Renzo com ambas as suas.

— Se não fosse você, meu filho teria passado fome. Aqueles fiscais queriam nos espremer até não sobrar nada. Mas você nos deu um respiro. Deus o abençoe.

Renzo sorriu levemente, batendo de leve na mão do padeiro.

— Vocês fazem o melhor pão da cidade. Não deixaria um lugar como o seu fechar. Mas me diga... ainda faz aquele canoli?

— Por você? Sempre! — Enzo estalou os dedos e chamou o neto, um garoto franzino que correu para dentro da casa.

Enquanto esperava, Renzo virou-se e viu Angelo Ricci, um velho alfaiate de Nápoles, sentado com a esposa e os netos. Ele usava um terno surrado, mas bem passado, e segurava um copo de vinho com as duas mãos.

Renzo aproximou-se, e Angelo imediatamente tentou se levantar, mas Renzo o impediu.

— Angelo, fique sentado. Como vai a família?

— Melhor agora, graças a você, Renzo. — Angelo respirou fundo. — Quando o hospital queria negar o tratamento da minha Carmella... você pagou tudo. Eu nunca poderei lhe retribuir.

Renzo pegou a mão do alfaiate, apertando-a com ternura.

— Angelo... um homem não deve ser medido pelo dinheiro que tem, mas pelo amor que carrega por sua família. Você passou a vida toda costurando ternos para essa cidade, fazendo os outros parecerem homens respeitáveis. Se eu não ajudasse, então que tipo de homem eu seria?

Os olhos do velho se encheram de lágrimas, mas ele apenas assentiu em silêncio.

Foi então que o neto de Enzo voltou, trazendo uma bandeja de canolis recém-preparados. Renzo pegou um, deu a primeira mordida e fechou os olhos, saboreando.

— Enzo... você vai me matar com esse canoli.

Os homens riram, e Renzo, com um sorriso, passou o braço pelos ombros do garoto que lhe trouxera a bandeja.

— Você tem um bom avô, garoto. Aprenda com ele. O trabalho honesto vale mais do que ouro.

O menino sorriu timidamente, e Renzo seguiu sua caminhada, cumprimentando mais convidados, rindo, trocando histórias. Ele não era apenas um chefe. Era um amigo, um protetor, um homem que não esquecia os seus.

Renzo estava satisfeito. Havia cumprimentado os amigos, ouvido suas histórias, abraçado os que precisavam de conforto e garantido a cada um que, enquanto ele estivesse por perto, ninguém passaria fome ou dormiria ao relento.

Agora, porém, era hora dos negócios.

Ele caminhou lentamente pelo jardim, observando a celebração. O pequeno Anthony dormia nos braços de Emilia, e isso trouxe um sorriso discreto ao rosto de Renzo. Tudo que fazia era por eles.

Então, seus olhos encontraram Joe, que o esperava próximo à entrada da casa, discreto, mãos nos bolsos do terno bem cortado. Renzo fez um leve aceno com a cabeça e se aproximou.

— Vamos subir.

Joe assentiu, sem dizer uma palavra.

Os dois entraram na mansão e subiram os degraus de madeira polida em silêncio. O som da festa diminuía a cada passo, e o ambiente tornava-se mais denso, mais sério. Quando chegaram ao corredor do andar de cima, apenas o tique-taque de um relógio preenchia o espaço.

Joe abriu a porta do escritório e esperou Renzo entrar antes de segui-lo.

O escritório era amplo, forrado de estantes de madeira escura e iluminado apenas por um abajur de vidro opaco sobre a grande mesa. Renzo caminhou até sua cadeira de couro e sentou-se lentamente, soltando um suspiro ao se recostar.

Ele esfregou o rosto com as mãos e então olhou para Joe.

— Quem está aí para me ver? Para pedir algo?

Joe pegou um bloco de notas e começou a listar os nomes.

– Mickey Romano, aquele sujeito da frota de caminhões. Diz que precisa de proteção extra... depois temos Gianni Vasquez, do Bronx, quer falar sobre uma dívida antiga... também tem os irmãos Conti, sabe, aqueles que administram as apostas... e um tal de Gramored Grillo, que eu nunca vi antes, mas disseram que tem um assunto importante. E o Ralphie.

Renzo fez uma pausa.

– Tá... mas quem veio primeiro?

Joe hesitou, folheando os papéis, franzindo a testa.

– Bom... eu não sei exatamente. Não cheguei a ver. Estão todos lá embaixo esperando.

Renzo bufou e passou a mão pelo queixo.

– Isso não pode acontecer, Joe.

O outro permaneceu em silêncio, atento.

Renzo inspirou fundo antes de continuar, com a voz baixa, mas firme.

– Não podemos tratar nossos negócios como uma fila de açougue. Se um homem vem até mim, ele precisa saber que seu tempo será respeitado, assim como o meu. E eu preciso saber que ele esperou sua vez, não que entrou na frente de outro só porque falou mais alto.

Ele fez uma pausa, tamborilando os dedos sobre a mesa.

– A partir de agora, faremos uma lista. Quando um homem chega, seu nome é anotado. Ele será chamado quando for sua vez. Sem confusão, sem bagunça. Quero ordem.

Joe assentiu.

– Entendido.

Renzo respirou fundo, fechou os olhos por um momento e depois fez um gesto com a mão.

– Tá bom... manda o primeiro subir.

Joe se virou para sair, enquanto Renzo ajeitava o paletó e pegava um charuto da gaveta. Era hora de trabalhar.

A porta se abriu lentamente, e Mickey Romano foi o primeiro a entrar. Um homem rechonchudo, com a pele avermelhada e os cabelos ralos lambidos para trás, o suor perolando na testa apesar do frio lá fora.

Ao ver Renzo, sua postura mudou imediatamente. Ele baixou a cabeça, ajeitou o paletó amarrotado e se aproximou com um meio sorriso nervoso.

— Renzo...

Renzo, que estava reclinado em sua cadeira, levantou-se devagar, ajustando o paletó. Seu rosto se iluminou com um sorriso paternal, os olhos estreitando-se com um brilho caloroso.

— Mickey... meu velho amigo.

Mickey apressou-se em estender as duas mãos para apertar as de Renzo, mas hesitou no último instante e, em vez disso, curvou-se levemente e beijou os nós dos dedos do Don.

Renzo segurou os ombros do homem, como se estivesse recebendo um parente distante depois de anos.

— Sente-se. Você parece cansado... estão te tratando bem lá fora? Te ofereceram algo pra beber?

Mickey soltou um riso nervoso e acenou com a cabeça.

— Sim, sim... como sempre, sua hospitalidade é impecável.

Renzo assentiu lentamente, voltando a se sentar.

— Isso é bom. Um homem deve ser recebido com respeito quando vem até minha casa.

Mickey se ajeitou na cadeira, limpando o suor da testa com um lenço. Ele parecia ansioso, como se tivesse ensaiado o que dizer dezenas de vezes.

— Renzo... eu... eu venho até você como um amigo. Preciso de sua ajuda.

Renzo entrelaçou os dedos, observando Mickey com paciência.

— Diga-me, Mickey... o que eu posso fazer por você?

Mickey respirou fundo.

— A situação com os caminhões está complicada. Aqueles bastardos irlandeses começaram a mexer com meus motoristas. Eles pedem dinheiro pra garantir que a mercadoria chegue ao destino... e se não pagamos, os caminhões desaparecem no meio do caminho.

Renzo permaneceu em silêncio por um momento. Ele pegou um charuto da mesa, girou-o entre os dedos e então olhou para Mickey novamente, sua voz baixa, controlada.

— Me diga, Mickey... esses irlandeses... eles vieram até você como homens de negócios? Ou vieram como animais?

Mickey engoliu em seco.

— Vieram como bandidos.

Renzo suspirou.

— Isso é um problema.

Ele se inclinou para frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Mickey... quando um homem tem um problema, ele tem escolhas. Ele pode ir à polícia... mas a polícia não se importa com homens como nós. Ele pode tentar resolver sozinho... mas isso pode custar sua vida.

Ele fez uma pausa, observando Mickey com intensidade.

— Ou ele pode vir até mim. Como um amigo.

Mickey assentiu rapidamente.

— Eu vim até você, Renzo. Como um amigo.

Renzo inclinou a cabeça para o lado, um leve sorriso no rosto.

— Então eu vou ajudá-lo.

Mickey soltou um suspiro aliviado, como se um peso tivesse sido retirado de seus ombros.

Renzo fez um gesto sutil para Joe, que estava encostado na parede, observando tudo.

— Joe, fale com os nossos rapazes. Quero saber exatamente quem são esses irlandeses... e quero que eles saibam que o senhor Romano é um amigo da nossa casa.

Joe assentiu e saiu do escritório sem dizer uma palavra.

Renzo voltou seu olhar para Mickey.

— Você não precisa se preocupar com isso. Seus caminhos vão circular livremente. Seus homens estarão seguros. Mas, Mickey...

Ele estreitou os olhos.

— Se eu resolver esse problema para você, eu espero que, um dia, se eu precisar de algo... eu possa contar com você.

Mickey assentiu com fervor, a voz quase trêmula.

— Claro, Renzo... qualquer coisa. Eu sou seu amigo, sempre. Renzo sorriu e se levantou, indo até Mickey e segurando seus ombros novamente.

— Isso me faz feliz. Agora vá... aproveite a festa. Coma algo. A vida já é difícil demais pra nos privarmos de um bom jantar. Mickey assentiu, ainda sorrindo nervoso, e saiu do escritório. Renzo suspirou e voltou a se sentar.

Ele fez um leve aceno com a mão, e Joe apareceu na porta.

— Quem é o próximo?

Joe parou na porta, apoiando-se no batente com um olhar impassível.

— Ralphie DeAngelo.

Renzo assentiu lentamente, pegando o charuto da mesa e girando-o entre os dedos.

— Mande ele entrar.

Joe fez um sinal com a cabeça, e um homem baixinho e atarracado entrou no escritório. O terno estava apertado demais, o cabelo penteado com exagero, e o bigode fino tremia levemente enquanto ele avançava.

Ao ver Renzo, Ralphie abaixou a cabeça em respeito e se aproximou hesitante. Quando chegou perto da mesa, ele tomou a mão de Renzo e a beijou, segurando-a por um instante, como se aquele gesto carregasse todo o peso de sua devoção.

— Don Pegorino... grazie per me ricevere.

Renzo sorriu de leve, um sorriso tranquilo, quase paternal, e colocou a mão no ombro do homem.

— Ralphie... você está na minha casa. Me respeita. Me chama pelo nome, como um amigo faria.

O homem assentiu, nervoso, e se sentou.

Renzo encostou-se na cadeira, cruzando as mãos sobre a mesa, observando-o com paciência.

— Diga-me... qual é a sua preocupação?

Ralphie respirou fundo, limpou a garganta e começou.

— Eu... eu tenho problemas no açougue, Renzo. Os fiscais da prefeitura... eles começaram a aparecer mais do que deveriam. Dizem que há “irregularidades”, que minhas licenças precisam ser revisadas...

Ele fez uma pausa, esfregando as mãos nervosamente.

— Eu pago os meus impostos. Eu pago para que me deixem em paz. Mas agora... agora eles querem mais. Eles dizem que, se eu não colaborar, podem fechar minha loja.

Renzo permaneceu em silêncio por um instante, observando o homem.

Então, inclinou-se levemente para frente, sua voz suave, controlada.

— Ralphie... me diga... você já tentou resolver isso como um homem de negócios?

Ralphie hesitou.

— Eu tentei, Renzo... mas eles não querem só dinheiro. Querem que eu passe a comprar carne de fornecedores deles... carne ruim, cara... se eu fizer isso, eu perco clientes.

Renzo assentiu lentamente.

— Isso é um problema.

Ele pegou o charuto, bateu a cinza na bandeja de prata e olhou de novo para Ralphie.

— Quando um homem trabalha duro para alimentar sua família... ele merece paz. Ele merece respeito.

Ralphie concordou rapidamente, ansioso.

Renzo suspirou.

— Esses fiscais... eles esqueceram como se trata um homem honrado. Isso... não é bom. Não é bom para você... não é bom para a vizinhança... não é bom para ninguém.

Ele olhou para Joe, que permanecia encostado na parede, atento a tudo.

— Quero saber quem são esses fiscais. Onde moram, onde bebem... com quem falam.

Joe assentiu, já entendendo a ordem sem que fosse necessário mais palavras.

Renzo voltou-se para Ralphie, seu olhar firme.

— Ralphie... você é um amigo da minha casa. Isso significa que ninguém te toca sem que eu diga que podem te tocar. Entende o que eu digo?

Ralphie assentiu depressa.

— Sim, Renzo... eu entendo.

Renzo abriu um sorriso leve, paternal, e se levantou, contornando a mesa e colocando uma mão no ombro de Ralphie.

— Então vá para casa. Volte para o seu açougue. Cuide da sua família. Eu cuidarei do resto.

Os olhos de Ralphie brilharam com alívio. Ele se levantou apressado, pegou a mão de Renzo e beijou novamente.

— Grazie, Renzo. Grazie mille.

Renzo deu um tapinha em seu rosto, como se estivesse despedindo-se de um filho.

— Vai. E durma tranquilo esta noite.

Ralphie fez uma reverência e saiu do escritório.

Joe se aproximou da mesa, cruzando os braços.

— E agora?

Renzo olhou para ele com um sorriso sereno e pegou outro charuto da caixa.

— Agora... chamamos o próximo.

Joe se inclinou ligeiramente para frente, sem tirar as mãos dos bolsos do paletó.

— Gianni Vasquez. Do Bronx.

Renzo girou o charuto entre os dedos, pensativo.

— Vasquez... faz tempo que não ouço esse nome.

Joe deu de ombros.

— Ele diz que é sobre uma dívida antiga.

Renzo respirou fundo, como se aquele nome trouxesse lembranças desgastadas pelo tempo.

— Deixe-o entrar.

Joe acenou com a cabeça e abriu a porta.

Gianni Vasquez entrou hesitante. Um homem robusto, de cabelos escuros já começando a perder a batalha contra o tempo. O rosto marcado por anos de luta, o bigode espesso mal disfarçando uma expressão de tensão. Seu terno, bem cortado, mas já um pouco gasto, denunciava que sua vida não era mais tão próspera quanto fora antes.

Ao ver Renzo, ele se aproximou com respeito, abaixando a cabeça levemente antes de segurar a mão do anfitrião e beijá-la.

— Renzo... grazie por me receber.

Renzo assentiu, um leve sorriso nos lábios, puxando-o pelo braço como se recebesse um irmão.

— Gianni, Gianni... venha. Sente-se.

Vasquez obedeceu, ajeitando-se na cadeira de couro, mas a tensão ainda era visível nos ombros.

Renzo pegou seu charuto e o acendeu com calma, deixando a fumaça subir lentamente pelo ar.

— Diga-me, Gianni... o que posso fazer por você?

Gianni limpou a garganta, olhando de soslaio para Joe, como se sua presença o incomodasse.

Renzo percebeu e sorriu.

— Fale com tranquilidade. Joe é minha mão direita. Se fala comigo, fala com ele também.

Gianni assentiu, embora ainda parecesse desconfortável.

— Renzo... há muitos anos, quando meu pai ainda era vivo, ele tomou um dinheiro emprestado. Era um valor alto... mas nunca conseguimos pagar.

Ele abaixou os olhos, como se aquele fosse um peso que carregava há décadas.

— O tempo passou. Meu pai morreu... os negócios pioraram... e essa dívida ficou. O problema, Renzo, é que agora... me cobraram com juros. E os homens que vieram me lembrar dela... não foram nada gentis.

Renzo não disse nada por um momento. Apenas reclinou-se na cadeira, entrelaçando os dedos e observando Gianni com paciência, como um pai que ouve as preocupações de um filho.

— E para quem seu pai devia esse dinheiro?

Gianni respirou fundo antes de responder.

— Aos Bellomo.

O escritório ficou em silêncio por um instante. Joe trocou um olhar com Renzo, que permaneceu impassível.

Renzo pegou o charuto e deu uma tragada lenta, os olhos semicerrados, refletindo.

— Os Bellomo são homens de negócios. Se estão cobrando agora, é porque acham que podem tirar vantagem da situação.

Gianni se inclinou na cadeira, a voz carregada de súplica.

— Renzo, eu não tenho como pagar esse valor. Não depois de tanto tempo. Eles aumentaram os juros para um número

absurdo. Se eu pagar, perco o que me resta. Meu pai... ele me deixou apenas o nome, mais nada.

Renzo suspirou, como se sentisse o peso daquelas palavras.

Ele levantou-se devagar, caminhou ao redor da mesa e colocou as mãos nos ombros de Gianni.

— Gianni... seu pai pode ter deixado apenas um nome. Mas um nome... tem valor. Se um homem não tem dinheiro, ele ainda pode ter respeito. E eu sou um homem que respeita aqueles que merecem.

Gianni ergueu os olhos, uma centelha de esperança brilhando neles.

Renzo deu um tapinha suave em seu ombro.

— Essa dívida... agora é minha.

Gianni arregalou os olhos.

— Renzo, eu... eu não posso aceitar...

Renzo apertou levemente seus ombros, inclinando-se para olhá-lo nos olhos.

— Ouça-me bem. A partir de agora, ninguém encosta em você. Os Bellomo não são idiotas. Eles saberão que essa conversa acabou.

Gianni, com os olhos marejados, pegou a mão de Renzo e beijou novamente, segurando-a com gratidão.

— Non ho parole, Renzo. Obrigado.

Renzo sorriu de leve, dando mais um tapinha em seu rosto.

— Vá para casa, Gianni. Cuide dos seus.

Gianni se levantou, fez uma reverência respeitosa e saiu, murmurando agradecimentos.

Joe, que observava tudo de braços cruzados, soltou um suspiro.

— E agora?

Renzo voltou para sua cadeira, pegou o charuto e deu outra tragada.

— Agora... chamamos o próximo.

XXXX

Você Matou Meu Pai

A mansão Pegorino estava silenciosa agora. O burburinho das conversas, as risadas, os brindes, tudo havia se dissipado junto com os últimos convidados que partiram. Do lado de fora, a brisa noturna soprava suavemente, trazendo consigo o cheiro do mar distante e o farfalhar discreto das folhas nos jardins.

Renzo estava sentado à cabeceira da longa mesa de jantar, agora desprovida do excesso de pratos e taças que haviam adornado o banquete anterior. Apenas duas velas acesas lançavam sombras tremulantes pelas paredes, enquanto ele girava lentamente o vinho dentro de sua taça, esperando.

Ele sabia que Emilia demoraria um pouco. Era sempre assim. Ela fazia questão de colocar Anthony para dormir pessoalmente, murmurando-lhe canções italianas antigas enquanto acariciava seus cabelos negros e macios. Era um momento só deles, e Renzo respeitava isso.

Quando ela finalmente apareceu, ele levantou os olhos. Emilia caminhava devagar, com os braços cruzados, como se estivesse protegendo algo dentro de si. Seu vestido de seda azul realçava ainda mais sua pele pálida, e os cachos escuros caíam soltos sobre os ombros.

Renzo sorriu, puxando a cadeira ao seu lado.

— Ele dormiu bem?

Emilia assentiu, forçando um sorriso.

— Sim. Estava exausto depois de tanto colo, tanto carinho.

Ela se sentou, e um garçom aproximou-se silenciosamente, servindo-lhe um prato de massa fresca com molho vermelho, antes de se retirar sem dizer uma palavra.

Renzo observou-a por um momento, notando a forma como ela mexia distraidamente no garfo, sem real apetite. Ele ergueu a taça, observando a luz brincar com o vinho rubro.

— Algo está te incomodando, mia cara.

Emilia parou de mexer no prato por um instante. Seus olhos castanhos encontraram os dele, e por um breve segundo ela pareceu hesitar.

— Não é nada, Renzo. Apenas... estou cansada.

Renzo pousou a taça devagar sobre a mesa e inclinou-se ligeiramente para frente.

— Não me esconda as coisas, Emilia. Eu conheço você. E você sabe que não gosto de adivinhar.

Ela abaixou os olhos, empurrando o prato para o lado, e suspirou.

— É essa vida, Renzo.

Ele ficou em silêncio, esperando que ela continuasse.

— Hoje, durante a festa, vi os homens te beijando a mão, te olhando como se você fosse um rei. Vi como eles falavam com você, como dependiam de você...

Ela ergueu os olhos novamente.

— E, ao mesmo tempo, eu percebi algo. Anthony também vai crescer vendo isso. Vai crescer ouvindo sussurros sobre o pai. Vai crescer sabendo que o nome Pegorino carrega um peso que não é apenas honra, mas também medo.

Renzo apertou os lábios, recostando-se na cadeira.

— E isso te assusta?

Ela respirou fundo.

— Assusta. Não por mim, mas por ele.

Por um momento, o único som na sala foi o estalo discreto da vela queimando.

Renzo pegou a mão de Emilia e a segurou entre as suas.

— O mundo em que vivemos não é perfeito, mia cara. Mas eu construí essa casa para que você e Anthony nunca precisassem temer nada. Ele terá tudo. Educação, proteção, uma família forte ao redor.

Ele apertou levemente sua mão.

— E nunca precisará sujar as próprias mãos, se não quiser.

Emilia permaneceu olhando para ele, como se quisesse acreditar.

— E se ele quiser, Renzo?

Os olhos de Renzo escureceram por um instante. Ele respirou fundo, mas não respondeu de imediato. Apenas levou sua mão até o rosto de Emilia, acariciando sua bochecha com os dedos calejados.

— Então, que Deus me perdoe.

Ela desviou o olhar, suspirando.

Renzo pegou sua taça de vinho e ergueu-a levemente.

— Beba comigo. Pelo nosso filho. Pela nossa família.

Emilia hesitou um segundo antes de pegar a taça e brindar com ele.

Os cristais tilintaram suavemente no silêncio da noite.

O silêncio que se seguiu ao tilintar das taças foi denso, carregado de algo não dito. Emilia pousou sua taça sobre a mesa, os dedos tremendo levemente. Renzo notou, mas permaneceu em silêncio, observando-a com paciência. Ele sabia que havia mais.

Ela hesitou por um instante, brincando com a borda do copo antes de erguer os olhos para ele.

— Minha mãe não veio.

Renzo sustentou o olhar dela. Não parecia surpreso.

— Não esperava que ela viesse.

— Ela não quer me ver, Renzo. — Emilia desviou o olhar, mordendo o lábio, como se tentar conter algo dentro de si. — Ela se recusa a olhar para o homem que, segundo ela, matou meu pai.

A última frase saiu quase em um sussurro, mas foi o suficiente para quebrar o ar pesado do salão. Renzo não reagiu de imediato. Apenas pegou a própria taça e girou-a lentamente, como se estivesse pesando suas palavras.

— Ela me falou coisas... — Emilia continuou, quase sem conseguir dizer. Sua voz tremia, como se cada sílaba lhe custasse dor. — Coisas que eu andei pensando.

Ela respirou fundo e levantou os olhos para ele, como se estivesse prestes a dar um salto no escuro.

— E eu queria te fazer uma pergunta, Renzo.

Renzo, que até então mantinha o olhar distante, voltou-se para ela. Seus olhos, escuros como a noite, carregavam uma calma inquietante.

— É sobre meus negócios?

Emilia engoliu seco.

— Sim.

Ele apertou os lábios, fechou os olhos por um instante e soltou um suspiro contido.

— Nós não falamos sobre os negócios da família, Emilia.

Ela desviou o olhar, respirando fundo. Seus olhos começaram a brilhar com lágrimas contidas, e sua voz tremeu ao insistir:

— Por favor.

Renzo a observou. Seu rosto, sempre tão sereno, carregava agora uma sombra de algo indecifrável. Depois de um momento que pareceu se arrastar pela eternidade, ele assentiu, devagar.

— Apenas uma pergunta.

Emilia demorou um instante para conseguir dizer. Precisou reunir coragem. Precisou olhar para o homem que amava e se perguntar se queria mesmo ouvir a resposta.

Então, do fundo da alma, perguntou:

— Foi você, Renzo?

O ar parecia ter se tornado mais pesado. O silêncio, mais profundo.

Renzo permaneceu imóvel. Seus olhos perderam o foco por um instante, como se sua mente vagasse por lugares distantes. Seu rosto não mostrava nada. Nem culpa, nem raiva. Apenas um vazio frio, cortante.

Então, lentamente, seus olhos voltaram para Emilia. Sua expressão era impenetrável.

— Não.

A palavra saiu firme, sem hesitação.

Mas no fundo dos olhos de Renzo, havia algo que nem mesmo Emilia soube decifrar.